

The background of the cover is a black and white photograph of a war-torn street. In the upper left, a red flag with a white swastika is visible. In the center, a group of soldiers in military uniforms is walking down the street. The buildings are damaged and the atmosphere is hazy.

TILAR MAZZEO

OS MENINOS DE IRENA

A vida secreta da mulher
que salvou 2500 crianças do Holocausto

Uma
História
Real

ASA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título original: Irena's Children
Autor: Tilar J. Mazzeo
Traduzido do Inglês por Elsa T. S. Vieira
ISBN: 9789892336961

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

©2016, Trifecta Creative Holdings, Inc.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

TILAR J. MAZZEO

OS MENINOS DE IRENA

*A VIDA SECRETA DA MULHER QUE SALVOU
2500 CRIANÇAS DO HOLOCAUSTO*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR
ELSA T. S. VIEIRA*

PARA ROBERT MILES
O importante é estarmos preparados.

PREFÁCIO

Cracóvia, 2009

Quando estive na Polónia pela primeira vez, em 2009, pensava que seriam apenas umas férias. O meu irmão trabalhava para o Departamento de Estado dos EUA e ele e a minha cunhada viviam em Cracóvia há vários anos, depois de terem morado algum tempo em Wroclaw. Tinham assistido à integração do país na União Europeia e à sua rápida segunda transformação pós-comunista. Os seus dois filhos – gémeos – estavam a aprender as primeiras palavras em polaco e a minha cunhada era diretora de uma escola internacional nos arredores da cidade.

Crescemos os três teoricamente como católicos, embora nenhum de nós, penso eu, alguma vez se tivesse interessado muito por religião. Uma vez que Cracóvia, ao contrário de Varsóvia, escapou aos bombardeamentos e à destruição total no final da Segunda Guerra Mundial, a sua herança católica encontra-se por todo o lado na arquitetura da Cidade Velha. É uma cidade maravilhosa e, em alguns aspetos, ainda medieval. Porém, poucas áreas da cidade têm tanta atmosfera como o histórico quarteirão judaico em Kazimierz, onde os turistas vão em peregrinação para ver a fábrica de Oscar Schindler e as ruas sinuosas onde foram rodadas partes do filme *A Lista de Schindler*, de Spielberg. Por outro lado, se quisermos imaginar como era o gueto de Varsóvia nos anos 40, não adianta de nada ir a Varsóvia. O gueto foi arrasado na primavera de 1943 e dele resta apenas uma reduzida percentagem. Após a insurreição de Varsóvia, pouco mais de um ano depois, o resto da cidade foi destruído e só dez por cento dos edifícios ficaram de pé. Varsóvia é uma cidade, essencialmente, moderna.

No ano da minha visita, a escola estava na fase final de um grande projeto e as instalações andavam a ser remodeladas e delimitadas. A minha cunhada dizia, a brincar, que passava os dias a discutir com as equipas de construção locais, e adquirira um arsenal bastante colorido de asneiras em polaco. A zona estivera ocupada por terrenos agrícolas durante anos e,

num dos extremos da propriedade, crescera uma mata no meio do campo, cercada, mais tarde, por algumas casas suburbanas dispersas. Uma vez, estávamos nós na orla da mata, perguntei distraidamente quem eram os donos do terreno e por que razão ele tinha ficado ao abandono durante tantas décadas. Após uma curta pausa, ela suspirou e disse-me: «Sabes, os comboios para Auschwitz costumavam passar aqui perto. Não passavam mesmo aqui, mas era nesta área.»

Não havia nada no bosque, apenas campos, disse-me ela, e ao princípio costumava dar passeios na zona. Contudo, na Polónia, o 1 de novembro é o Dia de Todos os Santos e, nessa noite, dita a tradição que se acendam velas nas campas dos mortos. Só no primeiro feriado escolar, quando viu a estrada que passava junto ao bosque pejada de velas acesas, é que ela percebeu que acontecera ali algo terrível.

Mais tarde, os habitantes locais contaram-lhe que aconteceu em 1945, no fim da guerra, quando o Exército Vermelho perseguia os alemães em retirada. A chegada do Exército Vermelho não trouxe alegria alguma à Polónia. Nesse inverno, em Cracóvia, poucas mulheres – desde meninas em idade escolar à *babcia* mais velha – escaparam a ser violadas pelos soldados soviéticos. E poucos alemães que se cruzaram com as tropas soviéticas chegaram a atravessar a fronteira. Houve centenas de massacres anónimos, como este, por toda a Polónia. Sob o domínio comunista, ninguém se atreveria a acender uma vela na floresta, mas agora as coisas eram diferentes. Ainda havia homens e, especialmente, mulheres de idade que se lembravam. «Aqui, é por todo o lado», disse a minha cunhada com tristeza. «A Polónia é uma grande vala comum, mas o que se pode fazer, a não ser deixar o passado enterrado em silêncio?»

Voltámos para a escola, onde as vozes alegres dos alunos do primeiro ciclo chegavam ao corredor vindas de todas as direções. Pensei nos alemães que ali morreram, nos carris que acabavam em Auschwitz, nas histórias de bebés arrancados aos braços das mães e esmagados contra paredes de tijolo. Pensei nos meus sobrinhos bebés, um menino e uma menina, e como seria capaz de matar quem fizesse isso aos meus filhos. Alguns dias depois, o meu irmão perguntou-me se queria visitar Auschwitz e eu disse que não.

Uns anos mais tarde, a minha cunhada foi uma das primeiras pessoas a contarem-me a história «da Schindler feminina», Irena Sendler – ou, em

polaco, língua em que os apelidos das mulheres têm terminação feminina, Irena Sendlerowa. Embora afastadas no espaço e no tempo, foi com essas duas conversas que este livro começou. Nunca consegui separar os fios que, para mim, ligam a história de Irena Sendler àquela experiência de terra polaca abandonada e das vozes de crianças. Como escritora, deixei de tentar fazê-lo.

Hoje em dia, Irena Sendler é uma heroína na sua Polónia natal, embora isto seja um desenvolvimento pós-comunista relativamente recente. A sua história, como tantas outras por toda a Polónia, foi silenciosamente enterrada durante décadas. Irena Sendler, com a ajuda de amigos e uma equipa de colaboradores dedicados, retirou clandestinamente bebés do gueto de Varsóvia, em malas de viagem e caixotes de madeira, passando por guardas alemães e polícias judeus traidores. Levou crianças pequenas e em idade escolar pelos esgotos imundos e perigosos da cidade. Trabalhou com os adolescentes judeus – muitos deles, raparigas de 14 e 15 anos – que lutaram corajosamente e morreram na insurreição do gueto. E, ao longo de tudo isto, esteve apaixonada por um judeu, que ela e os amigos esconderam ansiosamente durante toda a guerra. Era uma pessoa minúscula com um espírito de ferro: uma jovem delicada, com um metro e meio de altura, que estava no final da casa dos 20 quando a guerra começou, que lutou com a ferocidade e a inteligência de um general experiente e que, ultrapassando todas as divisões religiosas, organizou, na cidade de Varsóvia, dezenas de pessoas vulgares que transformou em soldados.

Antes de ser detida e torturada pela Gestapo, Irena Sendler salvou a vida de mais de duas mil crianças judias. Correndo um risco incomensurável, guardou uma lista com os nomes delas para que, depois da guerra, os pais as conseguissem encontrar. Não tinha como saber, claro, que 90 por cento daquelas famílias morreriam, a maioria nas câmaras de gás em Treblinka. Também não podia ter adivinhado, como radical de esquerda e socialista que fora toda a vida, que depois da guerra as suas crianças seriam alvos do comunismo soviético por causa das ações dela durante a guerra.

Porém, e embora tenha sido inegavelmente uma heroína – uma mulher de moral e coragem física imensas, quase inconcebíveis –, Irena Sendler não era nenhuma santa. Transformá-la numa santa ao contar esta história seria, no fundo, desonrar a verdadeira complexidade e dificuldade das suas

escolhas humanas. Durante a minha investigação e as entrevistas em Israel e, especialmente, na Polónia, os sobreviventes daquele período em Varsóvia disseram-me repetidamente a mesma coisa: «Não gosto de falar sobre esses anos com quem não os viveu, porque quem não esteve lá não pode compreender por que motivo as pessoas tomaram as suas decisões, nem o preço que pagaram por elas.»

A vida amorosa de Irena era anárquica e fogosa, e ela debatia-se com a consciência de não ser uma boa esposa nem uma boa filha. Pôs em grande perigo a mãe, uma senhora frágil e doente, e escondeu-lhe os riscos que corriam. Era imprudente e, por vezes, cega; punha o abstrato à frente do concreto e, em certas alturas, terá até sido egoísta no seu altruísmo. Quando a altura chegou, acabou por ser uma mãe distraída e muito ausente. Foi, ao mesmo tempo, uma heroína – embora desdenhasse também dessa palavra – e uma pessoa normal com os seus defeitos. No entanto, era também dotada de uma noção de objetivo e justiça tão forte que conseguiu, com o seu exemplo, persuadir outras pessoas à sua volta a serem melhores do que à partida teriam sido, e a fazer algo extraordinariamente decente e corajoso.

Enquanto escrevia este livro, senti-me muitas vezes humilde perante a coragem também desses «outros»: as dezenas de homens e principalmente mulheres que, discretamente, se juntaram a ela. Irena dizia que, por cada criança cujo salvamento organizou, houve em média dez pessoas em Varsóvia que arriscaram a vida para a ajudar. Sem a coragem e o sacrifício dos que se juntaram a ela, o sucesso nunca teria sido possível. Para quem auxiliava Irena, as escolhas eram monstruosas. O castigo por ajudar um judeu era, antes de mais, assistir à execução da própria família, começando pelas crianças. É banal e fútil descrever a qualquer pessoa que ame uma criança o que significa sofrer perante a fragilidade da vida, e a grande maioria dos que ajudaram Irena tinha filhos pequenos. Contudo, nunca nenhuma dessas pessoas – dezenas – hesitou em ajudar Irena na sua missão. Irena disse uma vez que nunca ninguém se recusou a receber uma das crianças judias.

Esta é a história de Irena Sendler, das crianças que ela salvou e dessas dezenas de corajosos «outros». É também a história complicada e por vezes sombria, mas também corajosa, do povo polaco. Se há demasiados nomes no princípio deste livro, lembrem-se de que só conto as histórias de

uma pequena fração daqueles que sabemos terem auxiliado Irena. E pensem que, à medida que o livro avança, os nomes, tristemente, vão diminuindo. Conto aqui as suas histórias para prestar uma pequena homenagem a todas essas pessoas. As suas vidas e, por vezes, as suas mortes mostram aquilo de que somos capazes, como pessoas normais, perante o mal e o horror.

Prólogo

Varsóvia, 21 de outubro de 1943

Aleja Szucha. Irena Sendler sabia o seu destino. A porta da frente da viatura fechou-se com estrondo e o carro prisional preto arrancou com um solavanco. Tinham-lhe dado apenas minutos para se vestir, e o cabelo claro e curto estava ainda despenteado da almofada.

Janka Grabowska saíra a correr com os sapatos dela e atirara-lhos no último instante, arriscando sujeitar-se aos caprichos violentos dos soldados. Irena nem se lembrara de atar os atacadores. Concentrava-se apenas numa coisa: manter a calma e o rosto plácido e inexpressivo. Nada de caras tristes. Era a sabedoria que as mulheres judias passavam aos filhos quando os deixavam pela última vez aos cuidados de desconhecidos. Irena não era judia, mas um rosto triste era sempre perigoso.

Eles não podem pensar que tenho motivos para estar assustada. Não podem pensar que estou com medo. Irena repetiu silenciosamente este pensamento. Se suspeitassem o que ela escondia, aquilo que a esperava só seria mais difícil.

Mas Irena *estava* assustada. Muito assustada. No outono de 1943, na Polónia sob ocupação nazi, não havia palavras mais aterrorizadoras do que «Avenida Szucha». Talvez fossem até as palavras mais aterrorizadoras naquela Europa em guerra. Era a morada do quartel-general da Gestapo em Varsóvia. O brutalismo arquitetónico do exterior parecia cruelmente adequado ao objetivo dos alemães. Dentro do complexo de edifícios, os corredores ecoavam com os gritos de quem era interrogado. Os que sobreviviam recordavam depois o fedor a medo e urina. Duas vezes por dia, antes do meio-dia e ao final da tarde, as carrinhas pretas da prisão de Pawiak vinham, pontualmente, recolher os corpos feridos e destroçados.

Irena calculou que pouco devia passar das seis da manhã. Talvez fossem já seis e meia. Em breve o sol de finais de outubro erguer-se-ia sobre

Varsóvia. Irena, porém, estava acordada há horas, como todos os outros moradores do prédio. Na véspera, Janka, a sua querida amiga e fiel colaboradora, juntara-se à família de Irena para uma pequena celebração em honra do dia de Santa Irena. Depois de se empanturrarem de carnes frias e fatias de bolo, a mãe de Irena, uma senhora frágil e doente, e a tia que estava de visita tinham-se retirado para o quarto. Mas Janka já deixara passar a hora do recolher obrigatório e teria de passar lá a noite. Assim, as duas mulheres mais jovens acamparam na sala e ficaram acordadas até tarde, a conversar e a beber chá e licor.

Depois da meia-noite, Irena e Janka adormeceram finalmente e, às três da manhã, as duas jovens dormiam profundamente em camas improvisadas. Porém, no quarto dos fundos, Janina, a mãe de Irena, estava agitada. Como gostava de ouvir os murmúrios descontraídos das duas raparigas! Sabia, pelo maxilar tenso de Irena, que a filha andava a correr riscos, e a preocupação de mãe pesava sobre ela. Por causa das dores, não dormia bem, por isso deixou-se levar pelos pensamentos. Então, na escuridão, ouviu um som que sabia ser mau. Passos pesados, pés calçados com botas a ecoar na escada. *Irena! Irena!*, sussurrou Janina, um murmúrio urgente que penetrou nos sonhos de Irena. Esta despertou sobressaltada, ouviu a ansiedade no tom de voz da mãe e percebeu exatamente o que significava. Aqueles meros instantes que tinha para organizar as ideias eram a diferença entre a vida e a morte para todas elas.

O que se seguiu foi o estrondo de 11 agentes da Gestapo aos murros à porta, a exigirem que os deixassem entrar. O medo trouxe um estranho sabor metálico à boca de Irena e, no peito, o terror ia e vinha em choques que pareciam elétricos. Durante horas os alemães cuspiram insultos e ameaças, desfizeram almofadas e esvaziaram armários. Arrancaram as tábuas do soalho e partiram as mobílias.

Mesmo assim, não encontraram as listas de crianças.

Só as listas importavam agora. Eram apenas papéis de cigarro, pequenos e finos, pouco mais do que pedacinhos de papel de seda enrolados, parte do sistema de arquivo privado de Irena. Mas neles, escritos num código que ela própria inventara, constavam os nomes e moradas de algumas das milhares de crianças judias que Irena e os amigos tinham salvado dos horrores da perseguição nazi – crianças que ainda estavam escondidas em locais secretos por toda a cidade e para além de Varsóvia. No último

instante, mesmo antes de a porta se abrir sob os pontapés e cassetetes, Irena atirou as listas que estavam em cima da mesa da cozinha a Janka, que, com uma calma impressionante, as enfiou no *soutien* generoso, por baixo da axila. Deus sabia que, se eles revistassem Janka, seria o fim. Seria ainda pior se revistassem o apartamento de Janka, onde havia judeus escondidos. Irena nem quis acreditar quando os próprios alemães ocultaram a pior prova incriminatória: viu, fascinada, um pequeno saco com documentos de identificação falsificados e maços de dinheiro ilegal ficar soterrado debaixo dos destroços das mobílias destruídas. Nesse momento, apeteceu-lhe cair de joelhos. E, quando percebeu que os alemães não iam prender a mãe, nem Janka, mas apenas ela, ficou positivamente extasiada. No entanto, sabia que o riso que crescia dentro de si estava perigosamente tingido de histeria. *Veste-te*, disse a si própria. *Veste-te e sai daqui depressa*. Enfiou a saia coçada que tinha colocado nas costas da cadeira da cozinha poucas horas antes e abotoou a camisola o mais depressa que conseguiu, para apressar a saída, antes que os agentes tivessem tempo de reconsiderar. Saiu descalça para a madrugada fria de outono, mas só reparou nisso quando Janka apareceu a correr com os sapatos.

Agora, contudo, tinha tempo para pensar no seu próprio dilema enquanto o carro contornava as esquinas a toda a velocidade. Mais cedo ou mais tarde, não havia dúvida de que a matariam. Irena estava consciente disso. Era assim que a sua história acabava. Ninguém regressava de Aleja Szucha ou da prisão do gueto em Pawiak, onde os prisioneiros ficavam trancados entre a tortura dos interrogatórios. Ninguém regressava de campos como Auschwitz ou Ravensbrück, para onde eram deportados os «sobreviventes» inocentes da Gestapo. E Irena Sendler não era inocente.

O carro inclinou-se para a direita enquanto atravessava a cidade ainda adormecida em direção a sudeste. O caminho mais direto era pelas largas avenidas pré-guerra de Varsóvia, primeiro para oeste e depois para sul do vasto deserto onde se erguera o gueto judaico. Nos primeiros anos de ocupação nazi, Irena chegava a entrar e a sair do gueto três e quatro vezes por dia, em cada uma delas arriscando a prisão ou a execução sumária, para tentar ajudar ou salvar antigos colegas de escola, os professores judeus... e milhares de crianças. Agora, em finais de 1943, havia apenas

ruínas e escombros. Era uma zona de morte, um cemitério sem fim. O gueto fora arrasado depois da insurreição judaica na última primavera, e a sua amiga Ala Goląb-Grynberg desaparecera dentro desse inferno. Os rumores nos meios clandestinos diziam que Ala ainda estava viva, no campo de trabalhos forçados de Poniatowa, e que pertencia a um grupo de jovens militantes que planeavam secretamente a fuga da prisão. Irena esperava que, no fim desta guerra bárbara, Ala conseguisse voltar para ir buscar a filha pequena, Rami, ao orfanato onde Irena a escondera.

O carro prisional passou alguns quarteirões a norte do que fora, em tempos, a Universidade Livre da Polónia. A instituição era outra baixa de guerra. Irena concluía o seu curso de assistente social do outro lado da cidade, na Universidade de Varsóvia, mas frequentara regularmente a Universidade Livre da Polónia nos anos 30 e fora aí, graças à professora Helena Radlińska, que se formara a sua célula de resistência. Quase todos os membros tinham sido alunos da Dra. Radlińska nos dias antes da ocupação. Agora faziam parte de uma rede intrépida e bem organizada, e a professora também fora a inspiração por trás disso. Era uma rede pela qual os captores de Irena tinham muito interesse. Irena estava agora no princípio da casa dos 30, mas a sua aparência juvenil e delicada era enganadora. A Gestapo acabava de capturar uma das figuras mais importantes da clandestinidade polaca. A Irena só restava rezar que os alemães não o soubessem.

Sentado ao lado dela, um dos soldados, com botas de cano alto de cabedal e um chicote e cassetete à cintura, baixou a guarda. Era o fim do turno de terror da noite. Irena ia sentada praticamente ao colo de outro jovem recruta, que lhe pareceu não ter mais de 18 ou 19 anos. Até pareciam dormir. O rosto de Irena estava calmo, mas a sua mente era um turbilhão. Tinha tanto em que pensar, e tão pouco tempo.

Janka sabia exatamente como aquelas listas eram importantes – e como eram perigosas. Se fossem descobertas, as listas desencadeariam um rol de execuções. A Gestapo caçaria as crianças judias. Assassinaría os homens e mulheres polacos que tivessem acedido a escondê-las e cuidar delas. Zofia e Stanislaw. Wladyslawa e Izabela. Maria Palester. Maria Kukulska. Jaga. E matariam a mãe de Irena, embora a mãe, frágil e praticamente acamada, tivesse apenas um vago palpite da extensão das atividades furtivas da filha. Os alemães seguiam uma política rigorosa de castigo coletivo.

Fuzilavam famílias inteiras pelas transgressões de um único membro. Irena não conseguia evitar a sensação de que fora, mais uma vez, uma má filha. Sabia que sempre tivera mais parecido com o pai, idealista e impetuoso.

Se as listas se perdessem ou Janka as destruísse como medida de segurança, nasceria outro dilema agonizante. Quando Irena morresse, não haveria ninguém para as reconstruir. Irena era o general daquele exército de cidadãos e a única que sabia os detalhes registrados nas listas. Prometera a mães e pais enviados para Treblinka que diria aos filhos quem os amara. Quando ela morresse, ninguém poderia manter essa promessa.

Havia também outra questão a preocupá-la: quem diria a Adam Celnikier? *Adam. O seu Adam.* O marido de Irena, Mietek Sendler, estava algures num campo de prisioneiros de guerra alemão, e a notícia da execução dela demoraria semanas, talvez meses, a chegar até ele. Mas acabaria por lá chegar, se ele ainda estivesse vivo. No entanto, ela e Mietek tinham-se separado antes de a guerra começar e era Adam que Irena amava – Adam, que naquele preciso momento estava escondido com amigos, sob um nome falso e uma nova identidade. Adam, um dos poucos judeus que sobreviviam em Varsóvia, estava entre os perseguidos, com a vida constantemente em perigo.

O motor do carro da Gestapo ecoou na manhã silenciosa pelas ruas desertas de Varsóvia. A cada curva, os soldados despertavam mais um pouco. Irena tinha agora de se preparar para o que viria a seguir. Tinha de se preparar para não dizer nada, independentemente da tortura a que a submetessem. Havia demasiadas vidas dependentes do seu silêncio. Irena arriscara a vida para esconder as crianças. Agora, estava mais decidida do que nunca a levar os seus segredos para a cova. E se não fosse suficientemente forte? Se a dor fosse demasiado grande, seria capaz de trair até Adam, no seu esconderijo secreto? Até onde conseguiria aguentar? Esse pensamento assombrá-la-ia nos dias vindouros, enquanto lhe partiam os ossos com cassetetes e canos.

Estava uma manhã fria, e o medo também a enregelava. O carro avançava agora para leste pela avenida larga, acelerando na fase final da viagem. Em breve chegariam a Aleja Szucha e ao seu destino final. Aí, seria despida, revistada, espancada e interrogada. Haveria ameaças e intimidação. Haveria chicotadas e agonia e tormentos cruéis que eram,

neste momento, ainda inimagináveis. Coisas mais frias a esperavam. Irena enfiou as mãos nos bolsos do casaco para as aquecer por uns instantes.

O seu coração gelou quando tocou em algo leve e fino e enrolado. Papel de cigarro. De súbito, Irena lembrou-se de que se esquecera de uma parte da lista. Nela, estava uma morada, uma morada que trairia a vida de alguém que tencionara visitar nessa manhã. Estava ali, entre os seus dedos.

O NASCIMENTO DE IRENA SENDLER

Otwock, 1910-1932

Nos contos populares iídiches, a história da Polónia começa no crepúsculo de uma noite calma de verão. Na orla do céu, a floresta escurece. Uma família fatigada pouso os seus bens na erva à beira de uma longa estrada e pergunta: *Quanto tempo ainda teremos de caminhar até chegarmos a uma pátria?* Estão à espera de um sinal, que os anciãos lhes dizem que chegará, mas não esperam vê-lo esta noite. Têm os pés doridos e alguém chora baixinho, sem esperança e com saudades de casa.

Então, no silêncio da floresta, um pássaro canta duas notas maravilhosas. São precisamente as notas de que a família estava à espera. O pássaro canta: *Po lin, po lin*. São as palavras, na sua língua, que significam *Vive aqui*. Aqui, num lugar que daí em diante se chamará para sempre Polónia.

Onde fica esta aldeia no coração da Polónia? Ninguém sabe. Porém, devia ser um sítio muito parecido com a pequena aldeia ribeirinha de Otwock, construída na orla de um grande pinhal, cerca de 25 quilómetros a sudeste de Varsóvia. No século XIX, quando as palavras deste conto popular iídiche foram registadas pela primeira vez, Otwock já era lar de uma comunidade há muito estabelecida de judeus hassídicos.

E não foram só os judeus hassídicos que encontraram um lar em Otwock em finais do século XIX. Na verdade, na década de 1890, Otwock estava rapidamente a tornar-se famosa, embora de forma discreta. Em 1893, o Dr. Józef Marian Geisler fundou umas termas e uma clínica na região, para tratamento da tuberculose. Otwock ficava numa zona agradável na margem direita do rio Vístula, rodeada por árvores altas, e o ar fresco da região era considerado particularmente sadio. Nesta paisagem

pastoral, rapidamente surgiram dezenas de grandes casas de madeira de estilo alpino, com amplos alpendres abertos e latadas gradeadas ao longo das empenas das melhores casas. A aldeia tornou-se uma escolha elegante para tratamentos de saúde. Em 1895, apenas dois anos depois, um certo Józef Przygoda abriu o primeiro sanatório para judeus, porque nesse tempo judeus e polacos viviam por opção própria em mundos praticamente separados, e essa clínica também se tornou rapidamente muito popular. Na verdade, em pouco tempo, Otwock, lar de uma grande comunidade de judeus empobrecidos, tornou-se um retiro de verão de eleição para os judeus de classe média e alta de Varsóvia e de outras cidades mais pequenas na zona central da Polónia.

Irena Stanisława Krzyżanowska – era esse o seu nome de solteira – não nasceu em Otwock, embora Otwock viesse a ser, nos anos seguintes, uma parte importante da sua história. Nasceu no dia 15 de fevereiro de 1910, no Hospital Católico do Espírito Santo em Varsóvia, onde o pai, Stanisław Henryk Krzyżanowski, era médico e investigador de doenças infecciosas. Para o Dr. Krzyżanowski e para a sua jovem esposa, Janina, foi uma história acidentada aquela que os trouxe de volta à região de onde ele era originário. A mãe de Irena era uma jovem bonita e cheia de vivacidade, que não tinha profissão. O pai era um ativista político zeloso, orgulhoso de ser um dos primeiros membros do Partido Socialista Polaco, que em breve se tornaria um dos partidos dominantes. Quando era novo, pagara um preço elevado pelos seus compromissos ideológicos.

Hoje, a agenda «radical» do Partido Socialista Polaco parece-nos modesta. Stanisław Krzyżanowski acreditava em democracia, direitos iguais para todos, acesso a cuidados de saúde, numa jornada de trabalho de oito horas e no fim da tradição atroz do trabalho infantil. Porém, em finais do século XIX e princípios do século XX, especialmente numa área do mundo com uma história feudal e imperial, tratava-se de um objetivo político profundamente inquietante. Enquanto estudante de Medicina, Stanisław Krzyżanowski foi expulso, em rápida sucessão, primeiro da universidade em Varsóvia e depois em Cracóvia, pelo seu papel à frente de greves académicas e manifestações em defesa desses valores revolucionários. Era preciso enfrentar o que estava errado no mundo, insistia ele. «Se alguém se está a afogar, damos-lhe a mão», era um dos ditados preferidos do pai de Irena.

Felizmente, as coisas eram diferentes na Universidade de Carcóvia, um núcleo desse tipo de radicalismo, cerca de 1100 quilómetros a leste, na Ucrânia. Foi aí que o Dr. Stanislaw Krzyżanowski finalmente se formou. A cidade de Carcóvia era também um dos centros culturais e intelectuais da vida e ativismo judaicos na Europa de Leste, e o pai de Irena não tinha paciência para o antissemitismo que proliferava na Polónia. As pessoas eram pessoas, mais nada. A família Krzyżanowski tinha algumas raízes na Ucrânia, como tinha a família da mãe de Irena, os Grzybowski. Na maneira de ver do Dr. Krzyżanowski, não era preciso ter nascido em determinado sítio para se ser um bom polaco.

Depois de Stanislaw Krzyżanowski terminar o curso e de o casal contrair matrimónio, Stanislaw e a jovem esposa regressaram a Varsóvia, e talvez tivessem ficado na cidade permanentemente se a pequena Irena, então com dois anos, não tivesse sofrido de um caso terrível de tosse convulsa em 1912. O Dr. Krzyżanowski via a menina a debater-se para respirar, com o peito a subir e a descer em aflição, e sabia que havia crianças que morriam assim. Tinham de afastar Irena do ar congestionado da cidade. O ar fresco do campo ajudá-la-ia a respirar melhor. Otwock era a solução óbvia. Stanislaw nascera lá, a irmã e o cunhado tinham lá um negócio e o local era famoso pelas suas qualidades salutaras. Haveria certamente muitas oportunidades para um médico jovem e enérgico. Nesse mesmo ano, a família mudou-se para a aldeia. O Dr. Krzyżanowski, com a ajuda do cunhado, Jan Karbowski, que trabalhava no ramo imobiliário, abriu um consultório privado especializado no tratamento da tuberculose e esperou pelos pacientes.

Os habitantes locais mais abastados e os visitantes mais elegantes demoraram algum tempo a habituar-se a ele. Os agricultores que viviam com dificuldades e os judeus pobres eram menos esquisitos. Muitos médicos polacos recusavam-se a tratar os judeus pobres, e o Dr. Krzyżanowski era diferente. Queria fazer a diferença. Recebia toda a gente com simpatia, com um sorriso alegre, e não dava importância ao dinheiro. Uma vez que os judeus eram quase 50 por cento da população local, havia doentes mais do que suficientes para o manter ocupado. Pouco depois, toda a gente em Otwock dizia que o Dr. Krzyżanowski era um bom homem e muitas pessoas da comunidade judaica, ricos e pobres, visitavam a casa da família para ver aquele médico tão esforçado.

Embora fosse médico e muitos dos seus pacientes fossem pessoas pobres – porque sempre houve mais pobres do que ricos a precisar da ajuda de um homem generoso –, o Dr. Krzyżanowski não tinha quaisquer pretensões. A sua casa estava aberta a toda a gente e Janina era uma mulher simpática e sociável que gostava da companhia das outras pessoas. Ficaram encantados quando a filha fez amizade com as crianças das famílias judias, famílias que acolheram de braços abertos a filha do médico. Aos seis anos, Irena falava fluentemente um iídiche coloquial e sabia quais dos barrancos atrás do sanatório eram melhores para brincar às escondidas e quais os melhores muros para fazer ressaltar uma bola. Estava acostumada a ver as mães judias com os seus lenços de cabeça coloridos e sabia que o cheiro de pão com cominhos a cozer significava algo delicioso, se as crianças tivessem sorte. «Cresci com aquelas pessoas», disse Irena. «A sua cultura e as suas tradições não me eram desconhecidas.»

É possível que uma das crianças judias que Irena conheceu quando tinha cinco ou seis anos tenha sido um rapaz chamado Adam Celnikier. Já ninguém sabe, ao certo, a história de como os dois se conheceram. Este é o princípio mais antigo possível, e pode não passar de uma fantasia. Talvez Adam fosse um rapaz sonhador, sempre agarrado aos livros. Pelo menos mais tarde, era-o. Tinha cabelo castanho-arruivado, encaracolado, pele morena, e o nariz comprido e atraente era exatamente o que algumas pessoas esperavam ver num judeu. Talvez Adam tenha sido um desses primeiros companheiros de brincadeiras, apesar de a família dele ser muito rica e, ao contrário de muitos judeus, falar polaco na perfeição. A mãe de Adam chamava-se Leokadia e ele tinha muitos tios e tias e primos com nomes como Jakob e Józef. E a família não vivia o ano todo em Otwock. Possuía casas e negócios espalhados pela cidade de Varsóvia. Mas talvez Irena o tivesse visto algumas vezes naqueles verões despreocupados.

As memórias de Irena da infância em Otwock eram mágicas, e o pai adorava a filha. O pai de Irena tinha um bigode enrolado que subia ainda mais quando ele sorria, e cobria a única filha de afeto. As tias de Irena chamavam-lhe «Stasiu» e, quando ele beijava e abraçava a filha, as tias diziam: «Não a estragues com mimos, Stasiu. O que será dela?»

O pai piscava o olho e abraçava-a ainda com mais força. Dizia às tias:

«Não sabemos como será a vida dela. Talvez os meus abraços sejam a sua melhor memória.»

E, na verdade, assim seria.

Irena sabia que as outras crianças não tinham tanta sorte como ela, e não viviam numa casa de madeira espaçosa que pertencia a um tio rico. A família residia numa grande casa quadrada, no número 21 da Rua Kościuszki, com 20 divisões e um solário de vidro que cintilava sob o sol. Porém, como muitos dos pacientes do Dr. Krzyżanowski vinham do extremo mais baixo da escala socioeconómica, quando o pai fazia as suas visitas ao domicílio na aldeia, ou os pacientes vinham à clínica, Irena via a pobreza e a privação da perspectiva íntima de uma criança. Compreendia também, pelas outras pessoas da aldeia, que alguns polacos não eram como o pai. Irena conhecia a cultura judaica e, com o tempo, também conheceria as dificuldades do povo judeu.

Em 1916, quando Irena tinha seis anos, o pai resolveu mitigar essas dificuldades. Nesse ano, grassou em Otwock uma epidemia de febre tifoide e, como o Dr. Krzyżanowski diria, não se podia decidir não ajudar só por o auxílio ser arriscado. Os ricos mantinham-se isolados e longe dos locais apinhados e insalubres onde a infeção era mais forte. A doença era particularmente perigosa em casas sem água potável e sem sabão forte para as lavagens. Os pobres tinham de viver com o que havia e, assim, a doença arrasou alguns dos mais pobres companheiros de brincadeiras judeus de Irena e as respetivas famílias. Stanislaw Krzyżanowski continuou a tratar dos doentes e infetados, como sempre.

Até que, no final do outono ou princípio do inverno de 1916-17, começou a sentir os primeiros tremores e arrepios. Sabia que era o princípio da terrível doença. Pouco depois, ardia em febre e delirava baixinho. As tias andavam muito preocupadas. A menina tinha de se afastar do quarto do doente e não podia ver o papá. Tudo teve de ser desinfetado. Ela e a mamã tiveram de ir para casa de familiares. Não haveria beijos, abraços e mimos para Irena até ele estar recuperado. O risco de infeção para a criança era demasiado elevado.

Durante semanas, o médico lutou contra a doença e travou a sua batalha sozinho, em privado, mas nunca recuperou. No dia 10 de fevereiro de 1917, Stanislaw Krzyżanowski morreu da febre tifoide. Cinco dias depois, Irena fez sete anos.

*

Depois do funeral do pai de Irena, a mãe adotou uma postura cuidadosa e tentava não chorar demasiado. Porém, Irena ouvia-a, às vezes, e também apanhava os sussurros de preocupação das tias quando pensavam que ela não estava a ouvir. Seriam agora pobres como os doentes do papá? Era o que acontecia aos órfãos. Com a sua imaginação infantil, achou que o papá podia ter partido por ela ser malcomportada, e esforçou-se ao máximo por ser prestável e obediente, para que a mãe não a deixasse também. A mãe andava triste e a tristeza significava que as pessoas partiam. Mas era tão difícil estar sempre calada e sossegada, quando queria correr e saltar nos campos. Trazia sempre um pequeno nó de medo no coração e um peso nos ombros de criança.

Na verdade, com a morte do médico, a viúva tinha realmente empobrecido. A casa onde viviam pertencia a familiares, mas Stanislaw não deixara grandes poupanças. Janina era jovem, era dona de casa e mãe, não médica, e dava muito trabalho cuidar da clínica e da filha pequena. A clínica nunca fora um grande sucesso a nível financeiro. Stanislaw nunca se preocupara demasiado com os números. Nunca fora um homem de negócios sensato, apenas um idealista. A vida tornou-se uma luta complicada. Sem ajuda, Janina nunca conseguiria pagar os estudos de Irena. A notícia das dificuldades da viúva do médico espalhou-se por Otwock e deixou a comunidade judaica a pensar. O Dr. Krzyżanowski ajudara os filhos deles quando eles não podiam pagar o tratamento. Agora, ajudariam a viúva e a filha do médico.

Quando os homens vieram falar com a mãe, Irena afastou-se um pouco e ouviu, em silêncio. A barba comprida do rabi abanava quando ele falava. Tinha óculos pequenos, com armações de arame que lhe faziam os olhos parecerem enormes. Irena estava mais à vontade com as mães judias, com cabelos compridos e entrançados e mãos que se moviam como pássaros em voo enquanto falavam e vigiavam as crianças. *Pani Krzyżanowski*, disseram eles, *nós pagaremos a educação da sua filha. Pani* era a palavra em polaco para «senhora». A mãe limpou os olhos. *Não, não*, recusou, com firmeza. *Agradeço muito, mas sou jovem. Posso sustentar a minha filha.* Janina era orgulhosa e obstinadamente independente, e Irena sentiu-se bem por ter a mamã a cuidar dela.

No entanto, o resultado da independência de Janina foi uma luta constante por causa de dinheiro. Era difícil manter a clínica. Jan, o tio de Irena, era proprietário dos edifícios da clínica e da casa onde elas viviam, mas em 1920 disse: *Basta*. Estava na altura de fechar e vender a clínica. O tio Jan e a tia Maria eram ricos, mas a mãe de Irena não queria viver de caridade. Detestava ser um fardo e preferia trabalhar arduamente e fazer bordados para ganhar algum dinheiro. Preferia viver de forma modesta e poupar a pedir favores. Assim, Janina ergueu a cabeça e disse ao cunhado: *Não te preocupes*. Ficariam bem na cidade. Morariam onde a família de Janina vivia, um sítio que Irena descobriu chamar-se Piotrków Trybunalski, não muito longe de Varsóvia.

*

A vida em Piotrków era diferente. Não havia os grandes pinhais e as casas de madeira de Otwock. Irena não tinha os seus companheiros de brincadeiras habituais. Tinha saudades do campo. «Era constantemente atraída para essas zonas [perto de Otwock]», disse Irena. Otwock era um idílio, parte do que fazia um verão polaco perfeito. Fora a infância de Irena.

Contudo, parte da infância de Irena chegara ao fim. Quando os carregadores começaram a levar os baús cuidadosamente arrumados com as melhores loiças da mãe e as roupas de cama da família, Irena perguntou a si própria se caberia tudo no novo apartamento na cidade. Piotrków era uma cidade mercantil movimentada, com 50 000 residentes, junto da principal linha ferroviária entre Varsóvia e Viena, e as noites tranquilas e os sons da floresta tinham ficado para trás. Em Piotrków havia o ruído dos elétricos e os pregões dos vendedores ambulantes, que se erguiam até às janelas delas. E havia outras vozes. Agora, as pessoas à volta de Irena tinham conversas excitadas e acaloradas sobre política e a liberdade da Polónia.

Durante séculos, a Polónia lutara pela independência contra vizinhos agressivos, em duas direções: os russos a leste e os alemães a oeste. No ano em que Irena e a mãe se mudaram para Piotrków, o conflito com a Rússia estava noutra ponta de viragem e a cidade era um cadinho de patriotismo e políticas de esquerda. Se tivesse havido um «*tea party*» na

história revolucionária da Polónia, Piotrków seria o equivalente a Boston. Havia um grande sentimento de orgulho nacional e, quando as crianças de Piotrków, como Irena, entravam nos escoteiros, aprendiam mais do que cantigas para cantar à volta da fogueira; aprendiam táticas paramilitares para defenderem a pátria dos invasores do outro lado da fronteira. Afinal de contas, ainda nesse verão, em Varsóvia, os polacos tinham vencido o Exército Vermelho, quando toda a gente dizia que as probabilidades eram imbatíveis. Se a guerra voltasse, os escoteiros eram o exército mais pequeno do país. Irena memorizou orgulhosamente o juramento dos escoteiros. Seria frugal e generosa. Seria tão digna de confiança como Zawisza Czarny, o cavaleiro de cabelos negros. As crianças ouviam, maravilhadas, histórias de como, nos bons velhos tempos, Zawisza lutara pela Polónia sem nunca, nunca recuar. Mas, acima de tudo, o jovem coração de Irena enchia-se de determinação quando ela jurava, pela sua honra de escoteira, ser amiga de todos os que precisassem da sua amizade.

Irena e a mãe mudaram-se para um pequeno apartamento na Avenida Maja em Piotrków – o local está hoje assinalado com uma placa comemorativa – e a filha celebrou o seu décimo aniversário no ano em que chegaram à cidade. O pequeno apartamento era exíguo e talvez nem sempre estivesse perfeitamente arrumado, mas rapidamente se encheu de amigos e visitas. Janina, afinal de contas, ainda era jovem, viúva antes dos 30 anos, e de espírito um pouco boémio. Adorava diversão, adorava o teatro. Ela própria podia ser bastante melodramática, mas era uma mãe polaca carinhosa e afetuosa. Em Piotrków, os prédios na praça da Cidade Velha, onde Irena e Janina iam ao mercado aos fins de semana, estavam pintados de alegres tons de rosa, verde e amarelo, e nos dias quentes de primavera os escoteiros iam para a beira-rio, onde treinavam e faziam piqueniques. As raparigas exibiam orgulhosamente os seus movimentos de primeiros socorros e aprendiam a marchar em formação militar como os rapazes. O uniforme engomado de Irena, com o emblema da flor-de-lis – a insígnia universal dos escoteiros –, era muito elegante. Quando passou para a Escola Preparatória Helena Trzcińska, levou consigo o juramento dos escoteiros: «Ser pura de pensamentos, palavras e atos; não fumar; não beber álcool.»

Contudo, Irena era uma rapariga divertida e alegre e rapidamente arranjou namorado, um romance de liceu. O rapaz chamava-se

Mieczyslaw «Mietek» Sendler. Na Polónia católica do pré-guerra, um beijo tímido entre adolescentes fazia os jovens de pensamentos puros correr para o confessionário, angustiados, e no final do liceu o namoro era já bastante sério. O casamento era, inevitavelmente, o passo seguinte, concordaram as famílias, assim que os jovens terminassem a universidade. Quando Irena e Mietek conseguiram entrar na Universidade de Varsóvia, no outono de 1927, Janina arranhou um pequeno apartamento em Varsóvia para ela e para a filha, de modo que Irena pudesse continuar a viver com a mãe enquanto frequentava a universidade. O futuro estava resolvido.

*

No entanto, em breve uma vozinha insistente na cabeça de Irena começou a desejar que o futuro não estivesse resolvido. Tentou silenciar essa voz. A universidade era um ambiente novo e empolgante. Mietek decidiu estudar os Clássicos, e Irena disse que ia estudar para ser advogada. O Direito era uma escolha ousada para uma jovem de 17 anos, de espírito vivaz, nada obediente e reservada, e os antiquados docentes do departamento não consideravam a lei uma profissão para mulheres. Os professores bloquearam-lhe a ambição a cada oportunidade. Irena ficou indignada mas, resignada, mudou de curso, para Estudos Culturais Polacos, e planeou ser professora em vez de advogada. Todos à sua volta concordavam que era uma profissão muito mais indicada para uma jovem polaca bem-educada.

Porém, foi talvez no Departamento de Direito, naquele primeiro ano, que reencontrou Adam Celnikier, um colega e jovem sensível, com cabelo escuro e revolto e uma tendência para poesia romântica e gestos extravagantes. Dá que pensar: será que ele lhe fez lembrar Zawisza, o honroso cavaleiro de cabelos negros, o lendário herói polaco? Pouco depois, Irena deu por si num grupo de estudo onde via frequentemente Adam, e a química entre ambos era óbvia. Rapidamente começaram a passar cada vez mais tempo juntos. Às vezes, sentavam-se debaixo das árvores que ladeavam as avenidas nos terrenos da universidade e falavam sobre a infância. Mais frequentemente, debatiam arte e política. Falavam sobre a lei e o futuro da Polónia livre. Quando as suas mãos se tocavam acidentalmente, Irena sentia as faces a arder; mas era, com certeza, apenas

pelo entusiasmo das ideias que partilhavam, não? Falar com Adam era uma experiência embriagante. As políticas de Irena já eram as políticas de esquerda e patriotas do pai, mas Adam era um radical. Adam era tão vivo, tão presente. Mietek pertencia ao passado, um estudante de línguas mortas, um lembrete daquela adolescente desajeitada de cuja história Irena queria livrar-se. Adam queria falar do mundo à sua volta, queria mudar o futuro.

No entanto, era impossível. Embora às vezes Irena se revoltasse contra as limitações do seu romance de adolescência, o seu namorado era Mietek. As suas vidas e famílias estavam já profundamente interligadas. Adam era uma paixoneta, e uma jovem sensata não acabava uma relação com um bom rapaz como Mietek só porque estava confusa em relação aos seus sentimentos. O dever era importante. Além disso, Adam também já estava comprometido, e compreendia o dilema de Irena. Por volta de 1930, cedendo aos desejos da família, Adam casara-se com uma jovem judia que estudava com eles na universidade, numa cerimónia ortodoxa combinada pelas duas famílias. A jovem era uma das colegas de Irena.

Outras considerações pesavam sobre ela durante aquelas longas noites de insónia na pequena cama dura no apartamento da mãe. Podia, claro, esperar e adiar o casamento com Mietek. Mas para quê, se Adam já não era livre? Além disso, o casamento significava liberdade. Principalmente, liberdade para a mãe. Certamente que Irena lhe devia isso, não? Enquanto tivesse de sustentar a filha, Janina teria de continuar a aceitar dinheiro da família, quando ansiava pela sua própria independência. Irena queria ser uma boa filha. Casando com Mietek, libertaria a mãe. Era tarde demais para outra coisa. Assim, aos 21 anos, pouco depois de terminar a universidade em 1931, Irena Krzyżanowski fez o que todos esperavam dela e tornou-se a senhora Irena Sendlerowa. O nome é normalmente abreviado para Irena Sendler.

*

O jovem casal começou a construir a sua vida em comum em Varsóvia, assentando por fim num pequeno apartamento de uma assoalhada, onde Irena tentou animar o ambiente e o espírito com cortinas coloridas e uma dedicação às tarefas domésticas. Mas de nada adiantou. Irena e Mietek

não eram felizes. À noite, as discussões foram aumentando, e Irena começou a guardar cada vez mais segredos. Em 1932, Mietek era professor assistente no Departamento de Clássicas, a caminho de uma carreira de professor universitário, e Irena queria continuar a estudar. Um dia, Irena anunciou ousadamente os seus planos para se licenciar em Serviço Social e Pedagogia, antes de começar a dar aulas. Mietek talvez já tivesse percebido que era inútil perguntar-lhe se não tinha uma palavra a dizer sobre o assunto. Já sabia que a sua jovem mulher era uma pessoa extremamente obstinada. Quando tivessem filhos, as coisas teriam de mudar. Com certeza que nessa altura ela ficaria em casa, não? Mas Irena não tinha pressa. Inscreveu-se no programa de Serviço Social da Universidade de Varsóvia.

Porquê o serviço social? Se alguém lhe perguntasse, Irena falava sobre o pai. Nunca deixara de sentir a falta dele. «O meu pai», explicava, «era médico, humanista, e a minha mãe adorava pessoas e ajudava-o muito no aspeto social do seu trabalho. Aprendi desde muito nova que as pessoas ou são boas ou são más. Raça, nacionalidade e religião não importam... o que interessa é a pessoa. Foi uma verdade que me inculcaram desde pequena.»

Ansiando continuar ligada ao pai, tentou tornar-se a definição que ele tinha de boa pessoa.

No entanto, Irena também queria um pouco de aventura. Afinal de contas, tinha apenas 22 anos e a década de 1930 foi uma época empolgante na Polónia. Os soviéticos tinham sido escorraçados da fronteira e a Polónia era livre, apenas pela segunda vez na sua história. A nível interno, contudo, o país estava dividido pela política e à beira de protestos sociais explosivos. O campo do serviço social, relativamente novo, encontrava-se no centro da ação, e o programa de estudos era radical e entusiasmante. Os alunos do curso na Universidade de Varsóvia eram encorajados a ter experiência no terreno como parte da sua formação. Irena inscreveu-se imediatamente num estágio comunitário do outro lado da cidade, patrocinado pelo inovador Departamento de Pedagogia da Universidade Livre da Polónia. Ouvira coisas maravilhosas sobre a diretora do departamento.

A Universidade de Varsóvia, com o seu *campus* muito bem cuidado, ostentava edifícios de bela arquitetura, quase palaciana, e espaços amplos e abertos, sendo a instituição de elite na Polónia. A Universidade Livre da

Polónia era outro universo. Aí, os professores trabalhavam e ensinavam num feio edifício de seis andares, com janelas pequenas e sujas, que mais parecia um prédio de bairro social negligenciado. Conforme os alunos corriam de sala para sala pelos corredores estreitos e subiam e desciam as escadas, o ar enchia-se do cheiro a corpos quentes. Lá em baixo, ouvia-se o barulho de bicicletas e as vozes animadas das raparigas. Depois, os corredores ficavam novamente silenciosos. Na sua primeira visita, Irena levou na mão um papel e foi lendo os números das salas. Estava à procura de uma placa que dissesse *Professora H. Radlińska*.

Irena ponderara cuidadosamente as suas opções de estágio, não sabendo por qual delas se decidir. Alguns alunos do seu programa optaram por colocações como professores na inovadora escola-orfanato fundada por um colega da Dra. Radlińska, o teórico da educação Janusz Korczak. Outros alunos, especialmente as raparigas que estudavam enfermagem, trabalhavam em pesquisa e implementação de políticas de saúde pública com alguns dos médicos do corpo docente afiliados com a Dra. Radlińska. Esta pertencia a uma conhecida família de cientistas e era prima de um dos médicos mais reputados do programa, o Dr. Ludwik Hirszfeld. Porém, foram as clínicas populares da própria Dra. Radlińska que atraíram Irena: centros de saúde solidários dedicados à erradicação da pobreza. Eram locais onde os desempregados locais podiam fazer formações gratuitas e onde os sem-abrigo e indigentes encontravam ajuda legal.

Embora possa parecer difícil de imaginar nos nossos dias, nos anos 30 Varsóvia era uma das cidades de esquerda mais empolgantes a nível intelectual e político da Europa, e Irena estava encantada por se ver no centro da ação. A Dra. Radlińska, uma mulher robusta e corpulenta de 60 e poucos anos, que nascera judia mas há muito se convertera ao catolicismo, era uma heroína improvável. Por causa do cabelo branco e ralo e do peito amplo, ganhara a alcunha de «Avó» na universidade, e tinha a aparência de uma mulher sempre preocupada e aflita. Porém, a professora irradiava inteligência e determinação e os alunos que se reuniram à sua volta – muitos também de origens judaicas – estiveram no centro de um movimento de direitos civis não muito diferente do ardente ativismo estudantil que varreu a Europa e a América do Norte nos anos 60. Juntamente com um punhado de eminentes psicólogos, educadores e médicos, a Dra. Radlińska lançava as bases do serviço social na Polónia.

Estes programas tornar-se-iam mais tarde, na parte final do século, o modelo do serviço social moderno e do Estado-Providência adotado pela maior parte das democracias ocidentais. É impossível compreender como Irena Sendler e os seus conspiradores se uniram durante a Segunda Guerra Mundial sem saber que, muito antes de a ocupação alemã começar, a Dra. Radlińska já os tinha ligado uns aos outros numa comunidade unida.

Na órbita da Dra. Radlińska, Irena desabrochou. Sempre ansiara por aquele tipo de entusiasmo intelectual e por aquela sensação de vocação. E rapidamente a jovem séria e apaixonada se tornou uma das preferidas da professora. Irena era tão claramente feita para o serviço social – tão organizada, tão sensata, tão genuinamente ultrajada pela injustiça e tão cheia de compaixão pelo sofrimento –, que a Dra. Radlińska rapidamente ofereceu à sua nova ajudante não só um estágio mas também um emprego pago num dos seus escritórios, na filial para mães e filhos do Comité de Auxílio Social aos Cidadãos, onde ofereciam apoio às mães solteiras da cidade.

Quando acordava de manhã, Irena saltava rapidamente da cama estreita que partilhava com Mietek e sentia o coração leve com a perspectiva do dia de trabalho que tinha pela frente. Mietek reparava certamente que Irena se sentia mais contente quando saía de casa do que quando voltava. Em 1932, viviam num moderno bloco de apartamentos no número 3 da Rua Ludwicka, no bairro de Wola em Varsóvia, e às vezes, enquanto Irena descia as escadas a correr, um dos vizinhos abria a porta e sorria ao ver a jovem do andar de cima que andava sempre com tanta pressa. Os vizinhos de baixo eram os Jankowski, uma família simpática com filhos pequenos e que geralmente também acordava cedo, e o porteiro do prédio, o senhor Przeździecki, cuidava dos jardins comunitários e acenava a Irena todas as manhãs quando ela saía para o trabalho. Outra vizinha, Basia Dietrich, geria o jardim de infância cooperativo das crianças do bloco de apartamentos, e talvez Mietek às vezes se perguntasse se os seus filhos brincariam um dia naquele pátio. Contudo, tal não aconteceria, a menos que conseguissem reacender alguma paixão conjugal, e Irena saltar da cama a correr todas as manhãs era uma boa parte do problema. O problema era que o trabalho parecia ser a única coisa que lhe interessava. O que ela fazia era *importante*. Não tinha tempo para as tarefas domésticas. Ajudava famílias em dificuldades a manterem os filhos

consigo. Gostava que Mietek percebesse por que razão isso era tão importante. Mietek só desejava que ela se concentrasse na *sua* família, para variar.

O fosso entre eles crescia de dia para dia e o casamento, apesar de recente, perdera a chama. Restava apenas uma espécie de velha amizade desconfortável. Não era que Irena não amasse Mietek; mas ele não era a sua paixão. No centro para mães e filhos, Irena sentia uma profunda sensação de objetivo. «Lá, todos eram dedicados e fiéis aos seus objetivos: tudo aquilo que eu aprendera parecia ter utilidade», tentou explicar Irena. Também fez amigos novos e interessantes entre os outros alunos e funcionários da Dra. Radlińska. «O ambiente de trabalho», disse, «era muito bom», e as pessoas também.

E via muito uma pessoa em particular: Adam.

*AS RAPARIGAS DA DRA. RADLIŃSKA**1935-1940*

A aula terminara mas o professor não se mexia.

Os alunos do lado esquerdo da sala de aula também ficaram imóveis mais um momento, de respiração suspensa. Irena estava entre eles. Tinha 25 anos no outono de 1935 e, com o seu metro e meio de altura, era mais baixa do que todas as pessoas à sua volta. Porém, ninguém que a conhecesse duvidava de que Irena tinha convicções políticas gigantes.

Aqueles segundos estenderam-se lentamente. Todos os presentes na sala esperaram. Depois, houve um movimento súbito do lado direito, e a deslocação de ar quando os corpos colidiram foi como uma expiração coletiva. Irena viu a fita verde presa ao casaco do jovem. A ponta da bengala erguida reluziu. *Lâminas. Os vilões tinham atado lâminas à ponta das bengalas que traziam para lhes bater!*, percebeu Irena. Uma das raparigas perto dela gritou e seguiu-se uma vaga de movimento e o som de soqueiras de ferro a atingirem osso. A confusão recomeçara.

Agora a soqueira de ferro estava erguida à frente de Irena. Ao seu lado tinha um colega judeu, um jovem de cabelo escuro encaracolado e óculos, e um dos homens com fitas verdes ergueu a bengala e gritou-lhe: «Porque estás de pé?»

«Porque sou judeu», respondeu ele calmamente. O rufia virou-se para Irena e perguntou: «E tu? Porque estás de pé?»

Irena era destemida. Os amigos até se preocupavam com a sua coragem insensata. Os professores mais conservadores lamentavam que o seu idealismo juvenil fosse tão insistente e desafiador, mas Adam adorava esses aspetos do seu carácter. A resposta ousada que deu visava enfurecer o jovem irritado que tinha pela frente. Os olhos de ambos encontraram-se.

«Porque sou polaca», ripostou.

O punho de ferro atingiu-a no rosto. Sentiu sangue quente e depois a escuridão abateu-se sobre ela.

*

O que desencadeou os motins na Universidade de Varsóvia em 1935, quando Irena e Adam eram estudantes, foi a instituição informal do «gueto de bancos»: uma zona de lugares nas salas de aula para estudantes judeus, separada da zona dos chamados arianos. Não era apenas na vizinha Alemanha que a extrema-direita ganhava poder. A Polónia também tinha os seus problemas. Para Irena e Adam, o maior desses problemas era uma organização chamada ONR (Obóz Narodowo Radykalny, ou Campo Radical Nacional): um grupo político de direita, ultranacionalista, cujas táticas violentas e retórica racista ganhavam tração e intensificavam sentimentos de antissemitismo. Os apoiantes do ONR exibiam orgulhosamente a sua afiliação política através de fitas verdes na lapela.

O gueto de bancos é um ultraje!, diziam Irena e Adam e todos os seus amigos, furiosos. Os alunos judeus e os seus apoiantes na universidade organizaram manifestações iradas e apaixonadas, recusando-se a sentar-se durante as aulas. Alguns professores mandavam os estudantes rebeldes sair da sala. Outros apoiavam-nos e davam as aulas também de pé, em solidariedade. Tal como Irena disse, simplesmente: «Os anos na universidade foram, para mim, muito duros e muito tristes. Foi estabelecida uma regra que segregava os alunos católicos dos alunos judeus. Os católicos sentavam-se nas cadeiras do lado direito e os judeus nas cadeiras do lado esquerdo. Eu sentava-me sempre com os judeus e, por isso, era espancada pelos antissemitas tal como os alunos judeus.» Mas o importante era que o fazia ao lado de Adam. Adam estava fascinado por aquela mulher delicada e feroz, e, como a família de Irena testemunhou mais tarde, «o caso de amor entre ambos continuou, apesar de ela se ter casado com outra pessoa».

Na Universidade de Varsóvia, um local antiquado por tradição, a maioria das pessoas apoiava tacitamente esta discriminação contra os alunos judeus. Contudo, do outro lado da cidade, na Universidade Livre da Polónia, as coisas eram diferentes. Quando os rufias do ONR tentaram

atacar os estudantes judeus, toda a universidade se uniu e correu com eles com mangueiras de incêndio e insultos gritados. A Dra. Radlińska e os jovens do seu programa – incluindo Irena – juntaram-se aos protestos e às escaramuças. Era excitante. Em casa, Mietek franzia a testa com azedume. Preocupava-se com a segurança dela e questionava quem era esta pessoa nova – esta ativista destemida – em que a mulher se estava a transformar.

As novas amigas de Irena, do círculo da Dra. Radlińska, eram jovens talentosas e dinâmicas, na sua maioria de origens judaicas – embora, como ativistas de esquerda, nenhuma delas tivesse muito interesse em religião. Uma das melhores amigas de Irena era Ala Goląb-Grynberg, enfermeira no hospital judaico na Rua Dworska, que trabalhava de perto com o primo da Dra. Radlińska, o Dr. Hirszfeld, no estudo de doenças transmissíveis. O nome de solteira de Ala era Goląb. Era seis anos mais velha do que Irena e estava casada há vários anos com um ator e diretor escolar judeu chamado Arek. Os amigos deles eram pessoas interessantes: cantores de cabaré, atrizes e outros artistas. O Dr. Korczak por vezes convidava Ala para falar nas suas aulas, porque toda a gente sabia que Ala era uma especialista com muita experiência em obstetrícia e saneamento. Irena achava a amiga uma inspiração e, por vezes, até um pouco intimidante. Mas Ala também era uma mulher excêntrica, engraçada e divertida, uma pessoa angulosa e acutilante, com um sentido de humor sarcástico e uma noção de moda terrível, cujas roupas masculinas nunca pareciam ser do tamanho certo e cujo cabelo preto e frisado parecia sempre despenteado.

Em contraste, outra das suas novas amigas, Rachela Rosenthal, era uma beleza deslumbrante. Rachela estava a estudar para ser professora no programa da Dra. Radlińska, e era esguia e loira. Os homens paravam na rua para falar com ela e, muitas vezes, ela dava-lhes conversa, porque toda a gente sabia que Rachela tinha uma personalidade esfuziante. Irena era bonita, num estilo discreto e curvilíneo, mas os homens não se viravam na rua para a ver passar, e ela própria admitia que a sua personalidade era mais seca e abrasiva.

O terceiro membro do círculo era Ewa Rechtman, uma estudante de línguas que trabalhava com outro professor que todas conheciam bem, o jovial Dr. Wladislaw Witwicki. Ewa era muitíssimo inteligente, e toda a gente a considerava uma das estudantes mais talentosas no programa da Universidade Livre da Polónia. Ewa, porém, não possuía qualquer dureza.

Tinha cabelo escuro e encaracolado e a sua voz suave e melodiosa fazia com que tudo o que dizia parecesse uma canção de embalar.

Depois do trabalho ou das aulas, Irena adiava um pouco mais o regresso a casa e ia com as amigas beber um café ou comer um gelado e trocar algumas risadas. As jovens naquele tempo vestiam-se de forma muito elegante, com sapatos de salto e vestidos com padrões vivos, e as suas novas amigas não tinham qualquer problema em fumar em público. Irena há muito que abandonara as promessas infantis dos escoteiros. Também já não sentia necessidade de se ir confessar a correr só porque pensar em Adam lhe fazia o coração bater mais depressa. Tinha o cabelo ondulado cortado curto, abaixo das orelhas, num estilo que, na altura, já não era escandaloso, apenas prático. As amigas recordam os seus olhos como extraordinariamente brilhantes e azuis, e o seu sorriso como malicioso. As outras jovens eram todas de famílias judias e fartavam-se de rir quando ouviam uma rapariga católica como Irena dizer algo em iídiche.

Também falavam de política, claro. O seu trabalho era virado para a justiça social. A Universidade Livre da Polónia ainda era um centro de ativismo radical, e as novas amigas de Irena eram socialistas fervorosas, tal como o seu próprio pai fora. De vez em quando, conhecia alguém cujas políticas iam um pouco mais além. «Conheci alguns membros clandestinos do Partido Comunista Polaco, depois de terem estado presos», confessou Irena. Achava-os «pessoas inteligentes e nobres».

O próprio Adam namoriscou com o comunismo e talvez isso fizesse parte do seu encanto. Quando, nos anos 30, como filho único de uma família extraordinariamente rica, herdou a maior quota-parte da fortuna do pai, a mãe viúva, Leokadia, ficou aterrorizada com os planos dele. Planeava, disse à mãe com ousadia, dar tudo a obras de caridade. Leokadia chorou, implorou e ralhóu, mas Adam manteve-se firme. *O dinheiro tem de ir*, disse à mãe. Adam debatera-se a vida toda com a maldição da riqueza e não acreditava em heranças, à semelhança dos seus novos amigos comunistas, Stanislaw Papuziński e a sua corajosa namorada ativista política, Zofia Wędrychowska. Estes dois viviam juntos e até tinham um filho pequeno, mas não faziam quaisquer planos para se casarem. O casamento era uma instituição burguesa e eles eram boémios.

Irena achava tudo isto fascinante. Afinal de contas, em termos de políticas de esquerda, o seu historial familiar era impecável, e os novos

amigos sabiam-no. O pai tivera um papel importante na criação do Partido Socialista Polaco e ainda havia membros do partido em Varsóvia que se lembravam de Stanislaw Krzyżanowski. E ninguém falava mais calorosamente do pai de Irena do que Helena Radlińska, que o conhecera pessoalmente. Helena e o ex-marido, Zygmunt, tinham sido ativistas fundadores do Partido Socialista Polaco na primeira década do século e Zygmunt – médico no hospital da Universidade de Varsóvia – trabalhara ao lado de Stanislaw Krzyżanowski. Para Irena, que continuava a sentir todos os dias a falta do pai, era quase uma espécie de regresso a casa. Aderiu, ela própria, ao Partido Socialista Polaco. «Integrei-me imediatamente com o meu passado político», disse. Infelizmente para Mietek, encontrara a sua verdadeira família.

Afastou-se cada vez mais do casamento periclitante e aproximou-se de Adam e dos seus novos amigos no círculo da Dra. Radlińska. Envolveu-se na política como nunca. Isso significava *fazer*, e não *falar*. *O que podemos fazer?* Era sempre esta a pergunta que Irena fazia a si própria. Olhava para o seu cartão de identificação académico, com o carimbo a dizer «ariana», e isso deixava-a furiosa. Riscou a palavra e assim apresentava ousadamente o cartão na universidade, como protesto silencioso. Quando os administradores souberam da sua rebelião, contudo, decidiram que estavam fartos da pequena desordeira e da sua presença na Universidade de Varsóvia. Irena foi punida com uma suspensão por tempo indefinido. Passariam vários anos antes de poder voltar às aulas.

Mietek teve certamente motivos para se sentir um pouco aliviado ao saber que os dias agitados e arriscados da sua jovem esposa agitadora na universidade tinham chegado a um fim abrupto e administrativo. Talvez já desconfiasse de que o coração dela pertencia a Adam. Talvez estivesse demasiado cansado de discutir para que isso tivesse importância. Porém, como acontece com romances fracassados em todo o lado, é provável que ele se tenha agarrado durante algum tempo à esperança de que ela cairia em si e voltaria para ele. Quando chegou a notícia, nesse mesmo ano, de que a clínica de mães e filhos da Dra. Radlińska tinha de fechar por falta de fundos e que Irena ia ficar sem esse trabalho, pareceu a oportunidade perfeita para Irena assentar, finalmente, e ter os seus próprios filhos. Afinal de contas, estava a meio da casa dos 20. De qualquer maneira, Mietek recebera uma proposta para um cargo permanente de professor na

Universidade de Poznań, a algumas horas de distância. Era uma importante oportunidade de carreira e, naturalmente, presumiu que Irena o acompanharia.

Porém, Irena já não conseguia seguir o caminho traçado quando era rapariga. Já não era uma adolescente obediente que fazia o que os outros queriam e esperavam dela, por não conseguir ver outras opções. O dever já tinha sido causa de desgosto, para ela e Adam. Sabia que falhara como esposa, mas não *queria* estar casada com Mietek. Tal como a mãe e os novos amigos desta, tinha uma alma boémia. Tal como o pai, nascera para a ação. Não queria deixar Varsóvia e a sua nova família alargada. Estava decidida a terminar os estudos, de alguma forma, e pediu repetidamente para que a suspensão fosse levantada. E, quer o dissesse quer não, não estava disposta a desistir da relação que crescia entre ela e Adam, fosse lá o que fosse. Com a ajuda da Dra. Radlińska, rapidamente encontrou um emprego novo nos serviços sociais municipais e deu a notícia a Mietek. Ia ficar em Varsóvia.

Quando Mietek partiu para Poznań, não houve divórcio. A Igreja Católica proibia o divórcio e o escândalo não ajudaria Mietek. Mas Irena não foi com ele. Suspensa da Universidade de Varsóvia e a trabalhar agora a tempo inteiro como assistente social, Irena ficou a viver com a mãe por uma questão de aparências, mas guardou para si o resto da sua vida – especialmente Adam. Este hábito de secretismo viria a revelar-se muito valioso mais tarde.

*

Durante três anos – três anos durante os quais as amizades de Irena com os colegas de trabalho e o romance com Adam se fortaleceram –, a suspensão académica manteve-se. Todos os anos Irena apresentava um pedido de levantamento à administração, e todos os anos recebia uma recusa obstinada. Os administradores nos cargos mais elevados ainda se lembravam dos problemas que ela causava. Só em 1938, quando um professor de Filosofia mais compreensivo da Universidade de Varsóvia interveio pela calada para processar os documentos que permitiam a Irena reinscrever-se por um ano, é que ela teve oportunidade de terminar os estudos. Aproveitou ao máximo essa estreita janela de oportunidade. Em

finais da primavera de 1939, no fim do ano letivo, Irena submeteu a dissertação de mestrado final ao seu orientador, o Dr. Waclaw Borowy, professor de Literatura e Cultura Polacas, e conseguiu finalmente formar-se. Adam já se formara em Direito, mas o sentimento antijudaico na cidade, que o enfurecia, afetava bastante as suas perspectivas de carreira. Na maneira de ver de Adam, ele era tão polaco como outra pessoa qualquer. Mas as leis sem sentido que restringiam o que os judeus podiam e não podiam fazer ofendiam o seu orgulho e o seu patriotismo, e Adam era um jovem temperamental e por vezes melancólico. Virou-se para os livros, a poesia e as suas reflexões privadas. Em vez de exercer Direito, como ele e Irena tinham sonhado fazer em tempos, Adam começou a trabalhar no doutoramento em História Política com o Dr. Borowy.

Ninguém sabe ao certo quando é que o casamento de Adam terminou. Até o nome da mulher dele é uma conjectura. Poucos registos familiares judaicos em Varsóvia sobreviveram à ocupação, e a família de Irena ainda prefere manter o nome dela em segredo. Tudo o que sabemos ao certo é que a mulher de Adam era uma das amigas de Irena da universidade. Uma série de improváveis coincidências de tempo de guerra e alguns antigos registos de propriedade em Varsóvia sugerem que poderá ter sido uma colega chamada Regina Mikelberg. Porém, mesmo que a mulher de Adam não fosse Regina, seria alguém como ela: uma judia culta e assimilada de uma família rica de Varsóvia. E, de qualquer maneira, Regina Mikelberg fez parte do círculo deles e da sua história durante a guerra. Quando a guerra chegou, Irena e a sua rede não se esqueceriam de Regina.

Nesse verão de 1939, Irena e Adam sabiam, claro, que a guerra com os alemães estava iminente. Ambos eram politicamente conscientes e realistas. Há anos que conviviam com o fantasma do fascismo europeu e, na verdade, com o antissemitismo polaco. Em julho, Varsóvia fervilhava com rumores de que as forças polacas se estavam a mobilizar em segredo. O próprio Adam seria recrutado em fins de agosto. Os jovens sentiam-se, naturalmente, apreensivos em relação às mudanças no mundo à sua volta, mas todos estavam também extremamente otimistas e confiantes. Afinal de contas, a Dra. Radlińska ensinara-lhes que a dedicação de um pequeno grupo de pessoas bem-intencionadas podia moldar o mundo de acordo com a sua visão. Estavam prestes a testar os limites do possível.

*

O início do ataque a Varsóvia foi, apesar de tudo, um choque para Irena. Não importava que ela soubesse que o ataque estava iminente. O uivo das sirenes de ataque aéreo por toda a cidade despertou Irena e a mãe com sobressalto às seis da manhã do dia 1 de setembro de 1939, e o seu primeiro pensamento foi para Adam. Adam estava algures num exercício militar. Isto era, finalmente, uma declaração de guerra, mas desde a primavera que havia incursões armadas e escaramuças ao longo da fronteira ocidental da Polónia, e o exército polaco tinha sido mobilizado para combate dois dias antes.

Irena juntou-se aos vizinhos que saíam dos seus apartamentos, ensonados e de roupas amarrotadas, e se juntavam nas ruas vazias, de olhos postos no céu, a especular, desesperados por alguma explicação. Do céu não veio nada – nem bombas, nem sons –, mas a sirene continuou a uivar e, por fim, os guardas de ataques aéreos, exasperados, mandaram toda a gente voltar para casa. A ansiedade e a hora madrugadora deixaram as pessoas maldispostas e algures no prédio uma porta bateu com força. Sentadas à mesa da cozinha, de roupão e chinelos, com olhos ensonados e preocupadas, Irena e a mãe, Janina, ouviram as notícias na rádio polaca. Irena sentiu os ombros ficarem tensos quando a voz crepitante do apresentador disse as palavras que todos temiam: o ataque de Hitler à Polónia tinha começado.

Irena inclinou-se mais para o rádio. Os líderes da cidade pediam aos funcionários públicos e municipais que permanecessem nos seus postos dia e noite e resistissem aos agressores alemães. Graças a Deus. Ela queria *fazer* alguma coisa. Com um olhar, a mãe disse-lhe para, pelo menos, se sentar e acabar o café. O que faria às seis da manhã, de qualquer maneira? A hora seguinte passou devagar. *Irena, está sossegada*, ralhou a mãe com um sorriso. Irena esperou até não conseguir esperar mais. Às sete, correu escadas abaixo até ao pátio do bloco de apartamentos e passou pelos jardins do senhor Przędziecki. Ninguém se preocupava com as flores nessa manhã e o pátio estava vazio. Irena atirou a velha mala para o cesto da bicicleta e arregaçou a saia um pouco mais do que a decência ditava, para o caso de ter de pedalar depressa. Quando a bicicleta começou a andar, virou para leste, em direção à Cidade Velha e ao seu escritório na

Rua Zlota, com uma bem-vinda sensação de determinação e objetivo, aliviada por ter algo para fazer além de ficar sentada em casa com a mãe, preocupada.

No escritório, foi à procura da chefe, Irena Schultz, uma loira magra e delicada com um grande sorriso. Irena – «Irka» – Schultz era, contudo, mais do que a supervisora de Irena. Era também uma das raparigas da Dra. Radlińska, e estas formavam uma irmandade muito unida. Às nove da manhã, o ataque aéreo a Varsóvia começou, finalmente. Um residente da cidade recordou que os bombardeiros alemães, ao princípio, soavam como «ondas à distância, não ondas calmas, mas como as ondas que rebentam na praia durante uma tempestade». Pouco depois, a cidade estremecia com o constante «ronco dos aviões, dezenas, talvez até centenas deles» e com o estrondo de fortes explosões. As raparigas do escritório correram para a cave e apertaram as mãos umas das outras na escuridão bafienta.

Quando os esquadrões passaram, as ruas estavam um caos. Nos seus 29 anos de vida, Irena nunca vira nada como aquela devastação. No entanto, era apenas o princípio. O que lhes estava a acontecer? À sua volta, carros particulares e táxis, recrutados como ambulâncias improvisadas, transportavam os feridos para os hospitais, pelas ruas cheias de escombros. As buzinas soavam impacientemente à sua volta, mas com certeza que os condutores viam que de nada adiantava buzinar. Onde as bombas e artilharia tinham atingido os edifícios, as ruas estavam cobertas de vidros partidos e pilhas de tijolos. Irena viu, estupefacta, as chamas devorarem as fachadas destroçadas de prédios inteiros. As paredes baloiçavam e tombavam nas pedras da calçada em seu redor. As pessoas apertavam os casacos à volta do corpo e atravessavam rapidamente as praças e ruas, em busca da proteção das portas, enquanto o céu escurecia. Irena tossiu e tapou a boca com o lenço. Nuvens de poeira faziam-lhe arder os olhos e cobriam-lhe o interior da garganta e das narinas. Viu cavalos mortos na rua e, por vezes, corpos humanos mutilados. Médicos e enfermeiras ajudavam a levar os residentes feridos para postos de socorro e, mais tarde, a levar provisões para enfermarias de campanha, à medida que os combates se aproximavam.

O medo apoderou-se de Varsóvia. Por toda a cidade, um pensamento ansioso unia os residentes. Como seria lá longe, nas linhas da frente, se acontecia isto numa cidade cheia de civis? Irena pensou em Mietek.

Despedira-se dele amistosamente alguns dias antes quando ele passara por Varsóvia a caminho do seu destacamento, e desejara-lhe boa sorte e segurança. Um dos seus outros amigos do gabinete de serviços sociais, um advogado judeu *pro bono* chamado Józef Zysman, também fora chamado como oficial de reserva, e Irena também estava preocupada com ele. Tinha de ir visitar a mulher, Theodora, e o bebé, Piotr, pensou. E depois havia Adam. Sempre pensamentos sobre Adam. Ele também estava num regimento, algures.

A questão mais prática nessa manhã, no escritório, numa cidade onde estava evidentemente a começar um cerco, era: por onde começar a ajudar? Irka Schultz, a chefe do escritório, reuniu-os a todos. O problema era que, de súbito, todas as pessoas precisavam de ajuda. Nunca tinham enfrentado uma crise social desta magnitude. Passaram a manhã atarantados, a perguntar uns aos outros o que fazer primeiro.

Em poucas horas, a resposta tornou-se óbvia: alguém tinha de ajudar os refugiados deslocados e feridos que já começavam a invadir Varsóvia. Alguém tinha de arranjar comida e abrigo para as pessoas cujas casas tinham sido bombardeadas na cidade. Os residentes de Varsóvia lutariam quase um mês para defender a cidade, e, antes de tudo acabar, houve soldados que enfrentaram os tanques alemães modernos a cavalo, numa ação desesperada que testemunha a enorme inferioridade de meios dos polacos. O número de refugiados crescia de dia para dia, à medida que as pessoas da província e das cidades mais pequenas procuravam a segurança dos números. Chegavam a pé, cansados e assustados. Mulheres de olhos assombrados contavam que, ao longo das compridas estradas de terra, os aviões alemães voavam baixo e disparavam contra as famílias que arrastavam os seus parques haveres. As pessoas que trabalhavam os campos corriam para as sebes, mas nas estradas não havia proteção possível. Irena ouvia as histórias e tentava controlar o tremor das mãos. Na altura, era administradora de uma filial do gabinete dos serviços sociais responsável por gerir cozinhas sociais em toda a cidade e, nas semanas que se seguiram, ela e os colegas montaram e organizaram dezenas de cantinas e abrigos improvisados para os sobreviventes.

No dia 24 de setembro, perto do fim do ataque, mais de mil aviões alemães encheram os céus sobre Varsóvia, em bombardeamentos que duraram horas e reduziram bairros inteiros a escombros. A destruição

continuou de forma implacável durante mais dois dias. Algumas das zonas mais atingidas da cidade foram o quarteirão a norte do escritório de Irena, que ia dos cemitérios judaico e polaco, a oeste, até à grande sinagoga a leste. Os bombardeamentos significavam pessoas feridas – pessoas que não conseguiriam chegar às cantinas mas que tinham fome na mesma. Por onde começar? Irena soube imediatamente. Subiu para a bicicleta e acelerou até ao Hospital Czyste na Rua Dworska, decidida a encontrar a sua amiga Ala.

O hospital judaico era um complexo vasto, não muito longe do rio Vístula, e antes da guerra vangloriava-se de ser uma das instalações médicas mais modernas da Europa. Agora, os médicos e enfermeiras estavam a ficar sem material. Ala trabalhava freneticamente para tratar dos feridos e refugiados. Faziam 30 ou 40 operações graves por dia, informou uma enfermeira com uma sacudidela seca de cabeça, todas sem anestesia. Era provável que um dos doentes fosse a Dra. Radlińska. Quando os bombardeiros sobrevoaram os prédios do seu bairro, o chão abanou debaixo dos pés de Helena Radlińska e ela correu para as escadas e para o pátio aberto. Na rua, a poeira castanha encheu de novo o ar e Helena ouviu então os primeiros gritos dos feridos presos debaixo dos escombros. Alguém tinha de os ajudar. A professora voltou a entrar no prédio precisamente quando outra zona se desmoronou. Sentiu apenas dor, e depois nada. Quem a arrastou para fora das ruínas, a gemer, semiconsciente, viu as queimaduras e os ossos partidos que a imobilizaram durante meses.

Toda a cidade de Varsóvia sofreu. Não havia água, não havia eletricidade e não havia comida. Os «cadáveres de homens e animais estavam empilhados nas ruas», recorda uma testemunha. «Homens de boa vontade enterram os mortos onde os encontram; num jardim, ou numa praça, ou nos pátios das casas. Pessoas esfomeadas cortam nacos de carne assim que um cavalo cai, deixando apenas o esqueleto.» Os aviões alemães voavam tão baixo, que Irena conseguia olhar para cima e ver a cara dos pilotos. Nos abrigos contra ataques aéreos, os feridos acumulavam-se em macas, a chorar baixinho e a implorar água. Todos tentavam não pensar nos homens que estavam na frente de combate. Em casa, a mãe de Irena sussurrava orações urgentes e Irena tinha de admitir que também ela rezava.

No dia 27 de setembro, Varsóvia rendeu-se.

Exaustas, Irena e a chefe, Irka, estavam sentadas num gabinete na Rua Zlota quando a notícia chegou. Todos no escritório choraram e se abraçaram. Os conquistadores, a Alemanha e a União Soviética, tinham dividido a Polónia entre si. O acordo secreto fora selado antes mesmo de os bombardeamentos começarem. Na divisão da Polónia, o prémio de Varsóvia ficou para os alemães, que declararam a cidade parte do Governo Geral e marchavam neste preciso momento sobre ela.

Conseguiriam os maridos, pais e filhos chegar a casa? E o que encontrariam? As famílias de toda a cidade fumegante e esfomeada ansiavam por centenas de respostas. Morreram cerca de 40 000 pessoas no bombardeamento de Varsóvia. As baixas nas linhas da frente foram ainda mais aterradoras. Morreram quase 70 000 homens. Outros 630 000 iam a caminho da Alemanha e da União Soviética como prisioneiros de guerra. Os alemães nunca deixariam os jovens polacos simplesmente voltar para casa, onde podiam incomodar os ocupantes, organizar uma resistência armada e lutar por uma Polónia livre. Mietek Sendler encontrava-se entre os capturados. *Rezaremos pelo seu marido*, diziam as pessoas umas às outras. Rezem por Mietek, sim. Mas Irena também fazia uma oração fervorosa por Adam.

*

A resistência surgiu rapidamente na Polónia. Foi quase um milagre, ou assim pareceu a Irena, que a viu ganhar forma e florescer. Nas semanas seguintes, a notícia espalhou-se rapidamente por Varsóvia. Entre os países ocupados pelos alemães, a Polónia foi excepcional em vários aspetos. O mais singular foi o facto de ali ter ganhado quase imediatamente forma um movimento guerrilheiro organizado e determinado, liderado em grande medida por homens mais velhos, pela comunidade judaica e por um grande número de mulheres corajosas de todas as idades. Algumas das mais extraordinárias eram as mais novas. Irena e, miraculosamente, Adam contavam-se entre eles. Para Adam, o regresso a uma Varsóvia derrotada foi agridoce. Tinham falhado na linha da frente. Mas os jovens em toda a cidade estavam decididos a continuar a lutar contra os alemães. O crescimento da resistência foi, em grande medida, um dos principais

motivos de a Polónia ter sido sujeita a táticas de repressão tão brutais.

Formou-se todo um Estado clandestino. Primeiro, o governo polaco exilado montou o seu quartel-general em Paris. Depois, retirou-se para Londres, de onde canalizava apoio financeiro e logístico para as filiais locais. Como sempre, o problema que impedia que tudo funcionasse com eficiência era a política e as discussões.

Em resultado disto – e porque a política polaca antes da guerra já era muito polarizada –, a maioria dos esforços de resistência organizavam-se de acordo com as velhas ideologias partidárias. Os conflitos incessantes resultavam, em parte, da história tumultuosa do país e da longa batalha pela independência nacional. Só depois da Primeira Guerra Mundial, após mais de um século de domínio estrangeiro, é que o Estado «polaco» fora recriado, pela segunda vez na sua história. Porém, esse tratado não ajudou a resolver a questão das fronteiras a leste, com a Ucrânia, que os vizinhos russos, sempre vigilantes, cobiçavam. O vizinho a oeste, a Alemanha, tinha outras ambições imperiais. Desesperadamente apanhados entre uma União Soviética esquerdista controlada pelos bolcheviques – e pela qual corriam muitas teorias loucas e feias sobre a conspiração mundial judaica – e a ascensão do nacionalismo e profascismo de extrema-direita do lado ocidental nos anos 20 e 30, a política polaca era polarizada. Qual era o menor de dois males, a extrema-direita ou a extrema-esquerda? Era uma questão impossível. Na ausência de respostas, as pessoas agarravam-se às velhas alianças políticas.

A atmosfera nas reuniões clandestinas dos socialistas polacos que Irena e Adam frequentaram nesse outono era nervosa mas desafiadora. A maioria dos homens novos ainda presentes na cidade eram judeus, e Irena ficara doida de alívio por Adam e o seu amigo advogado, Józef, terem regressado em segurança a Varsóvia. Outros polacos – homens que não eram, além do mais, judeus – eram enviados sistematicamente para campos de prisioneiros de guerra ou de trabalhos forçados, obrigados a alimentar a máquina de guerra nazi. Mietek foi capturado e detido na Alemanha. Contudo, judeus como Adam e Józef eram considerados inúteis aos olhos dos fascistas. Apanhados na sua lógica distorcida de antissemitismo, os funcionários alemães em Berlim perguntaram a si próprios como resolver o «problema» dos judeus. Se Adam e Józef não eram homens, mas sim algo inferior a humano, não representavam

certamente qualquer perigo enquanto soldados ou combatentes. Não adiantaria de nada enviá-los para os campos de prisioneiros de guerra. Mas os alemães não queriam viver entre aquilo que consideravam ser uma raça de degenerados doentes, e tinha de haver alguma «solução». A Polónia já então era o território onde planeavam despejar os judeus de toda a Europa. Enquanto os alemães pensavam na melhor forma de organizar uma migração em massa forçada, em Varsóvia mais de 100 000 jovens judeus como Adam foram deixados à solta, temporariamente.

E não era apenas Adam. Józef, Ewa e Ala também eram ativistas determinados que deram por si, subitamente, desempregados e sem nada que fazer. Também eles foram rapidamente atraídos para a rede dessas reuniões políticas secretas. Ao princípio, a natureza clandestina das coisas era empolgante, enquanto sussurravam palavras de código à entrada de apartamentos sombrios ou se juntavam nas salas dos fundos de lojas e em caves. A camaradagem e o otimismo elevaram o espírito de Irena durante outubro de 1939, e, além disso, era bom estar lado a lado com Adam. *A guerra acabará em breve*, diziam as pessoas com confiança. *Talvez, até lá, as coisas sob o domínio alemão não sejam tão más como isso*. Irena tentou manter a esperança, mas as provas em contrário acumulavam-se rapidamente.

Em breve a Gestapo começou a caçar aqueles que considerava problemáticos – e Irena e os amigos eram, sem margem para dúvidas, agitadores. Um ruído súbito no exterior do apartamento fazia uma sala cheia de pessoas saltar em simultâneo. A cadeira de madeira onde Irena se sentava rangia sempre que ela tentava pôr-se confortável durante discursos que nem uma guerra tornava menos aborrecidos, e Adam olhava furtivamente para a porta, ansiando pelos cigarros que tinha no bolso do casaco. Em primeiro lugar na ordem de trabalhos, anunciaram os líderes, estava dar apoio de emergência aos membros do partido e ativistas que tinham sido forçados a esconder-se. Todos tinham passado rapidamente à clandestinidade e, de súbito, os mais necessitados incluíam quase todos os seus antigos professores. O partido precisava de mensageiros secretos para manter o contacto com eles e lhes entregar dinheiro. Era uma missão perigosa e não podiam subestimar os riscos para a sua própria segurança. O coração de Irena bateu mais depressa. Claro que tinha de ajudar! Irena ofereceu-se instantaneamente. Sentiu uma vaga de afeto por Adam quando

o viu sorrir.

Os professores, sensatamente, tinham-se escondido quando Varsóvia caíra nas mãos dos alemães – e não por serem judeus. Varsóvia, em 1939, era uma das cidades mais dinâmicas e diversificadas do mundo. Havia cerca de um milhão de pessoas a viver na cidade nesse ano, e só pouco mais de um terço eram judias. Os restantes residentes eram na sua maioria, mas não exclusivamente, polacos «étnicos». Os alemães, contudo, consideravam os polacos, que pertenciam à raça eslava, inferiores aos arianos e classificaram-nos, a par dos seus vizinhos judeus, como *Untermenschen*, ou «sub-humanos». Embora os cidadãos de Varsóvia não tivessem recebido uma cópia do memorando alemão que ordenava a aniquilação da cultura polaca, o plano não era mistério para ninguém no Partido Socialista ou nas reuniões secretas que Irena frequentava. Para alcançar essa aniquilação cultural, a primeira coisa a fazer era matar os intelectuais do país.

No entanto, a categoria de «intelectuais» era muito abrangente: incluía não só professores mas também médicos, advogados, juízes, jornalistas, escritores, grandes proprietários abastados, industriais, homens de negócio bem-sucedidos, aristocratas, ativistas, engenheiros, comunistas e cientistas do país. Em suma, um «intelectual» era qualquer pessoa com poder cultural. Para incapacitar as classes profissionais polacas, Hitler ordenou que se matassem todas as pessoas influentes, fechassem escolas e universidades e queimassem todas as bibliotecas. Outro dos primeiros memorandos alemães delineava claramente os planos para a seguinte geração polaca: «O único objetivo da educação é ensinar-lhes aritmética simples, nada acima do número 500; a escrever o próprio nome; e a doutrina de que é lei divina obedecer aos alemães. Não creio que saber ler seja desejável.»

A resposta dos ativistas polacos, à esquerda e à direita, foi criar em Varsóvia um mundo que espelhava as novas instituições alemãs, estrutura a estrutura. Os patriotas erigiram todo um Estado polaco clandestino – a única coisa em que polacos de todo o espectro político estavam unidos. Acabaria até por haver tribunais polacos secretos e um «Exército Nacional» secreto; as bases já estavam estabelecidas para uma universidade secreta.

O orientador das teses de Adam e Irena, o Dr. Borowy, juntou-se

imediatamente à universidade clandestina e começou a trabalhar num projeto editorial colaborativo. Ele e alguns dos professores universitários mais preeminentes do país escreveram, num ato ousado de desafio aos alemães, uma análise sociológica dos ocupantes e dos seus crimes, intitulada *Cultura Nazi na Polónia*, que mais tarde foi secretamente passada a editoras na Grã-Bretanha. A Dra. Radlińska, incapacitada mas resoluto, rapidamente se juntou ao Estado clandestino e começou a construir, a partir do seu esconderijo, um programa de aulas universitárias secretas. O mesmo fez o mentor e colega de investigação médica de Ala, o Dr. Hirszfeld, bem como o Dr. Witwicki, o psicólogo polaco orientador da sua amiga, Ewa Rechtman.

Estes eram os que tinham sorte – os que precisavam de apoio. O irmão de Helena Radlińska, Aleksander Rajchman, um eminente professor de Matemática na Universidade de Varsóvia, não foi tão afortunado. Detido e interrogado pela Gestapo, morreu no campo de concentração de Sachsenhausen-Oranienburg, a norte de Berlim, antes de a ocupação ter feito um ano. Não foi o único. Cerca de 50 000 outros membros da elite intelectual – e mais de dois terços dos colegas de Helena Radlińska – acabaram por ser executados ou enviados, como o Dr. Rajchman, para campos de concentração onde viriam a morrer. Em Cracóvia, na Universidade Jaguelónica, a Gestapo prendeu quase 200 professores – todo o corpo docente – na tarde de 6 de novembro de 1939. A maioria morreu pouco depois. Mais tarde, centenas de padres católicos foram capturados, especialmente em Varsóvia; poucos clérigos sobreviveram a esses encontros.

Tratava-se das pessoas que Irena e os amigos conheciam melhor. Eram os seus professores, mentores, compatriotas políticos e contactos profissionais nos serviços sociais e nas universidades. Eram as pessoas que eles admiravam e em quem aspiravam tornar-se. Algumas geriam instituições de solidariedade que trabalhavam de perto com os assistentes sociais da cidade; outras eram colegas diretos de Irena. Depois, a seguir às purgas, começaram as «deslocações» em massa: mais meio milhão de polacos apanhados das ruas e enviados para trabalhar como escravos dos alemães.

A comunidade judaica não foi poupada a uma boa dose desta primeira vaga de ataques. Nos primeiros meses da ocupação, os alemães e os seus

apoiantes polacos de extrema-direita – e eram muitos – partiram montras de lojas de judeus, atacaram nas ruas homens ortodoxos com as suas barbas características e espancaram aleatoriamente judeus até à morte, por diversão e desporto.

Nas urgências do hospital judaico, na linha da frente destas atrocidades, Ala Golab-Grynberg esforçava-se por encontrar algum sentido. Como é que aquilo podia estar a acontecer? Ala, como enfermeira-chefe no corpo de ambulâncias do hospital, participava de uma triagem que parecia interminável. Cuidava dos corpos quebrados dos idosos, cujo único crime fora não serem suficientemente rápidos a cumprir ordens em sotaques alemães que não compreendiam. Por isto, eram arrastados pelos pés, por carroças puxadas por cavalos, pelas pedras da calçada, até os crânios rebentarem. Viu homens cujas barbas tinham sido arrancadas do rosto ou cortadas descuidadamente com facas, e crianças de rua escanzeladas a lutar para sobreviver aos espancamentos das SS. Mantinha o rosto calmo e trabalhava rapidamente. Contudo, por dentro, Ala achava conhecer agora o desespero furioso de um animal encurralado. Às vezes, abria uma janela do hospital, debruçava-se para fora o mais que conseguia e inspirava o ar da rua. Nunca pensou em saltar. Mas, de vez em quando, toda a gente pensava em cair. Em casa, Ala escrevia poemas em pedacinhos de papel e tentava encontrar um sentido na confusão de imagens.

E à sua volta era tudo uma confusão, por mais que Ala e os restantes enfermeiros tentassem impor ordem. As enfermarias antes reluzentes estavam agora apinhadas de pessoas destruídas. Nas paredes onde o fogo de artilharia estilhaçara os vidros, as janelas estavam cobertas com pedaços de madeira e lençóis. Em finais de outubro as enfermarias já estavam geladas de manhã. Os quartos atamancados espelhavam os corpos desfeitos e semi-tratados que os ocupavam, e ao fim de cada turno a cabeça de Ala doía-lhe de horas passadas a cerrar os dentes em fúria. Mas, mais do que qualquer outra coisa, sentia-se preocupada e às vezes assustada: preocupada com aquelas vítimas de brutalidade mas também com a sua própria família. O marido, Arek, deixara Varsóvia na mobilização de agosto. A única notícia que lhe chegara dele era um relato vago de que alguém o vira na frente oriental, em finais de setembro, em mau estado. O irmão, Samuel, e a mulher deste, já estavam em território russo; talvez Arek conseguisse encontrá-los, de alguma maneira? Ala

preocupava-se também com a filha pequena e com o dinheiro.

Todos os judeus subitamente se preocupavam com dinheiro. Os alemães impuseram restrições económicas à comunidade judaica, com o objetivo de garantir que todos os judeus viviam na pobreza. Começou pelo desemprego forçado dos judeus. Os judeus já não podiam ter qualquer cargo estatal ou governamental. Nos serviços sociais da cidade, dezenas dos amigos de Ala e Irena foram sumariamente despedidos, incluindo Ewa Rechtman e um médico simpático que conheciam chamado Henryk Palester. As restrições exigiam que todas as propriedades detidas por judeus fossem registadas, os seus negócios arianizados e as suas contas bancárias congeladas. Adam fervia de indignação. Num café perto do apartamento dele, na Rua Baluckiego, nesse inverno, joelho contra joelho por baixo da mesa, Adam e Irena tiveram longas conversas urgentes sobre o futuro. Talvez tenham pensado em fugir. Tal como Ala e Arek, Irena tinha familiares na Ucrânia. Talvez pudessem construir uma vida juntos noutro lado. Centenas de milhares de judeus – quase um em cada dez na Polónia – cruzaram a fronteira soviética a leste nesse ano. Quem o fazia tinha muito mais probabilidades de sobreviver. Porém, tanto Adam como Irena tinham mães viúvas. A mãe de Irena era frágil; fugir com Janina era impossível. E abandoná-la, também. A mãe de Adam, Leokadia, exasperava-o, e agora falava com mais ressentimento do que nunca da herança que ele abandonara. Discutiam também por causa do fracasso do casamento dele. Mas, embora ansiasse por ser livre da mãe, Adam não podia abandoná-la. Partir estava fora de questão.

No primeiro ano ou dois da ocupação, alguns membros da comunidade judaica de Varsóvia diziam que havia limites para o que podia acontecer. A guerra era difícil, claro. Toda a gente compreendia isso. Aconteciam coisas terríveis – incidentes isolados. Outros na comunidade eram mais desconfiados e cínicos. Mas, na verdade, ao princípio, os alemães visaram os polacos e não os judeus como alvo das purgas sistemáticas. No primeiro ano ou dois da ocupação, foram assassinados em Varsóvia dez polacos por cada residente judeu morto, e era considerado tão mais seguro ser judeu que havia histórias de cristãos que punham a braçadeira com a Estrela de David e adotavam sotaque ídiche durante as rusgas nas ruas. Uma vez que os primeiros éditos sistemáticos antissemitas foram de natureza principalmente financeira, a população judaica deixou-se seduzir

por uma sensação de relativa segurança. E era precisamente essa a intenção.

O que os judeus de Varsóvia não tinham como saber – e o que Adam e Irena nunca imaginaram – era que, numa conferência em Berlim no dia 21 de setembro de 1939, antes mesmo da rendição da cidade, já tinham sido feitos planos para o seu futuro. Reinhard Heydrich, chefe da Gestapo, um homem que até Hitler declarou não ter coração, enviou instruções para os comandantes na Polónia nesse mesmo mês: «Relativamente à conferência de hoje em Berlim», ordenava ele, «chamo novamente a vossa atenção para [...] a solução final.» As engrenagens do Holocausto já estavam em movimento.

OS MUROS DA VERGONHA

Varsóvia, 1941-1942

Atrás de si, Irena conseguia ouvir todos os sons da vida judaica em Varsóvia. Os vendedores ambulantes com os seus pregões em iídiche brincavam uns com os outros e, cheios de bom humor, competiam pela melhor esquina para apregoar a mercadoria. Quando um seguia caminho, as ruas empedradas ecoavam com o barulho das rodas de ferro dos carrinhos de mão. À distância, conseguia ouvir o elétrico que descia a Rua Gęsia e os pios das gaivotas que voavam sobre as margens do rio Vístula. Na porta assinalada com o número 1, hesitou por um momento, inspirando o aroma a especiarias na comida das bancas de rua e o ar frio do final de outono. Depois, tocou a sineta do convento das irmãs ursulinas.

O rosto que recebeu Irena por baixo da touca engomada do hábito não estava ainda marcado pela idade e a jovem freira inquiriu com ar grave qual o motivo da visita. *Venho falar com Pani Rudnicki, por favor, irmã.* A mulher acenou silenciosamente e destrancou com cuidado o trinco da porta pesada. Irena entrou para o vestíbulo sombrio e ouviu o trinco fechar-se de novo atrás de si.

A jovem freira conduziu Irena através do pátio e dos corredores até uma porta sem qualquer adorno. Como era estranho ser levada para ver alguém que não existia! A senhora Rudnicki era uma ficção. Ou, se algum dia existira uma pessoa com esse nome, já não era viva, e na morte emprestara a sua identidade a uma desconhecida desesperada. Rudnicki era o nome falso sob o qual Helena Radlińska trabalhava, do seu esconderijo naquele convento murado. Já havia quem na comunidade judaica tivesse tomado medidas para arranjar documentos de identificação «arianos» falsos.

Com uma pancada discreta, Irena entrou na sala onde a antiga

professora a esperava e, quando a Dra. Radlińska lhe apertou calorosamente a mão, sentiu uma vaga de prazer. Por seu lado, Helena Radlińska admirava a coragem e o espírito desta jovem. Porém, a experiência dizia-lhe que Irena não compreendia completamente os riscos e os perigos. De qualquer maneira, Helena estava-lhe muito grata pela ajuda. Precisava de dinheiro, se queria continuar a abusar da bondade das freiras e ficar ali escondida.

Enquanto bebiam um chá doce com leite, um clássico polaco, a professora contou-lhe a sua história. Gesticulando com a bengala, falou tristemente do bombardeamento do apartamento e da perda de todos os seus manuscritos e da sua biblioteca. Contou-lhe como encontrara refúgio no convento, junto das irmãs católicas. Porém, olhando para as paredes robustas à sua volta, Helena Radlińska não tinha quaisquer ilusões. Sabia que a Gestapo já andava à procura dela. Se o momento chegasse, as irmãs não a podiam salvar. Não importava. Estava decidida a continuar a lutar. Havia muito para discutir e as horas passaram rapidamente. A Dra. Radlińska, ali fechada e ainda em recuperação, queria saber tudo o que estava a acontecer. O que é que Irena andava a fazer? E o que se passava lá fora?

Irena teve de perguntar a si própria o que andava a fazer. O movimento político clandestino já criara um exército secreto, um governo secreto e publicava jornais da resistência. Radlińska e os outros professores, ficou a saber, estavam a formar uma universidade polaca secreta. Uma das salas de aula seria ali mesmo, no convento. Mas o que andavam eles a fazer nos serviços sociais? Irena só podia informar que os judeus estavam proibidos de receber qualquer ajuda do Estado ou de trabalhar em qualquer cargo público, e Irena e a professora sabiam bem quais eram as tristes consequências da pobreza e do desemprego nos segmentos mais vulneráveis dessa população. O trabalho de Irena era fazer entrevistas na comunidade e talvez Radlińska lhe tenha pedido que lhe explicasse o que descobrira. «Havia famílias em que um arenque era partilhado por seis crianças no *sabbat*» disse Irena mais tarde, quando lhe fizeram essa pergunta.

Porque não construir um sistema de serviço social clandestino?, sugeriu Radlińska. Era algo para Irena refletir. Seria um projeto digno. Seria fiel ao seu trabalho e aos seus valores como ativistas. Não se sabe ao certo

quando começou a colaboração entre Irena e a professora, nem o nível exato da orientação de Radlińska. No entanto, os arquivos secretos do tempo da guerra mantidos pelo Exército Nacional clandestino sobre as atividades de Irena documentam a colaboração. Irena Sendler, dizem os documentos, «tem muitos contactos polacos, especialmente à esquerda. Trabalha diretamente com a professora Radlińska da Universidade Livre». Helena Radlińska era uma operacional de topo nesse exército clandestino e, com o tempo, encorajaria vários dos seus antigos alunos a construir redes para a resistência. Viria também a desenvolver o seu próprio programa independente e clandestino de assistência social aos judeus. E os líderes da resistência tinham uma estratégia: criar o máximo de células possível, todas a trabalhar para a proteção do movimento, completamente isoladas umas das outras. Uma dessas células seria gerida por esta mulher pequena e jovem mas muito capaz: Irena Sendler.

Também não se sabe exatamente quando é que Irena e a professora falaram, mas uma coisa é certa: não pode ter sido muito tempo depois da queda de Varsóvia, porque a célula de Irena se desenvolveu rapidamente. As necessidades na cidade eram urgentes. A questão crucial era quem faria parte da célula com ela. Radlińska terá aconselhado Irena a confiar em Irka Schultz. Era outra antiga aluna da professora e chefe de Irena nos escritórios dos serviços sociais.

A Dra. Radlińska também não hesitou em envolver outra colega e amiga, Jadwiga Deneka, mais uma das suas antigas alunas. Jadwiga era uma bonita mulher loira de cabelo muito curto e franja, formada como professora, que trabalhara no inovador orfanato-escola fundado pelo colega da professora, o Dr. Korczak, antes de se mudar para os serviços sociais municipais. Com 28 anos, Jadwiga era um ano mais nova do que Irena, uma mulher alegre e esfuziante, e Irena conhecia-a bem dos seus dias na Universidade Livre da Polónia e das reuniões do Partido Socialista Polaco.

E havia uma terceira antiga aluna da Universidade Livre da Polónia no escritório: Jadwiga Piotrowska, amiga e colega de Irena. Toda a gente tratava Jadwiga pela sua alcunha, Jaga, e tal como Irena ela vinha de uma família com um historial impecável no serviço público. O pai, Marian Ponikiewski, era engenheiro e trabalhava com os serviços sociais da cidade na construção de habitações sociais. A Dra. Radlińska conhecia

Marian e o seu colaborador próximo, o teórico social Roman Piotrowski, e, na verdade, Jaga casara com um membro da família Piotrowski. Ela e Janusz Piotrowski tinham uma filha pequena e uma relação tumultuosa. Jaga estava a meio da casa dos 30, seis ou sete anos mais velha do que Irena. Era baixa e robusta, com olhos escuros, e uma católica fervorosa. Jaga e Irena trabalhavam juntas desde 1934 nos escritórios municipais e Jaga era uma das funcionárias que se ocupavam da colocação de órfãos. Ao contrário das outras, era uma mulher antiquada e profundamente religiosa, mas Irena confiava completamente nela.

Esta confiança em Jaga derivava quase certamente da amizade de Irena com a irmã mais nova dela, Janka. As duas irmãs não podiam ser mais diferentes. Tal como Irena, Janka era um espírito livre. Onde a irmã Jaga era puritana e sincera, Janka era irreverente e irónica. Vivia na Rua Karolkowa, no bairro de Żoliborz, em Varsóvia, com o marido Józef, que aderira ao Exército Nacional clandestino. Janka estaria presente naquela manhã fatídica, ainda a quatro anos de distância, em que a Gestapo apanharia finalmente Irena Sendler. E Janka também teria um papel importante no salvamento da vida de uma amiga mútua: Regina.

*

Nesse primeiro outono da ocupação, poucas semanas depois da chegada dos alemães, Irena abordou as três mulheres. Resistir ao domínio alemão e manter vivo o espírito da independência polaca eram questões de orgulho nacional que tinham o poder de unir até desconhecidos. E tinham sem dúvida o poder de unir espíritos irmãos e quatro das raparigas da Dra. Radlińska.

As amigas e colegas – Irena Sendler, Jaga Piotrowska, Irka Schultz e Jadwiga Deneka – reuniram-se uma noite no apartamento de Irena, no primeiro andar na Rua Ludwiki. Sentadas à pequena mesa da cozinha, entre cigarros, copos de licor e tagarelice animada, as mulheres decidiram fazer algo simples – um ato pequeno mas perigoso de resistência aos novos governantes alemães. Decidiram contornar secretamente as regras e simplesmente alterar a papelada, conforme fosse necessário para continuar a ajudar *todos* os seus utentes, como até então. Era um plano sem qualquer visão grandiosa ou exagerada, apenas uma resposta obstinada a alguns

problemas práticos, e não era nada que já não tivessem feito, ocasionalmente. Irena era uma das quatro conspiradoras, mas também a líder natural do grupo, e a decisão uniria estas amigas na vida e na morte, embora não tivessem como o saber naquele dia. Nem todas sobreviveriam.

Os grandes atos heroicos têm às vezes princípios modestos, e as quatro amigas também não imaginavam que, à medida que o círculo se expandia, criariam uma vasta fraternidade de desconhecidos. Nos meses seguintes, esse círculo de coragem e confiança expandir-se-ia rapidamente – demasiado até, na opinião de algumas pessoas –, enquanto se juntava à fraude um grupo assombroso de amigos e colegas de outros centros sociais e de outras divisões municipais espalhadas pela cidade de Varsóvia. Ao princípio, não faziam mais do que alterar documentos, para enganar os alemães e ajudar os seus utentes. Com o tempo, encorajadas pela Dra. Radlińska e pelos pequenos sucessos diários, tornaram-se uma destemida célula de resistência que incluía, no seu núcleo, mais de uma dúzia de pessoas de dez escritórios e instituições. Na periferia, contavam com a coragem e decência de centenas de pessoas. Porém, a grande maioria das pessoas unidas pela rede estava, de uma ou de outra forma, ligada pelo facto de ter trabalhado com Helena Radlińska nos anos 30.

A célula de resistência de Irena era uma maravilha de eficiência – e quem a conhecia e sabia do segredo não ficou minimamente surpreendido. Irena não era uma simples organizadora. Era uma força da natureza. No espaço de um ano, até ao outono de 1940, a pequena equipa oferecia assistência pública a milhares de judeus em Varsóvia. Esta assistência tinha por base nada mais do que falsificar papéis e requisitar recursos que eram depois furtivamente distribuídos a partir das cozinhas sociais de Irena. O sistema era brilhante na sua simplicidade. «A base para receber assistência social era recolher dados e estatísticas junto das comunidades», explicou ela. «Logo, forjávamos estatísticas e entrevistas – ou seja, fazíamos listas de nomes inventados e, assim, conseguíamos obter dinheiro, alimentos e roupa» que depois distribuía nos centros. Para desencorajar os alemães de contactar com as famílias fictícias, acrescentavam alegremente aos seus *dossiers* notas sinistras sobre doenças mortais e contagiosas, como tifo e cólera. O pequeno escritório de Irena fervilhava de atividade e trocas de olhares. Irena quisera uma aventura, e saber que lutavam contra o opressor, mesmo que fosse perigoso, fazia-a

sentir-se viva.

*

Se o primeiro ano da ocupação fora duro e humilhante para o povo da Polónia – judeus e cristãos –, no segundo ano os ocupantes apertaram mais a corda. No outono de 1940, o controlo alemão em Varsóvia endureceu. À medida que a cultura polaca era forçada a esconder-se, os alemães viraram atenções para a exploração e erradicação dos judeus, a nação-dentro-da-nação. Perante a falta de mão de obra, os alemães apanhavam judeus nas ruas para destacamentos de trabalhos forçados. A população judaica foi sujeita a novas restrições. As sinagogas foram fechadas e a comunidade, obrigada a suportar recolheres obrigatórios muito restritivos. Os judeus não podiam enviar cartas para fora do país, usar telefones ou comboios, caminhar nos parques da cidade nem sentar-se em bancos públicos. Por fim, os judeus – obrigados, em Varsóvia, a usar um distintivo azul e branco com a Estrela de David – viram-se forçados a descer dos passeios para as sarjetas quando um alemão se aproximava deles.

Adam não estava imune a nenhum destes regulamentos humilhantes. Na altura, Irena e Adam eram já amantes e o seu romance secreto também não estava a salvo. Era perigoso para uma jovem polaca de cabelo claro passear de braço dado na Varsóvia ocupada com um judeu – mesmo que ele fosse apenas um amigo. Corriam o risco de ser insultados, talvez até cruelmente espancados. Rufias antissemitas, encorajados pelas regras alemãs que tornavam ilícitos os namoros «inter-raciais», percorriam as ruas da cidade à procura de alvos fáceis – que a braçadeira que Adam era obrigado a usar lhes fornecia.

Algo tão simples como passeios no parque ao fim de semana ou apanhar o elétrico para ir a casa de um amigo do outro lado da cidade eram, de súbito, impossíveis para Adam e Irena. Talvez tenha sido nessa altura que Irena começou a usar ela própria a Estrela de David, às vezes, quando estava com Adam em público. Usava-a em solidariedade, explicou mais tarde, e em finais de 1940, antes de o pior ter começado, isso ainda lhes proporcionava alguma proteção, embora reduzida. Um casal judeu corria o risco de ser alvo de violência aleatória na rua, mas a braçadeira tornava

menos óbvia a sua relação ilícita.

No início de 1941, tudo isso começou a mudar. Em janeiro, jovens rufias polacos, encorajados e, dizem alguns, pagos sub-repticiamente pelos ocupantes alemães, percorriam as ruas de Varsóvia em plena luz do dia, espancando ferozmente qualquer pessoa com a Estrela de David. Em março, a violência degenerou num pogrom declarado. Durante mais de uma semana, no período da Páscoa cristã e judaica, mais de mil bandidos aterrorizaram os bairros judaicos, roubando e espancando qualquer pessoa suficientemente ousada para sair à rua com uma braçadeira. Os ocupantes fecharam os olhos – e o mesmo fez grande parte da população chocada da cidade.

Depois, nas primeiras semanas da primavera, surgiu a notícia de que uma perigosa epidemia de tifo grassava nos bairros residenciais mais pobres – bairros esses que, como seria de esperar, eram judaicos. Correram rumores em Varsóvia de que os alemães planeavam criar uma zona judaica do outro lado do rio, nos subúrbios, para isolar a população afetada. Em abril chegaram as ordens de quarentena para as «áreas infetadas». E no verão, precisamente quando a epidemia começara finalmente a perder força, e sem que os residentes de Varsóvia o soubessem, foi tomada a decisão de fazer algo ainda mais radical, algo que mudaria tudo para os judeus na Polónia. Mudaria também tudo para Irena e Adam.

Em meados de outubro de 1940, surgiram cartazes pela cidade de Varsóvia. Os residentes, ansiosos, apertavam os casacos para se protegerem do vento cortante de outono e reuniam-se em torno dos avisos para os ler. Os altifalantes alemães nas praças emitiam as mesmas ordens terríveis em tom duro. A notícia era chocante e, ao princípio, Irena e Adam não quiseram acreditar. Os residentes de Varsóvia – judeus e polacos – deviam começar a fazer preparativos, diziam as ordens. Os judeus seriam transferidos para uma zona pequena e indesejável da cidade que ficara gravemente danificada durante os bombardeamentos. Esse novo «bairro» viria a tornar-se o gueto de Varsóvia. Uma área de 73 ruas de Varsóvia – pouco mais de quatro por cento da cidade – fora reservada para os judeus, naquela que há muito era considerada uma das zonas mais pobres e degradadas do centro. Quaisquer residentes «arianos» deviam abandonar imediatamente a área judaica isolada e procurar outra residência. Quem

vivia do lado errado da fronteira teria de se mudar, independentemente da religião. Os residentes de Varsóvia tinham apenas duas semanas para tratar da mudança.

O pânico apoderou-se da cidade. As ordens afetavam mais de 250 000 residentes – quase uma em cada quatro pessoas em Varsóvia, tanto judeus como polacos, e não havia qualquer organização ou sistema para orientar a mudança. *Eles que lutem entre si pelas migalhas* era, mais ou menos, a posição dos alemães. O conselho judeu controlado pelos alemães, ou Judenrat, tentou criar um centro que coordenasse as famílias. Com certeza que, se as famílias judias e arianas pudessem simplesmente trocar de casa, com base num cálculo simples do tamanho do apartamento e da família, se poderia evitar muita angústia para todos. Talvez tivesse resultado, se os residentes mais ricos de ambos os lados da fronteira aceitassem. Mas os ricos não aceitaram. As famílias abastadas não estavam, pura e simplesmente, dispostas a viver em apartamentos pequenos e apinhados ou a mudarem-se para uma rua que consideravam «indesejável» – não quando tinham dinheiro suficiente para negociar casas melhores no mercado aberto. Os melhores apartamentos desapareceram num instante, enquanto as famílias de meios se apoderavam deles e assinavam contratos de arrendamento privados a preços cada vez mais fantásticos. À medida que as famílias da classe média entravam em pânico, os preços das rendas dispararam ainda mais e senhorios sem escrúpulos de ambos os lados da fronteira aproveitaram-se dos potenciais inquilinos desesperados. Muitas vezes, as famílias passavam dias freneticamente à procura de sítio para viver, por mais pequeno ou degradado que fosse, e acabavam preteridas em favor de alguém com mais dinheiro no último instante e forçadas a começar tudo de novo no dia seguinte. Aos residentes mais pobres restava lutar por um lugar nos prédios sociais apinhados. Irena e os colegas assistiram ao colapso catastrófico da rede de assistência social de Varsóvia.

Quando se aventurava a sair para a rua, nas últimas duas semanas de outubro, Irena via-se rodeada por multidões de infelizes, com os seus bens em carrinhos de mão e de bebé, que a acotovelavam na pressa de encontrar um lugar que respeitasse as ordens alemãs. Aos portões do gueto, havia filas longas e sinuosas de pessoas à espera de permissão para passar; a ordem era mantida por soldados com armas e vozes duras.

Jovens mães lutavam por transportar à cabeça fardos de colchões e roupas, e até as crianças pequenas arrastavam malas cheias quase a rebentar. As carrinhas e carros eram escassos e, para os judeus, também já estavam proibidos. Os transportes dentro da zona judaica eram na sua maioria assegurados por riquexós, e as famílias angustiadas viam-se obrigadas a deixar para trás muitos dos seus bens maiores e mais preciosos. As trocas eram sem dúvida difíceis, porque os alemães estavam sempre a mudar de ideias em relação às ruas a incluir no novo bairro.

Este melodrama cruel desenrolava-se por todo o lado, nas ruas, à vista de todos, e Irena assistia a ele na primeira fila. E se o seu apartamento tivesse ficado do lado errado da fronteira? Irena sabia que era tudo apenas uma questão de sorte. O gueto começava a leste do seu prédio em Wola. Ter de se mudar com a mãe doente era uma perspetiva aterradora. A saúde de Janina era fonte constante de preocupação. Mas se o apartamento de Irena não ficava longe do novo bairro judaico, o escritório na Rua Zlota era ainda mais perto. A Rua Zlota apanhava parte do novo gueto. Das pequenas janelas no piso de cima, ela e Irka Schultz não conseguiam deixar de ver a tragédia que tinha lugar perante os seus olhos.

Porém, a ligação de Irena ao édito cruel era profundamente pessoal. Ela e a mãe tinham sido poupadas, mas Adam e a mãe dele, Leokadia, não. Estavam apanhados na loucura, juntamente com o resto da família Celnikier: as tias, tios e primos. E Irena só não era obrigada a mudar-se para o gueto com Adam porque eram apenas amantes e não marido e mulher. Se fosse casada com um judeu, seria tratada como judia.

Em 1940, Adam vivia num apartamento no número 18 da Rua Baluckiego, no bairro de Mokotów, no Sul de Varsóvia, bem afastado dos limites do gueto. Adam era judeu e Mokotów era agora um bairro «ariano». Teve de se mudar, tal como dezenas de milhares de pessoas em toda a cidade, e Irena sentia o coração apertado por ele. Adam lidou mal com a perda da casa, mas foi a perda dos seus livros que o arrasou e o deixou balbuciante de incredulidade e fúria. Adam era estudante de doutoramento e historiador, um homem que vivia dentro dos livros e que cada vez se retirava mais para eles, e poucas coisas eram mais importantes para ele do que a sua biblioteca. E era impossível levar tudo consigo para o gueto. Como haveria de os transportar – mesmo que os alemães nos postos de controlo não queimassem os livros dos judeus só pela piada –,

quando os judeus estavam proibidos de usar qualquer meio de transporte exceto os mais rudimentares? Irena disse-lhe que encontrariam uma solução. Adam, furioso, olhou para as pilhas de livros no seu apartamento e ignorou as tentativas dela de o confortar. Sabia perfeitamente que nunca poderia levar tudo consigo e que não havia solução para o gueto.

Não era só Adam que enfrentava a dor de ser desenraizado e desalojado. Todos os amigos judeus de Irena da Universidade Livre da Polónia e dos escritórios dos serviços sociais foram obrigados a mudar-se: Ewa Rechtman; Ala Goląb-Grynberg e a filha pequena, Rami; Rachela Rosenthal e a sua filha; o mentor de Ala, o Dr. Hirszfeld; o amigo de Irena, o advogado Józef Zysman, com a mulher, Theodora, e o seu filho pequeno, Piotr. E, claro, a mulher judia de Adam e todos os familiares dele, incluindo a mãe, Leokadia Celnikier. O papel de Irena neste triângulo amoroso boémio tornara-se subitamente muito mais complicado. A mãe de Adam desaprovava a forma de vida do filho. Mãe e filho nunca tinham tido uma relação fácil e a mudança para o gueto não melhorou as coisas. Embora o nome da mulher de Adam permaneça um segredo de família, os registos do tempo da guerra mostram que alguns membros das famílias Celnikier e Mikelberg passaram a viver na mesma casa. Regina Mikelberg, contudo, não se encontrava entre eles. Regina mudou-se com os pais e os dois irmãos mais novos para um apartamento no setor noroeste do gueto, no número 30 da Rua Franciszkańska. E depois, tal como toda a gente no novo bairro judaico, Regina dedicou-se a tentar perceber a melhor forma de evitar que ela e a família morressem à fome.

*

Do lado ariano, os aspetos práticos da vida eram mais fáceis, mas Irena concentrava-se na mesma pergunta: *Como é que os seus amigos judeus sobreviveriam com as míseras rações fornecidas pelos alemães? E os seus utentes judeus?*

Irena ansiava por atividade e, perante este tipo de desafios, não se conseguia imaginar fechada em casa, entediada, a cuidar de bebés. No trabalho, atirou-se de corpo e alma à busca de soluções e ocupou-se como nunca. A sua pequena rede de colegas começara a falsificar os registos internos do escritório para canalizar apoio estatal para as famílias judias

necessitadas. E agora procurava outra coisa: cópias em branco dos documentos oficiais que por vezes lhes passavam pelas mãos nos serviços sociais – a papelada necessária para dar aos amigos judeus novas identidades arianas.

Com novos documentos «polacos» e alguma coragem, uma família judia podia, afinal de contas, contornar aquelas ordens. Podia, como a Dra. Radlińska, desaparecer algures na grande metrópole de Varsóvia e passar despercebida. O problema era convencer os amigos judeus a correrem esse risco. Adam, pura e simplesmente, recusou-se. Não deixaria o gueto. A sua teimosia deixou Irena louca de preocupação. E magoou-a, também. Adam já estaria certamente descomprometido em 1940, de acordo com a lei judaica ortodoxa. Ou, se não estava, poderia estar. O divórcio na tradição ortodoxa era tão simples como oferecer à mulher um *get* – um compromisso escrito de que a deixava livre para se casar com outro. Era o casamento católico de Irena que constituía o impedimento. Mas a recusa de Adam em escolher incomodava-a. O que é que isso dizia da relação? A verdade é que Adam mergulhara numa profunda depressão e era incapaz de qualquer ação. E o sentimento de culpa era, sem dúvida, parte do seu emaranhado emocional. Como podia salvar-se e abandonar a família alargada?

De qualquer modo, por mais repressivas que as ordens fossem, a maior parte da comunidade judaica acreditava que estaria mais segura no gueto, a viver à parte dos alemães e dos seus vizinhos polacos, muitas vezes antissemitas. Todos garantiam uns aos outros que as mudanças seriam poucas. A maioria das pessoas acreditava que, tal como nos guetos medievais por toda a Europa, os portões só estariam fechados à noite e durante o dia a cidade funcionaria como normalmente. *Continuaremos a encontrar-nos em casa uns dos outros, como sempre, diziam. Afinal de contas, ainda vivemos na mesma cidade.* Se o gueto estivesse aberto, qual era o perigo, na verdade? Mas em outubro começaram as obras de construção de um muro de tijolo de três metros de altura que atravessaria o centro do quarteirão que dividia a Rua Zlota da sua vizinha a norte, Sienna. Ainda existe uma pequena secção do muro em Varsóvia, poucos prédios abaixo do local onde ficava o escritório de Irena durante a guerra, um dos poucos indícios atuais do perímetro do gueto.

*

O novo quarteirão judaico era uma área da cidade originalmente planeada para cerca de 80 000 residentes, e a maior parte das ruas compunha-se de casas para a classe trabalhadora sem as comodidades modernas básicas. Porém, outras zonas, em especial as casas melhores na Rua Sienna, eram bairros burgueses elegantes. Os membros mais abastados da comunidade judaica rapidamente se apoderaram desses apartamentos. Os amigos de Irena, na sua maioria, encontravam-se entre estes. Pertenciam a famílias abastadas e assimiladas que, em alguns casos, não praticavam ativamente o judaísmo há décadas. Alguns, como a Dra. Radlińska e o primo, o Dr. Hirszfeld, eram de origem judaica mas tinham-se convertido ao catolicismo. Essas coisas não significavam nada para os alemães. Outros, como Adam e Józef, consideravam-se simplesmente polacos. Outros ainda, como Ala e o marido, Arek, eram sionistas orgulhosos cujos planos de emigrar para a Palestina tinham sido interrompidos pela política mundial. No entanto, todos eram pessoas cultas, bem-sucedidas, com cursos universitários e carreiras profissionais, e todos falavam fluentemente polaco. Mais importante ainda, tinham uma vasta rede de contactos fora dos círculos judaicos.

Entre os judeus de Varsóvia, os amigos de Irena constituíam uma minoria perigosamente reduzida. Eram os privilegiados. Apenas uma fração da comunidade judaica da cidade se integrara na vida cultural da Polónia, e na sua maioria os judeus eram de facto uma nação dentro de uma nação. Na melhor estimativa, pelas palavras de um sobrevivente da guerra, «em Varsóvia havia alguns milhares de judeus cujas profissões se integravam na sociedade polaca – advogados, médicos, engenheiros, jornalistas, escritores, atores». Todos os amigos de Irena pertenciam a este grupo. O resto da população judaica da cidade – mais de 350 000 pessoas nas vésperas da ocupação – vivia e trabalhava num isolamento chocante dos seus vizinhos «eslavos».

Ao princípio, mesmo no gueto, o dinheiro assegurava uma protecção considerável contra as necessidades e provações. Os amigos de Irena mudaram-se para as melhores zonas e, na sua maioria, tentaram manter o otimismo. Noutras partes do novo bairro, contudo, as condições eram muito menos salutareas e a vida foi difícil desde o primeiro dia. Quem

mantinha as velhas práticas e a velha língua encontrava-se na sua maioria em ruas onde os apartamentos eram exíguos e abafados. Essas famílias não assimiladas eram, normalmente, muito maiores e muito mais pobres, e quem chegara a Varsóvia como refugiado via-se particularmente desesperado. A maioria dessas famílias não falava polaco e não tinha amigos entre os seus vizinhos polacos na cidade. Por cima das lojas, viviam três, quatro, por vezes cinco famílias apinhadas num pequeno apartamento, a partilhar casas de banho comuns e a debater-se por espaço no chão para dormir. Eram as condições ideais para doenças e desastres.

Nesse outono, uma das amigas de Irena recusou terminantemente mudar-se para o gueto. Era uma colega dos serviços sociais chamada Maria e, em 1940, já fazia parte da rede fraudulenta secreta de Irena. Nem Maria, nem o marido, outro colega e amigo, tinham nascido judeus. Ele era o Dr. Henryk Palester, especialista em doenças infecciosas no Ministério da Saúde, e trabalhava de perto com Ala, a amiga de Irena, e com o mentor de Ala, o Dr. Hirszfeld. O casamento de Maria com um homem 30 anos mais velho escandalizara a sua família antiquada, mas não era apenas a diferença de idade entre os dois socialistas idealistas que incomodava os pais dela. Era o facto de Henryk, um cavalheiro de cabelo claro e ralo, com nariz comprido e elegante e óculos pretos quadrados, ter dado, em jovem, o passo invulgar de se converter ao judaísmo. E em 1940 isso significava que a família Palester – Maria, Henryk e os dois filhos, uma na escola preparatória chamada Malgorzata e um rapaz adolescente chamado Kryštof – devia fazer as malas para se mudar para o gueto.

Maria, contudo, tinha outros planos. Embora o marido, Henryk, tivesse sido sumariamente despedido do governo assim que foram impostas as restrições de emprego aos judeus, todos tinham certidões de nascimento católicas e registos de batismo. A menos que os alemães viessem à procura deles, Maria calculou que teriam mais hipóteses do que a maioria de passar a guerra no seu próprio apartamento, sem mudar de nome, simplesmente continuando a viver como polacos católicos. Não estavam a renegar o judaísmo de Henryk, mas também não era a altura ideal para chamar a atenção dos ocupantes para esse facto. Quando a amiga e vizinha judia de Maria – professora e mãe de uma filha pré-adolescente – lhe disse que planeava obedecer às ordens e mudar-se para o gueto, Maria persuadiu-a a arriscar também. Maria Palester já tinha a certeza de que o

gueto era uma armadilha para a comunidade judaica. Algo lhe dizia que significava um perigo terrível.

Maria recusava-se a passar a guerra fechada e escondida em casa. Tratava-se de um jogo de confiança, pensou. A melhor aposta era esconder-se à vista de todos. O medo denunciava os jogadores e Maria era uma jogadora arguta e experiente. Quando percebeu que o grupo com quem costumava jogar *bridge* incluía informadores da Gestapo e até alguns *Volksdeutsche*, alemães étnicos, fez questão de ser encantadora e animada. Maria era uma mulher esguia, com cabelo escuro encaracolado e maçãs do rosto altas, e sabia como se comportar graciosamente. Não fazia mal nenhum ter alguma proteção se fossem descobertos, e toda a gente sabia que um suborno podia resolver qualquer tipo de problema. As ligações de Maria à Gestapo revelar-se-iam uma questão de vida ou morte para Irena, antes do fim da guerra.

Em poucas semanas, ficou claro que a família Palester tinha tomado a decisão certa. O dia 16 de novembro de 1940 calhou a um sábado. As famílias judias, que se dirigiam lentamente para cerimónias de *sabbat* clandestinas em caves e sótãos, ficaram estupefactas ao perceber que, de um dia para o outro, o gueto fora completamente selado. Foi um choque inexplicável, disseram os residentes mais tarde. Ninguém estava à espera disso. Os judeus ficaram proibidos de sair da área fechada, com a desculpa de não espalharem as doenças transmissíveis de que os cartazes racistas colados por toda a cidade os culpavam.

Ao princípio, apesar da presença de soldados alemães, polacos e judeus nos postos de controlo, as barricadas não eram fortemente guardadas. Durante toda a tarde, ao longo de uma semana, o gueto esteve meio aberto. Nesse fim de semana, enquanto as notícias se espalhavam por Varsóvia, os residentes polacos – tanto amigos como desconhecidos – apareceram em grande número junto dos muros, com pão, presentes e flores. Outras pessoas do lado ariano organizaram carregamentos de produtos frescos e criaram apressadamente mercados no gueto, e famílias inteiras procuravam as bancas improvisadas que surgiam em carroças ou mesas de armar, para adquirir comida para a família.

Quando Adam e Irena percorreram juntos as ruas do gueto nessa primeira semana, havia roupa lavada pendurada nos estendais, a esvoaçar ao vento de outono, e caminharam despercebidos entre a maré de gente.

Foi a última vez que puderam caminhar assim, em público, durante anos. Irena amava Adam, mas as coisas já não eram fáceis. O fatalismo e a passividade dele irritavam-na, e às vezes discutiam. Porque é que ele não ia com ela? Podia sair com ela do gueto hoje mesmo. Arranjariam documentos falsos, para ele e para a mãe e a mulher dele também, se era isso que Adam queria. Não era impossível estarem juntos. Mas Adam recusou-se.

Em breve as fronteiras do gueto começaram a ser vigiadas com uma determinação implacável e, à medida que a comida se esgotava, os preços de tudo dentro do gueto dispararam de forma catastrófica. Os carregamentos do mercado foram confiscados e Irena ficou chocada quando soube que as rações oficiais atribuídas aos seus amigos equivaliam a apenas 184 calorias diárias. Cumprir a lei significava morte certa. Os contrabandistas começaram naturalmente a estabelecer operações secretas, recorrendo a crianças de rua, pequenas e ágeis, para treparem os muros do perímetro. Os alemães responderam com arame farpado e vidros partidos em cima dos muros, que continuavam a ser construídos a toda a velocidade, e disparando contra as crianças. Irena ouvia o som dos tijolos a serem assentados. Todos os dias o muro que a separava de Adam crescia mais e mais.

*

Quando as fronteiras do gueto foram traçadas, o hospital judeu na Rua Dworska ficou do lado ariano. Aqueles com a pouca sorte de precisarem de cuidados médicos tinham agora de passar pelos postos de controlo alemães. Os funcionários do hospital eram obrigados a fazer o mesmo, todas as manhãs. Sempre que beijava a pequena filha adormecida de manhã, naquele outono, Ala Goląb-Grynberg sentia uma pontada de dor. Sabia que podia não chegar a casa viva nessa noite. Não fora preciso atravessar muitas vezes a entrada do gueto para compreender essa dura realidade. Porém, como chefe de enfermagem, Ala não tinha alternativa – pelo menos em termos éticos. Juntamente com uma equipa de 75 enfermeiras e médicos, passava duas vezes por dia por aquele terrível corredor da morte.

Ao longo do mês de novembro, o pessoal do hospital reuniu-se todas as

manhãs, pouco antes das sete, na Rua Twarda, à espera do sinal. Ala tentava não pensar como a rua era antes da guerra, uma azáfama alegre de casas de classe média e lojas judaicas. Agora, os residentes caminhavam encolhidos, encostados aos prédios, até onde os postos de controlo lhes permitiam ir, e mais ao fundo da rua os alemães tinham transformado a grandiosa sinagoga num armazém de forragem e estábulo para os cavalos. Ficava contente por ver Ludwik – o Dr. Hirszfeld – encolhido no sobretudo sob o frio cortante da manhã, com os tufos de cabelo branco a espreitar por baixo de um chapéu elegante. Só Ludwik pareceria elegante até no gueto, mesmo depois do que Ala imaginava que teria sido mais um serão no café-cabaré da esquina, onde ele era cliente habitual. Ludwik Hirszfeld era apaixonado por *jazz* e velhas cantigas de amor e a prima glamorosa de Arek, Wiera, era uma das melhores cantoras do gueto.

À medida que o relógio se aproximava das sete em ponto, o pessoal dirigia-se lentamente ao posto de controlo na esquina das ruas Twarda e Zlota. O antigo escritório de Irena não ficava longe e, se Ala esticasse o pescoço, talvez visse a porta à distância. No entanto, depois de uma inspeção alemã aos arquivos ter levantado mais perguntas do que respostas, Irena fora transferida para uma filial bem afastada do gueto. À volta de Ala, polícias descontraídos empurravam bicicletas pelas pedras da calçada, com as armas casualmente presas a tiracolo. Era apenas o princípio de mais um dia de trabalho para eles também, nas esquadras do gueto.

No posto de controlo, um cartaz em alemão e polaco avisava: *Área de Infecção por Tifo, Apenas Passagem Autorizada*. Ao lado de Ala, o Dr. Hirszfeld gemeu baixinho. O mentor dizia muitas vezes que, se queriam começar uma epidemia de tifo, o gueto era uma forma excelente de o fazer. O pessoal hospitalar estava na linha da frente de uma batalha desesperada. Um em cada cinco sucumbiria à doença, por contágio dos pacientes. Mas muito antes de qualquer um deles enfrentar esse risco, havia o perigo imediato à sua frente. Tinham de passar pelas sentinelas, que lhes davam escolta armada até à porta do hospital. Nessa manhã, a sorte não estava do lado deles. Já acontecera antes, e voltaria a acontecer. Mas, sempre que acontecia, ficavam abalados e aterrorizados. Quando entraram na zona ariana e começaram a caminhada em passo rápido em direção ao hospital, Ala viu um pequeno grupo de homens das SS

dirigirem-se a eles. Baixou instantaneamente os olhos. *Não olhes para eles*, disse a si própria silenciosamente. Mas desviar o olhar não fazia qualquer diferença e ouviu a sua própria exclamação abafada quando um dos médicos na frente do grupo foi atingido pela coronha de uma espingarda. Caiu e Ala virou novamente a cara, ao som das botas a atingirem osso enquanto ele gemia no chão. O resto passou num turbilhão confuso. Mais coronhadas. Mais botas, seguidas de gritos de dor e palavras em alemão. Enquanto os residentes polacos a caminho do trabalho olhavam, espantados, os médicos foram alinhados e obrigados a dar saltos, cada vez mais depressa, até caírem, entre as gargalhadas dos SS. Por fim, estes seguiram caminho, à procura de mais diversão.

Em breve, até essas incursões ao exterior do gueto foram proibidas. Ala não podia dizer que lamentasse muito. Em dezembro, o hospital judaico foi fechado e as equipas médicas, destacadas para clínicas mais pequenas espalhadas pelo gueto, com capacidade grandemente reduzida. Não chegavam para responder às necessidades esmagadoras, e as coisas dentro do bairro judaico degradaram-se rapidamente. No final de 1940, o bairro era conhecido como um cemitério para os vivos. Lá fora, Maria e Henryk Palester viviam com o perigo constante de serem apanhados, mas era muito melhor do que a alternativa.

Tudo fazia parte de uma solução final que, por mais vaga que fosse na sua conceção, fora inexoravelmente posta em movimento com a queda de Varsóvia. Na mesma diretiva, o líder das SS, Reinhard Heydrich, recordou aos seus homens em Varsóvia que «o primeiro pré-requisito para o objetivo final é a concentração dos judeus» em áreas urbanas. Só «cidades que sejam entroncamentos ferroviários devem ser selecionadas como pontos de concentração», informou aos seus agentes. Varsóvia era um dos maiores entroncamentos. Assim que a população judaica de Varsóvia foi reunida, começaram a chegar os refugiados enviados de outras cidades. Todas as comunidades judaicas com menos de 500 pessoas foram dissolvidas pelo Governo Geral e os sobreviventes, forçados a mudar-se para as cidades. Por fim, os judeus da Alemanha também seriam deportados para o gueto de Varsóvia, agravando ainda mais as condições de vida. Consequentemente, mais de meio milhão de pessoas foi obrigado a morrer à fome dentro de um bairro murado e guardado.

Adam foi um deles. Regina também.

Ninguém ficou minimamente surpreendido ao saber que, em poucas semanas, com a sua determinação característica, Irena conseguira um passe de controlo epidémico que lhe permitia entrar e sair constantemente do gueto.

O CÍRCULO DE JOVENS

Varsóvia, 1940-1941

Irena tremia, mas fez um esforço por se concentrar. *Rickettsia prowazekii*. Bactéria. *Pediculus humanus humanus*. Infecção de piolhos. A sala escura estava cheia de jovens, todos a escrevinhar com letra miudinha em pequenos pedaços de papel precioso.

Irena trocou um olhar preocupado com a amiga, Ala, do outro lado da sala. Corriam os primeiros meses de 1941 e Ala estava magra como um pau, com os olhos pretos alerta, as roupas largas penduradas no corpo. A filha, Rami, tinha cinco anos, e Irena sabia que Ala vivia com os pais, Moshe e Rachel; com o irmão mais velho, Janek; e com uma menina órfã de dois anos chamada Dahlia – todos encafuados num apartamento no número 4 da Rua Smocza, ao virar da esquina.

Ala era agora a enfermeira-chefe do gueto, uma nomeação oficial feita pelo Judenrat que lhe permitia ter um raro passe para entrar e sair do gueto e o direito de fazer visitas profissionais no quarteirão judaico depois do recolher obrigatório. Estava também à frente do círculo de jovens no número 9 da Rua Smocza, e a organizar em segredo, com o primo da Dra. Radlińska, Ludwik Hirszfeld, cursos de saneamento comunitários e treino médico paramilitar, como o desse dia. Alguns dos jovens judeus começavam a falar em resistência armada. O marido de Ala, Arek, que sobrevivera miraculosamente à frente oriental e conseguira regressar a Varsóvia, foi um desses primeiros ativistas. Arek, contudo, não voltara para o bairro judaico. Vivia nas florestas nos arredores da cidade e juntara-se aos guerrilheiros que aí tinham a sua base. Afinal de contas, as perspectivas de carreira no gueto não eram boas para os atores, e as crianças já estavam a passar fome. Irena via o efeito que tudo isto tinha na

amiga.

O professor, Dr. Landau, sublinhava o que estava a dizer batendo com o giz no quadro negro improvisado. Havia apenas uma vela na sala e ele dava aulas na semiobscuridade. Porém, o médico não queria saber se estavam a aprender em circunstâncias difíceis ou se a aula era perigosa e clandestina. O Dr. Landau mostrava-se um disciplinador rígido e severo. Era firme e inflexível, e havia nele qualquer coisa que fazia lembrar a Irena um sargento ou talvez um general.

O saneamento é a chave para controlar a epidemia que está a ganhar terreno, continuou ele, batendo de vez em quando com o giz no quadro para realçar uma frase. *O tifo multiplicou-se por causa das acomodações apinhadas e do confinamento da população humana. A taxa de mortalidade disparou de menos de mil para vários milhares por mês, e temos de trabalhar em medidas...*

Foi interrompido a meio da frase pelo som de passos pesados do outro lado da porta. Alguém deixou cair o lápis, em pânico. Eram os sons temidos mas familiares das botas nazis e os adolescentes que estudavam naquela sala de aula escura ouviram os gritos horríveis do outro lado da janela, as ordens gritadas para que os judeus se mostrassem. *Raus! Juden raus!* O grito lancinante de uma criança soou algures num prédio próximo. Tiros. Choros.

Num instante, a sala virou-se para o Dr. Landau. Onde podiam esconder-se? O que ia acontecer? Landau tocou de novo no quadro com o giz e fitou-os calmamente, proibindo-os de se mexerem com um olhar, antes de continuar a aula. *A infeção tem lugar quando as fezes da bactéria Rickettsia prowazekii...*

O som de botas afastou-se pela rua abaixo e só então uma das raparigas na sala começou a tremer e a chorar, ofegante, sem conseguir respirar no meio do ataque de histeria. Outros juntaram-se a ela. Irena viu, assombrada, o Dr. Landau dirigir-se a eles em tom feroz: «Será que ainda não perceberam?» Dezenas de olhos viraram-se para o médico. Só Ala parecia calma. Irena admirou a sua compostura. «Todos nós estamos, dia e noite, nas linhas da frente», disse-lhes o médico em tom severo. «Somos as tropas avançadas numa guerra que nunca para. Somos soldados e temos de ser fortes. Aqui ninguém chora!»

E depois, de giz em punho, virou-se para o quadro e retomou o

raciocínio, como se não tivesse havido qualquer interrupção. Uma nuvem de pó branco ficou suspensa no ar por um instante. Ninguém se atreveu a tossir, para que o médico não pensasse que estavam a chorar. Na sala escura ouvia-se apenas o som dos lápis no papel e a voz firme do professor, a explicar.

*

A presença de Irena dentro do gueto – nas ruas ou nestas aulas secretas – não surpreendeu nenhum dos seus velhos amigos da universidade que lá se encontravam fechados. Também não teriam ficado surpreendidos se vissem as colegas dos serviços sociais, Irka Schultz, Jadwiga Deneka e Jaga Piotrowska. Em finais de 1940 e ao longo de 1941, as quatro mulheres entravam e saíam do gueto duas e três vezes por dia.

Nada começara como uma rede ou operação planeada. Como Irena disse, simplesmente: «Eu era uma visita frequente do bairro fechado.» E foi assim desde a sua criação. «O meu trabalho no Departamento de Saneamento e Serviços Sociais do município facilitou-me a obtenção de um passe», explicou. Muitas das famílias às quais dava apoio estavam agora encurraladas dentro dos muros do gueto, e esse era um dos motivos da sua presença. Mas a verdadeira razão era pessoal: «Sabia o sofrimento das pessoas que apodreciam atrás daqueles muros e queria ajudar os meus amigos.» Havia também assuntos do coração, admitiu. Queria estar, em especial, com um dos velhos amigos: Adam. A depressão de Adam transformara-se numa espiral furiosa de raiva e trevas e Irena estava assustada. Era preciso *querer* viver para sobreviver no gueto.

Um médico polaco, Juliusz Majkowski, tornara possíveis os passes para o gueto. Irena conhecia-o desde os seus dias na universidade, do círculo da Dra. Radlińska, e ele já fazia parte da célula de resistência que estava em contacto com a professora. O Dr. Majkowski estava também, de forma muito conveniente, à frente da divisão de Obras Urbanas de Saneamento do município de Varsóvia, responsável por combater a disseminação de doenças epidémicas para além dos muros do gueto, e pela eliminação de materiais infecciosos. Ele adicionou simplesmente as quatro conspiradoras – Irena, Irka, Jadwiga e Jaga – à lista de pessoal médico autorizado ao seu serviço e deu-lhes passes legítimos que lhes permitiam transpor

livremente os postos de controlo. Os alemães morriam de medo de ser infetados pela doença que agora grassava dentro do gueto, por isso deixavam o trabalho de saúde e saneamento para os polacos, que eram mais «dispensáveis».

Nos portões de entrada e saída do gueto, esquadrões de homens das SS com armas ao ombro inspecionavam os documentos de Irena, cobriam-na de perguntas e berravam ordens. Cada vez que passava por eles, tinha de fazer um esforço para acalmar os nervos. Em teoria, nenhuma delas corria grande risco nas suas idas e vindas à tarde, depois de saírem do trabalho nos escritórios dos serviços sociais. Afinal de contas, os documentos eram perfeitamente legítimos, embora o trabalho de saneamento fosse ficção; e, apesar da braçadeira com a Estrela de David que Irena punha sempre, em solidariedade com os amigos, quando percorria as ruas do gueto, na verdade ela não era judia.

O único senão, claro, era o *motivo* pelo qual ela passava várias vezes por dia a fronteira do gueto, entrando e saindo por postos de controlo diferentes, numa rotação cuidadosamente planeada.

Os amigos de Irena estavam a morrer à fome dentro do gueto. Os preços da comida contrabandeada eram astronómicos. Os judeus, contudo, não podiam ter mais do que alguns milhares de *zlotych*. Depois, havia a crueldade crescente dos guardas e captores. Soavam tiros a qualquer hora, embora principalmente à noite, e ecoavam gritos nos edifícios quando a cidade estava silenciosa. «Os abusos – ‘divertimentos’ selvagens e cruéis – são ocorrência diária», noticiavam em tom sombrio os jornais clandestinos de Varsóvia. De manhã, os mortos cobriam as ruas, onde eram empilhados, nus, cobertos com jornais velhos e pedras, porque os trapos que vestiam eram demasiado valiosos para os vivos.

Acima de tudo, os amigos de Irena viam crianças pequenas, esfomeadas, morrerem todos os dias de tifo, uma doença para a qual existia vacina. Havia amigos a morrer também. Um artigo de primeira página do jornal da resistência polaca, *Biuletyn Informacyjny – Boletim de Informação* –, dizia, em 1941, «a densidade populacional [no bairro judaico] é inimaginável. Em média, vivem seis pessoas por cada divisão; às vezes, contudo, chegam a ser vinte [...]. Este ajuntamento crescente resultou em condições de higiene e saneamento indizíveis. Por todo o lado grassam a fome e uma miséria inimaginável». O governador alemão de Varsóvia

vangloriava-se de que a fome era simplesmente a política oficial: «Os judeus morrerão de fome e privação e da questão judaica restará apenas um cemitério.»

Naturalmente, Irena contrabandeava bens. Pouca coisa conseguia levar a cada visita. Assim, a única alternativa era ir muitas vezes. Numas ocasiões levava comida, noutras dinheiro. Por vezes, cometia a extravagância de levar as bonecas artesanais que um dos seus professores da Universidade de Varsóvia, o Dr. Witwicki, passava os dias escondido a esculpir para as crianças do orfanato do gueto gerido pelo Dr. Korczak. Contudo, sempre que conseguia, era frascos de vacinas que entregava em mão a Ala Goląb-Grynberg e a Ewa Rechtman. Inicialmente, o preço de ser apanhado com contrabando era a prisão e, muitas vezes, a deportação para campos de concentração. Nesse inverno, porém, cartazes espalhados por Varsóvia anunciaram que os alemães tinham subido a parada e declarado que o preço por ajudar um judeu – e especialmente por dar comida a um judeu – era a execução sumária.

*

Os amigos de Irena dentro do gueto tinham-se organizado tão depressa como os seus amigos e compatriotas nos serviços municipais. Eram todos jovens idealistas com mentalidade social, com longos laços de amizade e experiências partilhadas, e respondiam às necessidades das pessoas que tinham à sua frente. E essas necessidades eram extraordinárias. Num centro de refugiados, certa manhã, uma criança judia de oito anos enlouqueceu. Os responsáveis levaram o menino em braços enquanto ele gritava: «Quero roubar, quero comer, quero ser alemão!» Todas as tardes, quando ia ver Adam, Irena tinha de passar por cima de cadáveres de crianças.

Do lado ariano, os serviços sociais da cidade davam a Irena acesso a recursos e a um disfarce. Dentro do gueto, a organização que unira os amigos num projeto partilhado era, cada vez mais, uma instituição para órfãos, gerida pelos judeus, chamada CENTOS (Centralne Towarzystwo Opieki nad Sierotami), dirigida por um professor de Psicologia e advogado judeu chamado Adolf Berman. Ewa Rechtman, a colega e amiga de Irena, era uma figura de importância crescente no CENTOS. Parecia

conhecer toda a gente no gueto. Ewa geria o centro de jovens no número 16 da Rua Sienna, numa das partes mais ricas e animadas do bairro judaico, onde ficava o hospital para crianças do gueto e, mais tarde, o orfanato do Dr. Korczak.

No centro de refugiados e nos hospitais, os funcionários travavam uma batalha diária contra a doença e a fome. Mas nem toda a gente no gueto passava dificuldades, principalmente nas zonas mais abastadas. Enquanto quase meio milhão de residentes do gueto iam enfraquecendo, subnutridos, os «aristocratas do gueto» – industriais ricos, muitos líderes do Judenrat, polícias judeus, contrabandistas especuladores, donos de clubes noturnos, prostitutas de luxo, talvez um total de 10 000 pessoas – dançavam entre os cadáveres. Havia 61 cafés e clubes noturnos no gueto, e a «orgia de festas», escreveu o automeado historiador do gueto, Emanuel Ringelblum, «é ilimitada». O complexo da Rua Sienna onde Ewa trabalhava albergava um desses cafés, onde as bandas tocavam e os clientes cantavam.

Contudo, Ala sabia melhor do que a maioria como eram essas festas loucas e esses clubes no gueto. Tal como o marido, Arek, os pais dela eram conhecidos atores e encenadores teatrais judeus. Contudo, o membro da família mais famoso do clã era a sua prima por casamento, Weronika – Wiera – Grynberg, mais conhecida em Varsóvia como a sensual atriz de cabaré com o nome artístico Wiera Gran. A voz *sexy* de Wiera fizera dela uma estrela antes da guerra, e no gueto, em 1941, tornara-se uma atração lendária. Oficiais da Gestapo, a elite do Judenrat e homens das SS reuniam-se no Café Sztuka, no número 2 da Rua Leszno, a poucos metros dos portões do gueto, para ouvir Wiera cantar tristes canções de amor. Os seus duetos com Wladyslaw Szpilman, o músico imortalizado no filme *O Pianista* (baseado nas memórias de Szpilman), de Roman Polanski, atraíam grandes multidões, incluindo visitas quase diárias do mentor de Ala, o Dr. Hirsfeld, e do velho amigo de Irena, Józef Zysman, ambos frequentadores regulares do Café Sztuka. Uma vez que o café ficava muito perto da ala principal do Hospital Czyste, que funcionava no número 1 da Rua Leszno, muitos dos médicos e enfermeiras frequentavam-no depois do trabalho, e o entretenimento e o trabalho social estavam por vezes interligados. O entretenimento montado para os ricos do gueto era um dos principais meios de angariar fundos para caridade dentro dos muros. Os

adolescentes do centro de jovens de Ala encenavam peças para os residentes abastados e doavam os lucros da venda de bilhetes para a compra de comida e medicamentos no mercado negro para as crianças. Quando o orfanato do Dr. Korczak precisou de uma angariação de fundos, Ala persuadiu a célebre prima do marido a cantar numa gala de beneficência e, como sempre, Wiera atraiu uma multidão enorme com o seu talento sedutor.

Vem comigo, disse Ala a Irena, sorridente. *Passa a noite no gueto para veres o que acontece no Café Sztuka*. Como podia Irena resistir? Pelo menos duas vezes, aceitou o convite ousado da amiga para se juntar a eles. E foi realmente ao Café Sztuka. Era proibido, claro, e teria sido fuzilada se a descobrissem. Mas Irena já arriscava a vida várias vezes por dia. Arriscá-la mais uma vez para passar a noite com os amigos – e com Adam – não parecia fazer grande diferença. Em 1941, os atos impulsivos de coragem ainda lhe traziam uma sensação elétrica e enérgica. O perigo pessoal ainda parecia remoto e abstrato a Irena.

Na escuridão fumarenta do café, Wiera cantava. Era bom ver que até Adam sorria. Adam não sorria muito no gueto, embora uma boa parte das trevas que carregava se tivesse dissipado depois de começar a dar aulas num dos centros de jovens. Nos seus escritórios privados no número 24 da Rua Elektoralna, Adam alimentava as crianças de rua famintas. Juntara-se também à resistência judaica e distribuía secretamente publicações clandestinas num prédio próximo. Tanto Adam como Ewa davam noites sem dormir a Irena. Ambos tinham lutado contra o desespero. Mas Adam já não dizia com tanta frequência que a vida no gueto não valia a pena, e Irena reparou que ele tinha mais cuidado. E Ewa também estava melhor, agora que recomeçara a trabalhar. Foi o trabalho que os salvou a ambos – as aulas e o trabalho com as crianças.

Naquela noite, enquanto absorvia a cena à sua volta no clube noturno, Irena ficou estupefacta. Ali, os empregados de mesa serviam champanhe nos copos erguidos pelos clientes. Seria possível que houvesse champanhe a circular no gueto? Irena só acreditou depois do primeiro gole. Por todo o lado havia um turbilhão de animação, mulheres alegres, com elegantes vestidos anteriores à guerra, passavam entre as pequenas mesas, e alguém colocou à frente dela aperitivos de salmão, entre o tilintar de risos embriagados. Algures na multidão pareceu-lhe ver outro dos seus velhos

amigos, o ator judeu Jonas Turkow, cuja talentosa mulher, Diana Blumenfeld, era outra das atrações regulares do café. Esticou o pescoço para ver se era mesmo ele, mas depois desistiu e limitou-se a ouvir. Enquanto Wiera cantava canções antigas e sentimentais sobre amor e saudade, Irena só conseguiu olhar para ela, assombrada, como se tudo aquilo fosse um sonho ou um pesadelo. *Está toda a gente a chorar*, pensou. *Toda a gente*. Mas choravam pelas razões erradas. Quando saíram, os cabides no vestíbulo estavam cheios de casacos de peles. Lá fora, no degrau à sua frente, havia crianças meio congeladas a morrer de fome. Quando a sua mão tocou na de Adam, ele apertou-a com força. Entre eles, não eram necessárias palavras.

Parte da atração de Wiera era a sua voz poderosa, mas também não fazia mal nenhum que fosse bonita. Contudo, por baixo daquele exterior sedoso, Irena via apenas uma mulher dura e cruel. Wiera Grynberg era uma das sobreviventes mais determinadas do gueto. Os amigos de Irena na resistência tinham ouvido rumores sobre a traição da cantora. Wiera não cantava apenas no gueto. Era também a atração principal no Café Mocha na Rua Marszalkowska, no lado ariano, onde entretinha alemães entusiásticos. No entanto, era mais do que simpática para a Gestapo. Constava que Wiera fazia parte de um grupo de judeus que colaboravam ativamente com os alemães para privar os vizinhos de recursos cada vez mais escassos, e mais para a frente essas traições viriam a custar a vida a um dos amigos do círculo de Irena.

*

O deboche descuidado podia ser a ordem da noite nos cafés das ruas Sienna e Leszno, mas durante o dia Irena suspirava de alívio e gratidão pelos adolescentes dos círculos de jovens, cujo espírito de justiça e retidão era simplesmente uma inspiração. Um dia, nesse inverno, Irena chegou ofegante ao escritório de Ewa. Tinha as faces coradas por causa do vento cortante, num inverno que ficou para a história por ser particularmente frio. No gueto, um sobretudo era uma bênção. Irena cumprimentou Ewa com um grande sorriso e despiu o casaco. Apressou-se a mostrar a Ewa o seu tesouro e Ewa riu-se quando percebeu o que ela fizera. Nessa tarde, tinha passado pelo posto de controlo com três doses de vacina do tifo. Às

vezes, trazia-as num saco com um fundo falso. Outras vezes, como hoje, enfiava-as num *soutien* almofadado com pequenas bolsas. A maioria das mulheres tinha um desses *soutiens*. Dizia-se por piada, na Varsóvia do tempo da guerra, que os seios das mulheres tinham crescido drasticamente por toda a cidade desde a chegada dos alemães.

Ewa bateu palmas, contente, convocou uma reunião de grupo espontânea e ergueu as três preciosas doses. Agora, contudo, enfrentavam um grande dilema moral. *Quem deve ser vacinado?*, perguntou Ewa ao grupo de jovens, cerca de uma dúzia, na sua maioria adolescentes e crianças. Era uma decisão de vida ou morte para os jovens, apesar da camaradagem e solidariedade que se viviam no centro, mas Ewa deixou que fossem eles a tomar a decisão. Com muita calma, apresentaram os seus argumentos e decidiram rapidamente. As doses, concordaram os jovens, deviam ir para os dois rapazes cujos pais tinham morrido e que estavam a sustentar sozinhos os irmãos mais novos, e para a rapariga do círculo de jovens que trabalhava mais arduamente. Trabalhar arduamente no CENTOS significava ficar acordada pela noite dentro com os bebês doentes com tifo. Era uma tarefa perigosa.

*

Todos os dias, no gueto, Irena via Ewa, Ala e Adam. E havia outros dois amigos do círculo da Dra. Radlińska que faziam parte dessa camaradagem do gueto: Rachela Rosenthal e Józef Zysman. Esses cinco colegas de escola e assistentes sociais, bem como o seu antigo professor Korczak, eram o núcleo do círculo judaico de Irena.

Rachela trabalhava na Rua Pawia, apenas um quarteirão a sul de Ala, e Irena nunca ia visitar uma sem passar para cumprimentar a outra. Rachela orientava outro círculo de jovens e o seu grupo era um dos maiores e mais animados do gueto. Viviam mais de 25 000 pessoas na Rua Pawia; era uma zona tradicionalmente judaica, já antes da ocupação. Rachela trabalhava com várias dezenas de jovens voluntários que forneciam serviços sociais improvisados. O encanto carismático de Rachela e o seu sentido de humor irrepreensível – mesmo no gueto – constituíam parte do motivo pelo qual a sua associação era especialmente popular. A família dela vivia num dos grandes prédios da zona e cobria-a de amor, e Rachela

acreditava firmemente no poder do riso das crianças. Era mãe de uma menina mais ou menos da mesma idade de Rami, a filha de Ala, e organizava grupos de brincadeiras e diversão improvisada para as crianças mais pequenas do gueto. No entanto, a rua onde trabalhava era uma das mais tristes. A Rua Pawia deu nome à prisão da Gestapo localizada numa das esquinas: Pawiak, uma autêntica casa de horrores.

Józef estava à frente da associação de jovens da Rua Ogrodowa, o «centro» do gueto, muito perto do quartel-general das odiadas forças policiais judaicas, e Irena também levava bens contrabandeados ao seu velho camarada do tempo dos serviços sociais. Józef fora um advogado bem-sucedido antes da ocupação alemã e, por mais do que uma vez, Irena esperara com ele nos corredores do tribunal, encostados aos corrimãos das escadas, a dizer piadas. Józef defendia pessoas ilegalmente despejadas de suas casas por senhorios sem escrúpulos, e Irena era uma das suas testemunhas preferidas nos serviços sociais. Ela adorava poder ajudar a corrigir uma injustiça e conseguia ser muito persuasiva, dizia Józef aos outros advogados com uma gargalhada. Entre as audiências com os juízes, Józef falava-lhe sobre os melhores clubes noturnos em Varsóvia, como se ela fosse o tipo de rapariga a quem isso interessava.

Os advogados do gueto deixavam Józef revoltado. Muitos membros da polícia do gueto eram antigos advogados e até juízes que se tinham dedicado à aplicação da lei com um zelo nascido do interesse próprio e do oportunismo financeiro. Havia elementos na polícia judaica, que respondia perante a Gestapo, notoriamente corruptos e brutais. Os agentes patrulhavam os muros do gueto, recrutavam residentes para preencher as quotas de trabalho escravo dos alemães e, muitas vezes, enchiam os bolsos como bandidos, extorquindo aos outros residentes judeus subornos e resgates exorbitantes.

Assim, Józef fazia o que podia para conter esse poder crescente. Com Adam e Arek, dedicou as suas energias ao movimento de resistência judaico que ia lentamente ganhando forma. Com um pequeno grupo de amigos de opiniões semelhantes, Józef juntou-se a uma imprensa socialista clandestina que fazia circular jornais e panfletos incentivando os cidadãos a agir, dentro e fora do gueto.

A célula secreta de Józef reunia-se semanalmente num barracão de jardinagem na Rua Leszno, atrás da antiga reitoria da Igreja de Santa

Maria. O terreno da igreja católica fora dividido ao meio pelo muro do gueto e havia passagens secretas que levavam de um lado ao outro. Ao fundo do grande jardim, sentados em vasos virados ao contrário, girando entre os dedos cigarros que não podiam acender por medo de serem detetados, os conspiradores planeavam pontos de distribuição e debatiam os aspetos mais subtis de como distribuir os papéis sem serem apanhados pelos alemães. Entre eles, na maior parte das vezes, estava uma polaca pequena e destemida – uma mulher que, desconfiavam aqueles que a conheciam melhor, tinha um dedo em tudo o que de bom acontecia no gueto. Józef sentia o coração leve por ter a sua velha amiga Irena Sendler sentada com eles ali nas sombras.

UMA CHAMADA PARA O DR. KORCZAK

Varsóvia, janeiro de 1942

No inverno de 1941-42 – início do segundo ano no gueto – Irena planeava em segredo outro projeto ainda mais arrojado.

Nesse inverno, as mulheres dos serviços sociais do lado ariano reuniram-se no apartamento de Irena, à volta da mesa da cozinha, falando sempre em voz baixa enquanto a mãe dela dormitava no quarto. O estado de espírito não era tão animado como antes. Já tinham visto o suficiente para saberem o que aconteceria se fossem descobertas. A Gestapo levava a cabo purgas nos gabinetes dos serviços sociais e um supervisor fora deportado para um campo de concentração a leste, chamado Auschwitz. As suas conversas noturnas urgentes tinham cada vez mais a ver com o aumento das medidas de segurança. À medida que a rede se expandia, fora daquela casa todas tinham nomes de código. Jadwiga Deneka escolheu o nome «Kasia». Irena escolheu «Jolanta». Os riscos de deteção aumentavam sempre que alguém entrava no círculo e, entretanto, havia mais de uma dúzia de colaboradores. Ali, no refúgio da cozinha de Irena, as velhas amigas e conspiradoras podiam, pelo menos, ser francas e honestas. Mas isso não significa que não houvesse tensões.

O grupo nuclear do lado ariano ainda era composto pelo mesmo pequeno círculo de raparigas da Dra. Radlińska, todas elas contrabandistas agora: Irena Sendler, Irka Schultz, Jadwiga Deneka, Jaga Piotrowska e a irmã, Janka Grabowska. Forjar formulários de requisição e transportar medicamentos e comida para dentro do gueto já era perigoso, mas as mulheres planeavam um novo tipo de ação clandestina – uma ação em que os riscos eram ainda mais elevados. O problema era que seriam precisas mais de seis pessoas. Tinham de trazer mais elementos para a rede. Era

preciso decidir em quem podiam confiar. Tinham de tomar uma decisão, especialmente em relação a Jan Dobraczyński.

E, no que tocava a Jan, havia uma discórdia a fermentar.

*

Jan Dobraczyński era administrador num dos escritórios do departamento de serviços sociais de Varsóvia, e os seus antecedentes familiares deviam fazer dele um parceiro fundamental. O pai, Walery, fora um dos pioneiros do movimento dos serviços sociais de Varsóvia, a par da Dra. Radlińska e de outros professores da Universidade Livre da Polónia. Na verdade, o pai de Jan fora diretor dos programas de assistência social da cidade até à sua reforma em 1932, e, depois de 40 anos no cargo, Walery ainda conhecia toda a gente no setor.

Contudo, constava que o filho era diferente. Jan seguira os passos do pai e entrara para os serviços sociais um ano depois de o pai se reformar, mas as suas verdadeiras paixões eram a escrita e a religião. Jan não fazia parte de nenhum círculo de esquerda e não era decididamente adepto do socialismo. Ao contrário das conspiradoras, não tinha qualquer relação com Radlińska. Jan era poucos meses mais novo do que Irena, mas já agia como um homem de meia-idade: era antiquado, orgulhoso dos seus valores tradicionais e um católico devoto. Contudo, o que mais incomodava Irena eram as ideias políticas repugnantes de Jan. Jan era, há anos, membro ativo do partido ultranacionalista de extrema-direita – o partido por trás do odioso «gueto de bancos».

Isto significava que Jan era antissemita. Acreditava na Polónia para os polacos – e, na sua mente, os polacos eram, por definição, católicos. No que dizia respeito à «questão judaica», Jan gostava de se considerar uma pessoa justa. Mas a verdade era que não tinha problemas em dizer que qualquer pessoa compreendia que essa gente *devia* ter algumas restrições. Os judeus tinham demasiado poder. Controlavam setores inteiros da economia, excluindo assim os polacos, e na opinião de Jan era inevitável que isso causasse conflitos, mais cedo ou mais tarde. O que é que os judeus esperavam?

Embora Jan também fosse secretamente ativo em movimentos de resistência – porque só a resistência conseguiu unir a esquerda e a direita

na Polónia no tempo da guerra –, os seus supervisores alemães consideravam-no cooperativo e digno de confiança. Depois das primeiras purgas, Jan foi promovido a diretor da Unidade de Cuidados e Proteção a Adultos e Crianças, que supervisionava mais de uma dúzia de instituições e vários milhares de utentes dos serviços sociais. E era esse o problema. Jan estava em posição de as ajudar, insistia Jaga. O trabalho de Jaga punha-a regularmente em contacto com ele e tinham de pensar nas possibilidades. Irena assentiu. Era verdade. A posição de Jan oferecia uma vantagem.

Contudo, as suas ideias políticas falavam contra ele. Irena não tinha a certeza de lhe poderem confiar ainda mais segredos. Jan sabia que elas manipulavam documentos para contornar os regulamentos alemães. Até as ajudava a encobrir o rasto – não porque quisesse ajudar famílias de judeus, mas por se tratar de um ato de resistência. Mas Irena e a sua célula precisavam que Jan fizesse mais do que fechar os olhos. E a questão era: estaria Jan Dobraczyński realmente disposto a arriscar a vida para ajudar judeus? Para Irena, era difícil conter um pequeno esgar de desagrado sempre que pensava em Jan Dobraczyński. No entanto, também reparou no rubor súbito que invadia o rosto de Jaga quando esta defendia Jan das acusações ao seu carácter. Irena estudou atentamente a amiga. Estaria Jaga apaixonada por Jan? Apercebeu-se de que a química era óbvia. Irena, descrita pela própria família como «uma agnóstica com uma vida amorosa turbulenta», uma mulher casada apaixonada por um homem casado, tinha uma visão descontraída destas coisas. Mas Jan Dobraczyński?

*

Durante semanas, Irena debateu consigo própria a questão de Jan. Não confiava nele. Mas confiava em Jaga, e a defesa apaixonada da amiga significava alguma coisa. De qualquer modo, não queria discutir. Em janeiro, a situação chegou a um ponto de crise.

Uma manhã, o chefe da polícia alemã ligou a Jan com ordens tipicamente autoritárias. O chefe queria que reunissem as crianças de rua do lado ariano da cidade. Ou as divisões dos serviços sociais tiravam permanentemente aqueles vadios da rua, ou a polícia trataria de exterminar as pequenas pestes. O tifo estava a dizimar o gueto e era

apenas uma questão de tempo até a epidemia se espalhar para além do bairro fechado. Estes pedintes carregados de piolhos eram possíveis portadores. A doença já estava a matar bastantes alemães. Desparasitar as crianças e tirá-las das ruas de uma vez por todas: eram essas as ordens do chefe. Caso contrário, seriam os alemães a tratar disso. E Jan não gostava de pensar em como os nazis lidariam com a questão.

O plano de Jan era supervisionar a colocação dos órfãos polacos e das crianças de rua polacas em instituições locais. O seu departamento faria entrevistas de admissão e, mais importante ainda, inspecionaria certidões de nascimento e de batismo para registar o historial familiar. As crianças com a papelada certa seriam enviadas para lugares seguros espalhados pela cidade. As crianças judias não tinham nada que estar fora do gueto e não eram elegíveis para esses serviços.

Contudo, a tarefa concreta de localizar e cuidar das crianças de Varsóvia cabia aos assistentes sociais no terreno – e, especialmente, a mulheres jovens como Jaga Piotrowska e Jadwiga Deneka. Jan, na verdade, passava boa parte do dia longe dos escritórios dos serviços sociais, a trabalhar subrepticiamente para a resistência polaca. Oficialmente, os alemães insistiam em que ele trabalhasse muitas horas. «Querem que fique enfiado num escritório dez horas por dia, por um salário ridículo», queixava-se ele. Porém, Jan rapidamente arranjou forma de contornar esse problema. «Claro que não estava lá sentado dez horas: tentava estar no escritório ao início e ao fim do dia.» E os alemães nunca repararam naquilo que ele fazia entre uma hora e outra.

Jan delegou a tarefa nos serviços sociais no terreno e Jaga rapidamente passou a palavra a Irena e às outras. Juntas, varreram a cidade e reuniram todas as crianças pedintes. Os meninos de rua foram levados em camiões para um dos abrigos da cidade e o plano das mulheres era limpá-los, levá-los ao médico e despachá-los – com a aprovação de Jan, o diretor de colocação de órfãos – para um dos lares de acolhimento com os quais tinham contactos regulares no seu trabalho.

As ruas de Varsóvia estavam cheias de crianças esfomeadas. A privação não se limitava ao gueto. Órfãos e fome faziam parte da triste realidade da guerra. Desde o início da ocupação, o número de crianças órfãs ou abandonadas que entravam nas instituições da cidade tinha duplicado. Enquanto, antes, costumavam mandar 600 crianças por ano para o Lar do

Padre Boduen, uma das instituições de solidariedade da Igreja com que Jaga trabalhava mais de perto, o número ultrapassava agora as 1200. E nem todas as 600 crianças a mais eram, rigorosamente falando, católicas.

Havia, digamos assim, «irregularidades» periódicas – alturas em que os documentos podiam tornar-se um pouco imaginativos. Falsificar os arquivos dos serviços sociais para facultar auxílio às famílias judias pobres, o plano original de Irena e das colegas, tornou-se substancialmente mais difícil depois de as famílias estarem fechadas no gueto, e qualquer ajuda tinha de ser passada às escondidas pelos postos de controlo. A equipa de conspiradoras de Irena procurava novas formas de arranjar os documentos necessários para «completar» esses arquivos falsos e poder ajudar os judeus suficientemente corajosos para arriscarem a vida do lado ariano, criando-lhes uma identidade «polaca». Isto significava, basicamente, localizar certidões de nascimento em branco ou forjadas, e havia várias abordagens inventivas. Um dos métodos mais simples era também o mais triste. Quando uma criança cristã morria num dos orfanatos, o essencial era garantir que a morte nunca fosse registada. O nome e o número de registo eram então aproveitados para dar uma nova identidade e colocação a uma criança judia.

Para estas trocas macabras, era preciso paciência e sentido de oportunidade. Naquela tarde de inverno, dezenas de crianças escanzeladas enchiam a sala, meninos e meninas apanhados na recolha de pedintes. Em tempo de guerra, as crianças não se riam alto, especialmente estas crianças. Também havia órfãos sem abrigo a viver e a morrer nas ruas do lado ariano de Varsóvia, e esses eram os sobreviventes.

Irena passou entre eles, tranquilizando-os com a sua voz calma. Podia ser pequena e delicada, pouco maior do que alguns dos rapazes, mas também era uma maravilha de organização. As mulheres tinham um sistema montado: uma a uma, as jovens cortavam o cabelo às crianças, recolhiam as roupas delas e mandavam-nas para uma boa barrela com sabão de lixívia. O cheiro do sabão cáustico ardia nos olhos e a sala era terrivelmente fria, mas as crianças permaneciam estranhamente silenciosas.

Jaga e Irena sabiam que encontrariam entre aquelas crianças rapazes cujos corpos nus e trémulos traíriam o seu perigoso segredo. A circuncisão era uma sentença de morte. Chantagistas e bandidos paravam na rua

qualquer homem ou rapaz que suspeitassem poder ser judeu e ordenavam-lhe que mostrasse o pênis, muitas vezes com consequências sádicas. Naturalmente que haveria crianças judias naquela recolha de órfãos das ruas. As crianças mais desesperadas do gueto arriscavam a vida para passar o muro, na esperança de conseguirem pedir ou roubar o suficiente para se alimentarem, a si próprias e muitas vezes às famílias. Do que as mulheres não estavam à espera era que quase metade das dezenas de crianças do dia fossem judias. O rosto fechado de Jaga dizia tudo: isto era um desastre.

As crianças foram chegando ao longo de todo o dia, camião após camião, e quando a polícia alemã apareceu inesperadamente para «supervisionar» os banhos e desparasitações dos primeiros a chegar, Irena e Jaga trocaram olhares aflitos. Jaga apontou para a porta dos fundos e alisou o vestido para ir receber calmamente os alemães. Irena assentiu rapidamente com um aceno. Dois meninos circuncidados rapidamente desapareceram pela entrada de serviço. Jaga atrasou os alemães com sorrisos e protestos de devoção. *Leva-os para casa dos meus pais*, murmurou em tom urgente antes de se virar. *Tens a certeza?* Jaga encolheu os ombros. Era um gesto que significava: *Que alternativa temos?*

As duas crianças assustadas, sem família que cuidasse delas, passariam essa noite numa casa na Rua Lekarska, onde Jaga vivia com os pais, Marian e Celina; a irmã, Wanda; o marido, Janusz; e a sua filha pequena, Hana. Era um risco extraordinário. A casa de Jaga – próxima do hospital de guerra alemão e dos alojamentos médicos dos *Volksdeutsche* – ficava numa rua percorrida dia e noite por sentinelas.

Contudo, não podiam levar todas as crianças para casa. Nenhuma delas podia correr tal risco. Quando os camiões pararam de chegar, nessa tarde, a contagem final incluía 32 crianças inegavelmente judias. O que haviam de fazer com elas? Não podiam entregá-las aos alemães. Deveriam dizer a verdade a Jan? *Chegámos a isto*, pensou Irena amargamente. Jaga parecia convencida de que Jan tinha bom coração, mas Irena continuava hesitante. Sabia que a amiga não compreendia as suspeitas dela.

Porém, não havia alternativa. Teriam de encontrar sítios seguros para aquelas crianças desaparecerem e isso dependia da ajuda de Jan, como diretor de secção. Não podiam fazer desaparecer 32 crianças pela porta de

serviço numa cidade ocupada. Arranjar dezenas de *Kennkarte* forjadas – os importantes cartões de identificação fornecidos pelos alemães – de um momento para o outro era impossível. Se queriam salvar as crianças, teriam de o fazer sem documentos oficiais, e isso significava que precisavam do silêncio e da cooperação de Jan. Não havia volta a dar. Tinham de lhe dizer, e decidiram que seria Jaga a falar com ele.

Jan ficou atormentado quando percebeu o que Jaga pretendia. Não havia nada que quisesse mais do que agradar a Jaga. Também compreendia claramente o que aconteceria se os alemães viessem buscar as crianças. Não precisava que Irena lho explicasse, pensou, aborrecido. A punição por sair do gueto era a execução, e aquelas crianças tinham sido encontradas do lado ariano da cidade. Sim, ele sabia disso. Mas a punição para qualquer gentio que as ajudasse também era a execução. E, na opinião dele, tratava-se de uma operação bastante insensata.

No fim, coube a Jan a decisão final. Fora ele que recebera as ordens do chefe da polícia. O chefe pedir-lhe-ia um relatório. Se fosse só uma ou duas crianças, pensou Jan, seria diferente. Talvez arriscasse nesse caso. Mas eram muitas. Com certeza que as mulheres percebiam isso. Implorou a Jaga que compreendesse. Não estava pura e simplesmente disposto a autorizar 32 transferências condenadas para orfanatos, quando os alemães o consideravam responsável pela operação. Não estava disposto a pedir aos diretores dos orfanatos – velhos amigos do seu pai e da sua família – que aceitassem tantas crianças sem documentos arianos.

Quando fez o telefonema, disse a verdade ao supervisor alemão. Sim, *havia* crianças judias. Dezenas delas. Quando voltou a pousar o auscultador, as mãos tremiam-lhe, com boa razão. O alemão era um filho da mãe. Mesmo em comparação com os outros alemães, era um filho da mãe. Era bem possível que mesmo assim aparecesse e matasse as crianças todas no meio da rua, só porque sim. Mas Jan fizera o melhor que podia. Em teoria, tinham chegado a um acordo. E não lhe saíra barato. Jan manteve esse lado do negócio em segredo, mas nada era de graça com os alemães. Jan dispunha de 24 horas. Teria de puxar alguns cordelinhos e de ligar ao velho médico. Já sabia que Irena ficaria furiosa. Tinham de levar as crianças, às escondidas, para *dentro* do gueto.

O pai de Jan era amigo do «velho médico», o Dr. Janusz Korczak, lendário educador e ativista dos direitos das crianças da Polónia e atual diretor do sobrelotado orfanato do gueto, instalado ao lado do círculo de jovens de Ewa Rechtman. Ewa não era a única no seu círculo com um fraquinho pelo bondoso médico. Todas as raparigas da Dra. Radlińska admiravam o médico, desde os dias na Universidade Livre da Polónia, onde Korczak também dava aulas. Jadwiga Deneka fizera um estágio numa das suas escolas inovadoras antes da guerra e considerava-o um mentor muito estimado. Ala Gołab-Grynberg puxava cordelinhos familiares e até tolerava a prima Wiera para angariar dinheiro para as crianças dele. E Irena adorava o médico e as crianças que a rodeavam, entusiasmadas, quando, nas suas visitas diárias ao gueto, lhes dava pequenos presentes: doces ou as excêntricas bonecas judaicas que o Dr. Witwicki lhes esculpia, seguindo os pedidos elaborados das crianças. O Dr. Korczak não era um estranho para nenhuma delas. Mas, para Irena, isso não tornava melhor aquilo que aconteceu.

No inverno de 1941-42, não era absolutamente necessário entrar no gueto para fazer chegar uma mensagem ao médico. Os telefones, dentro e fora do gueto, ainda funcionavam em alguns sítios – um descuido espantoso mas feliz que permitiu levar a cabo algumas arrojadas missões de salvamento. Só restava a Jan esperar que o médico o ajudasse. Precisava de um sítio para onde mandar as crianças. «O meu pai telefonou-lhe, a meu pedido», disse Jan. Se Jan conseguisse fazer as crianças passarem pelos muros sem que os guardas as fuzilassem, o doutor aceitaria recolher os órfãos? O Dr. Korczak acedeu. O gueto também não era um sítio de alternativas.

Tiveram poucas horas para planear a perigosa operação. Nessa semana, havia uma brecha no muro, na zona de Muranów, a menos que os alemães já a tivessem fechado. Mesmo que assim fosse, não havia problema; encontrariam outra, certamente. Os órfãos do gueto sabiam exatamente onde estavam os buracos; bastava perguntar às crianças.

Irena não quis acreditar no que Jan lhe disse. Amaldiçoou-se a si própria. Devia ter encontrado outra solução. Ele ia mandar as crianças outra vez para dentro do gueto? Irena entrava e saía daquele inferno três ou quatro vezes por dia, e nunca teria concordado com isso. Só alguém sem a mínima ideia do que se passava lá dentro aceitaria alegremente uma

não-solução tão covarde e patética. Houve recriminações duras, palavras azedas. Mais tarde, Irena confessou que foi uma discussão terrível. Jan ficou abalado. Ela não poupou palavras, na sua fúria.

Mas Jan fizera o acordo com o inspetor alemão.

As horas antes da alvorada, a coberto das trevas, seriam a melhor altura para uma operação secreta daquele género. Contudo, depois do recolher obrigatório, as patrulhas nas ruas tinham ordens de disparar para matar. Jan sabia que tinha de ajudar as crianças a passar pela brecha do muro nessa noite, enquanto os últimos residentes ansiosos se apressavam a regressar a casa, antes de as ruas ficarem perigosamente silenciosas. Do outro lado, garantiu o Dr. Korczak, estaria alguém do orfanato à espera delas. Jan iria pessoalmente com as crianças. Para ser honesto consigo próprio, a consciência já lhe pesava. Sabia que não podia esperar qualquer compreensão da parte de Irena. Esta, indignada e revoltada, não queria ter nada a ver com a operação de Jan.

Na rua, as crianças encolheram-se à volta dele. Jan estava atento a cada som. Meros passos podiam significar uma catástrofe. Na neve, tudo parecia mais sonoro, e a respiração das crianças no ar frio formava pequenas nuvens de vapor. Dentro das luvas, Jan sentiu as pontas dos dedos geladas e tentou esfregá-las nos bolsos. Doía-lhe a cabeça, da atenção com que tentava escutar, e quando ouviu a palavra de código que esperava, dita pela voz de um rapaz, Jan susteve involuntariamente a respiração. Compreendeu pela primeira vez que, do outro lado do muro, a operação era levada a cabo por crianças. Depois de alguma agitação, a passagem abriu-se. As crianças não esperaram por instruções. Uma a uma, sem hesitar, despediram-se com sorrisos cansados e enfiaram-se pelo buraco, passando para esse outro mundo. Uma das meninas tinha uma fita colorida no cabelo. *Adeus, senhor Dobraczyński*, murmurou. Um dos meninos mais pequenos tropeçou nos sapatos demasiado grandes que alguém lhe tinha arranjado. E havia os dois irmãos atrevidos que, ele não duvidava, estariam novamente do lado de fora do muro antes do final da semana. Esperou até ouvir os seus passos do outro lado. «Poucos minutos antes do recolher obrigatório», disse Jan, «acompanhei pessoalmente as crianças até ao muro do gueto. Uma a uma, passaram para o outro lado e desapareceram assim da lista oficial de crianças pedintes.»

A operação foi bem-sucedida. Quando Irena foi ao orfanato do gueto no

dia seguinte, o velho médico garantiu-lhe que as crianças tinham chegado incólumes. Irena sabia que devia ficar aliviada. Tentou compreender a lógica da decisão de Jan. Mas, para ela, tratava-se de uma profunda derrota. Nunca mais ficaria de braços cruzados a ver crianças serem devolvidas ao gueto. Nos meses seguintes, Irena tomaria novas medidas, mais arrojadas. Levaria mais comida e medicamentos, em maiores quantidades, mais depressa. Ela e Irka Schultz conseguiriam contrabandear mais de mil doses de vacinas para dentro do bairro murado. Outros amigos e colaboradores da sua rede de apoio cada vez mais vasta e mais ousada – incluindo Jaga Piotrowska – levariam outras 5000 doses. Irena levaria rolos de dinheiro enfiados na roupa interior e medicamentos numa mala com fundo falso. Dentro do gueto, já toda a gente sabia que Irena – que a maioria conhecia apenas pelo nome de código, «Jolanta» – era a mulher que conseguia tudo.

Irena trabalharia a partir de então ainda mais freneticamente. E não diria a Jan Dobraczyński o que estava a planear.

A FORÇA IMPARÁVEL DO GUETO

Varsóvia, 1941-1942

A chefe de Irena, Irka Schultz, afastou-se com passo lento do posto de controlo do gueto. O alívio invadiu-a. Era sempre assim. Aconteciam coisas cruéis e caprichosas aos portões, e dava-se por feliz sempre que não tinha de assistir a algo que a deixava de coração apertado durante horas. Algures, à distância, soou um tiro. Um cão ladrou. Ouviu o chocalhar de um elétrico. Todos os sons da vida na cidade ocupada de Varsóvia. Porém, quando ouviu o barulho de uma tampa de esgoto a mexer-se no chão, Irka deu um salto. Não que o som fosse inédito; mas sabia que afinal ia ficar com o coração apertado nessa tarde.

O barulho fez-se ouvir novamente, um som metálico e abafado e uma criança pequena a chorar desconsoladamente. Irka olhou rapidamente à volta e caiu de joelhos. Descalçou as luvas para conseguir agarrar melhor na tampa e levantou-a. O gelo sujo da rua deixou-lhe manchas húmidas na saia.

Irka sabia que só havia um motivo para alguém andar a rastejar pelos esgotos da cidade: era por esses canais subterrâneos que as crianças de rua judias e os contrabandistas do gueto faziam a viagem traiçoeira até ao lado ariano, em busca de comida.

Irka espreitou para dentro do esgoto. O fedor fez-lhe vir as lágrimas aos olhos e ela virou a cara por um momento. Quando olhou de novo, o rosto de uma criança pequena, marcado pelo medo e pela fome, devolveu-lhe o olhar. A menina tinha cabelo loiro preso e grandes olhos azuis, mas parecia meio morta de fome e completamente imunda. Estava demasiado fraca para conseguir trepar sozinha para fora do buraco e mal subia. Irka puxou-a com cuidado e sussurrou entre dentes para o esgoto, para ver se

havia mais alguém. *Witaj! Czy jest tu ktoś? Olá! Está aí alguém?*

Mas a menina estava sozinha. Talvez a tivessem deixado para trás por ser demasiado lenta. Irena sentiu o coração apertado quando viu um papel preso com uma agulha ao vestido da menina escanzelada. Nele, com mão trémula, estava escrito um único dígito – a idade da criança –, um apelo telegráfico de uma mãe para que alguém, algum desconhecido, ajudasse a filha. Irka nunca mais esqueceria esse detalhe.

Irka percebeu que a menina estava fraca, mas teria de caminhar pelo menos uma parte do caminho. Havia rufias antissemitas e chantagistas mesquinhos a rondar as áreas à volta do gueto, à procura de pessoas com ar tão desesperado ou esfomeado que só podiam ser judias. Os judeus do lado ariano estavam desesperadamente vulneráveis à extorsão. *Mantém a calma*, disse Irka a si própria. Caminha devagar. O medo é o pior sinal. Os pais que mandavam os filhos para fora do gueto diziam-lhes para não se esquecerem de usar o melhor disfarce de todos: caras felizes. Abriu um sorriso falso e fez-lhe sinal silenciosamente para fazer o mesmo. Depois, levou o dedo aos lábios. *Silêncio*. A criança arregalou os olhos.

Enquanto caminhavam em direção às sombras de uma rua lateral, Irka pensou rapidamente. A menina precisava de um médico. Irena sentia-lhe a mão magra e quente e tentou não a apertar demasiado. *Catastrófico*. A palavra flutuava-lhe na mente e não desaparecia. Isso significava que o orfanato na Rua Nowogrodzka era a única opção. Tinham médicos de serviço.

Irena Sendler já tinha montado um esquema para este tipo de situações. Não era a primeira vez que o faziam. Descobriam crianças judias abandonadas e famintas do lado errado do muro com uma regularidade deprimente, e havia um código. Irka limparia a menina o melhor que conseguisse e mandaria recado a Irena. Depois, telefonaria para o Lar para Crianças do Padre Boduen. Talvez desta vez perguntasse à amiga Wladyslawa: *Posso passar por aí hoje para te levar o casaco que me emprestaste?* A palavra *hoje* significava que se tratava de uma emergência.

*

No dia em que Jan Dobraczyński devolveu as crianças ao gueto, quase de certeza que há já algum tempo que as conspiradoras dos escritórios

instalavam crianças judias que viviam nas ruas do lado ariano em casa de famílias polacas locais e em instituições da cidade, sempre que tinham oportunidade de falsificar os documentos. No início do inverno de 1941-42, deram início a ações ainda mais ousadas e organizadas. Era isso que Irena andava a planear.

As condições no gueto deterioraram-se a olhos vistos nesse inverno. Todos concordavam que, desde que se lembravam, poucos invernos tinham sido tão frios e inclementes. E isso significou que, quando a primavera chegou a Varsóvia, em 1942, Irena Sendler já não dava uma ajuda ocasional a famílias judias. Ela e a sua célula ajudavam de forma sistemática os judeus a arranjar os documentos de que precisavam para «desaparecerem» na cidade. No outono de 1941, um golpe de sorte mostrara-lhes uma nova forma de o fazer. As mulheres tinham estabelecido contacto com um padre, na cidade distante de Lwów, cuja igreja ardera, com todos os registos nela guardados. O padre oferecera-se para lhes dar as certidões de nascimento em branco que lhe restavam, visto que não havia agora forma de serem verificadas pelas autoridades alemãs. Irka fizera a perigosa viagem para as ir buscar e trouxera-as no comboio, enfiadas numa velha mala que tentou carregar como se fosse leve. Se as mulheres encontrassem uma fonte regular de documentos em branco, tinham uma solução. A taxa da natalidade em Lwów estava prestes a disparar.

Nesse inverno, as mulheres usaram algumas das preciosas certidões em branco de Lwów para salvar um velho amigo e a família. O Dr. Witwicki e a família ainda estavam escondidos, e documentos polacos novos podiam livrá-los do perigo constante. Irena continuava a levar para o gueto, às escondidas, as bonecas que o professor fazia para as crianças, esculpidas silenciosamente num quarto na Rua Brzozowa, na Cidade Velha. Irena transportara um novo carregamento de bonecas especificamente para o orfanato do Dr. Korczak no gueto, para os mais pequenos dos meninos de rua de Jan Dobraczyński. Não se esquecera dessas 32 crianças e, entretanto, conhecia de cor os seus rostos e nomes.

Irena também estava sempre a insistir com os amigos que tinha no gueto – Adam, Ewa, Rachela, Józef, Ala – para fugirem e se esconderem do lado ariano. A morte rondava o gueto. Podia arranjar-lhes documentos e casas seguras. Implorou-lhes que o fizessem. Sempre que eles abanavam

tristemente a cabeça, Irena não conseguia esconder a frustração e a preocupação. *É demasiado arriscado esconder um judeu, Irena*, dizia-lhe Ewa, uma e outra vez. A vida não era assim tão diferente no gueto, a sério, insistia Ewa. Era o mesmo trabalho que faziam do lado ariano, onde também havia jovens sem casa e com fome. «As crianças só precisam de um bocadinho de amor e de muito pão», dizia Ewa. Irena tentou obstinadamente vencê-la pelo cansaço, persuadi-la. Mas Ewa recusava-se a arriscar a vida dos amigos. Por fim, Ewa teve de ser firme com a amiga. «Por favor, não me peças mais», pediu a Irena, apertando a mão da amiga. «Não posso ficar contigo, não posso pôr-te em perigo dessa maneira.»

Com Adam, as conversas eram ainda mais enfiadas. Adam estava sempre zangado e encolerizado. Via-se rodeado por morte e sofrimento. Os homens das SS, como loucos, usavam os transeuntes para praticar tiro ao alvo. Havia cadáveres espalhados pelas ruas do gueto todas as manhãs, como lixo. Homens mendigavam e choravam pelas ruas. E, além de tudo isto, os polacos odiavam judeus quase tanto como os alemães. Irena ainda queria que ele se escondesse entre os polacos? Irena tentou argumentar com ele, mas tudo o que dizia soava defensivo e Adam afastava-se do seu toque. Como é que o amor de ambos poderia sobreviver a isto? O pensamento não lhe saía da cabeça. Ficaria destroçada se perdesse Adam. Ele retirou-se para dentro de si próprio e dos seus adorados livros. Refugiou-se no passado, à procura de respostas para o pesadelo do presente nas histórias áridas de impérios antigos. Quando Irena tentava abraçá-lo, tocar-lhe no braço ou endireitar-lhe o colarinho da camisa, ele afastava-se bruscamente e parte dela perguntava-se: seria apenas o gueto que se erguia entre eles? Ou pensaria Adam naqueles momentos na sua esposa judia e nas acusações de fracasso da mãe? Estaria o facto de ele ser judeu e ela «ariana» a dividi-los, como os ocupantes pretendiam? A culpa e a vergonha assombravam todas as consciências dentro daqueles muros infernais. Crianças choravam por uma migalha de pão em frente das lojas, e se alguém levava pão no bolso não tinha outra opção senão desviar os olhos, horrorizado, e seguir caminho. A sobrevivência dependia disso, mas a vergonha era avassaladora.

Além do mais, dizia Adam, não podia deixar o centro de jovens. Irena sabia que esse era o trunfo dele, a sua forma de pôr fim à discussão. Não havia nada que ela pudesse dizer. O círculo de Adam cuidava dos órfãos

mais doentes e pequenos do gueto e, tal como o Dr. Landau, o professor das aulas médicas secretas na clínica de Ala, Adam acreditava veementemente que travava uma batalha, uma guerra contra a barbárie. A segurança dele, recordava gentilmente a Irena, não importava. Ela arriscava a vida diariamente pelas crianças da rua. Ela arriscava a vida para trazer vacinas para o gueto. Se ele lhe pedisse para ficar em casa e evitar o perigo, fá-lo-ia? Irena sabia que não o faria, e Adam sabia-o também.

Assim, em vez disso, Irena e os amigos de ambos os lados do muro lançaram-se de alma e coração numa missão nova e ainda mais extraordinariamente corajosa. Irena nunca mais deixaria que uma criança fosse devolvida ao gueto. Encontrariam lares seguros do lado ariano para dezenas de crianças judias. Na primavera de 1942, estimava-se que houvesse 4000 crianças a viverem sozinhas nas ruas do lado ariano, e 2000 delas eram judias.

Algumas crianças do lado ariano eram órfãos sem casa que mendigavam e roubavam para sobreviver. E havia famílias desesperadas a mandarem crianças amadas mas subnutridas para o outro lado do muro – crianças como a menina que Irka Schultz descobrira naquela tarde dentro do esgoto. Por vezes, os pais iam com elas e as famílias tentavam esconder-se juntas. Contudo, frequentemente, os pais acabavam por morrer, fuzilados nas rusgas ou nos campos, mais tarde. Outras vezes, uma desesperante noção de dever separava as famílias mais cedo. Alguns membros eram simplesmente mais fáceis de salvar do que outros. Era um facto da vida no bairro judaico. Quem poderia abandonar os pais idosos? Eles nunca conseguiriam fazer a perigosa travessia para o outro lado do muro. As crianças que conseguiam andar eram enviadas, sozinhas, por pais angustiados, ou levadas por contrabandistas para as mãos de amigos ou desconhecidos. Centenas de crianças fizeram essa travessia assustadora pelos esgotos. Em 1942, Wanda Ziemska tinha oito anos quando entrou na água turva. «Por cima da entrada do esgoto, despedi-me do meu pai, que ficou para trás», recordou ela. «A viagem pelos esgotos era complicada. Havia sítios em que parecia um rio sujo... Lembro-me de que foi difícil sair – não conseguia trepar de um degrau para o outro.» Quando ouvia falar de crianças em perigo e escondidas do lado ariano, Irena tinha agora soluções arrojadas a propor.

Em breve daria um passo mais além. Qual seria o destino das crianças que já eram órfãs *dentro* do gueto? Os bebés e crianças de colo não conseguiam fugir por iniciativa própria. Não tinham pais que as mandassem. Ela via essas crianças todos os dias no círculo de jovens de Adam. E, por mais que Adam se esforçasse por as salvar, não estava a conseguir. Havia demasiada fome e doença para corpos tão pequenos.

Assim, Adam e Irena fizeram simplesmente o óbvio. Começaram a tirar órfãos do gueto durante esse inverno. Com o passe de controlo epidémico de Irena, nem sequer era ilegal se a criança estivesse desesperadamente doente. Os pequenos com uma sentença de morte por tuberculose podiam ser transportados de ambulância para um dos poucos sanatórios judaicos que restavam em Otwock. Mais uma vez, Irena estava a seguir os passos do pai. E, às vezes, uma tosse afinal não era tuberculose e a criança desaparecia na casa de um amigo na sua antiga aldeia. Se não podia salvar Adam, juntos podiam pelo menos salvar algumas crianças.

Claro que, se os casos falsos fossem descobertos, os riscos eram colossais. A oferta de um pedaço de pão a uma criança judia era punida com a morte – tanto para quem dava como para quem recebia. O preço de se tirar uma criança do gueto para a esconder com uma família polaca era um tiro na cabeça numa esquina. Mas essas consequências dramáticas significavam também, como Irena não podia deixar de observar, que mais valia fazer mais do que transportar vacinas às escondidas. Só se morria uma vez, e ela e Adam estavam pelo menos unidos na ação.

*

Com o tempo, surgiram inúmeros caminhos para entrar e sair do gueto, e Irena usaria todos eles para retirar crianças judias às escondidas. No dia em que Irka descobriu a menina no esgoto em Varsóvia, as mulheres já tinham montado um dos seus primeiros protocolos de cooperação com o Lar Católico para Crianças do Padre Boduen. Era uma simples extensão do trabalho nos escritórios dos serviços sociais e Jaga Piotrowska e Irka Schultz eram as mulheres à frente dessa operação.

No início de 1942 ganharam dois novos parceiros indispensáveis. O primeiro foi uma jovem bonita e afetuosa chamada Wladyslawa – Wladka – Marynowska. Os amigos diziam que o seu cabelo loiro e comprido lhe

dava ar de heroína romântica, e ela aparece a sorrir em todas as fotografias. Wladka era mãe de um robusto rapazinho e trabalhava como responsável e assistente social no Lar do Padre Boduen para bebês, crianças e mães sem-abrigo. O trabalho de Wladka era selecionar potenciais famílias de acolhimento, o que significava que sabia melhor do que ninguém como encontrar pessoas dispostas a acolher crianças em troca do habitual subsídio que a cidade oferecia.

Trazer Wladka para a conspiração foi uma decisão tomada cedo, por necessidade. Se o pudessem evitar, não traziam amigos para a rede de ânimo leve, principalmente amigos com filhos pequenos. E Wladka já era uma velha amiga. Mas nesse inverno as mulheres enfrentaram uma crise: tinham uma criança judia que precisava de um lar e havia uma escassez desesperante de documentos de identificação falsos. Em tom urgente e abafado, Irena e Irka discutiram o assunto. Irka estava preocupada. Confiava em Wladka. Mais ainda, confiava no bom senso de Irena. Mas a Gestapo já andava a vigiar o Lar para Crianças do Padre Boduen e Irka temia que os riscos fossem demasiado elevados. *Mas será que a criança fica em segurança lá, Irena?* A pergunta ficou suspensa no ar. Irena vivia sempre com essa dúvida. «Podes ficar descansada em relação à criança», foi a sua resposta firme. «A Wladka Marynowska está lá.» Irka assentiu e pegou no casaco para ir fazer o convite.

Era uma curta caminhada dos escritórios dos serviços sociais na Rua Zlota até ao orfanato. Irka andou em passo rápido. O percurso até à Rua Nowogrodzka levou-a alguns quarteirões para sul. O posto de controlo do gueto no cruzamento das ruas Zlota e Twarda fora selado com tijolo e arame farpado em 1941, quando a fronteira do gueto foi desviada mais para norte. O muro era uma presença constante. Tal como Irena, Jaga e Jadwiga, Irka ainda entrava e saía do gueto várias vezes por dia e aquela criança era uma das «suas». Era difícil não se sentir protetora. O orfanato era um imponente edifício de tijolo e Irka ainda pensava no que havia de dizer quando subiu as escadas, mas Wladka recebeu-a com um cumprimento amistoso e poupou-lhe a angústia. Irka convidou-a para dar um passeio. Wladka semicerrou os olhos com expressão entendida. Tudo era melhor do que conversar num edifício onde todos sabiam que a Gestapo tinha espiões.

Irka sabia que podia confiar em Wladka. Ou pensava que podia. Mesmo

assim, hesitou. A guerra deixara todo o tipo de pessoas decentes em situações impossíveis. Wladka esperou. Irka respirou fundo. *Há uma criança pequena...* Vacilou. *Várias crianças, na verdade. Precisamos de as colocar em lares...* Wladka animou-se. *Claro, Irka, não há problema. Trá-las ao escritório e...*

Irka respirou fundo e interrompeu-a. *Wladka, elas não têm documentos.* Depois esperou. Pronto. Estava feito. Só um tolo não compreenderia a situação, e Wladka Marynowska não tinha nada de tola. Uma criança sem documentos era, quase de certeza, judia. Wladka pensou um pouco. Deu um pontapé com a bota num pedaço de gelo e ergueu os olhos para o céu. Viu as nuvens finas. Talvez tenha pensado no filho, Andrzej. Tinha de pensar na segurança dele. Estava rodeada pela Gestapo. Uma ama de leite ou uma mãe desesperada podiam ser espias. Até velhos amigos podiam ser agentes provocadores neste mundo louco da ocupação. A questão não era se estava disposta a ajudar, mas sim se podia confiar em Irka. Virou-se, olhou para a amiga, e Irka devolveu o olhar. Depois, Wladka respirou fundo. *Sim, eu fico com a criança.* Irka Schultz suspirou de alívio. *Obrigada.*

«Não perguntei pormenores», disse Wladka mais tarde. «Ela pediu-me para receber as crianças e encontrar-lhes um lar seguro com famílias de acolhimento. Concordei em ajudar sem fazer perguntas.» Wladka virou-se para o orfanato e inclinou a cabeça. *Tenho de voltar. Passa por cá noutra altura e podemos discutir a forma como fazemos as colocações.*

Quando voltou, Irka trouxe consigo outro contacto, uma mulher que, explicou a Wladka, podia por vezes trazer-lhe as crianças. O novo contacto era uma mulher de 26 anos chamada Sonia, disse Irka. Mas «Sonia» era o nome de código de uma enfermeira polaca chamada Helena Szeszko, uma das mais recentes adições à rede crescente de Irena Sendler.

Foi Ala Goląb-Grynberg que trouxe Helena para a conspiração. Helena Szeszko tinha uma posição importante numa célula de resistência na clandestinidade médica. Ala era a enfermeira-chefe do gueto. Trabalhavam juntas há meses. Por toda a cidade havia dezenas de pequenas células, cada qual trabalhando em segredo e isolamento. Aos poucos, esses círculos encontravam pontos de ligação.

A necessidade de um sistema médico clandestino era urgente. Afinal de contas, nem os judeus doentes escondidos do lado ariano, nem os

operacionais da resistência feridos apanhados no gueto podiam dar entrada nos hospitais locais, e no bairro judaico a necessidade de provisões era desesperada. Havia outro velho amigo no centro dessa rede paralela: um dos líderes era o Dr. Juliusz Majkowski, do gabinete de doenças infecciosas. Alguns dos seus passes de controlo epidémicos tinham ido para Irena, Irka, Jaga e Jadwiga, mas outro deles fora para Helena. Isso significava que Helena também podia entrar e sair do gueto à vontade. E podia transportar crianças judias doentes e provisões escondidas nas ambulâncias municipais.

Wladka não sabia nada disto. Só veio a descobri-lo muitos anos depois. O conhecimento era perigoso. «Bastava-me saber que a Irka tinha de tirar as crianças judias do gueto e colocá-las em local seguro», disse. E bastava saber que «Sonia» – e por vezes também Ala Goląb-Grynberg – podiam aparecer à sua porta quase sem aviso prévio. O marido de Ala, Arek, continuava dentro e fora do gueto, a trabalhar com a resistência judaica, e os seus contactos clandestinos – bem como a posição elevada de Ala no Judenrat – significavam que também Ala conseguia entrar e sair do gueto quando era preciso. Às vezes, recorda a filha de Ala hoje em dia, a mãe levava-a consigo nessas visitas ao mundo exterior. «A minha mãe levava-me», diz ela. «Não me lembro como. Lembro-me de estar do lado de fora uma ou duas vezes, de entrar e sair.» Porém, na maior parte das vezes, Ala ia sozinha.

No orfanato, as mulheres estabeleceram um código. Havia um telefone no Lar do Padre Boduen e, quando alguém ligava a Wladka, as conversas eram apenas tagarelice frívola de raparigas. Conversavam descontraidamente sobre saias ou lenços emprestados. Faziam planos para tomar chá ou para visitar mães doentes. Mencionavam um dia e uma hora. E havia sempre qualquer coisa sobre cor. Cor e roupa era como identificavam as crianças – tanto no presente, como mais tarde. Wladka mantinha um registo meticuloso das roupas e aparência das crianças, especialmente das que lhe chegavam sem documentos. De que outra forma os pais as poderiam encontrar depois da guerra? As anotações simples de Wladka rapidamente inspirariam Irena a fazer algo ousado e espantoso. O modesto registo de Wladka dos órfãos e crianças abandonadas que passavam pelos seus cuidados foi, quase de certeza, o motivo que levou Irena a começar a listar todas as crianças.

As crianças saudáveis, que tinham cabelos claros e olhos azuis, ou que não correspondiam à aparência estereotipada dos judeus, podiam ser integradas na vida do orfanato depois de lhes arranjam documentos falsos adequados, e podiam receber um número de registo oficial. Os documentos falsos eram uma das especialidades de Helena Szeszko. Helena e o marido, Leon, começaram o seu trabalho na clandestinidade por forjar documentos de identificação. As crianças de aparência «polaca» não eram as que davam a Irena os pesadelos que em 1942 já lhe assombravam as noites. Assim que essas crianças estavam em segurança do lado ariano, salvá-las não era muito difícil. Mas era preciso coragem para sair. E, às vezes, as crianças eram pequenos atores consumados. Ala vinha de uma família famosa no teatro. Agora, ensinava as crianças a fingirem-se doentes para as poder salvar. Contudo, na maior parte das vezes, naquelas perigosas viagens de ambulância com crianças escondidas, Ala e Helena contavam com o medo que os alemães tinham das infeções e simplesmente escondiam os meninos debaixo de montes de trapos sujos, ou dentro de caixões já ocupados. Isso já era suficientemente mau, mas não causava terrores noturnos a Irena. O que a fazia acordar sobressaltada a meio da noite eram sonhos sobre as crianças com as «más» feições semitas.

Os receios de Irena não eram infundados. Essas crianças não podiam ser vistas sequer por um instante do lado ariano e chegavam ao orfanato em sacas de serapilheira, aos ombros de carregadores, entregues na porta das traseiras como se fossem batatas ou roupa lavada. Para essas, Wladka tinha de contar com uma família de acolhimento disposta a acolher imediatamente a criança e a mantê-la constantemente sossegada e escondida. Esses meninos raramente ficavam mais do que algumas horas no Lar do Padre Boduen. Uma vez, vinham com Helena, outras vezes com Irka ou Ala, e ocasionalmente – à medida que o número de crianças foi aumentando na primavera de 1942 – com Jaga Piotrowska e Jadwiga Deneka.

Quando não conseguiam colocar imediatamente essas crianças, as mulheres não tinham alternativa senão correr riscos desesperados e mantê-las nas suas próprias casas até encontrar outra solução. Todas elas, Irena, Jaga, Jadwiga e Wladka esconderam crianças nos seus apartamentos por várias vezes. Em casa de Wladka, era o seu filho em idade escolar,

Andrzej, que tinha a grave responsabilidade de ajudar a mãe a cuidar das crianças mais novas e desesperadamente doentes. Hoje, Andrzej é um distinto cavalheiro de idade, com um sorriso caloroso e modos graciosos, e ainda vive em Varsóvia. Lembra-se desses dias com a mãe, e de como o seu trabalho, apesar de pequeno, era levar os jovens fugitivos judeus à casa de banho ao fundo do corredor, onde alguém tinha de os vigiar cuidadosamente enquanto usavam a sanita. Os pequenos corpos à beira da inanição, diz ele, com a expressão séria de quem se lembra, podiam sofrer de problemas gástricos assustadores.

As crianças entravam e saíam do Lar do Padre Boduen e, a cada dia que passava, a Gestapo ficava mais desconfiada. Os agentes alemães passaram a pente fino os registos oficiais de Wladka, à procura de qualquer indício estranho. Mas os verdadeiros registos não estavam nos armários de arquivo. Wladka nunca seria tão descuidada. Frustrados com a ausência de provas na papelada, os rufias da Gestapo apontaram armas à cabeça de Wladka no corredor e intimidaram todos os funcionários com ameaças de execuções em massa. Na primavera de 1942, a rede aumentou e a vigilância também. As crianças que passavam oficialmente pelo lar eram cuidadosamente inspeccionadas e todos os seus documentos analisados pelos ocupantes. O que significava, concluiu Irena obstinadamente, que mais crianças teriam de passar fora dos registos, sob um risco cada vez mais elevado.

Embora a Gestapo ainda não o soubesse, era a rede de Irena que procurava. Irena era a comandante tática deste exército de cidadãos, cada vez maior, que incluía agora quase duas dúzias de pessoas vindas da clandestinidade política, dos escritórios dos serviços sociais e da comunidade judaica. Os riscos com um número tão elevado de pessoas eram enormes – e ninguém corria mais perigo do que Irena.

*

Quando a sua colega Irka Schultz descobriu a menina no esgoto, devia ter sido tudo muito fácil. Porém, toda a operação quase caiu por terra por causa de outro risco que não tinham calculado devidamente. A criança tinha «bom aspeto». Irka passou o código de emergência a Irena e depois a Wladka. A menina precisava rapidamente de cuidados médicos e o

orfanato tinha médicos de serviço. Uma vez que a criança de cabelo claro parecia tão tipicamente polaca, Irena e Irka decidiram correr o risco de seguir os canais legítimos no Lar do Padre Boduen.

Rapidamente combinaram um plano e uma história. Irka levaria a criança ao orfanato e entregá-la-ia ao funcionário de serviço na recepção. Teria de haver um relatório formal para a polícia alemã, a notificar da chegada de uma criança abandonada, e Irka escreveria pelo seu próprio punho que ela, uma assistente social, no exercício do seu dever e nada mais, encontrara a menina numa escada, num sítio bem longe do bairro judaico. A investigação não chegaria a qualquer conclusão em contrário e a menina poderia ficar no orfanato. Afinal de contas, o mundo estava cheio de órfãos de guerra.

O plano, contudo, começou a correr mal logo desde o início. Na clínica do orfanato, uma enfermeira com modos bruscos pegou na menina e indicou a Irka com firmeza uma cadeira afastada da porta. *Espere aqui, Pani*. Irka sentou-se. Papelada, supôs. Com os alemães, era sempre mais papelada. O que Irka não podia saber era que, por trás daquela porta, a sua vida estava suspensa no fio da navalha. A médica de serviço olhara para a criança esfaimada e já estava ao telefone com a polícia, a exigir que esta entrasse em ação. A médica não calculou que a menina fosse judia. Pensou, contudo, que Irka era mãe solteira e tinha maltratado a criança. Quando um polícia polaco chegou para a acompanhar à esquadra na esquina, Irka ficou estupefacta e abalada.

Como é que se prova que não se é mãe de uma criança?, tentou Irka perguntar ao polícia. Precisava desesperadamente de saber a resposta. Irka passou a tarde a insistir que a criança não era sua. Explicou que só a tinha encontrado. Ninguém acredita nessa história, replicou o polícia em tom cortante. Irka ficou desorientada. E rapidamente começou a sentir-se assustada. Não podia propriamente dizer a verdade, pois isso significaria morte certa para ela e para a menina. A ajuda a uma criança judia era punida com a execução e qualquer pessoa perceberia de onde a criança viera se ela dissesse que a tinha encontrado a sair do esgoto.

A conversa continuou à volta do mesmo, num círculo vicioso. Por fim, o polícia fechou a pasta e levantou-se, alisando o casaco. *Vai haver uma investigação minuciosa, Pani Schultz*, avisou o polícia com ar enfadado. *Até lá...* Não era preciso explicar mais. Simplesmente saiu e bateu com a

porta. Irka escondeu o rosto nas mãos e pensou no que isto significava. A criança seria interrogada. Quase de certeza que se trairia, involuntariamente, com uma ou outra palavra em iídiche. Era uma criança. Não tinha como saber. Irka passou a noite em claro, deitada na cama dura da cela, a pensar: o desastre era iminente. Como podia fazer chegar uma mensagem a Irena?

Quando um rapazinho lhe passou um bilhete escrevinhado à pressa e desapareceu, Irena percebeu logo que eram más notícias. Wladka ouvira falar de problemas na clínica. Durante dias, enquanto a data do julgamento se aproximava, as mulheres da rede dos escritórios espremeram o cérebro à procura de forma de salvar Irka de uma pena de prisão que começava a parecer garantida. O problema não era só a prisão ser um lugar brutal. Os criminosos condenados eram enviados para os campos de concentração. Por fim, Irena teve de admitir a derrota. Só conseguia ver uma solução, e era uma solução que os poria a todos em perigo. Irena e os seus contactos no orfanato teriam de confiar na médica indignada e juntá-la à conspiração, quer ela quisesse, quer não. A diretora do orfanato foi a escolhida para explicar à médica que não tinha sido Irka, mas sim o gueto a maltratar a menina.

A médica, horrorizada, acedeu imediatamente em retirar a queixa e a corajosa diretora atrapalhou o caso dando um falso testemunho à polícia. Com um encolher de ombros e ar apologético, explicou que, de qualquer maneira, as provas tinham desaparecido. A verdadeira mãe tinha vindo buscar a menina e só Deus sabia onde estariam agora. Em casa, algures, com certeza. O plano resultou – que mais podia a polícia fazer, na verdade? –, mas Irena sabia que todos ficavam a perder. A história era suspeita e gerara muita conversa e atenção. E conversas e atenção eram coisas perigosas. E Irena ficara com mais uma conspiradora para gerir e uma operação de alto risco perigosamente perto de se tornar um segredo aberto. Não podiam continuar assim. Era preciso arranjar uma forma mais segura de transferir as crianças para os orfanatos da cidade. As transferências tinham de acontecer a um nível mais elevado da hierarquia.

E era urgente. Um novo medo ganhava raízes dentro do gueto. Numa visita a Ala na Rua Smocza, esta falou a Irena dos terríveis rumores que lhe chegavam dos seus contactos clandestinos. Espalhavam-se em Varsóvia relatos sussurrados de morte a leste. Em janeiro, um judeu de 30

anos chamado Szlama Ber Winer, que fugira de um campo localizado em Chelmo, chegou à cidade com histórias aterrorizadoras. Falou de milhares de prisioneiros mortos na floresta, gaseados em contentores, e quem o ouvia chorava com a sua descrição dos gritos agonizantes de pais obrigados a urinar nas campas abertas das suas famílias e depois forçados a deitar-se junto delas para serem executados a tiro. Mas havia também murmúrios de que, em breve, os alemães tencionavam reunir todas as crianças com menos de 12 anos e levá-las para um campo especial, uma cidade de crianças. Muitos no bairro judaico acharam que essas histórias não passavam de rumores disparatados. Aqueles que acreditaram nelas – homens como Adam – começaram a falar em resistência armada, e as famílias começaram a fazer planos para tirar os filhos do gueto. Não foi coincidência que, na primavera de 1942, o número de crianças que Irena e os seus conspiradores retiraram do gueto tenha dado um salto.

Irena sabia que teria de partilhar o segredo com mais pessoas. O Lar para Crianças do Padre Boduen era apenas uma das instituições e orfanatos que usava para colocar as crianças, mas a operação no lar precisava de ser otimizada e expandida. Tinha também de encontrar outras formas de colocar crianças em famílias de acolhimento, através de outros contactos clandestinos. Havia uma pessoa que tinha poder para fazer com que isso acontecesse: o administrador dos serviços sociais, Jan Dobraczyński, o homem cujas políticas Irena questionava.

Jan Dobraczyński já vacilara perante o perigo uma vez, devolvendo dezenas de crianças ao gueto. E como podia confiar num homem com opiniões políticas tão diferentes das suas, um homem com sentimentos antissemitas? Jaga tentou recordar a Irena que estava enganada na opinião que tinha de Jan. Jan era guiado pela sua fé católica e possuía uma bússola moral, mesmo que Irena e ele não concordassem acerca da localização do verdadeiro norte. A expressão de Jaga disse a Irena que estava a ser mesquinha e teimosa. *Precisamos da ajuda dele*, disse-lhe Jaga, gentilmente. Mesmo assim, Irena resistia.

Havia outra coisa a incomodá-la. O que fazer em relação às listas que estavam a compilar? Jaga compreendia o problema. Também o preocupava. Só Irena e as suas conspiradoras mais próximas sabiam os nomes verdadeiros das crianças cujas identidades estavam a desaparecer. Só Irena sabia tudo. E se lhe acontecesse alguma coisa? Quem conseguiria

voltar a encontrar as crianças já escondidas sob nomes falsos por toda a cidade?

E se...

Irena tinha de encontrar uma solução.

RUMO A TREBLINKA

Varsóvia, julho de 1942

Desde junho de 1941 que alguns prisioneiros judeus e polacos se encontravam num campo de trabalhos forçados numa pequena aldeia perto do rio Bug, cerca de 110 quilómetros a nordeste de Varsóvia. A poucos quilómetros do campo ficava o entroncamento ferroviário de Malkinia e, no inverno, os prisioneiros trabalhavam nos poços da pedreira, rodeados de florestas.

Em abril de 1942, os prisioneiros foram postos a trabalhar num novo projeto. Construiu-se um pequeno ramal ferroviário a partir do entroncamento de Malkinia, apenas um troço de linha em ziguezague, e escavaram-se longas trincheiras. Vieram trabalhadores das aldeias próximas para construir rapidamente uns barracões. Os guardas que supervisionavam o campo eram cruéis e todos os dias executavam uma ou duas dezenas de trabalhadores judeus. O campo estava coberto de cadáveres, deixados ao relento durante a noite, para os cães.

No dia 15 de junho de 1942 o novo projeto ficou finalmente concluído: um campo para judeus. O edifício central era uma estrutura comprida de tijolo e betão, cercada de arame farpado. «Os homens das SS» recordou Jan Sulkowski, um prisioneiro polaco forçado a trabalhar no edifício, «disseram que seriam uns balneários. [...] Um especialista que veio de Berlim para colocar azulejos no interior disse-me que já tinha construído câmaras idênticas noutros lados.» O edifício tinha um ar limpo e convidativo. Havia vestiários para as pessoas se despirem, com cabides para pendurarem a roupa, armazéns, um balcão com um funcionário, para guardar bens valiosos, pilhas de sabão e toalhas. Seriam precisos bilhetes para entrar nos banhos, e os bilhetes custariam 20 *zlotych*.

Mais tarde, surgiria também uma enfermaria da Cruz Vermelha, com uma bandeira branca e vermelha, onde as pessoas demasiado doentes ou problemáticas para se dirigirem aos banhos pelo seu próprio pé receberiam um tratamento especial e mais rápido. O terminal ferroviário falso, com o quadro de chegadas e partidas imaginárias, só seria construído meses mais tarde, quando as notícias sobre a terrível verdade começaram a chegar a Varsóvia. No dia 23 de julho de 1942, quando o campo recebeu os primeiros judeus do gueto, havia apenas uma simples plataforma ferroviária para receber os recém-chegados ao campo da morte de Treblinka, e uma bandeira esvoaçava sobre o telhado quando as câmaras estavam em funcionamento. Na plataforma havia um cartaz, escrito em alemão e polaco:

Judeus de Varsóvia, a vossa atenção! Encontram-se num campo de transição a partir do qual serão enviados para um campo de trabalho. Como medida de salvaguarda contra epidemias, têm de entregar imediatamente todas as vossas roupas e pertences, para serem desinfetados. Ouro, prata, moeda estrangeira e joias devem ser deixados com o caixa, em troca de um recibo. Esses bens ser-vos-ão devolvidos posteriormente, contra entrega do respetivo recibo. Para uma lavagem de corpo inteiro antes de prosseguirem viagem, todos os recém-chegados devem apresentar-se nos balneários.

Mais para a frente, haveria também uma orquestra a tocar canções iídiches e marchas alegres, para esconder o som dos latidos dos cães e dos gritos.

*

Henia Koppel tinha 22 anos no verão de 1942. Vivia no gueto com o marido, Josel, um banqueiro rico muitos anos mais velho do que ela. O pai de Henia, Aron Rochman, um homem de negócios bem-sucedido, não vivia longe de Henia e, durante algum tempo, a fortuna combinada das duas famílias deu-lhes alguma proteção, mesmo no gueto. Com uma capacidade de antevisão considerável, Josel guardara grande parte da fortuna da família numa conta numerada na Suíça, e ainda ficara com uma quantia suficiente em notas de banco, escondidas por baixo das tábuas do soalho ou dentro dos colchões, para Henia conseguir comprar, nesse

verão, uma das ambicionadas licenças de trabalho alemãs. Essa licença permitia-lhe trabalhar como costureira na fábrica de Walter Toebeans no gueto, embora se tratasse de trabalho escravo. Contudo, trabalhar para os alemães trazia uma certa segurança. As transferências em massa para os campos de trabalho estavam a chegar. Houvera já avisos e anúncios enigmáticos. O gueto estava de respiração suspensa pelo menos desde abril. Os alemães não eram tão rápidos a mandar para os campos de trabalho fora de Varsóvia as pessoas que já tivessem emprego na cidade, pelo que os documentos de trabalho eram preciosos. Em julho, as licenças vendiam-se por mais de 5000 *zlotych* – o correspondente, nos dias de hoje, a mais de 13 000 euros. Custavam mais ou menos o mesmo que outro bem cada vez mais procurado nesse verão: cápsulas de cianeto.

Havia, contudo, uma falha terrível no plano de proteger Henia com uma licença de trabalho. A fábrica de Toebeans não deixava as mães terem os filhos consigo durante as longas e extenuantes jornadas de trabalho. Elżbieta – a bebé «Bieta» – tinha seis meses e ainda mamava. Assim, a família recorreu à amiga Ewa Rechtman. A prima mais velha de Elżbieta já estava escondida em segurança do lado ariano, graças à intervenção de Ewa e à coragem de Irena, que passara com a prima de Bieta às escondidas pelos postos de controlo.

Quando bateu à porta da família, Irena Sendler sabia que a sua proposta era audaciosa. Mas também sabia que, para a família Koppel e para todas as famílias do gueto, as opções estavam a esgotar-se rapidamente. Estariam Henia e Josel dispostos a deixá-la tentar salvar a bebé? Josel sabia que salvar a menina era a única hipótese de sobrevivência para Henia. Uma das maiores qualidades de Josel era ter uma compreensão muito clara da situação.

As famílias faziam sempre a mesma pergunta agonizante a Irena: *Que garantia pode dar-nos da segurança do nosso bebé?* Josel Koppel fez essa pergunta em tom sério e urgente. Irena só podia responder a essas preocupações com honestidade. *Não prometo nada, exceto que, hoje, arriscarei a vida a tentar*, disse-lhes. Nem sequer podia prometer que ela e Bieta saíam vivas do gueto nesse dia. A morte aguardava-as a ambas se fossem descobertas no posto de controlo. Na verdade, podiam ser mortas por um disparo, sem qualquer motivo, sempre que pusessem o pé fora de casa. Havia pessoas alvejadas no gueto, todos os dias, por razões

absolutamente triviais. Josel suspirou e assentiu com um aceno. Sabia que era verdade. Isso não tornava a decisão da família mais fácil, mas o gueto nessa altura já era uma sentença de morte para um bebé. Henia e Josel concordaram em entregar a filha a esta desconhecida baixinha mas determinada.

Irena assistia repetidamente a este tipo de cenas e eram esses momentos que lhe tiravam o sono quando sonhava com eles mais tarde. Os pesadelos iam e vinham e Adam apertava-a contra si quando ela lhos contava e murmurava-lhe que só estava cansada e esgotada. Irena olhou para Henia, com a bebé adormecida apertada contra o peito, a inspirar o cheiro da filha, e viu um rosto molhado de lágrimas que não paravam de cair. Não havia outra opção senão agir rapidamente. Mais um pouco, e a família não conseguiria acabar aquilo que começara. Havia dias em que a própria Irena não sabia se conseguiria.

Irena estendeu as mãos para pegar na menina. Os olhos verdes de Henia fitaram-na com ar suplicante. Os olhos de Irena encheram-se de lágrimas e as duas mulheres fitaram-se durante um momento. Henia abanou Bieta suavemente e depois com um pouco mais de força. A bebé continuou a dormir. Isso era bom. Irena pousou a mão no pequeno peito, para se certificar de que a respiração não era demasiado fraca e, depois, acenou com a cabeça. O tranquilizante estava a funcionar. Henia Koppel largou a bebé.

Irena prometeu de novo. Sim, mandaria recado para lhes dizer que tinham conseguido sair em segurança. Sim, garantiu a Henia, faria questão de que a colher de prata com a data de nascimento gravada acompanhasse Elżbieta para onde quer que ela fosse. Mas, agora, Irena e o jovem construtor que a ajudava na missão, Henryk, enteadado de uma das suas colaboradoras, tinham de agir depressa. Estavam prestes a arriscar as vidas para tirar a bebé de seis meses do gueto.

Irena deitou a menina numa caixa de ferramentas de madeira e prendeu bem o cobertor à volta dela, com cuidado para não bloquear a passagem do ar. Fechou a tampa e prendeu o trinco. Na rua, Henryk enfiou habilmente a caixa no meio dos montes de tijolos na caixa do camião e sorriu a Irena com ar tenso. O seu passe de trabalho deixava-o entrar e sair do gueto. Ele era mais uma adição recente à rede de Irena. Irena subiu para o lugar do passageiro e o camião começou a andar com um solavanco

enquanto Henryk manipulava a velha embraiagem. Irena virou-se para trás, rezando para que os tijolos não caíssem.

Conduziram em silêncio em direção à Rua Nalewki, passando pelas padarias fechadas e pelos sinais enferrujados. Passaram pelos estreitos prédios de apartamentos e pelas pessoas esfarrapadas e esfomeadas que enchiam as esquinas naquela avenida movimentada. Quando chegaram ao portão da Rua Nalewki, Irena gemeu. *Maldição*. Queria que esta parte passasse depressa, mas logo hoje havia uma longa fila. Atravessar o posto de controlo era a parte mais perigosa de qualquer dia. Os minutos foram passando e a espera tornou-se uma agonia. Irena tinha as mãos frias e húmidas no fecho da porta do camião. Como se alguma vez pudessem escapar agora, recordou a si própria. Depois de estarem na fila do posto de controlo, não podiam voltar para trás. Por fim, um soldado chamou-os com um gesto e Henryk entregou-lhe os passes do gueto com uma calma e compostura que deixaram Irena impressionada. O guarda lançou um olhar duro a Irena, depois a Henryk. *O que trazem lá atrás?* Semicerrou os olhos e, dessa vez, Henryk gaguejou ao dar a resposta. Parecia que, afinal, não sairiam vivos do gueto hoje. Era sempre uma possibilidade. Henryk saiu lentamente do camião e contornou-o, conforme o guarda lhe ordenara.

Irena ouviu o som das abas de oleado a abrir e a fechar. O soldado bateu com as botas pesadas nos tijolos e espreitou por baixo das lonas e aos cantos. Irena susteve a respiração. Então, instantes depois, Henryk voltou a subir para o camião e os guardas mandaram-nos passar pelos portões, para a liberdade. Do lado ariano, Irena apertou o braço de Henryk, aliviada, enquanto o camião abrandava numa esquina. *Podes fazer o resto do caminho sozinho, Henryk? Não dará tanto nas vistas*. Henryk assentiu. Irena desceu do camião, acenou a Henryk enquanto o camião se afastava e depois caminhou em direção oposta. Tudo o que Henryk tinha de fazer agora era levar a bebé na caixa de madeira até à madrastra. Irena sabia que, se alguém estivesse sob vigia, ela própria seria o maior perigo para a missão.

A madrastra de Henryk, uma parteira de meia-idade chamada Stanislawa Bussold, era uma das operacionais «das urgências» em que Irena confiava, uma das pessoas que trabalhavam no sistema médico clandestino, em estreita colaboração com Ala Gołąb-Grynberg e Helena Szeszko. Irena

chamava a esses locais, em tom burocrático, os seus «pontos de distribuição de prontidão». Eram operações arriscadas. Nas primeiras horas e dias que as crianças passavam fora do gueto, alguém tinha de as limpar, alimentar e fornecer cuidados médicos, coisa de que normalmente precisavam com alguma urgência, depois de meses de fome. Se tivessem «mau aspeto», eram submetidas a transformações para aclarar a cor dos cabelos, e os meninos judeus circuncidados eram muitas vezes disfarçados de meninas polacas, para sua própria proteção. Se as crianças já fossem mais velhas, os guardiões «das urgências» ensinavam-lhes orações católicas e a falar polaco. Os interrogatórios sobre o catecismo eram um dos «testes» preferidos dos alemães para apanhar judeus, e saber as orações de infância de cor era uma das ferramentas mais básicas para sobreviver em tempo de guerra. Nas suas primeiras semanas do lado ariano, as crianças tinham de aprender a apagar todos os indícios de que eram judias.

*

Tirar crianças do gueto em caixas de ferramentas era uma operação de alto risco e, em 1942, Irena procurava freneticamente opções melhores – opções que lhes permitissem retirar não uma criança, mas dezenas. «Tornou-se cada vez mais necessário levar as crianças para o lado ariano nessa primavera», disse Irena francamente, «porque dentro do gueto era um inferno. Por ordens de Hitler e de Himmler, as crianças morriam nas ruas com o consentimento do mundo inteiro.» E Irena fez o que fazia sempre que precisava de respostas. Recorreu às amigas e à Dra. Radlińska.

Helena Radlińska não saía do convento na Rua Gęsia desde o outono de 1939, mas a sua vida não tinha nada de reclusiva. As pequenas divisões do convento eram cenário de um convívio ousado, um sítio onde o movimento clandestino se reunia. Quando batia à pequena porta, Irena cruzava-se com outras pessoas a entrar e a sair. Algumas eram estudantes com cadernos debaixo do braço, participantes das aulas secretas da professora. Outras tinham rostos da idade do dela. Reconhecia algumas, dos seus tempos na Universidade Livre da Polónia. Durante o inverno de 1941-42, três desses rostos pertenciam a velhos colegas: Stanislaw Papuziński, a sua companheira Zofia Wędrychowska, e a cunhada destes,

Izabela Kuczkowska, ou Iza. Juntos, os três ex-alunos da professora tinham formado um grupo que geria outra das células de resistência que a Dra. Radlińska coordenava a partir do convento. Na primavera de 1942, Radlińska estava no centro de várias redes que ajudavam a salvar crianças judias.

Há vários meses que Iza organizava uma operação de contrabando de comida e medicamentos para o gueto através dos corredores nas caves do tribunal na Rua Leszno. Agora, Stanislaw, Zofia e Iza estavam prestes a dar a Irena uma parte da solução que ela tão desesperadamente procurava. A Rua Leszno apanhava parte do gueto e havia portas que abriam em ambas as direções, se se conseguisse ultrapassar os postos de controlo no piso principal. Se Iza e um empregado de limpeza prestável do edifício conseguiam fazer entrar provisões, certamente que conseguiriam retirar crianças, raciocinaram – desde que Irena arranjasse um sítio para as esconder em segurança. E, para isso, Irena tinha toda uma rede de serviços sociais secreta. Nessa primavera, dezenas de crianças em idade escolar saíram do gueto através do tribunal.

Contudo, essa não era a única rota que Irena usava. Leon Szeszko, cuja mulher, Helena, era enfermeira na equipa de Irena e uma das suas colaboradoras mais dedicadas, teve outra ideia ousada. Leon trabalhava no gabinete de transportes públicos e sabia de um elétrico na linha de Muranów que todos os dias entrava – e saía – do gueto. Durante a noite, os elétricos vazios ficavam guardados no terminal degradado no limite norte do gueto. Quem daria por um pacote esquecido ou uma velha mala enfiada debaixo de um banco na primeira viagem da manhã? Irena viu imediatamente as possibilidades. Os bebés a dormir cabiam bem em malas de viagem. Alguém teria de ser suficientemente corajoso para percorrer as ruas do gueto antes de o dia nascer e os deixar no elétrico vazio, claro – alguém que tivesse a rara permissão de andar na rua depois do recolher obrigatório. Apenas um punhado de pessoas no bairro judeu tinha essa permissão, mas, por sorte, uma delas era a enfermeira-chefe do gueto, Ala Goląb-Grynberg. E Ala também tinha a experiência necessária para administrar a dose certa de sedativos a uma criança pequena.

Pouco tempo depois, quando percorria a sua linha, vazio, ao nascer do dia, o elétrico de Muranów levava consigo pacotes ignorados, que os guardas nos postos de controlo mandavam passar sem ver. Na primeira

paragem do lado ariano, Irena subia rapidamente a bordo, apenas mais uma residente da cidade, ansiosa por prosseguir com a sua manhã. Por baixo dos pés tinha uma mala à sua espera. Fazia um longo caminho no elétrico, a olhar distraidamente para a janela, até que o último passageiro que a tivesse visto entrar saísse. Depois, alisava o cabelo e pegava nos seus sacos e malas.

E havia outras maneiras. Existia uma pequena célula clandestina que se reunia na Igreja Católica de Todos os Santos, que também ficava na fronteira do gueto. Essa fronteira seguia as curvas e contracurvas da Rua Twarsa e a Igreja de Todos os Santos tinha portas de ambos os lados. O primo da Dra. Radlińska, o Dr. Ludwig Hirszfeld, trabalhava em segredo com os contactos de Ala, para enviar provisões médicas através dos túneis escavados nas criptas e caves da igreja. E a própria Irena continuava a frequentar as reuniões da imprensa clandestina que tinham lugar no barracão da velha reitoria, onde o seu amigo Józef Zysman, advogado, propôs outro caminho que Irena podia usar para salvar crianças.

Em voz abafada, Józef explicou-lhe que o padre mais novo, de apelido Czarnecki, estava do lado deles na resistência. O padre mais velho, Marcelli Godlewski, disse-lhe, estava disposto a fornecer certidões de nascimento novas. Qualquer criança com «bom aspeto» que conseguisse aprender bem as orações e representar sem medo, podia simplesmente sair pela porta da frente da igreja no lado ariano.

Há meses que Ala estava na linha da frente, a ajudar Irena e as suas colaboradoras a transportar crianças para o lado ariano. Como enfermeira-chefe dos hospitais do gueto e elo de ligação do Judenrat com a Sociedade Judaica para a Proteção da Saúde, Ala ainda tinha um passe para entrar e sair do gueto. Há meses que o usava para retirar crianças do bairro judaico, que entregava depois no apartamento de outra nova conspiradora da rede de Irena, uma assistente social chamada Róża Zawadzka. A pequena órfã que estava aos cuidados de Ala, Dahlia, tinha três anos e Ala já a tinha retirado para a segurança das mãos de Irena e da sua rede. Mas a filha de Ala, Rami, tinha seis anos e Ala não conseguia suportar a ideia de se separar dela. Assim, esperou. Mas agora tinha de tomar uma decisão agonizante. Sabia que não podia esperar mais.

O que preocupava Ala na primavera de 1942, enquanto via o nó corredio que era o gueto apertar-se mais à volta deles, era não saber durante quanto

tempo ainda seriam permitidos os passes do gueto. Corriam rumores de deportações iminentes. Irena implorou a Ala que agisse depressa para se salvar a si própria e a Rami. *Eu arranjo um sítio para as duas, Ala.* Ala abanou a cabeça com tristeza. Não podia sair. Mas concordou pelo menos em separar-se da filha. Um dia, em 1942 – Rami não se lembra do mês nem do portão por onde passaram ao sair do gueto –, Ala levou Rami consigo para visitar Róza. Não era a primeira vez que lá iam juntas e, ao princípio, nada lhe pareceu estranho. Ala e Róza falaram muito tempo em voz baixa e, quando chegou a hora de partir, a mãe beijou-a carinhosamente, saiu e fechou a porta do apartamento atrás de si. «Um dia, ela deixou-me com a Róza», diz Rami. «Visitou-me ainda uma vez. Depois, nunca mais a vi.»

Ao princípio, Irena transferiu a filha de Ala de um orfanato para outro, mas Rami era uma criança difícil de colocar. Não tinha nada o aspeto que os alemães esperavam de uma criança polaca típica. Por fim, Róza e Irena encontraram uma família de acolhimento para a menina, em casa de dois aristocratas e ativistas clandestinos polacos, Jadwiga e Janusz Strzalecka, que também tinham uma filha chamada Elżbieta. Mas Rami queria a mãe.

*

As crianças eram às centenas, e retirá-las do gueto não era a parte mais difícil da operação. Onde Irena rapidamente deparou com complicações logísticas foi na parte de as pôr em segurança do lado ariano. Tinham-se esgotado as opções. Precisava da ajuda de Jan Dobraczyński.

Irena e Jan não eram aliados políticos naturais e ela não se esquecera da terrível discussão sobre o destino daquelas 32 crianças de rua. Porém, nesta altura, os conspiradores eram já cerca de 25 do lado ariano da cidade e pelo menos outros tantos dentro do gueto. Dez dos seus colaboradores polacos – incluindo as quatro conspiradoras originais – andavam a retirar constantemente crianças do gueto, em conjunto com Ala, Helena, Iza e algumas das adolescentes judias do círculo de jovens de Ala. Era impossível lidar com este número crescente de crianças sem ter alguém em posição mais elevada na divisão de orfanatos que as ajudasse com as colocações e os documentos. Jaga tinha a certeza de que Jan não as desapontaria desta vez. Finalmente, Irena revelou o seu segredo a Jan

Dobraczyński.

Irena convocou uma reunião das mulheres na divisão de Jan e meia dúzia delas – com Irena e Jaga à frente do grupo – entraram juntas no gabinete de Jan. «Um dia, as minhas funcionárias, mais precisamente assistentes sociais do Departamento, vieram falar comigo sobre esta questão», explicou Jan. «Todo aquele grupo estava já há algum tempo, por iniciativa própria, a gerir operações de extração de crianças judias do gueto para as colocar nos centros da secção, com base em registos e entrevistas falsificados, depois de organizarem toda a questão diretamente com os diretores dos vários centros. Contudo, na altura, tinham esgotado todas as possibilidades.»

E Jan não as rejeitou. Na primavera de 1942, recusar ajuda à resistência também acarretava algum perigo. Quem colaborava com os alemães começava a enfrentar a justiça em tribunais polacos secretos, que decretavam as suas próprias sentenças de morte. Contudo, não foi por isso que Jan concordou em ajudá-las. Já fazia parte da resistência polaca ligada aos movimentos políticos de direita e ninguém punha em causa o seu patriotismo. Jan ajudou porque a sua fé e a sua consciência lhe pesavam. Lembrava-se também das crianças que devolvera ao gueto e isso deixava-o perturbado.

Jan admitiu francamente, em anos posteriores, que o seu envolvimento na rede era mínimo, em comparação com os riscos que Irena e as amigas corriam. Fazia aquilo que Irena lhe pedia. «Mas não cuidava das crianças. Não era eu que as transportava. Não era eu que criava os documentos falsos», admitiu. O que Jan podia fazer, explicou-lhe Irena, era usar os seus contactos para chegar a um entendimento com as freiras do Lar do Padre Boduen e de outras instituições na Polónia quanto à transferência de «órfãos» judeus. E Jan acedeu a fazê-lo. «Rapidamente», contou Irena, Jan cumpriu a sua promessa e abordou os seus contactos na resistência, em busca de parceiros de confiança. «Jan Dobraczyński chegou a um acordo com o movimento clandestino», explicou ela, «e todos concordaram conduzir as crianças judias para centros.» Com as freiras que geriam os lares, Jan fez outro acordo. Sempre que Irena precisasse de transferir uma criança judia em segredo, ele assinaria pessoalmente o pedido. «Normalmente», explicou Jaga, «não seria o diretor de secção a assinar os papéis. A assinatura do Jan era simplesmente um código, um sinal de que

estávamos a lidar com uma criança que requeria cuidados e atenção especiais, como dizíamos na altura.» Daí para a frente, Ala esteve quase constantemente em contacto com Jan Dobraczyński, como elo de ligação de Irena com o gueto. Era cada vez mais Ala quem coordenava a logística avançada com as instituições católicas, sempre que era preciso salvar uma criança judia.

Ninguém sabia ainda ao certo onde a bebé Bieta Koppel acabaria por ficar, mas esses casos de sucesso eram tudo para Irena. Para já, a menina ficaria escondida em casa de Stanisława Bussold, que teria de inventar uma história para explicar aos metediços vizinhos *Volksdeutsche* como é que uma mulher de 50 e muitos anos tinha de repente uma bebé de seis meses a chorar em casa. Em breve, segundo o curso normal das coisas, Bieta passaria das «urgências» para um local permanente. Quando isso acontecesse, só Irena saberia para onde ela ia e que Henia e Josel Koppel eram os seus pais. Era uma cadeia de conhecimento tão frágil como a vida de Irena e os finos papelinhos semitransparentes onde essa verdade estava escrita, mas era assim pela segurança de Bieta. Irena acrescentou mais um nome à lista de crianças. «O que tínhamos naquelas listas», revelou Irena no seu habitual tom prático, «era o verdadeiro nome e apelido da criança, com base na sua certidão de nascimento, bem como a morada atual. Os dados eram necessários para poder fornecer-lhes dinheiro, roupas, medicamentos, e também para as conseguirmos encontrar depois da guerra.» Nesse papelinho, ao lado do nome «Elżbieta Koppel», estava o nome da sua nova identidade, «Stefcia Rumkowski».

*

Poucos dias depois de a bebé Bieta ter atravessado os muros para a segurança do outro lado, um homem sentou-se na escuridão do gueto a pensar no destino das crianças judias de Varsóvia. O Dr. Janusz Korczak estava acordado, no seu pequeno quarto no número 16 da Rua Sienna, a escrever. Passara o dia com um mau pressentimento terrível. O médico tinha 60 e poucos anos e o dia seguinte, 22 de julho de 1942, era o seu aniversário.

Fora uma vida boa e longa – embora os últimos anos estivessem a ser muito difíceis. Já estivera preso várias vezes durante a ocupação, por

pequenos atos de desafio aos alemães. A recusa em usar a braçadeira com a Estrela de David quase fora fatal. O Dr. Korczak não tinha quaisquer ilusões sobre o gueto ou sobre aquilo que o tempo passado na prisão lhe custara. Quando se via ao espelho, percebia que estava a definhar. Era agora um velho escanzelado, careca e curvado, e sentia-se cansado.

Noutro quarto, talvez Stefania já dormisse. Ele e Stefania Wilczyńska, uma das outras diretoras do orfanato, eram companheiros há anos, criando juntos uma vida em comum para si e para centenas de crianças nas suas escolas e orfanatos, e a sua relação fora uma espécie de casamento. Stefania amava o médico. Todos o viam menos Janusz Korczak. A única coisa que ele via era as crianças. O médico não conseguia dormir. Usava o diário para pôr os seus pensamentos e anseios em palavras. «É difícil», escreveu, «nascer e aprender a viver. O que me resta é uma tarefa muito mais fácil: morrer. [...] Não sei como me despediria das crianças. Queria dizer-lhes tanta coisa... São dez horas. Tiros: dois, vários, dois, um, vários. Talvez não tenha a janela tão bem tapada como devia. Mas não vou interromper a minha escrita. Pelo contrário: os meus pensamentos levantam voo (um tiro solitário).»

Infelizmente, os maus pressentimentos do médico eram justificados. Nessa manhã, a recolocação que os habitantes do gueto aguardavam ansiosamente começou. Não houve qualquer aviso. Enquanto Janusz Korczak estava sentado pela noite dentro, a pensar, as pessoas fora do gueto podiam ver algo sinistro e assustador: dezenas de homens armados a cercar a área. Na escuridão, o gueto estava fechado, e os soldados colocaram-se em posição em telhados nas imediações e nos postos de controlo, preparados para abater quaisquer residentes que tentassem escapar.

À hora do pequeno-almoço, o líder do Judenrat, um homem chamado Adam Czerniaków, recebeu as suas ordens. A *Gross-Aktion Warsaw* começara. A remoção dos judeus da cidade, informaram-no, começara naquele preciso momento. Nesse dia, Czerniaków escreveu no seu diário: «Disseram-nos que todos os judeus serão deportados para leste. Até às quatro da tarde temos de apresentar um contingente de 6000 pessoas e esta será a quota mínima diária.» Foi-lhe dada a responsabilidade pessoal de garantir que a polícia judaica cumpria essa quota e que 6000 judeus embarcavam nos comboios nesse dia em Umschlagplatz, a plataforma de

carga ferroviária.

Todos os residentes do gueto que trabalhassem para a polícia judaica, fossem membros do Judenrat ou estivessem capazes de efetuar trabalho significativo em Varsóvia, estavam isentos das ordens de recolocação. O preço das licenças de trabalho emitidas pelos alemães duplicou novamente nessa semana e o gueto dividiu-se instantaneamente em felizes e infelizes. Categoricamente incapacitados para o trabalho – portanto destinados aos transportes –, estavam os doentes, os subnutridos, os idosos e todas as crianças do gueto.

Irena correu para o gueto assim que a notícia da deportação lhe chegou. Tinha de ver Adam. Precisava de saber se ele estava em segurança; caso contrário, o pânico que lhe apertava as entranhas tomaria conta dela. Adam sabia que ela devia estar num frenesim e, quando Irena conseguiu chegar ao centro de jovens, ele estava à sua espera para a tranquilizar. Não fora apanhado na rusga desse primeiro dia – e dificilmente seria apanhado na do dia seguinte, disse a Irena. Corria pelo gueto que apenas os velhos e os muito novos e os que não podiam trabalhar seriam levados. Adam era o tipo de pessoa capaz de fletir o bíceps com um sorriso cansado, numa espécie de gesto de conforto que dizia, *Vês, sou jovem e forte*. Adam sempre conseguira fazer Irena sorrir. Por enquanto, tinha trabalho, e trabalho significava segurança. Rachela, Ewa, Józef e Ala também estariam seguros, então. Todos tinham trabalho. Irena tentou dizer a si própria que nenhum deles corria perigo imediato.

Porém, tanto Adam como Irena sabiam que não era assim tão simples. O centro de jovens estava um caos e havia muito menos jovens do que o habitual. Os pais mantinham os filhos perto de si à medida que a notícia se espalhava pelo bairro judaico, e o medo e incerteza nas ruas eram palpáveis. Os órfãos e as crianças de rua, que não tinham ninguém a quem recorrer, foram os primeiros a ser apanhados. O trabalho de Adam mantinha-o em segurança. No entanto, uma voz na cabeça de Irena insistia em repetir uma pergunta terrível. Quando as crianças fossem deportadas, deixaria de haver necessidade de centros de jovens. *O que aconteceria então?*

A 23 de julho, segundo dia da ação, perante a nova ordem de 10 000 corpos, o líder do Judenrat, consciente de que isso significava colaborar no homicídio de bebés e crianças, suicidou-se no seu gabinete com um

comprimido de cianeto após uma crise de consciência há muito adiada. Os alemães responsabilizaram simplesmente outros judeus importantes e a polícia judaica pelo cumprimento das quotas. Ao princípio, naturalmente, havia poucos voluntários para as recolocações. As cenas que tinham lugar nas ruas eram terríveis, e a maior parte dos residentes preferia fechar-se em casa. Quando os números começaram a ser insuficientes para cumprir as quotas, a polícia fechou ruas, esvaziou edifícios e conduziu os residentes abalados, sob a ameaça das armas, até ao terminal. Em breve os passos de ganso da polícia judaica ecoavam todas as manhãs pelas ruas do gueto, às oito em ponto, para a rusga diária. Quem discutisse ou resistisse era fuzilado na hora.

Ao princípio, ter documentos de trabalho às vezes ajudava. Durante as rusgas residenciais, os mais sortudos agitavam-nos no ar como se fossem talismãs mágicos. Tinham custado as últimas poupanças das famílias, que os compravam a preços astronómicos. Contudo, já começava a haver pressão para cumprir as quotas a qualquer custo e tudo o que importava, na realidade, eram as quotas dos alemães. Na rua, eram feitas «seleções». Para um lado iam as pessoas consideradas capazes para equipas de trabalho ou trabalho escravo nas fábricas de munições alemãs. Para o outro, as destinadas à «recolocação» para Treblinka nesse dia. Um membro da clandestinidade polaca que assistiu às rusgas do primeiro dia – um homem que conhecia Irena – escreveu: «Quarta-feira, 22 de julho de 1942. Então é este o fim do gueto que luta desesperadamente para sobreviver há dois anos. [...] A polícia judaica anda à caça de seres humanos desde o meio-dia. [...] as multidões são levadas para a linha ferroviária de ligação na praça da Rua Stawki. [...] Quando as carruagens estão cheias, são fechadas com arame farpado. [...] Chove, e é insuportável ver esta agonia.»

Irena, com o seu passe de controlo epidémico, continuava a entrar e a sair do gueto várias vezes por dia, como faziam Irka, Jaga, Jadwiga e Helena. A estratégia alemã era manter o máximo de tempo possível a ilusão de que se tratava apenas da deslocação dos setores não produtivos da população do gueto. Cuidados médicos e controlo epidémico faziam parte dessa ficção. Graças aos seus passes de controlo de doenças, elas foram dos poucos residentes polacos de Varsóvia que testemunharam em primeira mão o horror iminente. E todas arriscariam a vida para o tentar

impedir.

*A FADA MADRINHA DE UMSCHLAGPLATZ**Varsóvia, julho-agosto de 1942*

Tirar as crianças do gueto revestia-se agora de uma nova e terrível urgência. Às primeiras horas das deportações, Irena ficou desesperada por entrar em contacto com a amiga e conspiradora Ala Goląb-Grynberg. Durante essa primeira tarde, não a conseguiu encontrar em lado nenhum. Ala não estava no escritório do centro de jovens. Irena olhou em volta, para a sala silenciosa com o círculo de cadeiras arrumadas, e lembrou-se de estar ali sentada com Ala, a ouvir as aulas do Dr. Landau sobre o tifo. Tentou encontrar a amiga na sua casa na Rua Smocza, a poucas portas do centro de jovens, mas ela também não estava lá.

Na segunda manhã no gueto, Irena estava desesperada de preocupação. Angustiada, tentou procurá-la nas clínicas médicas do gueto, onde Ala ainda era enfermeira-chefe. Por fim, alguém lhe disse que Ala já estava em Umschlagplatz. O coração de Irena saltou-lhe no peito. Foi imediatamente para Umschlagplatz. Tinha de salvar Ala.

Na zona de embarque, o arame farpado e a miséria das multidões desesperadas atacaram os sentidos e a sensibilidade de Irena. Sentiu as lágrimas arderem-lhe nos olhos e vontade de vomitar. Milhares de corpos, apertados uns contra os outros sem misericórdia sob o calor do verão. O cheiro a excrementos, suor e terror já era intenso. Não havia casas de banho nem salas de espera. Apenas aquela praça fétida, à torreira do sol, e o medo e a miséria intermináveis. Olhou em volta, de pescoço esticado. Nunca conseguiria encontrar Ala. Mas tinha de a encontrar. De súbito, houve uma agitação à direita e viu um vislumbre de algo branco. Em bicos de pés no meio da multidão, Irena viu por um instante um cabelo preto frisado que teve a certeza de reconhecer mas que rapidamente desapareceu

na massa humana. Por fim, viu Ala. Junto ao arame farpado, no limiar de Umschlagplatz, uma clínica médica improvisada aparecera do nada poucas horas depois do início das deportações. À sua volta circulavam médicos e enfermeiras. Ala, a gentil Ala de voz doce, com a sua alma de poeta e espírito de guerreira... Irena viu instantaneamente que nessa manhã Ala já estava a destacar-se como uma das maiores heroínas do gueto. Era a principal conspiradora numa missão de salvamento espetacular, um ardil levado a cabo com uma coragem fascinante mesmo debaixo do nariz dos alemães.

Não começara por ser um ardil, explicou Ala rapidamente à amiga. Mas, no fim, tinham de combater o fogo com o fogo. Ala contou a Irena que na véspera, quando a notícia das deportações varreu o gueto, correria de imediato para o hospital. Os médicos e enfermeiras judeus – seus amigos e colegas – andavam de um lado para o outro, ansiosos. Talvez fossem mesmo apenas recolocações, disseram uns aos outros, tentando tranquilizar-se mutuamente. Ala, graças aos seus contactos clandestinos, sabia que não era assim. Ouvira as histórias sobre Chelmo e acreditara no homem destroçado que as contara. Mas o destino pouco importava agora. Enviar os mais frágeis ou doentes numa dura viagem para leste equivalia a uma sentença de morte, onde quer que essa viagem terminasse. Um amigo agarrou-lhe no braço. *Ala, tem de haver uma clínica médica no terminal ferroviário. Pensa em todas aquelas pessoas.* Ala virou-se para ele. Nachum Remba tinha razão. Assentiu com um aceno.

Nachum Remba não era médico. Era um secretário de 32 anos nos escritórios do Judenrat, que geria os fundos e a documentação das clínicas. E, tal como Ala e Arek, ele e a mulher, Henia Remba, eram ativistas na resistência judaica.

Nachum era um homem alto, de cabelo escuro, um brincalhão que estava sempre a dizer piadas irónicas que faziam rir toda a gente. Ala gostava do seu sentido de humor seco e otimismo obstinado. No entanto, nessa manhã, não havia muitos motivos de riso no gueto. Nachum tinha uma ideia louca e convidou Ala a juntar-se a ele. E se reunissem alguns médicos e enfermeiras verdadeiros e montassem um ponto de «saneamento médico» e dispensário na esquina de Umschlagplatz? Implicaria muita coragem e o excelente talento para a representação de Ala, avisou-a. Tanto Nachum como Ala vinham de famílias do teatro

famosas e tinham muito em comum. Nachum não conseguia evitar fazer uma piada. Ala revirou os olhos e concordou imediatamente em ajudá-lo.

E assim foi. Ala e Nachum fingiram simplesmente que tinham permissão para montar uma clínica. Requisitaram uma área perto da plataforma de embarque, um espaço delimitado por arame farpado, e nela ofereceram cuidados médicos urgentes. Identificavam as pessoas demasiado fracas ou jovens para a viagem e insistiam em tratá-las ou, por vezes, transferi-las para o hospital. Encontrariam também forma de salvar membros importantes da resistência judaica – que incluía Arek, algures na floresta com os guerrilheiros.

Rapidamente se juntou a esta rede na praça, como elo de ligação «oficial» com a resistência, um jovem escanzelado de 20 anos chamado Marek Edelman, colíder de um grupo paramilitar conhecido como Organização de Combatentes Judeus (Żydowska Organizacja Bojowa, ou ŻOB). Marek tinha cabelo negro e um ar juvenil, mas dentro do gueto já se destacava como uma das duas ou três pessoas mais importantes no movimento de resistência. Um dia, lideraria os judeus do gueto numa insurreição dramática. Mas, no verão de 1942, na clínica de Ala em Umschlagplatz, Marek coordenava as transferências entre o refúgio à beira da linha férrea e o hospital do gueto. A sua ligação ao movimento clandestino significava que Marek Edelman não tinha ilusões quanto ao destino daquelas carruagens de carga. A operação começou como um projeto para salvar os mais fracos e vulneráveis e libertar os ativistas mais dedicados do gueto, mas rapidamente se tornou numa corrida para salvar o máximo de pessoas possível.

O que esta «brigada de salvamento» conseguiu foi espantoso. Nachum Remba desempenhou o seu papel na perfeição. Agia pela sua vida e pelas vidas dos outros. Convenceu os alemães de que era o médico-chefe do gueto e de que Ala era a enfermeira-chefe. Fingiram acreditar quando os alemães lhes disseram que se tratava apenas de recolocações. Para manter as aparências, os alemães, arrogantes, fizeram a vontade a estes pobres médicos e enfermeiras judeus iludidos e enganados. Manter a ordem durante as liquidações era o principal objetivo dos ocupantes e alguns judeus a mais ou a menos agora não faziam diferença.

Em poucos dias, Nachum Remba era a pessoa mais famosa em Umschlagplatz e nem os alemães desafiavam a sua autoridade como

médico-chefe do gueto... com a ajuda de alguns subornos bem distribuídos e de uma bata branca de médico. Ele e Ala insistiam para que quem estivesse demasiado doente ou fosse demasiado jovem para a viagem de comboio fosse libertado aos cuidados deles e salvo dos comboios. Requisitaram uma ambulância do hospital e começaram a carregar adultos e crianças. Marek Edelman andava pelo meio da multidão com os bolsos cheios de documentos assinados por Ala que certificavam que o afortunado detentor dos papéis estava demasiado doente para viajar.

A brigada não podia salvar toda a gente, isso era óbvio. Das 300 000 pessoas deportadas da praça naquele verão e princípio de outono, este pequeno grupo salvou, no breve período de três semanas em que existiu, apenas 200 ou 300 dos seus vizinhos. Mas essas centenas de vidas foram importantes. Foram vidas que deram origem a gerações. Entre as vidas salvas estavam todas as crianças do orfanato no número 27 da Rua Twarda, que os alemães tinham seleccionado para serem deportadas para Treblinka. Salvaram um combatente da resistência chamado Edwin Weiss. E salvaram um velho amigo, Jonas Turkow, o ator judeu que conhecia bem a prima de Ala, Wiera Gran, e Irena Sendler. Foi Ala que o tirou da multidão, juntamente com uma das irmãs mais novas de Jonas.

Do dia em que foi salvo, Jonas só se lembraria mais tarde de ficar estupefacto com a coragem de Nachum Remba. Em Umschlagplatz, Jonas estava esmagado entre a multidão que se empurrava dentro dos currais de arame farpado. De súbito, no meio deles, apareceu Nachum com um sorriso plácido no rosto, emanando confiança e calma. Jonas sabia que qualquer outra pessoa que se dirigisse daquela maneira aos alemães seria instantaneamente abatida. Já todos o tinham visto acontecer. Nas plataformas de embarque, a resposta à questão judaica era uma bala. Mas Nachum não fazia perguntas; dava ordens. *Este está demasiado doente para fazer a dura viagem para leste*, dizia, apontando, com um encolher de ombros indiferente, como se não tivesse nenhum interesse particular no desfecho. Nachum conhecia a sabedoria consumada do gueto: sem medo e sem caras tristes. As pessoas que Nachum arrancava às multidões eram levadas para a enfermaria. Jonas foi uma delas. Vida ou morte: era cruelmente aleatório.

Dentro da enfermaria, Ala ordenava aos «doentes» que se enfiassem nas camas. À volta de Jonas havia enfermeiras ocupadas a aplicar ligaduras

brancas. Tudo lhe parecia um sonho. Seria possível que já estivesse morto? Um alemão apareceu à porta e o ritmo tornou-se frenético. Foi quando Jonas soube que ainda estava realmente no gueto. Ficou muito quieto e tentou encolher-se e passar despercebido até o alemão desaparecer. Por fim, chegou o sinal de que o caminho estava livre. As portas da clínica fecharam-se. As ambulâncias estavam a chegar para os levar.

A seguir, os pacientes tinham de passar por um terrível corredor da morte. Não havia garantia de segurança nem mesmo numa clínica no gueto – especialmente aí. À porta, os alemães frios e os seus temíveis lacaios ucranianos faziam inspeções caprichosas. Um homem ao lado de Jonas não parecia suficientemente doente. As coronhas das armas abatiam-se sobre essas pessoas. Jonas conseguiu ouvir os gritos agonizantes do homem quando este foi novamente arrastado para a plataforma. Ala e Nachum assistiam, horrorizados. Ala deu às enfermeiras as únicas ordens que lhe ocorreram. *Temos de lhes partir as pernas se parecerem demasiado saudáveis. Expliquem-lhes as opções.* Valia tudo para convencer os alemães de que determinada pessoa não podia viajar. Os gritos de agonia não eram fingidos. Ala não podia gastar as poucas doses de sedativos que lhe restavam em pessoas saudáveis. Precisava delas para as crianças. Com a bata branca larga a esvoaçar no corpo magro, Ala fez várias coisas ousadas e imprudentes. Fora para isto que poupava os medicamentos. Crianças agitadas e assustadas, incapazes de se fingirem doentes, eram gentilmente postas a dormir para as salvar, porque era os bebés mais pequenos que os guardas tratavam com mais crueldade. Atiravam-nos para o chão, agarravam-lhes pelos calcanhares e batiam com eles contra as carruagens até os crânios rebentarem, enquanto as mães histéricas gritavam angustiadas. Assim, Ala enfiava os mais pequeninos debaixo da bata e passava com eles pelas sentinelas, presos debaixo do braço, levando-os também para as ambulâncias. Ela e Remba tinham desviado uma ambulância e Ala encheu-a de crianças. Só tinha agora de as fazer chegar a Irena.

*

O ardil delirante de Ala e Nachum durou semanas. Irena foi todos os

dias ter com Ala e perguntava o que ela e a sua rede podiam fazer para ajudar. Na plataforma de embarque, as mães estendiam agora os bebês para Ala, a mulher a quem todos chamavam «fada madrinha». Durante 16 horas por dia, Ala e Nachum trabalharam ao lado da plataforma. Eram uma presença constante, sempre em movimento. E na tarde de 6 de agosto isso significou que foram das últimas testemunhas involuntárias de uma das mais cruéis tragédias do gueto. Nessa manhã, como prelúdio da liquidação completa do «pequeno gueto», as SS foram buscar as crianças ao orfanato do Dr. Korczak. Entre os quase 200 órfãos do médico estavam os 32 meninos e meninas judeus que Jan Dobraczyński tinha devolvido ao gueto por uma brecha no muro, menos de um ano antes. Eram os meninos e meninas que Irena já considerava como seus filhos.

Os rumores de que o orfanato do Dr. Korczak ia ser esvaziado varreram o gueto pouco depois das nove da manhã. Irena geralmente fazia as suas visitas diárias ao gueto da parte da tarde, depois de sair do trabalho, quando o carregamento das carruagens tinha lugar em Umschlagplatz. Nesse dia, por acaso, chegou mais cedo, antes do meio-dia.

Irena era um rosto familiar no orfanato do gueto e uma das visitas preferidas das crianças, que guinchavam de alegria com os pequenos presentes que ela lhes trazia e as suas palhaçadas. Irena passava sempre por lá especialmente para ver como estavam as suas crianças de rua. Quando ouviu dizer que todas estavam destinadas à deportação, correu para a Rua Sienna na esperança de conseguir chegar ao velho médico, a tempo de o avisar ou ajudar.

Porém, as SS há muito que tinham chegado ao orfanato com as suas ordens. «As crianças seriam levadas sozinhas», recordou uma testemunha, e o médico teve 15 minutos para as preparar. O Dr. Korczak recusou-se terminantemente a deixar as crianças. «Não se deixa uma criança doente sozinha de noite» declarou com modos bruscos, mal conseguindo conter a fúria, «e não se abandonam crianças numa altura destas.» O oficial das SS que liderava a evacuação riu-se e disse ao professor para vir também, então, se quisesse, e depois virou-se para um rapaz de 12 anos que levava um violino e pediu-lhe em tom bem-humorado para tocar qualquer coisa. As crianças saíram do orfanato a cantar.

O caminho até à plataforma de embarque era longo. Com crianças, a marcha através do gueto, de sul para norte, pode ter levado umas três ou

quatro horas. Irena viu-os primeiro na esquina da Rua Żelazna, depois a virarem para a Rua Lezno. O dia já estava quente – «um calor abrasador», disse Irena – e às vezes as crianças tinham de parar e descansar, mas quando viraram a esquina ainda marchavam com passo confiante. Irena compreendeu rapidamente que o médico as tinha protegido de todo o medo escondendo-lhes o que as esperava. Os residentes judeus, ansiosos, afastavam-se das ruas bloqueadas, e Irena recordou mais tarde ter visto apenas meia dúzia de transeuntes. Quem ousou sair para a rua caminhava rapidamente em direção ao seu destino, de cabeça baixa, tentando parecer invisível. Mas nesse dia dezenas de pessoas, incluindo Jonas Turkow, assistiram das janelas ou das esquinas, num silêncio aturdido, à caminhada de cinco quilómetros do médico com os órfãos, através do gueto. O rosto do médico era uma máscara empedernida de autocontrolo esforçado. Irena sabia que ele já estava doente e em dificuldades, mas nessa manhã o médico manteve as costas direitas e levou ao colo uma das crianças mais pequenas e cansadas. *Estarei a sonhar?* O pensamento passou pela cabeça de Irena. *Será isto possível? Que culpa têm estas crianças?* Na esquina vazia, os seus olhos cruzaram-se por instantes com os do médico. Ele não parou para a cumprimentar. Não sorriu. Não disse nada. Simplesmente continuou a andar. As crianças marchavam em filas de quatro, vestidas com as suas melhores roupas e muito bem comportadas. Depois, Irena viu o que as mais pequenas levavam na mão.

Eram as bonecas que o Dr. Witwicki, o seu antigo professor de Psicologia na Universidade de Varsóvia, esculpira para elas. A própria Irena cruzara os postos de controlo do gueto com elas escondidas. Dera-as às crianças nos centros e, quando os meninos e meninas foram obrigados a escolher apenas um objeto para a viagem, fora aquilo que preferiram. «Com as bonecas apertadas nas mãozinhas, encostadas ao coração, fizeram a sua última caminhada» disse Irena, simplesmente. Sabia aquilo que elas não sabiam. Que iam embarcar com destino à sua execução.

Em Umschlagplatz, os guardas conduziram-nas com chicotes e coronhadas das espingardas, cem ou 150 de cada vez, para as zonas vedadas. Os polícias alemães, ucranianos e judeus agigantavam-se sobre as crianças, a gritar ordens. Ali, sob o sol quente, depois do caos e da brutalidade, as crianças e o médico esperaram até as carruagens serem carregadas, ao final do dia. Terá Irena seguido a marcha até ao seu

destino? Se o fez, terá visto Ala e Nachum do lado de fora dos currais.

Nachum e Ala só viram as crianças no último momento, quando o embarque nas carruagens de carga estava prestes a começar. Nachum, chocado, correu para o médico, na esperança de o conseguir impedir de embarcar. As testemunhas dizem que Nachum foi uma das últimas pessoas que falaram com Janusz Korczak e Stefania antes de as carruagens serem carregadas. Nesse momento, Nachum não estava calmo como era costume, mas de olhar desvairado e desesperado. Implorou ao velho médico que fosse com ele falar com os alemães. *Podemos pedir um adiamento ao Judenrat, doutor. Por favor, venha comigo. Podemos impedir isto.* Janusz Korczak abanou lentamente a cabeça. *Não posso deixar as crianças, nem por um momento.* O médico sabia que, se virasse costas, os alemães enfiariam as crianças nas carruagens e não lhe permitiriam juntar-se a elas.

As crianças, assustadas, procuravam orientação no Dr. Korczak. O médico olhou tristemente para Nachum uma última vez. Esse olhar ficaria com Nachum e para sempre o assombraria. Depois, virando costas a Nachum e ao gueto, Janusz e Stefania ajudaram calmamente as crianças a subir para a carruagem e o velho médico entrou atrás delas. Tinha em cada braço uma criança de cinco anos exausta. «Nunca esquecerei aquela imagem», disse Nachum, ao falar da dignidade do médico e da dignidade ainda maior das crianças que nele confiaram naquela viagem final. «Não foi um simples embarque nas carruagens de carga – foi um protesto silencioso organizado contra esta barbárie.» Quando viu as crianças entrarem silenciosamente nas carruagens sem janelas, cujo chão estava já coberto da cal viva que as queimaria – quando as portas se fecharam sobre o amontoado de pequenos corpos e foram trancadas com arames –, Nachum, o ator jovial e resiliente, perdeu completamente o controlo na plataforma.

Irena também ficou inconsolável. «Quando me lembro daquela trágica procissão de crianças inocentes a marcharem para a morte», disse Irena mais tarde, «não sei como os corações das testemunhas, incluindo o meu, não se partiram em dois. [...] Não, os nossos corações não se partiram.» Nessa noite, «usei todas as forças que me restavam para chegar a casa e depois tive um colapso nervoso». Assustada pela magnitude do desespero de Irena, a mãe não viu outra opção senão chamar um médico para lhe dar

um sedativo. «De todas as minhas experiências dramáticas durante a guerra, incluindo a ‘estada’ e tortura na prisão de Pawiak, ser torturada pela Gestapo na Rua Szucha, ver pessoas a morrer [...], nada me impressionou tanto como a imagem de Korczak e das suas crianças a marcharem para a morte», disse Irena posteriormente.

*

Mesmo assim, Ala e Nachum continuaram a lutar corajosamente todos os dias na plataforma de embarque. Todas as manhãs Ala reunia forças e se atirava ao trabalho que a unira a Irena originalmente: salvar crianças. Mas à noite, depois de os comboios de carga começarem a sua sinistra viagem para leste, nas horas antes de a polícia judaica chegar para preparar a ronda de deportações seguinte, Ala ficava deitada num sótão lúgubre na Rua Smocza, a pensar. Uma noite, nas primeiras semanas de agosto, Irena visitou-a em casa. O pequeno quarto tinha vista para os telhados do gueto de Varsóvia. As duas velhas amigas sentaram-se, de mãos dadas, a ver o pôr do sol. Ala estava triste e séria. Irena implorou-lhe que reconsiderasse.

Rami estava em segurança do lado ariano. Arek andava com os guerrilheiros nas florestas fora de Varsóvia, parte de um grupo de combatentes judeus que se preparava para uma resistência armada. Ala estava em constante comunicação com o movimento clandestino e podia sair do gueto quando quisesse. Irena tinha um lugar seguro onde Ala podia esconder-se, com amigos. Ela própria a esconderia, se fosse preciso. Suplicou à amiga que a deixasse ajudá-la. *Ala, neste envelope tens documentos de identificação. Aceita-os.* Ala deixou-os ficar em cima da mesa. *Irena, olha para mim.* Irena compreendeu. Ala era uma mulher magra, de tez morena, que no verão de 1942 se aproximava dos 40 anos de idade, com nítidas feições judaicas e «mau aspeto», e Irena não podia fingir que não era perigoso. Os documentos não seriam suficientes para a salvar se os alemães aparecessem.

Mas não foi esse o único motivo pelo qual Ala não tocou nos documentos. «Ela travava uma batalha silenciosa mas intensa consigo própria», disse Irena ao falar dessas horas. «Eu compreendi. A filha estava lá fora, o marido andava na floresta, a lutar, mas aquele era o sítio que ela

amava, onde estavam o seu trabalho, as suas responsabilidades, os doentes, os velhos, as crianças.» Irena compreendia, porque, nessa altura, ela própria travava uma batalha silenciosa e intensa consigo mesma. Também ela estava dividida entre querer salvar as crianças e querer apenas salvar-se a si própria e a Adam.

Ala precisava de travar a sua batalha durante mais algum tempo. Tinha de refletir. Não conseguia fugir ainda, quando isso significava abandonar as pessoas. Havia outros à sua volta que começavam a tomar uma decisão diferente e Irena tentou persuadi-la. *Não é vergonha nenhuma viver, Ala.* Os amigos de Ala já estavam a fugir. O primo da Dra. Radlińska, colaborador de Ala há muito, o Dr. Ludwig Hirszfeld, fugira do gueto pelas criptas debaixo da Igreja de Todos os Santos, guiado por Jan Żabiński, guarda do jardim zoológico de Varsóvia e oficial no Exército Nacional clandestino. Havia dezenas de refugiados escondidos em jaulas vazias e nos terrenos do jardim zoológico, onde Irena era uma visita frequente e bem-vinda.

Ala não censurava o médico por isso. Não era uma mulher disposta a julgar as ações dos outros, tendo em conta o que estava em jogo. Na sua mente, não havia certo ou errado, apenas os ditames das circunstâncias e da consciência. Depois de Irena a deixar, prometendo voltar em breve para conversarem mais, Ala ficou acordada muito tempo, a pensar. O envelope de Irena ainda estava em cima da pequena mesa. Por fim, Ala tomou a sua decisão. Pegou num coto de lápis, alisou um pequeno pedaço de papel e começou a escrever aquilo que sabia ser uma carta final. Era dirigida a Jadwiga Strzalecka, a amiga e diretora de orfanato do lado ariano que estava a cuidar de Rami. As palavras eram a despedida de uma mãe à filha pequena e muito amada: «Entrego a minha filha aos teus cuidados, cria-a como se fosse tua», escreveu. E, depois, tocou, por fim, nos documentos de identificação falsos. Já sabia que nunca os usaria. Guardou-os cuidadosamente na sacola. De manhã, dá-los-ia a uma mulher judia por quem passasse na rua – a derradeira dádiva da sobrevivência. Como Ludwig Hirszfeld disse de Ala, mais tarde: «Ela debatia-se entre o instinto de mãe e o instinto de enfermeira e assistente social. Este último venceu – e ela ficou com os órfãos.»

Com a aproximação das rugas, até Adam deixou, por fim, que Irena e os seus contactos clandestinos o levassem, a ele e à restante família, para fora do gueto. Adam resistira bastante. Tal como os outros amigos judeus de Irena, Adam estava decidido a continuar a trabalhar e a tentar ajudar as crianças no centro de jovens. Era um trabalho que Irena, mais do que ninguém, compreendia e apreciava. Unia-os o compromisso de ajudar as crianças órfãs e abandonadas do gueto, e ver Adam do outro lado da sala, debruçado sobre as crianças, a cuidar delas, só fazia crescer o amor e paixão que sentia por ele. E não eram só as crianças. Os laços de família de Adam, complexos e agonizantes, também alimentavam a sua indecisão.

Ao longo do mês de julho, era isso que a testa franzida de Adam dizia repetidamente a Irena, e esta tentou conter a preocupação. Talvez até fosse, de vez em quando, preocupação misturada com uma ponta de ciúmes. À noite, na sua cama estreita, enquanto ouvia a respiração esforçada da mãe, Irena rezava. Os lábios formavam silenciosamente as palavras em que pedia pela vida – e pelo amor – de Adam.

No final do mês, a situação tornou-se crítica. Quando uma tia de Adam, Dora, foi fuzilada em Varsóvia no fim de julho, provavelmente não muito longe do terreno de que ela e o tio Jakub eram coproprietários com outros membros da família Mikelberg, Adam ficou abalado. Quando soube que uma prima de 18 anos, Józefina, fora abatida a tiro em Otwock por ter sido apanhada a esconder-se dos alemães, o medo apoderou-se da família. Quanto tempo mais seria preciso para que a mãe de Adam fosse vítima dos alemães e das deportações? Quando Irena lhe implorou que a deixasse encontrar-lhe um refúgio seguro para ele e para Leokadia, Adam acabou por aceder.

Salvar Leokadia era perigoso mas não impossível, e nesse verão a mãe de Adam foi retirada do gueto. Era um empreendimento perigoso ajudar qualquer residente judeu a passar as fronteiras do gueto, claro, mas depois de uma mulher judia estar do outro lado, com novos documentos arianos, a sua sobrevivência dependia em grande medida de conseguir representar o papel de polaca. Contudo, um judeu circuncidado, cuja religião podia ser rapidamente confirmada, vivia em perigo constante, e Adam era um desafio particular ainda por outra razão. Apesar dos novos documentos de identificação polacos, que o transformavam no gentio Stefan Zgrembski, o seu rosto contava outra história. Adam teria de ficar constantemente

escondido de todos exceto dos seus guardiões e – se ela conseguisse tratar disso – de Irena. Porque Irena queria desesperadamente, até de forma imprudente, encontrar-lhe um esconderijo onde pudessem estar juntos e essa era, talvez, a parte mais difícil da equação.

Irena recorreu a outra velha amiga da universidade que trouxera para a sua rede. Maria Kukulska geria uma das importantes «salas de urgências» para as crianças que Irena tirava do gueto, a partir do seu espaçoso apartamento no bairro de Praga, que partilhava com a filha adolescente. Enquanto subia as escadas até ao apartamento de Maria, Irena debatia consigo própria: poderia pedir isto a uma amiga, mesmo uma amiga tão querida e corajosa como Maria? Não ia fingir. Ia pedir a Maria que arriscasse a vida e a vida da filha para esconder Adam. O medo gelava-a. Irena segurou com ambas as mãos a chávena de chá quente que Maria lhe servira. Maria olhou para a amiga e riu-se. *Estás apaixonada por ele, não estás, Irena?* Irena riu-se também e assentiu com um aceno. Nesse caso, não havia dúvidas. Claro que Adam viria viver para o quarto de hóspedes de Maria.

Regina Mikelberg, contudo, fora enfiada numa das carruagens que saíam de Umschlagplatz para os campos da morte nesse verão. Quando a porta se fechou sobre as dezenas de pessoas presas dentro das fétidas carruagens de gado, Regina ficou aflita. À medida que o comboio saía lentamente de Varsóvia, os gritos de medo e o fedor nauseabundo foram demais para a delicada mulher de 30 anos. Ainda tinha uma irmã no gueto. Tinha a família. E talvez, se foi realmente a primeira mulher de Adam, tivesse também um marido a quem podia recorrer, por mais fracos que fossem os laços que os prendiam na altura. Independentemente de tudo o resto, Regina conhecia Adam e Irena e isso seria, em parte, o que a salvaria. Se conseguisse libertar-se, Janka Grabowska e Irena arranjariam um sítio para a esconder. No calor abrasador da carruagem, com os corpos apertados uns contra os outros, um fraco raio de luz brilhou através de uma janela de ventilação pequena e suja. Era uma abertura muito estreita, mas Regina era esguia e determinada. Içou-se até à abertura e um homem logo abaixo deixou-a apoiar o pé no seu ombro. De olhar triste, incentivou-a a arriscar. Com um impulso, Regina atirou-se da janela para as linhas. Sem olhar para trás, correu para a proteção da escuridão enquanto o comboio seguia o seu caminho em direção a Treblinka.

*

Quando Irena tentou encontrar Rachela Rosenthal, outra das raparigas da Dra. Radlińska e líder de um círculo de jovens no gueto, tal como Ewa e Adam, sentiu o coração apertado. Procurou a amiga em todo o lado, mas não a encontrou. E isso, como todos sabiam na altura, significava certamente que partira num daqueles comboios com destino a leste. O coração de Irena sussurrou-lhe a terrível ideia de que Rachela – a alegre e animada Rachela – podia ter ido de livre vontade, para tentar encontrar a filha de cinco anos que desaparecera. Rachela vivia o mesmo pesadelo que todas as outras pessoas no gueto. Virara costas por um segundo e toda a sua família desaparecera em Umschlagplatz. Era um incentivo poderoso para os seguir.

A perda da filha afetara muito Rachela. Era um sofrimento intensificado por outro facto cruel do gueto. O desaparecimento da filha era a única coisa que dava a Rachela uma hipótese de sobreviver nesse verão. Durante as rusgas, «quase ninguém se preocupava com as crianças», recordou uma jovem judia. As crianças «andavam de um lado para o outro, negligenciadas entre a massa de humanidade» durante as seleções de rua. Qualquer pessoa com mais de 35 anos e as mães de crianças pequenas eram automaticamente escolhidas para a plataforma dos comboios. As crianças, que compreendiam demasiado bem o que estava em jogo, fugiam dos pais para os salvar. «Como eram sábios e compreensivos, aqueles pequenos», recorda essa jovem testemunha, «a tentar persuadir as mães a continuarem sem eles.»

Irena procurou e, finalmente, abandonou a esperança. Mas Rachela, por um golpe de sorte espantoso, também se encontrava entre os sobreviventes nesse verão. Destacada para um grupo de trabalho e obrigada a sair do gueto todas as manhãs para fazer trabalho escravo, andava entorpecida pela dor. E Irena tinha razão em temer que Rachela já não quisesse saber da sua própria sobrevivência. Não teria mexido um dedo para se salvar, depois de falhar à filha. Contudo, outros membros do grupo haviam decidido fugir dos alemães e, no final de um turno, quando os guardas estavam de costas para eles, um homem inclinou-se para Rachela e murmurou: *Vamos fugir do gueto. Prepara-te.* E depois dispersaram-se em todas as direcções à sua volta. Rachela ficou sozinha no meio de uma rua

desconhecida no lado ariano da cidade, e só conseguia pensar na filha. Não tinha qualquer plano, por isso começou a andar. Nessa noite, vagueou desesperada pelas ruas, pronta para morrer, à espera de que alguém disparasse sobre ela. E, quando chegasse a hora do recolher obrigatório, isso aconteceria inevitavelmente. Portanto já não tinha de esperar muito. De súbito, uma rapariga que passava por ela estacou à sua frente. *Rachela!* Rachela ergueu os olhos e viu uma polaca que conheceu antes da guerra, nas reuniões do Partido Socialista. A jovem – que pertencia à resistência e era uma ativista como Irena – percebeu instantaneamente o perigo que Rachela corria. *Vem comigo. Vou levar-te para um lugar seguro*, disse a mulher. Rachela deixou-se levar.

Irena procurou a amiga no gueto durante semanas depois do seu desaparecimento, sem a conseguir encontrar. Contudo, tal como Ala, Rachela estava destinada a tornar-se uma heroína. Escondida no lado ariano, em breve se juntaria à amiga polaca na resistência e, antes do fim da guerra, tornar-se-ia uma feroz combatente clandestina.

*

E depois havia Ewa Rechtman. Tal como Ala, Ewa não conseguia deixar as crianças do seu círculo de jovens – não quando todos os dias os pequeninos eram reunidos e deportados. Ewa era, contou Irena mais tarde, «mãe, pai, irmã e amiga deles [...]». E eles, por sua vez, tornaram-se o maior conforto dela». Entre as quatro amigas que, antes da guerra, se sentavam nas esplanadas a rir e a conversar em iídiche, Ala, Rachela e Irena tinham tido, até agora – independentemente das graves tragédias pessoais – uma sorte espantosa. Nesse verão terrível, Ewa não teve tanta sorte.

«Estava um dia bonito e quente», recordou Irena depois, «quando as hordas de soldados alemães, armados até aos dentes, isolaram o ‘pequeno gueto’» onde Ewa trabalhava. Ewa ficou presa nas ruas isoladas com os seus órfãos. Irena reuniu amigos para uma missão de salvamento assim que soube, decidida a arriscar tudo e improvisar algum plano para salvar Ewa e as crianças da deportação. A ambulância de Ala, chamada de Umschlagplatz, entrou ao serviço. Enquanto aceleravam para sul através do gueto, as mãos de Irena tremiam. Talvez pudessem usar mais uma vez

o ardil de Umschlagplatz. Irena tentaria convencer os guardas, de alguma forma, de que Ewa estava demasiado fraca para viajar. Ou podiam escondê-la em algum lado. Já o tinham feito muitas vezes com crianças. Irena não tinha um plano, apenas uma missão. Com o seu passe de controlo epidémico na mão, regateou com os guardas, tentando convencê-los de que ela e a sua equipa se encontravam ali numa missão médica oficial, urgente e autorizada. Se pelo menos conseguissem chegar a Ewa... Quando um caminho estava cortado, procuravam freneticamente outro – tudo para conseguir acesso às ruas fechadas.

Do outro lado da barreira, cães ladravam e Irena ouviu tiros. Alguém berrou ordens. Ouviram um grito angustiado. De resto, o silêncio era assustador. Um jovem guarda pareceu hesitar quando Irena suplicou com o olhar, mas depois decidiu-se. Em todas as esquinas lhes era recusada permissão para entrar na zona fechada durante a *Aktion*. Nessa tarde, sob o calor de um dia de agosto em Varsóvia, perdida entre as massas de corpos, Ewa Rechtman foi fechada numa das carruagens de gado em Umschlagplatz cujas portas eram trancadas com arame. Ao contrário de Regina, não conseguiu salvar-se da morte no último instante. Ewa morreu em agosto, em Treblinka, num dos «duches» de azulejos brancos.

Irena era atormentada por pesadelos. Os sonhos andavam a piorar e sentia-se cansada quando acordava. Quando sonhava com Ewa, era sempre o mesmo horror e futilidade, sempre as mesmas imagens terríveis. Por vezes Irena também a ouvia, o único alívio nesses tormentos noturnos: a voz da amiga a falar novamente com ela, como sempre, «tranquila, reconfortante e carregada de bondade».

Irena sabia que tudo o que já se passara – todas as suas redes de colaboradores, o contrabando e os segredos – não era nada em comparação com a magnitude daqueles crimes e daquelas perdas. Pior ainda, em meados de agosto as deportações não iam sequer a meio. Prosseguiriam durante mais um mês, com uma intensidade assustadora. A raiva e a indignação de Irena rivalizariam com a barbárie dos alemães. «Muito rapidamente percebemos que a única forma de salvar as crianças era tirá-las de lá», disse, e estava absoluta e totalmente determinada a fazê-lo.

*A RETA FINAL**Varsóvia, agosto-setembro de 1942*

Nesse verão, o gueto foi esvaziado por secções e, ao fim de três semanas de deportações, surgiram cartazes a ordenar a todos os residentes no quarteirão que incluía as ruas Elektoralna e Leszno para deixarem as suas casas e se apresentarem para seleção na manhã do dia 14 de agosto de 1942.

A 14 de agosto, já 190 000 pessoas tinham sido transportadas para a morte em Treblinka. Já não havia mercados de rua no gueto e só uma quantidade ínfima de comida chegava ao bairro judeu pelos canais clandestinos. Ao longo dessas três semanas muitas pessoas não tinham comido nada e, agora, nem todos os residentes do gueto iam contra vontade para a plataforma de embarque, por um único motivo: os alemães tinham mudado de abordagem e prometiam agora grandes rações de pão e compota doce aos que se «oferecessem voluntariamente» para serem recolocados.

Que importa se é a morte que nos espera a leste?, pensavam agora as famílias. No gueto esperava-os uma morte certa de inanição. Muitas vezes, também se decidiam a ficar juntas a qualquer preço. As irmãs gémeas do jovem ator judeu que Ala e Nachum tinham salvado de Umschlagplatz, Rachel e Sarah, encontravam-se entre os que decidiram ir voluntariamente. Jonas e a mulher, Diana, suplicaram-lhes que não o fizessem. Ala já tinha salvado uma das irmãs da morte na plataforma, mas isso só as deixara ainda mais assustadas e decididas. «Não conseguiam imaginar a vida uma sem a outra», disse Jonas, mais tarde. Se tinham de morrer, morreriam como irmãs. Testemunhas horrorizadas da resistência falavam de centenas de pessoas a aguardar pacientemente em filas no

terminal de transporte em Umschlagplatz. Esperavam dias, vigiadas por guardas armados, por uma hipótese de subir para a plataforma de embarque. Eram muitíssimas, como as testemunhas relatam: «Os comboios, que já estavam a partir duas vezes por dia com 12 000 pessoas de cada vez, não chegavam para todos.» Quase todas essas pessoas foram assassinadas em Treblinka, incluindo Rachel e Sarah.

Quem não fazia fila para ser deportado escondia-se nos seus sótãos e caves durante as rusgas. Mesmo os que tinham documentos e trabalho ou a proteção do Judenrat sabiam que era melhor não correrem o risco de serem vistos quando uma área estava a ser esvaziada. Um polícia judeu teve a triste tarefa de levar sete companheiros do gueto para as carruagens de gado, todos os dias – caso contrário também seria deportado. «Nunca antes», recordaram os sobreviventes, «alguém fora tão inflexível no desempenho das suas tarefas como um polícia judeu.»

Nessa semana, foi apanhada nas rusgas da Rua Elektoralna uma menina de dez anos chamada Katarzyna Meloch, já órfã. O pai, Maksymilian, morrera em 1941 quando os alemães ocuparam Bialystok. Nessa altura os alemães e os soviéticos já estavam novamente em guerra e ele e a mãe de Katarzyna, Wanda, podiam ter fugido, porque Wanda tinha documentos de identificação soviéticos. Mas Katarzyna estava num acampamento de verão nesse mês de junho e os pais não podiam partir sem ela. Maksymilian foi enviado para a frente de combate, onde acabou por morrer. Katarzyna e a mãe foram para o gueto da cidade com outros judeus. A meio da noite, Wanda acordava a filha para lhe perguntar: *Filha, lembras-te?* Katarzyna, ensonada, sabia que a resposta era sempre: *Número doze, Rua Elektoralna.* Era a morada da família da mãe em Varsóvia. *Se me acontecer alguma coisa, tens de tentar lá chegar. Se estiveres sozinha, lembra-te do teu tio.*

Um dia, aconteceu realmente uma coisa à mãe. Wanda viu como Bialystok estava a mudar e sentiu o perigo. Os soviéticos eram o inimigo e a Gestapo andava sempre à procura de inimigos. Por fim, vieram buscar Wanda. «Comunista», disse o homem da Gestapo, abanando o passaporte dela no ar. Depois continuou a ler: «Claro, judia!» Wanda implorou-lhe que não a prendesse. Não tinha interesse nenhum pela política; só queria salvar a filha. «Sou apenas uma mãe», suplicou. Mas o alemão mandou que a colocassem no *sidecar* da motorizada e foi a última vez que alguém

viu Wanda. Katarzyna foi levada para o orfanato de um gueto e seguiu as instruções da mãe. Escreveu ao tio, Jacek Goldman, e a família da mãe conseguiu trazer a menina, clandestinamente, para o gueto de Varsóvia. Katarzyna fez a viagem de Bialystok a Varsóvia, sozinha, no inverno de 1941-42.

Em maio de 1942, quando fez dez anos, Katarzyna vivia no gueto de Varsóvia, num apartamento apinhado, partilhado pela família do bondoso tio Jacek e da avó, Michelina. Katarzyna não tinha mãe nem pai, por isso o tio Jacek organizou-lhe uma festa de aniversário no telhado do edifício abandonado e destruído do Hospital do Espírito Santo, onde Irena Sendler nascera 32 anos antes e onde Stanislaw Krzyzanowski fora em tempos médico.

Porém, em agosto, a família já não vivia num apartamento. O tio Jacek arranjou um esconderijo para todos dentro de uma chaminé nas ruínas do hospital, onde os alemães não os encontrariam durante as deportações. E na manhã do dia 14 de agosto era lá que Katarzyna devia estar escondida. Mas Katarzyna tinha dez anos e, em vez disso, estava na rua a brincar nas ruínas com outras crianças. De repente, uns polícias judeus viram-na e identificaram um alvo fácil. Um dos homens agarrou-a com violência enquanto a menina gritava desesperadamente pela família. O homem apertou-a firmemente e arrastou-a para o grupo de mulheres e crianças destinadas à seleção em Umschlagplatz.

No meio dos tijolos caídos e dos parques e esparsos bens que lhes restavam, Michelina ouviu os gritos assustados da neta. O que podia fazer? Cuidadosa e silenciosamente, saiu das sombras. Trabalhava no hospital judaico, o que significava que a família tinha a proteção do Judenrat. *Não podem levar a criança. Temos documentos.* O polícia olhou para a mulher idosa e encolheu os ombros, indiferente e desinteressado. Michelina perdera Wanda, mas estava decidida a não perder a filha de Wanda. Trocou um olhar rápido com Katarzyna. Algures, à distância, ouviu-se uma agitação. Quando o homem desviou o olhar por um instante, Michelina gesticulou com urgência. *Corre*, disseram as suas mãos. *Corre depressa.* E Katarzyna correu. Depois, escondida entre os tijolos e metal retorcido, a menina viu o polícia agarrar bruscamente em Michelina e empurrá-la, aos tropeções, na direção do grupo destinado à plataforma de embarque.

Em Umschlagplatz, Michelina foi empurrada para o meio da multidão, assustada e com calor, e esperou longas horas ao sol. Depois, inesperadamente, viu uma bata branca e um rosto familiar a caminhar ao longo do arame farpado. Pode ter sido Nachum Remba, mas tratou-se muito mais provavelmente da sua colega, Ala. Sentiu que a puxaram rapidamente para a clínica improvisada e, mais tarde, nunca teve a certeza de como tudo aconteceu, mas, quando os transportes partiram nessa noite para Treblinka, Michelina não ia neles. De manhã, estava de volta ao esconderijo na chaminé.

Contudo, julgando ter perdido Michelina para sempre, nessa noite a família tinha-se reunido no esconderijo para fazer planos urgentes. O tio Jacek disse que fugiria do gueto para se juntar aos guerrilheiros que combatiam na floresta, para pôr fim àquela loucura. Uma das tias de Katarzyna disse que continuaria escondida, com as crianças. O tio Jacek nunca mais voltou da floresta, e alguns membros da família de Katarzyna conseguiram sobreviver em fuga durante vários meses antes de serem assassinados, juntos. Mas Katarzyna não estava com eles. A sua salvação veio de uma direção inesperada, e graças a uma velha amiga da mãe.

Antes da guerra, Wanda Goldman fora professora de Latim, e uma das suas alunas era uma rapariga da classe operária da cidade de Łódź chamada Jadwiga Salek. Wanda e Jadwiga, professora e aluna, tornaram-se depois amigas, antes de a vida as levar por caminhos diferentes. Jadwiga mudou-se para Varsóvia, onde se tornou professora nos anos 30 na escola-orfanato do Dr. Janusz Korczak no bairro de Żoliborz, na zona norte da cidade. Juntou-se ao movimento socialista polaco e, por fim, tornou-se assistente social na divisão que encontrava famílias de acolhimento para os órfãos. Em 1942, tinha 31 anos e o seu nome de casada era Jadwiga Daneka, uma das primeiras parceiras de Irena Sendler. Jadwiga, Ala e Irena estavam prestes a salvar Katarzyna.

Ao longo do mês de agosto, Irena e Ala continuaram a tirar crianças do gueto a um ritmo alucinante. Foi no período entre agosto de 1942 e janeiro de 1943 – seis meses – que retiraram do gueto a maioria das crianças que salvaram. «Assistimos a cenas terríveis», disse Irena, ao recordar esses dias. «O pai concordava, mas a mãe não. Às vezes tínhamos de deixar aquelas pobres famílias sem levar as crianças. Eu voltava no dia seguinte e, muitas vezes, descobria que tinham sido todos levados para a estação

ferroviária de Umschlagplatz para serem transportados para os campos da morte.» Essas cenas também se repetiam nos pesadelos recorrentes de Irena. Nunca se livraria desses sonhos terríveis. Os sobreviventes de Varsóvia naqueles anos – e especialmente os sobreviventes do gueto – falam desse fardo universal. A única coisa positiva em tudo aquilo era que, com a atenção dos alemães concentrada na deportação de milhares de judeus para Treblinka todos os dias, havia oportunidades noutras direções. As amigas simplesmente aproveitaram a concentração maníaca dos ocupantes para retirar do gueto o máximo de crianças possível.

Uma dessas crianças foi Katarzyna. Katarzyna, que hoje é uma jornalista reformada e vive em Varsóvia, não sabe se Jadwiga Daneka reconheceu por acaso a filha da amiga ou se foi ao gueto especificamente à procura dela. Tal como Irena, Jadwiga tinha um passe para o gueto e entrava e saía dele todos os dias, com crianças escondidas. Talvez Ala e Nachum tenham sabido da existência da criança em Umschlagplatz, através de Michelina, e contactado então Jadwiga e Irena. Do que Katarzyna se lembra hoje é que, um dia, entre 20 e 25 de agosto, quando os judeus em Otwock estavam a ser liquidados e, em consequência, houvera uma breve pausa nas deportações no gueto, Ala a fez sair pelos portões, para o lado ariano, numa ambulância da brigada de salvamento. Do outro lado dos portões, Jadwiga estava à sua espera. Katarzyna subiu com a amiga da mãe as escadas até um apartamento no número 76 da Rua Obozowa, no bairro de Kolo, onde Jadwiga e o irmão, Tadeusz, tinham uma «sala de urgências» para os meninos de Irena. «Saí do gueto», recorda Katarzyna, «num verão muito quente [1942]. Do apartamento no bairro de Kolo lembro-me de haver tomates grandes no parapeito da janela, a amadurecerem ao sol. Chamaram-me a atenção quando entrei porque eu vinha dum sítio onde nem pensávamos se era verão ou inverno.»

Estas «salas de urgências» – os «pontos de distribuição de prontidão» de Irena – eram essenciais no sistema de salvamento das crianças judias, e havia pelo menos dez dessas casas, talvez mais, espalhadas pela cidade. No apartamento de Jadwiga, viviam duas famílias judias com os filhos pequenos escondidos, e estavam sempre a chegar e a partir crianças. Irena tinha uma no seu apartamento. Jaga Piotrowska e o marido esconderam mais de 50 judeus no seu apartamento ao longo da ocupação. Havia

crianças escondidas com os velhos amigos de Irena, Stanislaw Papuziński e Zofia Wędrychowska, com Maria Palester e Maria Kukulska. Ficavam ainda com a ativista Izabela Kuczkowska, com a responsável de orfanato Wladislawa Marynowska e com a parteira Stanisława Bussold. E havia mais meia dúzia. Todos acolhiam em sua casa crianças judias nas primeiras horas e dias depois de elas serem retiradas do gueto, e preparavam as crianças para a sua nova vida e para o destino seguinte. Alguns esconderam crianças judias durante anos e foram famílias de acolhimento durante décadas, depois da guerra.

Em 1942, graças a Jan Dobraczyński e à sua assinatura de código nos documentos de transferência, as crianças eram geralmente enviadas para conventos assim que os seus novos documentos de identificação «polacos» ficavam disponíveis. Dezenas de crianças estiveram escondidas no Lar do Padre Boduen; outras dezenas passaram pelo orfanato antes de seguirem para outros destinos, com a ajuda de Wladislawa Marynowska e Jaga Piotrowska. Algumas foram colocadas num lar religioso em Otwock, e mais de 30 crianças judias acabaram por ficar escondidas no convento das Irmãs do Serviço na cidade de Turkowice, a leste. O inspetor local sabia que havia lá crianças judias e concordou em fechar os olhos, desde que todas tivessem documentos arianos convincentes, mesmo que falsos.

Quando os documentos falsos de Katarzyna chegaram, o seu novo nome ariano era Irena Dąbrowska, filha de uma polaca desconhecida chamada Anna Gąska, e a certidão de nascimento dava-lhe um ano a mais do que realmente tinha. O seu destino dependia da memorização exata desses factos. O mais pequeno deslize – qualquer coisa que a pudesse denunciar como judia – seria fatal na sua nova vida. Felizmente, Katarzyna crescera a falar polaco. Caso contrário, teria sido muito mais difícil salvá-la. Quase todas as crianças que Irena e a sua rede conseguiram salvar nesse verão e outono vinham de famílias judias assimiladas, com antecedentes profissionais, e, a menos que fossem bebés, já falavam polaco.

Do abrigo de emergência, Katarzyna seguiu o trajeto habitual das crianças salvas pela rede de Irena. Passou pelo Lar do Padre Boduen, enquanto criança necessitada de «cuidados especiais», e depois as freiras transferiram-na para as irmãs do convento rural e isolado em Turkowice. Primeiro, na «sala de urgências» no apartamento de Jadwiga, e novamente no orfanato da igreja, mulheres de cabelos claros treinaram-na gentilmente

em todos os ritos e rituais de uma jovem católica. No convento, para disfarçar a sua tez morena, as freiras prendiam-lhe o cabelo em tranças apertadas com fitas brancas e pediam-lhe constantemente para repetir o catecismo. Porém, para uma criança judia, o difícil não era lembrar; era esquecer. Esquecer aquilo que vira no gueto, esquecer a sua própria família, as suas palavras, experiências e língua. Era imperativo que as crianças judias não revelassem a sua verdadeira identidade, e havia sempre chantagistas à espera de um deslize. Mas a maior ameaça vinha, muitas vezes, de outras crianças que, embora inocentes, faziam queixinhas perigosas.

*

Frequentemente, as crianças salvas do gueto eram batizadas e «tornavam-se» católicas. Com esses ritos nascia um novo conjunto de registos eclesiásticos autênticos e documentos que não tinham de ser falsificados ou manufaturados. Outras vezes, contudo, os pais judeus abanavam a cabeça quando Irena lhes dizia que o batismo fazia parte do processo para esconder os filhos. Para essas famílias, o batismo noutra fé era um obstáculo intransponível. A lei religiosa judaica é clara, diziam-lhe os pais ortodoxos. *Não podemos exilar os nossos filhos da nação judaica só para os salvar agora.* As famílias judias do gueto debatiam esses pontos entre si e pediam a orientação dos rabis. *Não podemos aceitar a destruição espiritual dos nossos filhos,* diziam os judeus uns aos outros. *Se mais de 300 000 judeus vão ser aniquilados em Varsóvia, de que adianta salvar umas centenas de crianças? Ou sobrevivem juntamente com a comunidade, ou morrem.* Outros pais punham imediatamente de lado as questões de religião. *Salvem a minha filha,* diziam-lhe. *Façam o que for preciso para a salvar.* Havia uma fratura crescente na comunidade judaica e Irena e a sua rede estavam no centro da controvérsia. Muito dependia da confiança pessoal nas pessoas que tratavam do «salvamento». Esse era outro dos motivos por que aqueles que Irena e a sua rede retiravam do gueto e ajudavam a esconder-se fossem, na sua maioria, órfãos, filhos de velhos amigos ou crianças de famílias culturalmente assimiladas.

Na rede de Irena, também surgia uma brecha. Irena não era uma mulher

devota. Seguia valores seculares e, acima de tudo, interessava-se por política e ação. Também crescera rodeada pela cultura judaica de Adam e não ignorava a sua beleza ou o seu poder. Jan Dobraczyński e Jaga Piotrowska, contudo, foram ficando mais íntimos e ambos eram católicos fervorosos. A fé de Jan dava-lhe uma grande influência junto das freiras dos conventos e dos diretores dos lares religiosos. A sua influência salvava vidas, e Irena sentia-se grata pela assinatura dele naqueles documentos. Contudo, para Jan e Jaga, o batismo daquelas crianças, para o seu próprio bem, era profundamente importante. E a comunidade judaica começou a pôr Jan Dobraczyński e Irena Sendler em categorias diferentes.

Um dia, em 1942, um judeu escondido do lado ariano de Varsóvia correu o risco de fazer uma visita inesperada ao escritório de Jan Dobraczyński. Tratava-se de um líder comunitário. Explicou ao chefe do escritório, estupefacto, que era médico. Embora o nome desse visitante misterioso não tenha ficado registado, o enviado judeu foi quase de certeza o Dr. Adolf Berman, diretor do CENTOS, a organização de cuidados aos órfãos que estava à frente dos círculos de jovens no gueto durante a guerra. O Dr. Berman conhecia bem Irena e admirava o trabalho dela. Em relação a Jan Dobraczyński, tinha uma perspectiva diferente.

Vim falar consigo sobre a questão do batismo das crianças judias, disse o Dr. Berman, francamente. Pusera de lado as preocupações com denúncias e chantagistas. Arriscava a prisão só por estar ali. Mas exigiu, em nome da comunidade judaica, uma conversa franca e uma explicação. Nos círculos clandestinos, toda a gente sabia que havia assistentes sociais anónimos a tentar esconder crianças judias nos orfanatos da igreja. Mas agora corria também a notícia de que essas crianças estavam a ser batizadas como católicas. O médico queria saber por que motivo estavam as crianças a ser iniciadas noutra fé. Quais eram as intenções de Jan? Tudo o que as crianças precisavam era de documentos e um sítio seguro para ficar até as famílias as poderem resgatar daquele terror.

Para segurança delas, foi a resposta indiferente de Jan. *Com certeza que isso é óbvio.* Jan encolheu os ombros e sorriu friamente ao médico. Não tinha qualquer interesse em debater filosofia. O batismo era o preço da sua ajuda e a comunidade judaica podia aceitá-lo ou não. O médico ficou indignado. Documentos eram uma coisa, claro. Sim, as crianças precisavam de documentos. Podia perfeitamente dar-lhes documentos de

batismo. Mas tinha mesmo de as alienar espiritualmente das famílias através de um ritual? Elas tinham mesmo de pronunciar as palavras de conversão? Jan foi firme nesse ponto – rígido, até. *Se as crianças e os seus pais quiserem voltar à fé judaica quando a guerra acabar*, disse Jan friamente, *essa decisão será da criança*. Até lá, as crianças nos lares dos conventos, insistiu, seriam criadas como católicas. Seriam criadas – pois eram essas as condições de Jan – da forma que ele entendia ser a polaca. «São condições duras», retorquiu o médico. Jan encolheu os ombros. Os pais judeus não estavam em posição de as discutir.

*

Irena foi apanhada no meio desta controvérsia. Aceitava que havia certas realidades práticas incontornáveis em tempo de guerra. Mas também era ela que entrava nos apartamentos degradados e em ruínas do gueto e implorava às famílias judias que lhe confiassem a vida dos filhos. Foi ela que teve de dizer à família de Bieta Koppel que a bebé seria batizada. Henia Koppel nunca deixou de sentir falta da filha. A jovem mãe ainda estava viva no gueto no fim do verão, graças ao trabalho na fábrica de Toebbens, e às vezes encontrava forma de telefonar a Stanislaw Bussold, em cuja casa Bieta continuava escondida. Nesses momentos, Henia não pedia nada a Stanislaw senão que aproximasse o telefone da bebé, para a poder ouvir arrulhar e tagarelar durante uns instantes. Do outro lado da linha, Henia chorava baixinho. Uma ou duas vezes, correu riscos tremendos e escapuliu-se do gueto durante algumas horas para ver a bebé. Todas as fibras do ser de Henia sofriam com a separação da filha. O pai de Bieta, Józef, já morrera. Fora fuzilado na plataforma em Umschlagplatz quando, com a sua característica capacidade de entendimento, se recusou a embarcar nas carruagens para Treblinka.

Aron Rochman, avô da bebé Bieta e pai de Henia, conseguiu de alguma forma sobreviver ao verão e Irena sabia que, por vezes, ele saía do gueto nos destacamentos de trabalho escravo dos alemães, logo de manhã. Nesse outono, quando soube que Bieta ia ser batizada, Irena percebeu que tinha de ser ela a dizer-lho. Como poderia viver consigo própria se não assumisse essa responsabilidade? Irena sabia que Aron e Henia sentiriam profundamente essa perda. No outono, numa manhã fria, Irena esperou do

lado de fora do posto de controlo do gueto até o grupo de Aron passar a esquina. Todos os homens marchavam de olhos baixos. Ali, na rua, apesar das ordens para que polacos e judeus não comunicassem sequer entre si, falou com ele por um instante e as palavras saíram-lhe demasiado depressa. *Tinha de lhe contar.* Aron desviou o olhar. Ali, no meio da rua, entre os passos de desconhecidos e as ruínas da guerra, Irena viu, de coração partido, o velhote chorar pela perda espiritual da neta bebé. Irena não pôde fazer nada. Queria pegar-lhe na mão mas se o fizesse estaria a pô-lo em perigo. Virou costas e afastou-se lentamente.

Alguns dias depois, foi Irena que chorou. Chegara uma encomenda para a pequena Bieta. Lá dentro, estava um vestido de batizado em renda, deslumbrante, e um crucifixo de ouro para a bebé, cuidadosamente embrulhados em papel de seda. Não trazia qualquer bilhete, nem era preciso, porque a mensagem era clara: a família despedia-se de uma criança desesperadamente amada, e Irena sabia que o presente lhes teria custado tudo o que tinham conseguido poupar dentro do gueto.

E era esta, no fundo, a diferença entre Jan e Irena. Irena via a agonia daqueles pais judeus forçados a consentir que a identidade dos filhos fosse apagada. Jan não tirava pessoalmente as crianças do gueto. Irena é que tinha de o testemunhar, mais do que uma vez por dia. Mais tarde, chamou «infernais» às cenas que viu naquele verão. Ali, em apartamentos apinhados, as famílias dividiam-se e fraturavam-se no seu desespero. Os pais diziam que sim. Os avós diziam que não. As mães choravam desconsoladamente. As opções eram demasiado aterradoras. Irena respondia da melhor forma que podia: fazia uma promessa solene aos pais que lhe confiavam os filhos. Apesar dos perigos que isso acarretava, a sua lista com os nomes verdadeiros das crianças e respetivas famílias continuava a crescer.

Contudo, a «lista» de Irena nunca foi material de filmes de Hollywood, e, ao princípio, ela nem sequer a escondia. Irena chamava-lhe o seu arquivo de cartões, e era apenas uma coleção enigmática de nomes e moradas, escrevinhados em código em pedaços de papel de cigarro enrolado. Todas as mulheres da rede tinham essas listas, especialmente Jaga e Wladislawa; passavam-lhes pelas mãos dezenas e dezenas de crianças. Irena reunia-as para reduzir os riscos para a segurança das crianças e dos seus guardiões, e, em casa, tinha um plano do que fazer se a

Gestapo aparecesse a meio da noite. Todas as noites punha as listas em cima da mesa da cozinha, ao lado da janela, e praticava atirar os pequenos rolos de papel para o jardim lá em baixo. O verdadeiro arquivo completo estava firmemente guardado na mente de Irena. Embora dezenas de amigos conseguissem completar algumas peças do *puzzle*, Irena era a única que conhecia tanto os detalhes como a imagem completa. Ao longo do verão de 1942, ainda não era impossível manter o controlo sobre a localização das crianças desta maneira. Na altura, apesar de esforços heroicos e de riscos quase impensáveis, Irena e as mulheres da sua rede ainda só tinham escondido poucas centenas de crianças judias.

Manter as listas era, em parte, também uma questão de contabilidade. O dinheiro fazia sempre parte da equação, e o dinheiro – ou a falta dele – foi deixando Irena cada vez mais preocupada. Tudo começara pela necessidade de arranjar formas de requisitar provisões e fundos nos serviços municipais. Às vezes, se Irena conseguisse arranjar os documentos necessários, os recursos municipais pagavam os custos de cuidar das crianças. Porém, isso tornou-se cada vez mais difícil à medida que os cofres da cidade se esvaziaram e as necessidades cresceram desmesuradamente. Era cada vez mais frequente os pais mais abastados do gueto pagarem adiantadamente o sustento dos filhos por um ano e confiarem esse dinheiro a Irena. Irena sentia a obrigação moral de manter um registo para mostrar à família que era honesta.

Nesse verão, precisamente quando a necessidade era maior, quando Irena corria contra o tempo e contra os horários dos comboios que partiam de Umschlagplatz, a crise rebentou.

Os alemães começaram a desconfiar de irregularidades nos arquivos dos serviços sociais. Irena e Irka não foram apanhadas, mas uma amiga, a diretora dos serviços sociais na sua divisão, foi enviada para Auschwitz em consequência disso. Irena estava sob um escrutínio mais intenso a cada dia que passava – e o perigo também aumentava exponencialmente. Com milhares – por vezes dezenas de milhares – de pessoas a serem enviadas para Umschlagplatz todas as manhãs, e outros tantos milhares escondidos, a rede estava subitamente a desmoronar-se à sua volta e o dinheiro acabou. O tempo também se esgotava e Irena não tinha qualquer solução. Sabia que em breve, por mais corajosos que fossem, seria impossível continuar a salvar crianças.

AGENTES DA RESISTÊNCIA

Varsóvia, agosto-setembro de 1942

O menino de quatro anos e a tia estavam ocultos pelas sombras, à espera do sinal. A tia segurava-lhe a mão com firmeza, mas toda a sua atenção estava concentrada na rua vazia e nos soldados alemães à distância. As armas deles baloiçavam quando andavam e eram os únicos seres no gueto que não estavam assustados. No outro braço, a tia segurava a prima bebé do menino. Os soldados viraram na outra direção ao fundo da rua e Piotr sentiu uma mão no ombro. O pai? Mais tarde, o rapaz não se conseguiria lembrar. Mas o pai não ia com eles, nem a mãe. O menino nunca tinha estado longe dos pais e não compreendia o que estava a acontecer. Alguém exclamou, em voz baixa: *Corre!* E Piotr correu, tão depressa quanto as pequenas pernas lhe permitiam, em direção às árvores, onde o buraco esperava.

Um homem que ele nunca tinha visto ajudou Piotr, a tia e a prima Elżbieta a descer para a caverna. A tia tossiu com o cheiro. Era escuro e terrível. «Silêncio», disse o homem desconhecido. «E não podes chorar», acrescentou, para Piotr. No túnel, os ruídos ouviam-se muito longe e um pequeno fio de água suja entrava-lhes nos sapatos. A água corria ao longo de quilómetros por baixo da cidade, mas Piotr era demasiado pequeno para ter a noção das distâncias. No entanto, sabia que não podia ficar para trás naquele sítio. Manteve os olhos nas costas do homem enquanto caminhavam, durante muito tempo, pelo rio subterrâneo.

De vez em quando, o homem parava, à escuta. Por cima ouvia-se ocasionalmente o som de vozes distantes, mas eles continuavam a andar. Por fim, o homem parou e esperou, alerta, antes de afastar a grade e mandar Piotr subir a escada depressa. Quando olharam para trás, o homem

desaparecera e à sua frente estava uma mulher também desconhecida, uma senhora baixinha de sorriso simpático. *Venham*, disse ela. E eles seguiram-na.

Seria essa mulher Irena Sendler?

*

Piotr era Piotrus Zysman, filho único de Józef, o amigo de Irena, e da sua mulher Theodora. Os pais estavam destroçados. Józef compreendia muito bem o que estava em jogo naquele verão de 1942, e foi um das centenas de pais judeus que confiaram em Irena para lhes salvar os filhos. «Ainda guardo a imagem do olhar bondoso e sábio dele quando me entregou o filho», disse Irena mais tarde. Józef achava que não viveria para voltar a ver o filho. Era difícil reconfortá-lo. No auge das deportações, já ninguém tinha grandes expectativas de sobrevivência. Seria preciso um milagre para salvar os pais de Piotr.

Hoje, quando fala dessa fuga em entrevistas de jornais e palestras para alunos que estudam o Holocausto, o que Piotr recorda é apenas a saída do gueto. E talvez tenha sido Irena a mulher que o recebeu naqueles primeiros e perigosos momentos do lado ariano. De todos os momentos da fuga, os primeiros minutos do outro lado dos postos de controlo eram os mais arriscados. E naquele dia, se não foi Irena, foi uma das suas colaboradoras. Foi a rede de Irena que salvou Piotr.

Já havia um plano para pôr o rapaz em segurança, para alívio de Irena e Józef. Um casal polaco, chamado Waclaw e Irena Szyszkowski – amigos de Józef e Theodora –, aceitou ficar com o menino em sua casa. Waclaw estudara Direito na Universidade de Varsóvia nos anos 30, com Adam e Józef, e em 1942 ele e a mulher tinham três filhos pequenos.

Józef pediu a Waclaw que acolhesse o filho, consciente de que se tratava de um pedido quase impossível. Waclaw era loiro, corpulento e jovial e, na altura, era já um dos membros mais antigos da resistência polaca. Era tremendamente importante que o pequeno Piotr tivesse «bom aspeto» – a aparência de uma criança que podia não ser judia, que podia pertencer a uma família de pessoas loiras. Waclaw preocupava-se com o perigo que os seus próprios filhos correriam, mas não podia recusar este favor de vida ou morte ao amigo Józef.

O protocolo era levar a criança imediatamente para um abrigo de emergência. Não se sabe quem o foi buscar nos primeiros minutos no exterior do gueto, mas nessa noite Piotr foi para casa de Irena, onde ficaria, com ela e com a mãe, pelo tempo que fosse necessário para o preparar. Piotr aprendeu as orações católicas e o seu novo nome polaco. *Nunca fales da tua mamã nem do teu papá*, disse Irena ao menino em tom grave. *Piotr, tens sempre de dizer que a tua casa foi bombardeada. Lembra-te, nunca digas que és judeu*. Era terrível ensinar estas coisas a uma criança, mas Irena sabia que não havia outra opção. Depois, quando chegou a altura, encontraram-se com um elemento de ligação e Piotr foi transferido para os cuidados de Waclaw e Irena Szyszkowski. «Trataram-me», conta Piotr, «como um filho», com amor e afeto.

Esse podia ser o fim da história de amizade e sobrevivência de Piotr. No entanto, em Varsóvia em 1942 nada era assim tão fácil. Waclaw rapidamente percebeu que trazer outra criança para a família não era um segredo fácil de guardar. De súbito, os vizinhos começaram a ficar desconfiados e curiosos. Com olhares estranhos e murmúrios, deram a entender à mulher de Waclaw, enquanto bebiam café e comiam bolo, que a criança que eles estavam a esconder era judia. Waclaw fez chegar a notícia a Irena. A qualquer momento a Gestapo podia aparecer para revistar o apartamento. Piotr tinha de ser transferido imediatamente, mas Irena não tinha outro sítio preparado para ele. Durante várias semanas, foi saltando de casa em casa. Este tipo de situações era comum e afetava muito as crianças mais pequenas. Nesse ano, um menino desesperado perguntou a Irena em tom suplicante: *Por favor, quantas mães é que tenho de ter? Já vou na terceira*. Irena não podia ficar com Piotr. Desconfiava de que o seu apartamento já estava a ser vigiado. Não havia outra opção. Piotr desapareceu num dos orfanatos católicos da rede de Irena, juntamente com os seus outros «meninos».

*

Os riscos para todos cresciam de dia para dia. Irena sabia que, mais cedo ou mais tarde, aquilo só podia acabar em desastre. As restantes mulheres da rede também tinham consciência disso. Jaga Piotrowska, contudo, era destemida. Jaga e o marido viviam na Rua Lekarska e a sua casa era uma

das «salas de urgências» mais importantes de Irena, onde havia pessoas a entrar e a sair a toda a hora. Isso já era suficientemente perigoso, mas Jaga, talvez por causa da sua forte fé católica, era um dos elementos mais arrojados da rede, responsável por conduzir as crianças do gueto através da Varsóvia «ariana». Cuidar de crianças com três ou quatro anos – demasiado pequenas para terem a noção do que podiam e não podiam dizer – era como lidar com explosivos. E a «explosão» há tanto tempo temida aconteceu finalmente quando Jaga levou um menino judeu para uma casa segura, de elétrico.

O rapaz era uma criança pequena e escanzelada que olhava à sua volta, nervoso. Sempre que o elétrico fazia uma paragem, o menino agitava-se e Jaga começou a ficar seriamente preocupada. O elétrico ia cheio enquanto percorria as ruas da cidade. Estavam sentados perto da frente e Jaga teve esperança de que ele se distraísse com a vista. Porém, de súbito, o menino soltou uma exclamação abafada. Algo o assustara. Talvez um vislumbre do muro do gueto com o arame farpado. Talvez uma mãe a caminhar de mão dada com os filhos. Jaga nunca teve a certeza. Mas o menino começou a chorar e – catastroficamente – a chamar pela mãe em iídiche. O coração de Jaga parou por um instante. Os outros passageiros ficaram instantaneamente em silêncio. Jaga apercebeu-se dos olhares surpreendidos na sua direção e, depois, do horror crescente daquelas pessoas ali presas no elétrico com ela. *Iídiche. A criança é judia.* Viu o pensamento formar-se nos rostos dos que a rodeavam. Todos os passageiros do elétrico corriam perigo. Jaga percebeu que o condutor compreendera o que se passava e sentiu a fúria crescente da mulher sentada ao seu lado.

A mente de Jaga era um turbilhão. No meio do medo, o mundo reduziu-se a uma pergunta: será que alguém a denunciaria à polícia na paragem seguinte? Era muito provável. Os sentimentos antissemitas ainda eram fortes em Varsóvia. As ruas estavam cheias de chantagistas à procura precisamente deste tipo de oportunidades para fazer as suas extorsões de vida ou morte. Jaga sentiu o pânico crescer dentro de si. Tinha de ser corajosa, pensou. E tinha de agir depressa. «Escondi o medo no bolso», disse depois. Virou-se para o condutor do elétrico e disse-lhe que precisava de sair imediatamente. *Por favor, ajude-me*, implorou num sussurro. Quando ele virou a cara para a frente sem uma palavra, Jaga

sentiu um aperto no coração. Era inútil. Enquanto apertava contra si a criança em pranto, sentiu as lágrimas encherem-lhe também os olhos. Tinha uma filha. De súbito, depois de alguns solavancos, o elétrico estacou de forma brusca. Jaga estendeu a mão para se segurar. Sacos de compras tombaram e uma peça de fruta rebolou para baixo dos bancos. Um homem praguejou baixinho enquanto ajudava uma senhora de idade.

No meio do caos, o condutor berrou: «Toda a gente para fora! O elétrico está avariado e vai voltar para a garagem.» Abriu as portas e mandou sair os passageiros com maus modos. As pessoas dispersaram-se. Jaga pegou nas suas coisas e na criança, preparada para sair e correr o risco, apesar de saber que as probabilidades não estavam a seu favor. O condutor abanou a cabeça. «Vocês não. Vocês ficam.» Com um gesto, indicou-lhe que se baixasse e ela obedeceu em silêncio. Depois, calmamente, arrancou com o elétrico vazio. «Onde quer que a deixe?» Numa zona sossegada, de casas e pequenos jardins, onde as ruas estavam calmas, o condutor parou o elétrico. *Tem de sair aqui. Boa sorte.* Jaga virou-se para o homem. *Obrigada.* Ele abanou a cabeça e sorriu tristemente enquanto ela e o menino desciam.

*

Mais tarde, Irena diria, ao descrever esse verão de 1942 no gueto: «O que se passava não podia ser mais horrível. O verão trágico desse ano foi simplesmente um inferno. Havia rusgas constantes nas ruas para apanhar os transeuntes, a fome e o tifo faziam pilhas de cadáveres todos os dias e, ainda por cima, pessoas perfeitamente inocentes eram fuziladas ao acaso, constantemente.» Porém, para o mundo do outro lado dos muros, era tudo convenientemente invisível. Os judeus de Varsóvia e os polacos que os ajudavam sabiam que a sua única esperança só podia vir do estrangeiro, e desesperavam por persuadir os britânicos e os americanos a ajudá-los.

Nessa semana, um agente com o nome de código «Witold» chegou a Varsóvia, em missão para uma organização clandestina polaca. Vinha encontrar-se com Marek Edelman, o amigo de Ala e Nachum de Umschlagplatz e ativista da resistência no gueto, e com um dos conspiradores de Marek no movimento clandestino, um conhecido advogado judeu chamado Leon Feiner. A par de Marek Edelman, Leon

Feiner era um dos líderes da ŻOB, a Organização de Combatentes Judeus, que nascera no verão de 1942 a partir dos círculos de jovens liderados pelos amigos de Irena no gueto. Outro dos líderes da ŻOB era uma pessoa que tanto Irena como Jan Dobraczyński já conheciam bem: o Dr. Adolf Berman.

A missão de «Witold» era visitar o gueto. Daí, o agente secreto entraria no campo da morte em Belzec e depois atravessaria a Europa ocupada para fazer ao primeiro-ministro polaco exilado e aos aliados em Londres um relato em primeira mão das atrocidades cometidas contra o povo judeu. Como isso não foi suficiente, viajou também aos Estados Unidos, onde contou pessoalmente ao presidente americano os horrores que testemunhara. O agente chamava-se Jan Karski. E Jan Karski estava prestes a conhecer uma corajosa polaca cujo nome nunca chegaria a saber: Irena Sendler.

Nas últimas semanas de agosto, em 1942, esteve um calor insuportável. Há já um mês que Irena trabalhava freneticamente contra a maré das deportações do gueto. Nessa noite, em casa, até o seu vestido mais leve estava húmido de suor e a mãe disse-lhe que parecia cansada. Irena sabia que a tensão se via no seu rosto. Da cozinha, ouviu bater à porta. Foi uma pancada leve, propositadamente tranquilizadora. Irena vivia no terror da chegada inesperada da Gestapo, mas a Gestapo não batia tão levemente.

Não era invulgar baterem à porta de Irena. O seu apartamento era um local de refúgio e havia muitas vezes amigos e camaradas a entrar e a sair. Mas o cavalheiro de cabelo claro que encontrou ao abrir não era um dos seus mensageiros adolescentes. Ele apresentou-se com expressão séria como «Mikolaj», mas o seu verdadeiro nome era Leon Feiner. O nome de código de Irena, «Jolanta», era uma palavra bem conhecida por todo o gueto, mas Irena ainda não tinha a noção de que estava há meses sob intensa vigilância – não dos alemães, mas da resistência. Eles sabiam que ela trabalhava especificamente com a Dra. Radlińska.

Irena afastou-se e mandou-o entrar. Depois de «Mikolaj» entrar, Irena fechou a porta rapidamente e fitou-o com expressão expectante. Afinal de contas, ele é que estava à sua porta. Não lhe cabia a ela iniciar a conversa. E a conversa foi delicada e vaga. Falar era um risco para ambos. Por fim, «Mikolaj» chegou ao objetivo da curiosa visita. Estaria Irena disposta a orientar Jan Karski durante uma visita ao gueto? Para mostrarem ao

mundo lá fora o que se passava em Varsóvia? Precisavam de uma guia que conhecesse todas as curvas e contracurvas, todos os recantos das ruas do gueto.

Irena não perguntou pormenores sobre a missão. E de certeza que não soube nesse dia o nome do agente secreto. Mas recusar um pedido da resistência? Nunca. Pelos padrões de Irena, a operação nem sequer representava um risco especial. Todos os dias enfrentava a morte dentro e fora do gueto. Sob as fundações do edifício no número 6 da Rua Muranowska, na fronteira norte do gueto, as crianças judias tinham escavado um túnel de 40 metros de comprimento e um metro e 20 de altura, para fazer entrar aquilo de que precisavam para sobreviver. Jan Karski e Leon Feiner entraram no gueto por esse túnel. Do outro lado, Irena conduziu-os pelo gueto. Em poucas semanas, este pequeno ato de ajuda à resistência judaica teria consequências inimagináveis para Irena e para as crianças que ela escondia. Em breve, a resistência devolveria o favor e ajudaria Irena.

*

E Irena precisava de ajuda. No princípio de setembro, a «Grande Ação» no gueto estava na fase final. As crianças que restavam em Umschlagplatz eram as mais fracas e doentes, dizimadas pelo *stress* e pelas dificuldades de estarem escondidas, e não restava ninguém para as salvar. Na terceira semana de agosto, os alemães tinham mandado fechar a clínica médica de Ala e Nachum na estação ferroviária e Ala foi especificamente banida de Umschlagplatz. Assim, continuou a trabalhar enquanto enfermeira-chefe no hospital da Rua Leszno, onde os doentes e malnutridos se multiplicavam. O marido, Arek, fazia parte do círculo interno da resistência judaica e, à sua maneira, Ala era uma das combatentes na linha da frente. Quando as ambulâncias cheias de provisões e lençóis sujos saíam do gueto, Ala certificava-se de que havia sempre pequenos passageiros clandestinos a bordo. Muitas vezes, as crianças eram enviadas para Irena. Mas Ala tinha contactos com outras pessoas que também organizavam operações de salvamento na altura.

No hospital, o pouco pessoal que restava reuniu-se de urgência na manhã do dia 6 de setembro de 1942. Ala estava cansada. Encostou-se à

parede e ouviu. Havia pânico nas vozes dos médicos. Na véspera, tinham aparecido cartazes pela cidade de Varsóvia a oferecer amnistia aos polacos que entregassem os judeus que tinham escondidos. Nesse dia, toda a gente no hospital, até os doentes e acamados que enchiam as enfermarias, receberam ordens rigorosas dos alemães para se apresentarem para um último registo. Já ninguém tinha quaisquer ilusões e Ala sabia que muitos funcionários tinham motivos profundamente pessoais para estarem preocupados. Médicos e enfermeiras tinham tentado salvar os seus próprios pais idosos e filhos pequenos internando-os no hospital sob falsos pretextos. Agora, ordenavam-lhes que deportassem as próprias famílias. Ala viu quando uma das enfermeiras se apercebeu disso e desatou a chorar.

Nessa manhã, Ala teve a semente de uma ideia. *E se...* Mas o pensamento foi interrompido pelo som de botas pesadas e ordens gritadas em alemão. Uma agitação súbita invadiu o corredor e um médico passou por ela a correr. Ala ficou onde estava, paralisada. Virou-se para uma jovem enfermeira de olhos esbugalhados e assustados, mas não conseguiu reconfortá-la. *Oh, meu Deus, eu sei o que está a acontecer*, pensou Ala. Não conseguia dizer as palavras em voz alta. Seria outra vez o terror da caminhada do Dr. Korczak até Umschlagplatz.

O pensamento deu-lhe forças e Ala entrou rapidamente em ação. Assistira aos horrores em Umschlagplatz e julgara que já nada a podia surpreender. Contudo, até Ala ficou chocada ao ver os homens das SS caminharem calmamente entre as filas de camas, abatendo com um tiro na cabeça todos os doentes delirantes ou imobilizados. Os outros pacientes, assustados, com as suas finas batas de hospital, foram empurrados diante das armas para as portas e, à frente do edifício, os condenados foram enfiados em camiões abertos. Enfermeiras e médicos correram para as enfermarias à frente dos homens das SS, desesperados por salvar pelo menos os filhos daquele horror final. Com as mãos a tremer, despejaram preciosas doses de cianeto nas bocas dos familiares. Ala assistiu, horrorizada, quando um médico, em lágrimas, não conseguiu fazê-lo e se virou para uma enfermeira, pedindo-lhe que administrasse a dose fatal ao seu pai. Ala sabia melhor do que ninguém que aquela era a derradeira misericórdia. Como o amigo, Marek Edelman, disse: «Oferecer a alguém o nosso cianeto é um sacrifício verdadeiramente heroico [...] pois o

cianeto é a coisa mais preciosa e insubstituível.» Era a dádiva de uma morte tranquila.

Ala não aguentou assistir. No entanto, aquela semente de ideia cresceu. Correu para a enfermaria das crianças, onde a divisão bem iluminada já estava mergulhada no caos, virou-se para uma enfermeira de serviço e deu ordens rápidas: *Corre, diz ao pessoal da cozinha que estamos a caminho.* Ala precisava que os funcionários da cozinha enchessem um camião com caixotes vazios de legumes e provisões. Ala bateu palmas. *Crianças! Temos de fazer uma fila rapidamente!* As crianças pequenas deram as mãos e as enfermeiras estagiárias adolescentes pegaram em dois ou três bebés de cada vez. Trinta crianças seguiram Ala rapidamente pelas escadas das traseiras até à cozinha, onde foram escondidas dentro e entre os caixotes de batatas vazios. Ala ordenou ao cozinheiro que arrancasse e, momentos depois, viu o camião começar a andar e desaparecer na esquina da rua.

Nessa manhã, Ala salvou 30 crianças. Centenas de pacientes do hospital morreram. Depois do dia 6 de setembro, o hospital do gueto ficou vazio. Em meados de setembro, já pouco importava. O gueto tinha sido dizimado. Oitenta e cinco por cento da população original do gueto, um total de 450 979 pessoas, tinha sido deportada, e quem restava vivia com medo e fome constantes. Cerca de 30 000 judeus tinham sido poupados nas seleções finais, depois de serem considerados capazes para trabalho escravo nas fábricas do gueto. Outros 30 000 – em muitos casos, famílias com crianças pequenas – escaparam às rusgas e viviam como animais selvagens em ruínas carbonizadas, caves e sótãos. Esses eram implacavelmente caçados. Na fábrica de Walter Toebbens no gueto, os trabalhadores, no outono de 1942, incluíam Henia e Nachum Remba; Henia Koppel, a mãe da bebé Bieta; e Ala.

*

A fome e a tuberculose rapidamente teriam voltado a encher as enfermarias vazias de Ala, mas nessa altura o hospital estava em ruínas. A doença só tinha um lado positivo. Enquanto a doença continuasse a grassar no gueto – e não podia ser de outra maneira, dadas as condições –, o passe de controlo epidémico de Irena era válido. E isso significava que

Irena e Ala podiam continuar a trabalhar juntas para tirar crianças do gueto.

Irena não era a única pessoa em Varsóvia com uma operação organizada para salvar crianças judias e as suas famílias. Nem sequer orientava a única rede clandestina com que Ala trabalhava diretamente. Quando tirava crianças do gueto, Ala às vezes passava-as a outra célula que surgira na resistência e a uma mulher chamada Aleksandra Dargielowa. No final do outono de 1942, Aleksandra salvara a vida de mais crianças até do que Irena – mais de 500 –, com um sistema bastante semelhante. Não é de admirar que Aleksandra também estivesse em contacto com a indómita Helena Radlińska.

A organização de Aleksandra chamava-se RGO – Rada Główna Opiekuńcza, ou Conselho Central de Previdência – e, tal como Irena, Aleksandra era assistente social. Desde 1940 que o RGO trabalhava como organização de auxílio sancionada pelos alemães, estando encarregada da gestão de refugiados, prisioneiros de guerra e residentes pobres. Porém, em 1941, o movimento clandestino de resistência infiltrou-se no RGO e, debaixo dos narizes dos alemães, os funcionários começaram a trabalhar secretamente com instituições de solidariedade judaicas e com o governo polaco no exílio para canalizar ajuda para as famílias no gueto. No início de 1942, Aleksandra geria uma divisão do RGO que deu um passo mais além. Escondia crianças judias nos orfanatos da cidade com documentos falsos. Algumas eram as crianças que Ala e Nachum tinham resgatado de Umschlagplatz. Outras eram as que Ala retirara do gueto em ambulâncias ou escondidas debaixo de caixotes.

*

Ala via que Aleksandra estava à beira da exaustão nesse outono, embora não soubesse os motivos. A própria Ala estava à beira da exaustão. Mas Aleksandra não geria só a operação de salvamento de crianças judias através do RGO. Tornara-se também diretora da divisão de assistência a crianças de uma nova organização secreta da resistência com o nome de código «Żegota». Ao princípio, os fundadores desse grupo de ação clandestina tinham chamado à rede «Comité de Auxílio a Judeus». Quando a resistência do RGO se fundiu com o grupo, tornou-se o

«Conselho de Auxílio Judaico». Porém, depressa os organizadores decidiram que as palavras «judeu» e «judaico» eram simplesmente demasiado perigosas para usar em qualquer comunicação, mesmo em mensagens codificadas. Assim, em vez disso, os membros simplesmente fingiam estar a falar sobre uma pessoa imaginária chamada Konrad Żegota – um «homem» que muito rapidamente disparou para o topo da lista de pessoas mais procuradas pela Gestapo na Polónia.

O Żegota chegou tarde ao movimento clandestino polaco. Fundado como grupo de trabalho apenas no dia 27 de setembro de 1942, as suas fundadoras eram duas mulheres provenientes de lados opostos do espectro político. Zofia Kossak-Szczucka era, tal como Jan Dobraczyński, uma escritora conservadora alinhada com a extrema-direita católica nacionalista; e, tal como Jan, o seu ultraje pelos crimes cometidos contra o povo judeu não derivava de uma simpatia especial pelos judeus mas da convicção de que o genocídio não era cristão. «Os nossos sentimentos em relação aos judeus não mudaram», escreveu num panfleto político dirigido ao povo polaco, publicado em Varsóvia no verão de 1942. «Não deixámos de pensar neles como inimigos políticos, económicos e ideológicos da Polónia.» No entanto, prosseguia, «é-nos exigido por Deus que protestemos [...]. É-nos exigido pela nossa consciência cristã.» A cofundadora do Żegota era Wanda Krahelska-Filipowiczowa. Wanda também era católica e mulher do antigo embaixador da Polónia nos Estados Unidos, mas era uma socialista com inclinações liberais, como Ala e Irena. As duas mulheres imaginaram uma colaboração que uniria a esquerda e a direita católicas numa missão de solidariedade com o povo judeu.

Em poucas semanas, o Żegota cresceu para além da missão pensada pelas suas fundadoras. No dia 4 de dezembro de 1942 o «comité» foi reorganizado e os ativistas do grupo defenderam apaixonadamente a inclusão de representantes de um leque muito mais amplo de perspetivas políticas. Em particular, alguns membros queriam incluir no comité representantes da comunidade política judaica. Isto não caiu bem a todos. E, embora ainda não o soubesse, Irena conhecia muitos dos membros originais do Żegota. Um homem chamado Julian Grobelny, que Irena conhecia das reuniões do Partido Socialista Polaco, foi nomeado novo presidente. O Dr. Adolf Berman, diretor da instituição de solidariedade

judaica CENTOS e um dos ativistas dos círculos de jovens que trabalharam com Ala e Adam, representava o Partido Sionista no conselho de liderança. O Dr. Leon Feiner – o homem que, durante a visita secreta de Jan Karski, pedira a Irena para ser a guia dele no gueto – era o representante do *Bund* judeu.

Mas o principal elo do Żegota ao movimento clandestino polaco era um homem chamado Aleksander Kamiński, um ilustre teórico da educação e editor do jornal clandestino do Exército Nacional, o *Biuletyn Informacyjny* (*Boletim de Informação*). Kamiński era uma figura importante no Exército Nacional, o maior braço da resistência. O Exército Nacional – uma ramificação do Estado clandestino que existia em Varsóvia desde os primeiros dias da ocupação e que a Dra. Radlińska ajudara a formar – acabaria por absorver a maioria das unidades de resistência militar mais pequenas entretanto formadas. Em finais de 1942 o Exército Nacional já tinha 100 000 pessoas na Polónia. Em 1944 seriam pelo menos 300 000. E o principal elo de ligação do Żegota a Irena Sendler era uma velha colega de escola, outra das «raparigas» da Dra. Radlińska, Izabela Kuczkowska.

Iza era uma pessoa misteriosa e nem Irena conhecia todos os segredos da amiga. Partilhar segredos era demasiado perigoso. No Exército Nacional, ninguém sabia o nome do seu superior. Muitas pessoas na rede de Irena só se conheciam pelos nomes de código. Segundo os registos nos arquivos secretos do Exército Nacional, Aleksander Kamiński e Izabela foram colaboradores próximos durante a guerra. E, tal como Irena, Iza trabalhava diretamente com a Dra. Radlińska.

No entanto, Irena estava ligada aos fundadores do Żegota por, pelo menos, meia dúzia de formas. Muitos desses homens já conheciam pessoalmente Irena e, apesar do seu secretismo e dos cuidadosos criptogramas que ela usava, constava nos meios clandestinos que Irena tinha montado uma operação extraordinária para salvar crianças. Sabiam-no porque há meses que ela estava sob vigilância constante.

Em breve entrariam em contacto com Irena. Ela conquistara a sua confiança quando ajudara a guiar o agente secreto Jan Karski pelo gueto, de modo que este pudesse levar ao mundo a notícia das atrocidades que estavam a ser cometidas pelos alemães. Agora era a vez de o Żegota ajudar Irena. O que nenhum deles sabia era que isso rapidamente deixaria Irena na mira de outra organização dedicada à vigilância: a Gestapo.

ŻEGOTA

Varsóvia, setembro de 1942 – janeiro de 1943

A velha secretária metálica de Irena estava coberta de apontamentos e papéis, e quase não havia espaço para mexer a cadeira no pequeno gabinete onde Irena passava os dias, entalada entre os armários de arquivo. Ouviu passar lá fora, no corredor do escritório dos serviços sociais, os saltos dos sapatos de alguém, e pareceu-lhe que a pessoa, quem quer que fosse, tinha hesitado um instante em frente da porta dela. Percebeu que estava outra vez a roer o lápis. Andava tensa. Há três ou quatro dias que não via Adam, que continuava escondido no apartamento de Maria Kukulska, e tinha saudades dele. O vento lá fora abanou a janela e Irena apertou mais o casaco à sua volta e fechou os olhos por um instante. Não era a tratar de papéis num gabinete apertado que queria estar naquela tarde. Queria estar enroscada num sítio quente e sossegado, com Adam.

Porém, quando abriu os olhos, ainda estava no escritório. E continuava com o mesmo aperto no estômago. O que via nos papéis à sua frente era um autêntico desastre.

Irena tinha as suas listas – aqueles finos pedaços de papel de cigarro com os nomes e moradas das centenas de crianças escondidas – guardadas na sacola. Ainda não havia garrafas enterradas pelo simples motivo de que Irena ainda não compreendera completamente a magnitude do perigo que corria. Nunca trabalhava nas listas quando estava no escritório, pelo menos às claras, mas não conseguiu resistir a fazer algumas contas num pedaço de papel.

Quando olhou para os números que escrevinhara, viu que nunca conseguiria que batessem certo. Tudo aquilo por que trabalhara tão

arduamente estava a desmoronar-se. Os alemães tinham cortado os fundos dos serviços sociais. No princípio de dezembro de 1942, Irena, pura e simplesmente, não tinha mais dinheiro.

Ouviu novamente os passos no corredor e desta vez não teve dúvidas de que tinham parado à sua porta. Enfiou o papel numa pasta de orçamento e esperou. Quando, segundos depois, a sua colega e amiga Stefania Wichlińska enfiou a cabeça no gabinete, Irena ficou aliviada. Stefania olhou com ar compreensivo para os papéis espalhados em cima da secretária de Irena. *Tens um minuto?*, perguntou. Irena levantou as mãos num gesto de desespero resignado e sorriu. Stefania sentou-se na cadeira bamboleante do outro lado da secretária. *Ireeenaaaa*, começou, lentamente. Irena ergueu as sobrancelhas. Uma amiga com rodeios nunca era uma boa maneira de começar uma conversa. Irena preparou-se para aquilo que sabia que se seguiria, e pensou, tristemente, que não precisava de mais más notícias naquela manhã. Os números já eram suficientemente deprimentes. Stefania foi direta ao assunto e Irena ficou um pouco surpreendida quando percebeu que não se tratava de dinheiro ou assistência social. Stefania, claro, estava a par do segredo do escritório. Todos sabiam do esquema para canalizar fundos para as famílias judias, mas os alemães tinham acabado com esse programa. Apesar disso, Irena ficou sobressaltada quando Stefania começou a falar em esconder crianças judias e numa pessoa que talvez a pudesse ajudar. Stefania era uma amiga, mas alguns segredos eram demasiado perigosos. Fez menção de protestar, mas Stefania interrompeu-a. *Irena, podes ir ao número 24 da Rua Żurawia, apartamento 4, no terceiro piso? Pergunta pelo «Trojan».*

Irena passou a tarde a pensar no que fazer. E a manhã seguinte também. Os riscos eram óbvios. Não que não confiasse em Stefania, mas, e se tanto ela como Stefania estivessem a ser atraídas para uma armadilha por agentes da Gestapo? Por outro lado, pensou, que opções lhe restavam? Stefania dissera que o «Trojan» a podia ajudar e Irena precisava desesperadamente de ajuda.

Por fim, decidiu-se. Certificou-se de que as listas estavam bem escondidas e, no dia seguinte, tirou o casaco do cabide ao pé da porta e saiu mais cedo do escritório. O seu caminho levou-a para leste do gueto, até um prédio igual a tantos outros. O nome na porta dizia *Eugenia Wasowska* e, quando Irena bateu, foi uma voz de mulher que perguntou

quem era. Irena respondeu com a senha: «Trojan».

O apartamento era espaçoso mas escuro, com as persianas bem fechadas. Uma mulher de cabelo grisalho e rosto corado abriu a porta e um homem fez-lhe sinal para entrar. Irena viu que a mulher estava nervosa; estranhamente, isso fê-la sentir-se melhor. Mais tarde, viria a saber que a mulher se chamava Halina Grobelny. Halina conduziu-a através de uma série de portas até chegar a uma pequena divisão ao fundo do apartamento. Aí, apresentou «Jolanta» ao marido, «Trojan» – o nome de código de Julian Grobelny, líder do Żegota.

Irena manteve o rosto inexpressivo, decidida a não revelar nada, mas tinha a mente num turbilhão. Julian Grobelny era um homem entroncado de pescoço grosso e barba escura, com um brilho inteligente nos olhos, por baixo de um par de sobrancelhas hirsutas. Irena calculou que ele teria uns 50 anos, embora se movesse com o passo cuidadoso de um homem mais velho. Seria uma armadilha da Gestapo? Seriam informadores? Era sempre uma jogada arriscada. Irena não tinha como saber que a sua amiga Stefania era mensageira do Exército Nacional e levava, ela própria, outra vida na resistência clandestina. Julian compreendeu a hesitação de Irena e correu o primeiro risco, ao revelar-lhe o segredo do Żegota. Já estavam ligados ao RGO, explicou Julian a Irena. Aleksandra Dargielowa presidia à nova divisão de assistência às crianças. Trabalhavam sob os auspícios do Exército Nacional. Já tinham contactos com Ala, a amiga de Irena dentro do gueto. Depois, perguntou-lhe se Irena e a sua célula estariam interessadas em se juntar à rede deles. *Não tencionamos interferir com a sua operação.* Foram palavras mágicas para Irena. O Żegota recebia fundos que eram largados em Varsóvia de paraquedas por agentes em Londres, e sabia que a célula de Irena estava falida. Queria financiar as suas operações.

Para o diabo com os riscos. Isto era uma dádiva dos céus. «No decurso daquela reunião invulgar, em que tive a honra de representar os funcionários do Departamento de Serviços Sociais de Varsóvia, ficou decidido que estabeleceríamos uma relação com os líderes do Żegota», explicou Irena mais tarde. Porém, naquela tarde, Irena limitou-se a fitar Julian Grobelny nos olhos e a estender-lhe a mão para selar o acordo. Julian riu-se. «Bem, Jolanta», disse, «é um bom negócio este que estamos a fazer. Vocês têm uma equipa de pessoas de confiança e nós temos os

fundos necessários para ajudar mais gente.» Mais dinheiro significava que Irena e a sua equipa podiam expandir as operações. Mas, acima de tudo, mais dinheiro significava que Irena podia continuar a sustentar as crianças que já estavam escondidas, com os subsídios mensais para alimentação de que tantas das famílias anfitriãs dependiam. Mais meio quilo de manteiga no mercado negro, ou um quilo de açúcar, custavam agora quase 500 *zlotych* – o dobro do salário mensal médio de um trabalhador polaco em 1942. Julian explicou que havia «caixas de correio» secretas espalhadas por Varsóvia onde ela recolheria dinheiro e mensagens e, claro, «Jolanta» era sempre bem-vinda na casa segura do Żegota.

Quando descobriu que Irena se aliara a eles, Aleksandra Dargielowa em poucas semanas pediu para ser substituída no cargo de diretora da divisão de assistência às crianças do Żegota. Não por não apoiar Irena; Aleksandra tinha simplesmente os nervos destroçados. Ela e Irena travavam uma guerra diária contra a desumanidade e a depravação e Aleksandra atingira o ponto de exaustão de combate. Irena compreendia muito bem a pressão arrasadora e os efeitos de se viver na companhia do medo. Ela própria estava cada vez mais perto desse ponto de saturação. Adam apercebia-se disso, mas Irena não queria, não podia, dar-lhe ouvidos. E, para Aleksandra, havia outra preocupação constante: era mãe de uma criança pequena. A cada passo que alargava a rede, o risco de ser presa e interrogada aumentava exponencialmente. As probabilidades de algum deles sobreviver a isto eram escassas, e uma pessoa tinha de estar preparada para o pior. Se fosse honesta consigo própria, Aleksandra tinha de admitir que, ameaçada com a tortura do filho, cederia. Irena tinha de fazer a mesma pergunta a si própria: conseguiria arriscar tanto como arriscava se tivesse um bebé de Adam a ter em conta?

Porém, Irena não era mãe, e havia alturas em que até a ideia de estar com Adam – de estar realmente com ele – parecia apenas uma fantasia. Aleksandra pediu a Irena para a substituir e, poucas semanas depois, foi o que aconteceu. «No outono de 1942, assumi o controlo da Divisão de Cuidados a Crianças do Conselho de Auxílio Judaico (Żegota) do governo polaco no exílio», disse Irena, «e isto reforçou ainda mais os meus laços com o bairro murado. Deu-me mais oportunidades de ajudar.» Qualquer coisa que a aproximasse do gueto e do sofrimento das famílias presas lá dentro era uma forma de ser leal a Adam. E isso acabou por fazer dela

uma das grandes heroínas da Segunda Guerra Mundial. Havia cerca de 60 000 judeus escondidos do lado ariano da cidade, constantemente em risco de serem apanhados pela Gestapo ou por chantagistas. Outras 60 000 famílias judias estavam ainda presas dentro do gueto, e o nó corredio ia-se apertando à volta do seu pescoço. Muitas das famílias que viviam escondidas dentro do gueto haviam-se recusado a ir para Umschlagplatz precisamente por terem filhos. Nos dez meses seguintes – de dezembro de 1942 a outubro de 1943 –, a célula de Irena no Żegota, no qual a sua rede rapidamente foi integrada, tiraria do gueto e salvaria das ruas milhares dessas crianças. Todos os meses Irena se certificava de que os seus corajosos guardiães recebiam algum dinheiro para ajudar a sustentar as crianças. E apontava as somas e todas as informações de identificação nos seus ficheiros de papel – um arquivo extraordinário do tempo da guerra e um testemunho da coragem de dezenas e dezenas de homens e mulheres normais por toda a Polónia.

*

O Żegota resolveu o problema de recursos que limitara Irena e os amigos nas operações de salvamento. Agora, era possível pensar em maior escala. Era possível imaginar. No final do outono de 1942, Irena deixou de ser a líder de uma rede relativamente fechada de velhos colegas de escola, camaradas políticos de antes da guerra e colegas de trabalho, para passar a ser uma figura importante no movimento clandestino polaco. Era como ser promovida de capitão a general. Ninguém que a conhecesse tinha dúvidas de que aquele era o seu destino. Irena era brilhante.

Irena dependia completamente das amigas, que assumiam agora papéis de maior relevo na rede – embora, em muitos casos, sem nunca chegarem a saber da existência de algo chamado Żegota. Irena era o único ponto de contacto com Julian Grobelny do lado ariano. E, do lado do gueto, a camarada de Irena era Ala. A enfermeira Helena Szeszko ficou encarregue de criar um sistema de esconderijos hospitalares com vários médicos, incluindo o Dr. Majkowski, o homem que dera o primeiro passe do gueto a Irena. Eram locais onde os judeus podiam procurar ajuda e onde seria possível hospitalizar crianças doentes. Mais de mil crianças seriam colocadas em orfanatos e instituições por toda a Polónia, muitas delas

graças à assinatura de Jan Dobraczyński. Um membro da equipa de Irena tratava pessoalmente desses transportes, muitas vezes para zonas rurais a centenas de quilómetros de Varsóvia. Mais de 200 crianças foram para o Lar do Padre Boduen, onde outros membros da equipa eram entretanto os principais operacionais. A colaboradora Jadwiga Deneka era o anjo da guarda das crianças escondidas, e atravessava Varsóvia e grande parte da Polónia central para verificar como elas estavam e entregar o apoio financeiro que Irena podia agora oferecer, graças ao Żegota. Zofia Wędrychowska e Stanislaw Papuziński, os velhos amigos de Irena, abriram a sua casa como abrigo de emergência, um risco imenso para a sua grande família. O apartamento de Irena era sempre um último recurso para a rede.

E, como sempre, havia Adam. Adam andava inquieto e ressentido. Fugira do gueto por insistência de Irena no verão de 1942 e dava por si agora, meses depois, ainda escondido no apartamento de Maria Kukulska e a dar em doido com a inatividade. A filha adolescente de Maria, Anna, tinha mais liberdade do que ele, e Adam estava abatido. Já era um homem de disposição melancólica e sombria por natureza. Precisava de um trabalho com algum significado. Era difícil para um homem cuja namorada arriscava a vida numa célula clandestina ter de ficar enfiado num apartamento cheio de mulheres, sem fazer nada. Mais tarde, Irena confessaria que estava sempre à procura de coisas para o manter ocupado.

E agora havia trabalho a fazer. Adam assumiu a responsabilidade da papelada e das finanças – a contabilidade de Irena – e esse foi mais um motivo para Irena ficar grata a Julian Grobelny e ao Żegota. Irena geria uma operação grande, perigosa e extraordinariamente bem financiada. Isso implicava registos. E a descoberta dos registos seria fatal. Porém, para Irena, não havia outra opção. «Passavam-me pelas mãos vastas somas», recordou, «e era um alívio para mim poder provar que o dinheiro chegava ao sítio certo. [...] Era do meu interesse guardar aqueles recibos. Passavam-me pelas mãos quantias consideráveis e queria ser capaz de provar que tinham sido recebidas pelas pessoas a quem se destinavam.» O orçamento mensal de Irena era uma fortuna; às vezes via 250 000 *złoty*ch – o equivalente a cerca de 665 000 euros nos dias de hoje – entrar e sair. O dinheiro vinha de fontes no governo polaco exilado e da comunidade judaico-americana. Consciente da confiança sagrada que depositavam

neles, ela e Adam registavam minuciosamente cada *zloty*.

Porém, não era o dinheiro que a empolgava, mas sim o facto de, em janeiro de 1943, ter os nomes de mais de mil crianças nas suas listas. Todas as crianças que Irena colocara nos conventos de Varsóvia continuavam vivas. Ainda não tinham perdido uma única vida preciosa. Era praticamente um milagre. No final da guerra, 90 por cento dos judeus da Polónia estariam mortos – cerca de três milhões de pessoas –, mas não os meninos de Irena.

*

Porém, Irena não salvava só crianças: escondia qualquer pessoa que precisasse de fugir aos alemães. Para os adolescentes judeus – rapazes e raparigas –, era simplesmente impossível esconderem-se em lares ou orfanatos, e alguns desses adolescentes juntaram-se à rede de Irena como correios de confiança. À medida que o controlo alemão sobre o gueto se tornou mais apertado, as velhas rotas secretas deixaram de funcionar e fugir do gueto implicava geralmente uma viagem perigosa e assustadora pelos quilómetros de esgotos da cidade. Os mensageiros adolescentes de Irena serviam de guias nesses caminhos subterrâneos, conduzindo as famílias para fora do gueto e entregando mensagens e dinheiro. Na verdade, a resistência intensificava-se do lado ariano de Varsóvia e muitos jovens juntavam-se aos guerrilheiros. Maria e o Dr. Henryk Palester, cuja conversão ao judaísmo os punha em perigo, continuavam escondidos do lado ariano. Maria fazia parte da rede de Irena. Entretanto, o filho adolescente do casal, Kryštof, juntara-se a um esquadrão de batedores de elite da resistência, conhecido como batalhão «Guarda- -Sol», no qual os jovens levavam a cabo, entre outras coisas, missões de assassinato. Os «tribunais especiais» clandestinos polacos tinham na mira funcionários nazis locais e colaboradores da Gestapo, e todos os dias chegavam notícias de três ou quatro ataques mortíferos nas ruas. Entre os assassinos mais temíveis estavam jovens mulheres que usavam os seus encantos para distrair os alemães. O seu rosto inocente permitia-lhes aproximarem-se o suficiente para efetuar execuções à queima-roupa.

Outros adolescentes foram ajudados a fugir para as florestas em volta de Varsóvia, para se juntarem a guerrilheiros como Arek, marido de Ala.

Além de ajudar as crianças escondidas, a célula de Irena em breve sustentava quase cem adolescentes e um grupo de combatentes da resistência que andavam a ser perseguidos nos bosques pela Gestapo. O que Irena ainda não sabia era que a sua amiga perdida, Rachela Rosenthal, já estava a viver e a lutar pela sobrevivência entre eles. Agora, fazia parte da resistência e tinha documentos de identificação arianos. Rachela dedicou-se completamente à sua nova vida. Era impensável qualquer outra coisa. Eliminara o passado e vivia no bosque como polaca chamada «Karolina». Tinha um novo amante polaco, um atraente engenheiro e companheiro da resistência chamado Stanislaw. Stanislaw não sabia nada do passado dela e Rachela, que ainda era muito bonita, jurou a si própria que ele nunca saberia. E, quando lutava, era com uma coragem feroz e imprudente. Não tinha mais nada a perder. Virara costas no gueto por um momento e perdera toda a família.

Com acesso a novos recursos, Irena arrendou dois velhos edifícios, um na sua antiga cidade de Otwock e outro numa pequena aldeia a poucos quilómetros chamada Świder. Qualquer homem judeu ou organizador da resistência estava terrivelmente vulnerável e, em breve, Irena arranjou um plano para ajudar guerrilheiros como Arek e Rachela. Tal como Otwock, Świder era há muito uma estância de férias de verão e havia na zona uma série de casas arejadas, construídas entre as florestas que seguiam o curso do rio. Algumas das florestas eram o lar dos combatentes da resistência e refugiados judeus adultos que Irena ajudava. Numa dessas pequenas casas, Irena registou uma «clínica de repouso» para tuberculosos, onde internou um sortido de «doentes».

Uma judia de certa idade com aparência particularmente «ariana» e bons documentos de identificação, de apelido Zusman, geria as operações do dia a dia no refúgio em Świder. Uma linha de elétrico ligava a baixa de Varsóvia à aldeia e, recorrendo à sua fachada de assistente social da cidade, Irena visitava frequentemente a clínica, levando à senhora Zusman dinheiro, médicos clandestinos ou documentos de identificação forjados.

A estação em Świder não passava de uma pequena plataforma entre as árvores e um dia, quando desceu do comboio, Irena apertou o casaco à sua volta e começou a andar em direção à casa sobre o solo gelado do inverno. Quando chegou, a «tia» Zusman enxotou-a rapidamente para a cozinha dos fundos, com ar de censura, e obrigou-a a sentar-se junto ao lume.

Enquanto bebiam chá, as duas mulheres despacharam rapidamente os seus assuntos. Irena nunca ficava muito tempo, e em breve cairia a noite. Tinha de voltar depressa para Varsóvia. Mas, primeiro, insistiu para que a senhora Zusman lhe dissesse como passava cada um dos homens. Nesse dia estavam com ela cinco judeus, explicou a senhora Zusman. Alguns encontravam-se frágeis depois de um inverno passado na floresta, e todos eles estavam cansados de andar sempre a fugir. De uma das divisões contíguas ouviram alguém tossir. Irena ergueu uma sobancelha. *Um dos residentes é médico; estamos a tratar deles*, garantiu-lhe a senhora Zusman. Irena sorriu, aliviada. *O Dr. Bazechesa?*

Roman Bazechesa tinha uma história triste, e Irena preocupava-se com o médico judeu. Viera para Varsóvia da cidade de Lviv, a leste, e conseguira esconder-se dos seus perseguidores alemães sozinho, durante meses, do lado ariano da cidade. Mas o médico tinha feições semitas tão carregadas que era uma missão impossível. Vivia num terror constante, e só a sua vigilância o salvara. Por mais do que uma vez fugira de um esconderijo de madrugada, meros passos à frente de chantagistas polacos e da Gestapo. Por fim, a tensão acabou por o quebrar. Mais valia morrer de uma vez do que continuar com aquela vida de animal acochado. Precisamente quando Roman Bazechesa trepava para a balaustrada da ponte para se atirar ao rio gelado, onde certamente morreria, Maria Palester passou por ele e estendeu a mão para o impedir. Maria compreendia bem o desespero do médico. Passaram pela «sala de urgências» do seu apartamento mais de 20 judeus durante a guerra, e mais de metade deles morreram em resultado de chantagem e traição por parte dos *szmalcownik*. Maria levou Roman para casa e, horas depois, a rede de Irena entrou em ação para o ajudar. Fora a própria Irena que o trouxera para este esconderijo em Świder.

A senhora Zusman tranquilizou-a e Irena sentiu o chá quente relaxar-lhe momentaneamente os nervos. Contudo, instantes depois, o ar na cozinha ficou subitamente elétrico.

Punhos bateram furiosamente à porta da casa. Irena levantou-se de um salto, derrubando a cadeira, e estendeu a mão para os documentos de identificação. *Céus. A Gestapo?* Os documentos eram uma sentença de morte. As mulheres trocaram um olhar horrorizado e, atrás de si, Irena ouviu o som de passos abafados. Irena levantou o dedo e apontou para a porta da frente. O gesto silencioso dizia tudo. *Um minuto, dizia. Dê-me*

um minuto. A senhora Zusman assentiu com a cabeça e dirigiu-se à porta com passo lento e bem audível. *Já vou, já vou.* Agora os minutos eram tudo. Os homens agacharam-se, à espera, e Irena sorriu rapidamente ao médico, tentando manter a calma. Enquanto a senhora Zusman se fingia atrapalhada com a fechadura, ao som dos berros dos homens impacientes do outro lado, Irena e os cinco refugiados escapuliram-se pela porta das traseiras. O ar frio e cortante gelou-lhes os pulmões enquanto corriam a toda a velocidade para a floresta.

Espalharam-se em várias direções e, num pequeno maciço de árvores silencioso, Irena finalmente parou, com o coração aos saltos. Os homens estavam escondidos na floresta. Ninguém voltaria à casa enquanto o destino da senhora Zusman não estivesse selado, e Irena sabia que as hipóteses de sobrevivência da velhota eram escassas. No entanto, não podia deixar a velhinha sem ter a certeza. Escondeu cuidadosamente os papéis entre as folhas da floresta e regressou sorrateiramente à casa.

A cena que estava a ter lugar à porta deixou-a de boca aberta. De mãos nas ancas e olhos a chispar, a senhora Zusman gritava com os visitantes indesejados. Irena percebeu de imediato que eram chantagistas polacos e não alemães. *Sabemos que isto é um covil de judeus. Queremos dinheiro.* A velhota sabia perfeitamente que, se desse alguma coisa aos chantagistas, ficaria para sempre na mão deles. Assim que o dinheiro se acabasse, chamariam a Gestapo, e portanto naquele momento ela lutava pela vida. Assim, levantou a cabeça e lançou-se num contra-ataque dramático. *Como se atrevem a incomodar uma cristã polaca?!,* gritou. *Seus bandidos nojentos! Vou chamar os alemães para vos virem prender por maltratarem uma velha!*

Chocados, os chantagistas ficaram um momento parados à porta, hesitantes. A senhora Zusman continuou a protestar, ultrajada e indignada. Confusos e abalados, os *szmalcowniks* olharam uns para os outros. Depois, deram meia-volta e correram pelo caminho abaixo, seguidos pelo eco da voz estridente da senhora Zusman, que lhes gritava que voltassem imediatamente. Quando Irena saiu das sombras, pouco depois, ela e a velhota riram e choraram ao mesmo tempo da coragem e capacidade de representação da idosa. No entanto, a situação não tinha nada de engraçado. O esconderijo estava «queimado», como se dizia naquele tempo. O crepúsculo caía sobre Świder e Irena tinha de arranjar maneira

de realojar os seus judeus de um momento para o outro.

*

Para encontrar uma resposta imediata, Irena recorreu aos que lhe eram mais próximos naquele dezembro: Maria Kukulska e Adam. Irena sabia que, se fosse preciso, Maria também arranjará lugar para Roman Bazechesa.

Maria Kukulska era outra rapariga da Dra. Radlińska, de certa forma. Antes da guerra, fora uma das alunas preferidas do famoso teórico da educação e professor de serviços sociais, o Dr. Wladislaw Spasowski, colega e amigo de Helena Radlińska, mas ela e Irena conheciam-se há anos das reuniões do Partido Socialista Polaco. Maria, que tinha formação de professora, deu aulas na universidade clandestina durante a guerra. Tinha uma filha adolescente chamada Anna, uma rapariga bonita, com cabelo castanho brilhante e uma disposição confiante e aparentemente irrefletida. E a impulsividade adolescente de Anna podia facilmente ter sido o fim de Adam e Irena nesse inverno.

Começou tudo de forma muito simples. Antes da guerra, Varsóvia era conhecida como a «Paris do Leste», e as pequenas praças coloridas que ainda existiam espalhadas pela cidade em 1942 eram bonitas e românticas. Anna estava a passear de braço dado com uma amiga e chamou a atenção de dois atraentes rapazes polacos, chamados Jurek e Jerzy, que se encontravam na praça. Jurek decidiu imediatamente tentar a sua sorte com Anna. Com a subtileza da juventude, começou a olhar fixamente para ela até Anna reparar. Os seus olhares cruzaram-se. Pouco depois, os dois adolescentes conversavam e namoriscavam. Anna estava apaixonada. Com intenção de continuar o agradável interlúdio, Anna, com a confiança irrefletida de uma adolescente, convidou os dois rapazes para a acompanharem a casa e conhecerem a mãe e os seus hóspedes, um advogado chamado Adam e um médico chamado Roman. Quando entraram no apartamento no número 15 da Rua Markowska, Jerzy percebeu imediatamente a expressão horrorizada da mãe dela. Maria desapareceu no quarto dos fundos e ouviram-se os murmúrios de uma discussão acalorada em voz abafada.

Quando a porta finalmente se abriu, apareceu uma terceira mulher, loira,

baixinha, de olhos azuis ardentes. Os olhos preocupados de Maria procuraram os de Anna, que seguiu obedientemente a mãe para o corredor. Jurek percebeu que Anna estava em sarilhos, mas Jerzy concentrou-se na pequena mulher que se encontrava à frente deles. Percebeu que ela fazia uma rápida avaliação dos dois. Talvez, diz ele, mais de 70 anos depois, Irena Sandler tivesse percebido, só de olhar para eles, que eram dois rapazes judeus em fuga do gueto. Estavam na praça porque não tinham para onde ir. Jurek e Jerzy tinham escapado por pouco a uma rusga dos alemães numa casa segura na Rua Idzikowskiego; só sobreviveram porque se escapuliram por uma claraboia do telhado e fugiram. Talvez Irena acreditasse na história louca que lhe contavam agora, em que davam a entender serem bravos combatentes da resistência polaca. Os rapazes eram atores destemidos. Jurek levava a sério o conselho de um velho sábio que lhe dissera que a chave para sobreviver fora do gueto era esquecer: «Esquece que tens alguma coisa a ver com a tribo judaica. Porta-te como se nada te preocupasse.» Porém, se perguntarem a Jerzy – que hoje se chama Yoram Gross e vive na Austrália –, ele dirá que pouca coisa passava despercebida a Irena Sandler. Irena ouviu-os e depois acenou com a cabeça. E pronto. Não só os rapazes podiam ficar, como rapidamente se tornaram parte da família alargada de Irena e Adam.

E quando Adam e Roman saíram do quarto dos fundos para os conhecer, Jerzy compreendeu logo por que razão a presença deles deixara Maria Kukulska em tamanho pânico. Jerzy via claramente que Adam Celnikier, bem como Roman Bazechesa, eram judeus.

*

Jerzy e Jurek entravam e saíam frequentemente do esconderijo de Adam, à medida que o romance de Jurek com Anna se intensificava, e havia sempre riscos quando as movimentações aumentavam. Porém, a pessoa que representava o maior perigo para Adam era Irena. Irena era agora uma figura importante no movimento clandestino, encarregada de oito ou nove casas seguras espalhadas pela cidade, continuava a retirar famílias judias de trás dos muros do gueto e tinha centenas e centenas de crianças escondidas. A Gestapo já andava à caça de «Jolanta». Simplesmente ainda não sabia que Jolanta era Irena.

Irena prestava muita atenção, onde quer que fosse, para se certificar de que não era seguida, mas era impossível ter a certeza de que ninguém a andava a espiar. Se se enganasse, sabia que podia um dia levar os alemães até Adam. O mais sensato seria manter-se afastada do esconderijo dele – separar o romance e os seus «negócios» clandestinos. Mas Irena estava apaixonada. Não suportava a ideia de viver com esta incerteza massacrante e não poder estar com Adam. E Adam não suportava viver sem fazer nada.

Assim, o apartamento de Maria Kukulska tornou-se um ponto de encontro regular para a célula do Żegota. Maria estava envolvida em muitos aspetos da rede secreta de Irena e fazia mais do que esconder Adam e Roman. Isso significava que ambas se preocupavam em tomar todas as precauções. Para jogar pelo seguro, as duas mulheres criaram um sistema complexo de códigos e sinais. Quando se dirigia ao bairro de Praga, Irena perscrutava os rostos dos transeuntes desconhecidos e observava cuidadosamente os reflexos nas montras das lojas para ver se estava a ser seguida. A área era perigosa. Na antiga Casa da Moeda estatal, no número 18 da Rua Markowska, o movimento clandestino forjava carimbos alemães e documentos de identificação. Não muito longe, havia um quartel alemão. Por vezes, paranoica com a preocupação, Irena mudava o seu destino no último minuto e entrava numa loja ou lavandaria. Mais frequentemente, quando pensava que podia estar a ser seguida, virava alguns quarteirões para norte e ia visitar os seus amigos no jardim zoológico de Varsóvia, o Dr. Jan Żabiński e a mulher, Antonia, colegas de Irena na resistência. As portas da casa de estuque branco do casal estavam sempre abertas para Irena, uma das suas visitas preferidas, e Irena encontrava muitas vezes velhos amigos judeus escondidos temporariamente, ou outros membros do Żegota. Nesses dias, Irena não conseguia ver Adam.

Quando tinha a certeza de que estava sozinha na rua, Irena procurava o sinal de Maria na janela da frente indicador de que estava tudo bem do lado dela: que os corredores não estavam cheios de vizinhos metedidos e que não tinha havido visitas da Gestapo nem de chantagistas.

Irena tentava passar pelo apartamento de Kukulska todos os dias, ou pelo menos é assim que Jerzy o recorda. De qualquer maneira, ele e Jurek visitavam-no quase todos os dias – nessa altura, Anna e Jurek passavam

muito tempo aos beijos no sofá – e sempre que lá iam viam Irena com Adam. As memórias de Jerzy são uma janela para a relação privada que floresceu entre Adam e Irena nesse inverno. Apesar de todos os perigos do trabalho de Irena, apesar da posição perigosa de Adam, escondido do lado ariano de Varsóvia, e da sensação de que os momentos que tinham juntos eram instantes roubados no meio do terror, do caos e da incerteza, era a primeira vez que tinham oportunidade, como casal, de apreciar a companhia um do outro longe dos olhos da família. Nesse inverno, o amor entre eles teve espaço para crescer, em parte porque as suas vidas estavam escondidas.

Olhando para trás, para essas tardes no apartamento de Maria Kukulska, Jerzy recorda como Adam adorava Irena, como os seus olhos a seguiam para todo o lado. Adam tinha o seu próprio quarto, uma pequena divisão para a qual se podiam retirar para terem privacidade e não ser só trabalho e Żegota. Os dois tinham preciosas horas roubadas, juntos, atrás de uma porta fechada. Tudo o que se ouvia cá fora eram murmúrios e, por vezes, risos abafados. Mas Jerzy também via que Irena andava a ficar nervosa e tensa. E parte do que a deixava ansiosa era Adam. Adam era um homem enérgico incapaz de estar parado e, ao contrário de Roman Bazechesa, nunca duvidara de que ia sobreviver aos alemães. Sentia-se entediado e, por vezes, tinha uma atitude de desafio. Era um homem zangado e até imprudente. Porém, as fortes feições judaicas dele faziam com que fosse perigoso até assomar a uma janela. Um vislumbre da rua podia ser suficiente para trair todos na casa aos chantagistas ou à Gestapo. A liberdade – poder deixar aquela gaiola – era por vezes apenas espreitar por entre uma cortina fechada, e Adam nem sempre conseguia resistir à tentação de se libertar por um instante. Quando o fazia, Irena entrava em pânico. Irena passava muito tempo, em privado, a tentar lidar com Adam e, especialmente, a tentar impedi-lo de sair do apartamento. A ideia de um pequeno passeio ao ar livre era o paraíso. O parque vazio no jardim zoológico de Varsóvia chamava por ele. Adam prometia não sair, mas Irena não confiava completamente nele. Quando estava longe, passava o tempo preocupada. A pressão começou a dar sinais.

Maria, Anna e os dois rapazes adolescentes começaram a tratar Irena com luvas de pelica, mostrando-lhe um respeito cauteloso e grande deferência. Mesmo os jovens, que não sabiam nada sobre o Żegota,

sabiam que Irena lidava com algo importante e perigoso. Em privado, Anna e os rapazes por vezes questionavam o que seria, e Anna dava a entender que pensava tratar-se de crianças judias. Por vezes, pelo apartamento de Maria, passavam meninos pequenos para as suas «transformações» em meninas, e Maria e Irena fechavam-se com as crianças na pequena casa de banho e o cheiro a químicos enchia o ar. O «aloiar» das crianças de cabelo escuro falava por si.

Jerzy também observava tudo isto e, durante semanas, refletiu sobre o que se passava. Com certeza que compreendia o que via e não gostava de mentir a Adam e Irena. Talvez não soubessem que ele próprio era judeu. Jerzy e Adam eram amigos, e Adam era um confidente a quem os rapazes falavam sobre as suas angústias de adolescentes e problemas com raparigas. Por fim, Jerzy decidiu confiar nele: *Adam, sou judeu*, disse. Adam acenou com a cabeça para mostrar que compreendia o que o rapaz lhe estava a dizer. Depois, Jerzy acrescentou: *Sei que também és judeu*. Adam franziu a testa, apontou para o cabelo escuro e feições fortes e abanou a cabeça com firmeza. *Não*, disse ao rapaz. *Não sou judeu. A minha mãe é húngara, só isso*. Jerzy sabia que não era verdade, mas calou-se.

*

Os rapazes também precisavam de um local seguro e Irena e Adam trataram disso. Irena mandou Jerzy e Jurek para a casa segura em Otwock. Adam, contudo, também os pôs a trabalhar. Precisava de ajudantes. Adam e Irena trabalhavam juntos no Żegota e o papel de Adam tinha de ser desempenhado nos bastidores. Não podia sair do apartamento. Mas o seu trabalho era distribuir o dinheiro que Irena recebia mensalmente do líder do Żegota, Julian Grobelny, e do seu escritório no quarto em casa de Maria Kukulska, Adam mantinha toda a documentação em ordem. Em mensagens codificadas, enviadas por correios de confiança, tratava de bolsas escolares para as crianças mais velhas que Irena andava a colocar nas escolas secretas geridas pela resistência, onde podiam continuar os estudos. Atribuía documentos de identificação falsos e certidões de nascimento roubadas às crianças cuja aparência mais se aproximava da descrição. Adam precisava de correios com «bom aspeto» e tez clara.

Jurek e Jerzy estavam ali à mão, por isso os rapazes levavam as mensagens através da cidade e, por vezes, entregavam encomendas perigosas de documentos.

O perigo rondava constantemente. Sabiam que Irena, acima de todos, vivia no fio da navalha, à beira do desastre. Mas havia amor no apartamento de Maria Kukulska e, às vezes, momentos de muita diversão com os jovens. Em tempo de guerra, as pessoas agarravam-se com todas as forças aos pequenos prazeres. No dia 31 de dezembro de 1942, as ruas do lado ariano encheram-se de pessoas a festejar o Ano Novo – ou, como se diz na Polónia, a Noite de São Silvestre – com música e risos. Adolescentes mascarados pregavam partidas e as lutas de bolas de neve amistosas faziam os grupos de jovens gritar de alegria. Dentro do gueto, estava tudo escuro e silencioso. Por ordem de Berlim, o dia 31 de dezembro foi o último dia em que qualquer judeu pôde ser livre em território alemão. Era o fim oficial das deportações em massa desse verão, e as festividades no bairro murado estavam proibidas.

Adam e Irena, escondidos, nunca poderiam juntar-se às multidões nas ruas, mas dentro do apartamento de Kukulska reuniram-se alguns amigos para uma festa privada. Na mesa havia pão quente moldado nas formas tradicionais de animais de fantasia, e bolos doces *paczki* que Maria trouxera de uma padaria próxima, onde as montras estavam repletas de iguarias e velas. Alguém tentou ler a sorte nas palmas das mãos dos outros, uma tradição de Ano Novo, e Irena e Adam, perdidos de riso, encostaram-se um ao outro como amantes de há muito. Jurek beijou Anna quando achava que ninguém estava a ver e Jerzy ficou sentado no sofá, contente.

Antes da meia-noite, este pequeno grupo, mais família do que amigos, posou para um retrato animado, encostados uns aos outros no pequeno sofá da sala de Maria. Não houve champanhe no inverno de 1942, mas ninguém precisava de champanhe para brindar ao Ano Novo. Bastava-lhes estarem juntos e felizes. Quando os sinos de igreja repicaram por fim pela cidade de Varsóvia, Adam virou-se para beijar Irena e disse as palavras do brinde tradicional da meia-noite em polaco: *Do siego roku! Feliz Ano Novo!* Irena apoiou por um instante a cabeça no ombro de Adam antes de responder. Talvez tenha pensado brevemente no que tinha pela frente. Era uma fraqueza humana, que lançou uma sombra na sua alegria. Já ninguém

acreditava que a guerra ia acabar rapidamente. Pelos seus contactos na resistência, Irena sabia que se aproximavam tempos sombrios. Era preciso força para viver só no presente. E só assim Irena – que era uma das mais fortes – conseguia continuar. Virou-se para Adam e murmurou: *Do siego roku*. Tinha de acreditar que teriam um futuro diferente. Juntos.

*À BEIRA DO PRECIPÍCIO**Varsóvia, 1943*

Uma pancada na porta às três da manhã era sempre mau sinal, por isso o som suave que despertou Irena do seu sono uma noite, na primavera de 1943, deixou-lhe o coração aos saltos.

Podiam ser denunciados à Gestapo a qualquer momento. À medida que cresciam os receios alemães quanto ao movimento de resistência polaco em Varsóvia, os esforços para encontrar os dissidentes intensificavam-se também. Contudo, quando a Gestapo chegasse, não bateria discretamente. Era preciso não esquecer isso. Essas visitas vinham com botas pesadas, e gritos, e madeira partida para maximizar o efeito de terror. Havia uma etiqueta precisa para bater à porta em tempo de guerra, e este era o sinal relutante e madrugador de um conspirador.

O que só podia significar uma coisa: acontecera algo terrível na operação de salvamento dessa noite. Irena apertou o roupão à volta do corpo e hesitou. Não queria acender a luz. Uma silhueta podia traí-la. Mas mesmo na escuridão sabia onde se encontravam as entradas mais recentes das listas e os livros das contas semanais. Estavam em cima da mesa da cozinha, perto da janela, como sempre. Era o seu protocolo privado. Num movimento rápido, Irena atirou-os pela janela e viu os papéis de cigarro onde escrevia as suas listas flutuarem até ao solo e pousarem entre os caixotes de lixo. Aí, ninguém repararia num pedaço de papel com algumas palavras escritas levemente a lápis. «Por uma questão de segurança, eu era a única pessoa que lidava com os registos», contou Irena mais tarde, acrescentando: «Pratiquei muitas vezes como os escondia rapidamente, caso tivesse visitas indesejadas.»

Irena olhou em volta para se certificar de que estava tudo em ordem.

Ouvia a respiração tranquila da mãe no quarto dos fundos e ficou contente por a pancada na porta não a ter acordado. Irena esforçava-se por manter a mãe na ignorância em relação às suas atividades perigosas. Era a melhor forma de a proteger quando o pior acontecesse.

Por fim, correu o trinco e abriu a porta o mais silenciosamente que a velha madeira empenada e as dobradiças ferrugentas lhe permitiam. O coração parou-lhe por um segundo. Parecera-lhe ver a porta da vizinha do outro lado do corredor a fechar-se silenciosamente. Teria a velhota aberto antes dela? À porta de Irena estava uma adolescente com quatro crianças pequenas, todas cobertas de água dos esgotos.

A adolescente era uma corajosa rapariga de 16 anos com olhos escuros e os caracóis presos debaixo de um boné. Irena não sabia o nome verdadeiro dela; todos os correios judeus da sua rede tinham nomes de código. Tal como Irena, claro, embora a verdadeira identidade de «Jolanta» fosse há muito tempo um segredo aberto na resistência. Contudo, sob tortura, uma pessoa só podia revelar aquilo que sabia, por isso era melhor não fazer perguntas, e Irena nunca perguntava às raparigas de onde vinham.

Jolanta, murmurou a jovem. Irena abriu mais a porta e mandou entrar o pequeno grupo ensopado para a cozinha às escuras. *Não sabia para onde havia de ir*. Irena fez um aceno tranquilizador. Compreendeu sem precisar de mais explicações: havia uma operação programada para essa noite, a retirada de um grupo de crianças judias através de uma passagem secreta nos esgotos subterrâneos da cidade. A guia devia entregar as crianças a um dos guardiões e, a partir daí, a rede de Irena entraria em ação para que as crianças desaparecessem em casa de famílias particulares ou num dos conventos onde as irmãs escondiam centenas de crianças judias. Irena adicionaria em segredo os seus nomes às listas cuidadosamente guardadas e certificar-se-ia de que todos os meses o dinheiro para as sustentar chegava discretamente às pessoas corajosas que cuidavam delas. E anotaria as somas e moradas nos seus registos de papel fino.

Naquela noite, com a *Aktion*, tinham perdido o rasto a algumas das crianças. Os alemães em patrulha tinham prendido o guia dos esgotos e outros correios. Todos enfrentariam um interrogatório brutal. Eram esses momentos que causavam pesadelos a Irena. As casas seguras estavam comprometidas. Quase de certeza haveria execuções. Nunca se sabia o que as pessoas podiam dizer sob tortura e de nada servia culpar quem cedia.

Toda a gente em Varsóvia sabia que aconteciam coisas inimagináveis nos centros da Gestapo.

Irena olhou para as crianças à sua frente, molhadas e imundas, e sentiu um aperto no peito. Alguém as vestira cuidadosamente, com as suas roupas melhores e mais quentes, um último gesto de amor de uma mãe ou pai. Estes detalhes assombravam Irena. Uma das crianças tinha seis ou sete anos. Era um menino com «bom aspeto» – não parecia judeu. No entanto, todas tinham uma coisa em comum: os olhos tristes e assustados de crianças do gueto.

A mente de Irena entrou rapidamente em ação. Resolver problemas era o seu forte e fazer alguma coisa era a única forma de não enlouquecer. Tinha outras casas seguras. Se fosse preciso, podia levar as crianças para casa de Jaga, temporariamente. Mas teriam de as limpar, de lavar e secar-lhe as roupas e de as tirar do prédio sem serem vistas, antes que os corredores se enchessem de vizinhos curiosos. Havia ainda outro problema. De manhã, às sete, chegava uma amiga da mãe que a vinha visitar todos os dias. Irena confiava na amiga da mãe – os nazis tinham-lhe matado o marido e ela não sentia qualquer simpatia pelos alemães –, mas não o suficiente para partilhar um segredo destes. Era um risco imenso, e Irena não brincava com a vida de crianças.

Na melhor das hipóteses, tinham algumas horas até ao nascer do dia. Menos tempo ainda, se a vizinha a denunciasse. Irena não fazia ideia do que a vizinha pensava sobre os judeus, mas esta não era a maneira ideal de descobrir. A Gestapo podia já vir a caminho e, se fossem apanhadas a ajudar crianças judias, a morte era certa para todas. Porém, não havia alternativa. Nem as crianças nem a jovem que as trouxera podiam viajar enquanto não estivessem limpas. A lama nauseabunda que as cobria dizia tudo. E, de qualquer maneira, ninguém podia andar na rua enquanto o recolher obrigatório noturno não fosse levantado.

Irena começou a aquecer água. Teria de ser bem quente. O seu pai, médico, morrera de tifo a ajudar crianças judias, quase 30 anos antes, e Irena vira a doença arrasar o gueto antes mesmo das liquidações. Os esgotos através dos quais as crianças tinham passado podiam ser uma sentença de morte para todos, se não tivesse cuidado. Água quente e muito sabão eram essenciais. Enquanto a adolescente e as crianças começavam a despir-se, Irena procurou no roupeiro toalhas velhas para as enrolar.

Depois, lavou as roupas delas com um pedacinho de sabão precioso e esfregou muito bem as mãos e as unhas.

As crianças encostaram-se umas às outras e, pouco depois, as pequenas calças e vestidos estavam torcidos e a secar ao pé do aquecimento. Ainda estariam húmidos quando o dia nascesse, mas não havia outra solução. As crianças foram silenciosamente despachadas para a banheira, com instruções sussurradas para não fazerem barulho. Os vizinhos de baixo eram amigos, mas outros no prédio podiam ficar desconfiados se ouvissem passos àquela hora. E a desconfiança podia ser fatal.

Irena sentiu o coração apertado quando viu a mãe à porta do quarto, a olhar para ela. Janina, cujas pernas estavam fracas devido à doença, observou a cena sem dizer nada. As quatro crianças nuas e a adolescente de cabelo escuro não precisavam de explicação. Irena ficou aliviada quando viu nos olhos da mãe apenas aceitação e preocupação. As crianças entraram na banheira com cuidado e as primeiras três foram rapidamente lavadas. Enquanto aquecia a água para a última criança, Irena foi à procura de mais sabão e apercebeu-se de que já o tinha gastado todo.

O sabão era um bem precioso no tempo da guerra. Feito de gordura animal e cinzas, era fácil de encontrar em tempos de abundância. Porém, no inverno de 1942-43, os cidadãos mais esfomeados de Varsóvia já tinham começado a cozinhar couro de sapatos velhos para fazer caldo de carne e ingerirem algumas proteínas. Toucinho e *bacon* eram tesouros. Mais valia estar sujo do que ter fome, se fossem essas as opções. Irena e a mãe tinham sorte de conseguir arranjar pequenas doses de sabão de lixívia para lavar a roupa.

Sabão? A mãe abanou a cabeça. Restava apenas um pedacinho na cozinha, do tamanho de meia bolacha fina e mole, que não chegava para lavar a última criança. A falta de sabão parecia uma coisa tão pequena, mas podia custar-lhes tudo.

Irena pensou por um momento. Planos alternativos, cenários alternativos? Não lhe ocorria nada. O que podia fazer? Não havia outra opção. Assim, dirigiu-se à porta e saiu para o corredor. Tinha de pedir à vizinha. Irena respirou fundo e bateu rapidamente à porta.

Sabia que era um risco tremendo. Teria de apostar que a vizinha não a denunciaria. A porta abriu-se lentamente e Irena viu os olhos arregalados e aterrorizados da outra mulher. Percebeu instantaneamente que também ela

temia que uma batida na porta significasse a chegada da Gestapo. Tentou rapidamente tranquilizá-la. *Tem sabão? Estou a tratar da roupa. Não consigo dormir.* Eram quatro da manhã e a vizinha pelos vistos também não estava a dormir.

A outra mulher virou-se sem dizer nada, mas não fechou a porta. Irena esperou. O que significaria isto? Seria uma oferta de ajuda ou um sinal de traição? Estaria a chamar a Gestapo naquele preciso momento? Seria um convite? A luz forte do corredor mostrava os arranhões e falhas na madeira e os sítios onde anos de passos tinham desgastado os degraus. Precisamente quando estava prestes a desistir, Irena ouviu novamente os passos leves e uma mão enrugada estendeu-lhe algo húmido, apressadamente embrulhado num papel. Irena tocou-lhe na mão, quente e macia, e aceitou a oferta. *Obrigada,* murmurou. *Senhora Sendler,* foi a resposta, *não tem que agradecer.*

*

Quando o sol começou a iluminar as ruas de Varsóvia nessa manhã fria, um vizinho que estivesse acordado poderia ter visto uma jovem a sair do prédio de mãos dadas com quatro crianças bem arranjadas. Se estivesse no jardim e as visse, o senhor Przeździecki talvez tivesse acenado e pensado que eram crianças da zona a caminho do jardim de infância de Basia Dietrich. A brisa matinal fez-lhes esvoaçar os casacos e as crianças aceleraram um pouco o passo. A rapariga de boné puxou-as para perto de si. Em poucos instantes viraram a esquina e desapareceram.

Nesse dia, os vizinhos do prédio talvez tenham ouvido uma estranha conversa a meio da manhã. Talvez tivessem dado conta de passos de madrugada, uma porta a abrir e a fechar, o rangido dos degraus, sons de água a correr. Alguém estivera acordado de madrugada. Agora, uma mulher conversava com Janina numa voz que se ouvia bem pelas escadas todas. Era a vizinha e dizia em tom compreensivo: «Tenho pena de si, a sua filha está muito em baixo.» A resposta foi um murmúrio abafado. «É evidente que não consegue dormir de noite», disse a vizinha de idade em voz bem alta. «Claro que ela tem o marido num campo, por isso imagino que passe a noite a chorar por ele. É difícil. Mas levantar-se às três ou quatro da manhã para lavar a roupa! E acordar os vizinhos todos só para

pedir sabão emprestado! Não é normal!»

O que ninguém viu foi o pequeno aceno silencioso e o sorriso antes de a porta se voltar a fechar. A vizinha compreendia exatamente o que tinha acontecido.

*

Os nomes dessas quatro crianças nunca foram registados por Irena, mas fizeram parte da sucessão de jovens que passaram pelo seu apartamento e pelos apartamentos de todos os seus conspiradores. Como, por exemplo, o casal de irmãos salvos do gueto e que receberam novos documentos de identificação polacos com os nomes Bodgen e Irena Wojdowska. Ou a menina cujos documentos arianos falsos lhe davam o nome de Halina Zlotnicka. Halina também foi salva pela rede de Irena e colocada na casa segura de Jaga, onde ficou a viver com a filha de Jaga, Hanna. «A Jaga cuidou de mim como se fosse filha dela», recordou Halina, décadas mais tarde. Jaga adorava livros e passou a Halina a paixão pela leitura. Talvez Jaga compreendesse também que fugir para um mundo de fantasia mais seguro era precisamente aquilo de que uma criança aterrorizada precisava.

Na verdade, as quatro crianças que passaram nessa noite pelo apartamento de Irena podem ter sido quaisquer quatro entre centenas de crianças. Agora, havia mensagens estranhas a chegar a todas as horas, e Irena tinha de agir de imediato. Nalguns dias, tratava-se de mensagens de Jaga ou Ala. Uma mãe judia desesperada tinha enrolado o seu bebé em almofadas do sofá e atirara-o por cima do muro do gueto, pedindo aos gritos a misericórdia de estranhos; estava a decorrer o processo de colocação. Contudo, cada vez mais as informações vinham diretamente de Julian Grobelny, do Żegota. Precisavam de Irena na floresta nos arredores de Otwock. Havia uma mulher escondida num caixote de lixo com a filha bebé. A bebé estava a morrer. Era preciso levar lá um médico de confiança. Uma criança sobrevivera às liquidações mas a família fora assassinada à frente dela. Será que Irena podia ir à aldeia buscá-la?

Com milhares de pessoas a passarem pela rede, Irena e a sua equipa lembravam-se de muitas das crianças pelos detalhes mais angustiantes: o bebé do caixote do lixo, a menina do laço encarnado, o rapaz do casaco verde. Outras vezes, eram filhos de amigos. Muitas das crianças que Irena

salvou tinham ligação a alguém do grupo: amigos de amigos, vizinhos das famílias. Era uma rede de confiança extraordinária, que unia conhecidos e desconhecidos.

*

O inverno de 1942-43 rapidamente revelou ser uma estação louca, agitada e desoladora. No final do outono, muitos no gueto estavam decididos a resistir pelas armas. Raparigas adolescentes faziam entrar clandestinamente dinamite e armas de fogo e, em divisões escondidas, os jovens fabricavam *cocktails Molotov*. Os combatentes fortificaram os telhados dos edifícios, criando posições defensivas. O inverno foi gelado e duro, como era costume em Varsóvia, e durante todo o outono houvera rumores de que estava iminente algo terrível. Ninguém duvidava de que os alemães os matariam a todos, e os mais jovens estavam decididos a morrer a lutar.

A 18 de janeiro de 1943 esses receios concretizaram-se. Nesse dia, os alemães deram início a uma nova e há muito esperada deportação em massa no chamado «gueto selvagem», com a desculpa de encontrarem trabalhadores para as fábricas. Mas todos temiam que se tratasse da liquidação final e total – um «holocausto» do gueto. Poucos dos que sobreviveram ao verão de 1942 foram suficientemente loucos para se oferecerem voluntariamente para essa nova «deportação». No movimento clandestino, já todos sabiam aonde levavam as linhas que partiam de Umschlagplatz e o que os esperava em Treblinka, e as informações chegavam rapidamente a quem as quisesse ouvir. Os alemães, decididos a cumprir os números e sem querer saber de quem deportavam, levavam para as plataformas de embarque, sob a ameaça de armas, todas as pessoas a quem deitavam a mão, independentemente da saúde ou situação laboral. Entre os apanhados nesse dia estava um grupo de jovens da resistência, membros da Organização de Combatentes Judeus e Hashomer Hatzair, o movimento de batedores paramilitares judeus. Os jovens estavam armados. Estavam organizados. Em vozes abafadas, concordaram: não iriam. Pela primeira vez no gueto, ouviram-se explosivos e tiros disparados por judeus.

Alguns dos que dispararam esses primeiros tiros eram amigos de Arek e

Ala. Apanhados de surpresa e estupefactos com a ideia de uma resistência judaica, os alemães ficaram desorientados. O combate prolongou-se durante quatro dias: um pequeno grupo de jovens determinados contra as forças dos ocupantes nazis. Os jovens rebeldes nunca poderiam vencer, claro. Os alemães tinham muito mais poder de fogo e a resistência, ao princípio, resumia-se a um pequeno grupo de pessoas. Quase todos os que resistiram foram mortos e mais de 5000 judeus foram deportados. Mas a atmosfera no gueto era elétrica.

Agora, toda a gente no gueto andava à procura de esconderijos engenhosos ou a tentar sair para o lado ariano. Do lado ariano, Janka Grabowska, amiga e colaboradora de Irena, recebeu uma mensagem frenética de Regina Mikelberg, que estava escondida desde a sua fuga ousada das carruagens de gado destinadas a Treblinka. Desde que o gueto fora fechado que Janka fornecia a Regina e à sua família a comida e os medicamentos de que necessitavam para sobreviver, usando o seu passe de controlo epidémico para passar com os bens pelos postos de controlo. Os pais de Regina tinham morrido – nunca tinham sido suficientemente ágeis para poder saltar das pequenas janelas do comboio –, mas a sua irmã mais nova era forte e estava destacada para um grupo de trabalho do gueto na Rua Bema desde dezembro. Regina achava que ela andava a fazer trabalho escravo na fábrica Strayer-Daimler. Em janeiro, todos os trabalhadores da fábrica foram levados para Umschlagplatz e a irmã de Regina só escapou porque se escondeu, durante dias, debaixo de um monte de cadáveres. Agora, precisava que Irena e Janka a ajudassem a sair do gueto. Irena e Janka não hesitaram. Fizeram-se os preparativos e decidiram que seria Janka a coordenar a operação.

Todos os planos estavam feitos e Janka ia a sair de sua casa, na Rua Karolkowa, quando se lhe deparou um desastre. Ouviu bater suavemente à porta das traseiras, pelo que voltou para trás e abriu a porta do quintal. O marido, Józef, soldado do Exército Nacional, tinha estado em missão e encontrava-se agora à frente dela, ferido e a sangrar. Janka puxou-o para dentro, para os vizinhos não o verem, e viu-se perante uma decisão agonizante: devia levar o marido ao hospital ou manter o combinado no gueto? Józef riu-se com um esgar de dor quando compreendeu o dilema. *Tapa-me e vai, Janka*, disse ele antes de perder os sentidos. Que escolha tinha? Janka tratou de Józef o melhor que conseguiu e decidiu que ele

teria de se aguentar. Podiam ir ao hospital no dia seguinte.

Nessa noite, Janka levou a jovem judia assustada para casa consigo, mas a situação de Józef fazia com que ter alguém escondido em casa fosse demasiado arriscado. Janka fez o que qualquer pessoa faria. Ligou para Irena. Com a ajuda do Żegota, as irmãs Mikelberg foram para uma casa segura gerida pela mãe de Janka. Na primavera, os livros de contas de Adolf Bergman mostravam que o mesmo correio secreto estava a dar apoio às irmãs Mikelberg, à família de Jonas Turkow e à mãe de Adam Celnikier, Leokadia. Mais um elo de ligação curioso entre as famílias Mikelberg e Celnikier.

Estas operações só eram possíveis graças aos passes do gueto que as mulheres ainda possuíam. Contudo, quando os alemães fecharam mais o cerco ao bairro, depois da insurreição de janeiro, os passes foram finalmente cancelados. Jaga e Irena já não podiam entrar no gueto pelos postos de controlo. Daí para a frente, os judeus teriam de arranjar eles próprios forma de sair. Mas Irena continuaria a ajudá-los a esconderem-se. Corriam informações sobre os cafés clandestinos onde os judeus em fuga podiam encontrar-se. Irena tinha caixas de correio – sítios onde podiam deixar mensagens – espalhadas pela cidade, onde era possível deixar uma mensagem se alguém precisasse de uma casa segura ou de um médico ilegal. Irena deixava mensagens para o seu correio na lavandaria. Mas ninguém fazia ideia de que ela fosse mais do que uma pequena engrenagem na maquinaria. Agia como um soldado raso. Ninguém desconfiava de que ela era o general. A sua aparência juvenil constituía um excelente disfarce.

*

Na primavera de 1943, a catástrofe aproximava-se cada vez mais, e houve uma série de situações em que as pessoas escaparam por um triz. Um dia, nessa primavera, o líder do Żegota, Julian Grobelny, mandou uma mensagem urgente a Irena e pediu-lhe que se encontrasse com ele na estação de comboios. Quando chegou à estação, Irena perscrutou os rostos da multidão. Onde é que ele se encontrava? O comboio da linha de Otwock estava a partir. Pelo altifalante, uma voz abafada leu os números das linhas e as horas de partida e atrás de si Irena ouviu o som dos

comboios que chegavam e partiam. Quando finalmente viu Julian, ficou chocada. A tosse de Julian e os lenços manchados diziam que a tuberculose que ele já sabia que o mataria estava a avançar rapidamente. Irena enfiou o braço no dele e procuraram uma carruagem vazia. Enquanto o comboio se afastava lentamente de Varsóvia em direção à zona rural de Wawer, Julian explicou-lhe a missão. *Tenho um nome*, disse, entregando-lhe um pedaço de papel. *Estão a esconder numa aldeia uma criança que assistiu ao assassinato da mãe. Dizem que ela está histérica*. Irena compreendeu. Transportar uma criança traumatizada era uma operação especialmente arriscada.

Mas, nessa tarde, o azar começou quase assim que saíram do comboio na estação do primeiro transbordo. Irena virou-se para pegar no seu saco com provisões. Nunca sabia em que estado encontraria uma criança. Quando se endireitou, a multidão já estava a deslocar-se em massa. Alguém gritou ordens em alemão e, algures, um homem gritou de dor ao ser atingido por um cassetete. Irena olhou para o saco. Julian murmurou em tom urgente: *É uma rusga! Deixa o saco*. Irena viu Julian descer da plataforma e escapulir-se entre duas carruagens. Depois, seguiu-o.

Quando parou, Julian encostou-se à carruagem e tentou abafar o som da tosse. Aquilo era demasiado, para um homem de idade com tuberculose. Irena não podia deixá-lo continuar. Na plataforma, as vozes dos alemães aproximavam-se e Irena e Julian agacharam-se ao lado da carruagem. Quanto tempo conseguiria Julian continuar a correr? *Por favor, deixe-me ir sozinha. Posso trazer a criança. Volte para a cidade*. Ele olhou para o rosto jovem de Irena e viu a sua expressão preocupada. Mas recusou-se a abandonar a operação. «Que é isto?» perguntou, indignado. «Tomas-me por um falhado incapaz de escapar aos alemães?» Julian sorriu e Irena apercebeu-se, com um sobressalto, de que a carruagem estava a começar a andar. Quando o comboio arrancou finalmente, na direção de Wawer, Julian içou-se para a carruagem e estendeu a mão para puxar Irena.

Mas isto foi apenas o princípio. Irena sabia que o mais difícil ainda estava para vir. Sem uma morada, procuraram a criança até a noite ir avançada. Quando finalmente a encontraram, Irena observou Julian, maravilhada. Este puxou cuidadosamente uma cadeira para junto da menina chorosa e acariciou-lhe o cabelo em silêncio durante muito tempo. Por fim, a menina virou-se para Julian, trepou-lhe para o colo e agarrou-se

a ele. «Não quero estar aqui», murmurou. «Leva-me contigo.» Julian trocou um olhar rápido com Irena e apertou mais a criança. Irena sorriu. Ficou contente ao ver que não era a única de lágrimas nos olhos.

*

Na primavera de 1943, Irena também estava preocupada com a segurança de Katarzyna Meloch, a menina de dez anos que Ala e Jadwiga tinham tirado do gueto no verão anterior. No gueto, a avó da criança, Michelina, e outros membros da família tinham conseguido viver durante algum tempo de forma precária. Em março, contudo, isso chegou ao fim. Hoje, Katarzyna não se lembra do que estava a fazer no dia em que a família foi morta. «Não me lembro exatamente do que andava a fazer no dia 21 de março de 1943», diz. «Talvez estivesse na escola ou a correr pela floresta com os meus amigos. Talvez, enquanto os tiros os atingiam, estivesse na igreja a cantar com as outras crianças.»

Nessa altura, Katarzyna estava escondida no orfanato de um convento na aldeia isolada de Turkowice, para onde Irena transferiu dezenas de crianças. Mas Katarzyna era judia e a segurança nunca era total. Vivía no terror diário de as outras crianças descobrirem o seu segredo. Uma menina mais velha, chamada Stasia, assustava Katarzyna. Stasia andava desconfiada. Olhava para ela de forma estranha e estava sempre a observá-la. Se Katarzyna se enganava no catecismo, se confundia as matinas com as vésperas, Stasia corrigia-a com ar entendido e satisfeito. Quando Katarzyna mencionou ter visto um cartaz a avisar os residentes para estarem atentos a carteiristas, Stasia caiu em cima dela. «Minha querida, esse cartaz estava no gueto», disse, encantada. «Tu és judia.»

Depois, Stasia inclinou-se e sussurrou algo mais. «Sei disso porque passei um dia no gueto com os meus pais. Também sou judia. Tens de ter mais cuidado.» Os alemães andavam à caça delas, preveniu Stasia. Nos orfanatos, as crianças faziam um jogo: algumas fingiam ser alemães à caça de judeus, e as outras fingiam ser judeus escondidos. Para as crianças judias, era um jogo demasiado real.

*

Os alemães continuavam à procura de membros da rede de Irena e do

Żegota. Stefania Wichlińska, a mulher do escritório de Irena que a apresentara ao Żegota, foi detida no dia 4 de abril de 1943. Apesar de ter sido torturada, Stefania não traiu a amiga Irena. Stefania acabou por ser fuzilada nas ruas do gueto numa execução em massa. Deixou para trás o marido, Stefan, e dois filhos. Stefan, a seu tempo, também arriscaria a vida para ajudar a salvar Irena.

*

Porém, a situação mais perigosa de todas aconteceu, nessa primavera, no apartamento de Jaga Piotrowska. Jaga e o marido geriam um dos abrigos de emergência mais importantes de Irena, e passaram pela porta de Jaga durante os anos da ocupação mais de 50 judeus. Em 1943 Jaga tinha 40 anos – uma das mulheres mais velhas da rede de Irena – e a casa da sua família era ideal porque tinha duas entradas, a da frente e outra que dava para o quintal das traseiras. Duas entradas e saídas eram algo essencial numa operação clandestina. Mas a Rua Lekarska, a que dava para a frente da casa, estava dividida ao meio com arame farpado. De um lado, os residentes polacos tinham sido expulsos para arranjar alojamento para os médicos e enfermeiras alemães que trabalhavam no hospital de *Volksdeutsche*, nas imediações. Do outro lado da rua, viviam famílias polacas como a de Jaga.

Isto significava que havia patrulhas alemãs constantemente na rua. Mas os alemães, dizia Jaga aos amigos com uma risada, eram um povo tão ordeiro e obediente às regras que não lhes passava pela cabeça que alguém fizesse algo tão extraordinariamente imprudente como alojar 50 judeus mesmo à frente deles.

Porém, nesse dia, o arame farpado foi parte da catástrofe. A resistência estava a acelerar o ritmo dos assassinatos dos ocupantes e a vingança era feroz. Os soldados alemães começaram a fazer buscas de porta em porta nas casas polacas, à procura dos suspeitos. Era uma bonita manhã de maio, ainda cedo, contou Jaga mais tarde. Muitos anos depois, ainda se lembrava claramente de todos os detalhes. As patrulhas bloquearam ambas as extremidades da rua e, com passo de ganso e ordens gritadas, foram avançando de ambos os lados em direção ao meio, onde ficava a casa de Jaga. Ela e a família ficaram cercadas. Não havia como escapar pela porta

das traseiras. Jaga sabia que era o fim. «Nessa manhã, em nossa casa», explicou, «estavam vários judeus, adultos e crianças.» Talvez fossem Pola e Mieczyslaw Monar e os seus dois filhos. Uma das crianças podia ser Halina Zlotnicka. Um dos presentes era, quase de certeza, um adolescente chamado Josek Buschbaum, que viveu com Jaga entre 1943 e 1946. Talvez fosse a família Rapaczyński, ou talvez as duas irmãs Maria e Joanna Majerczy. Quem quer que fossem os judeus escondidos por Jaga, tiveram o azar de se encontrarem na casa da Rua Lekarska naquela bonita manhã.

Jaga estava descalça no meio da cozinha, gelada de terror. A filha, os pais... como podia salvá-los? Os gritos na rua aproximaram-se e Jaga murmurou entre dentes um ave-maria. Uma das crianças, de olhos arregalados, disse algo que abalou Jaga. *É tudo porque somos judeus.*

Jaga era uma católica fervorosa. O que aconteceria a estas crianças judias se morressem sem serem batizadas? Os pensamentos invadiram-lhe a mente, num turbilhão. As suas almas estariam perdidas para o Deus a quem pedia naquele momento que as salvasse. Jaga virou-se para os judeus que olhavam para ela. Quando alguém estava *in extremis* – quando a morte era iminente –, qualquer católico podia efetuar o ritual do batismo. Em momentos como este, não se precisava de um padre. Bastava um coração crente e um pouco de água. Virou-se para o jarro de água, chamou-os com um gesto e ensinou-os a posicionar as mãos. «Fi-lo eu própria», recordou depois. Ali, na cozinha, sob o olhar da filha e da mãe, enquanto o som dos passos em marcha se aproximava. «Batizei-os e disse que estava feito.» A criança judia olhou para ela e suspirou. «Então agora somos como os outros?» Mas Jaga sabia que este batismo não significava nada para os alemães que se aproximavam.

Jaga caiu de joelhos em frente do fogão, para rezar, e os refugiados judeus ajoelharam-se ao seu lado, enquanto Jaga os conduzia numa oração e esperavam juntos pelos alemães. Na mão, perto das chamas, Jaga tinha um papel. Nele estavam os nomes de algumas das crianças de Irena. Quando os alemães batessem, atirá-lo-ia para as chamas e tentaria morrer corajosamente. Até lá, não pararia de rezar.

O único som na casa era o murmúrio das vozes das mulheres a rezarem em polaco e, de súbito, Jaga apercebeu-se disso. Onde estavam os sons dos alemães? Escutou atentamente. Estavam a afastar-se. Os alemães iam-

se embora! Era realmente um milagre, pensou Jaga. Os esquadrões de busca tinham-se encontrado a meio do quarteirão, mesmo em frente da casa de Jaga. Cada um pensou que o outro já tinha revistado aquela casa. Os alemães deixaram a Rua Leskarska sem sequer lhe baterem à porta. Outras pessoas na rua não tiveram tanta sorte. Foram encontrados cinco homens judeus escondidos na casa de um vizinho. Os vizinhos e os seus hóspedes foram fuzilados no cruzamento.

*

À medida que a vida do lado ariano se tornava cada vez mais perigosa, havia também crianças novas – especialmente crianças com laços familiares a velhos amigos. Felicia e Henryk eram pais de um menino judeu chamado Michal Glowinski e, quando a grande *Aktion* começou, no verão de 1942, Michal tinha sete anos. Quando vieram buscar a família, durante as rusgas, o avô, Laizer, recusou-se a ir e preferiu saltar para a morte de uma janela alta. Mas Michal e os pais foram levados para Umschlagplatz, com destino a Treblinka. Na plataforma de embarque, um polícia judeu mostrou-lhes um buraco na cerca e a família fugiu para a relativa segurança de uma cave em ruínas. Durante meses, a família Glowinski viveu escondida dentro do gueto, em dificuldades, e por fim, nos primeiros dias de 1943, em troca de um grande suborno, um oficial alemão deixou-os esconderem-se debaixo de uma lona num camião militar que saía do gueto. Michal e os pais juntaram-se a uma tia num esconderijo num pequeno sótão na cidade.

Seria esta tia Theodora? Entre os tios e tias de Michal encontravam-se Józef e Theodora Zysman, velhos amigos de Irena Sendler que tinham saído do gueto poucas semanas antes dos Glowinski. O primo de Michal, o pequeno Piotr, já estava em segurança, escondido num orfanato, graças a Irena. Michal passou longos dias nesse inverno da sua infância naquele sótão empoeirado, a jogar xadrez e a aprender silenciosamente as orações católicas, até que por fim o esconderijo foi descoberto por *szmalcowniks* chantagistas. Que opção lhes restava senão fugir? O pai de Michal – que era o mais difícil de esconder e que maior perigo representava para a família – fugiu para uma aldeia próxima. Arranjaria maneira de sobreviver, disse-lhes. E, para ajudar Michal e as mulheres, a família

recorreu finalmente a Irena. Irena arranhou um emprego a Felicia, como criada na casa de um casal polaco rico que era ativo na resistência, pessoas que geriam uma das escolas secretas em Otwock e que esconderam vários outros judeus. Michal desapareceu, primeiro no orfanato de um convento em Otwock, depois no distante orfanato em Turkowice onde Katarzyna Meloch já estava escondida.

Décadas depois, Michal Glowński escreveria sobre os anos da sua infância em Varsóvia: «Penso constantemente que deparei com um verdadeiro milagre: foi-me concedido o dom da vida.» A jovem que lhe fez essa dádiva, a ele, ao primo Piotr e a mais de outras 2500 crianças, foi «a grande e maravilhosa Irena [...] o anjo da guarda dos que estavam escondidos. [...] Irena, que na estação da morte dedicou a vida a salvar judeus».

*

Irena não dava muita importância a este tipo de afirmações. Vivia, sim, com os fantasmas dos que perdera – com o desgosto de ter perdido Ewa e o Dr. Korczak. Com a perda dos seus 32 órfãos e com a perda das dezenas de milhares de outras crianças que entraram inocentemente, com um pedaço de sabão na mão, nos «duches» que as aguardavam em Treblinka. Mesmo a sobrevivência, sabia, «era uma experiência lancinante para os pequenos heróis». Poucas das crianças voltariam a reunir-se com as famílias. Irena sempre disse que a verdadeira coragem foi a deles e a das adolescentes destemidas que, agora que os passes do gueto tinham sido cancelados, lhe traziam as crianças. Dos condutores de elétricos e empregados de limpeza. Dos jovens que largavam dinheiro em paraquedas sobre Varsóvia e de enfermeiras como Helena e Ala. Das freiras e famílias de acolhimento em toda a cidade que cuidavam das crianças e as escondiam. Acima de tudo, a maior coragem era a das mães e pais que deixavam os filhos. Irena sempre insistiu que ela era a parte menos importante de uma rede frágil mas espantosa de milhares de pessoas que se estendeu por Varsóvia nessa primavera de 1943, apenas uma parte de uma vasta fraternidade de estranhos.

A INSURREIÇÃO DE ALA

Varsóvia, abril-julho de 1943

Nesse ano, em Varsóvia, os festejos da Semana Santa antes do Domingo de Páscoa tiveram lugar num tempo primaveril, quente e acolhedor. Nesse Domingo de Ramos, antes do início das festividades, surgiu uma feira de diversões do lado ariano do muro do gueto, como uma flor colorida, e uma das principais atrações era um «carrossel no céu». A roda gigante elevava os jovens casais de namorados polacos bem alto e, lá de cima, todos lançavam olhares longos e lentos para o bairro judaico proibido. Os vendedores ambulantes apregoavam bolos quentes e, pela noite dentro, a música da feira misturou-se com os risos estridentes das crianças.

O início do festival da Semana Santa, no dia 18 de abril de 1943, coincidiu com o feriado da véspera da Páscoa judaica, e no gueto, em segredo, as famílias prepararam os seus festejos. Porém, muito antes da meia-noite, espalhou-se pelo gueto o rumor terrível de que estava iminente mais uma *Aktion*. Já ninguém duvidava desses rumores, e as pobres mesas de festa foram abandonadas. Em vez de celebrar, as famílias passaram as horas seguintes a arrumar as suas coisas. Não para partirem para leste, não para uma fuga desesperada para o outro lado do muro, mas sim para se esconderem em divisões secretas, em sótãos e nos abrigos subterrâneos que centenas de pessoas no gueto tinham passado a primavera a construir.

Enquanto as crianças e os mais frágeis se escondiam debaixo do chão, os jovens do gueto subiam aos telhados e posicionavam-se nas vielas. Havia batedores em postos de observação e os códigos para transmissão de mensagens foram revistos. Depois, o gueto esperou. Pouco depois das duas da manhã, as tropas das SS cercaram silenciosamente os muros do

gueto. Do lado ariano, as pessoas dormiam tranquilamente.

No lado judeu, contudo, ninguém estava a dormir. Os batedores espalharam a notícia pelo bairro. Começara. Os residentes sabiam que, quando chegasse a ronda seguinte de deportações, só podia ser uma batalha até à morte. Às duas e meia, a resistência tinha-se mobilizado. Em vários pontos ao longo da linha de combate, esperavam quase 750 jovens armados. Marek Edelman, amigo de Ala e ativista do movimento clandestino judaico, era um dos líderes. Os contactos de Irena no Żegota – Julian Grobelny, Adolf Berman e Leon Feiner – também estavam acordados e a preparar planos de apoio aos combatentes no gueto. Adolf e Leon levaram granadas e armas para os seus camaradas judeus através de túneis perigosos escavados sob os muros do gueto. Julian, mais fraco do que nunca devido à tuberculose, geria um quartel-general a partir da cama, e enviou correios pela cidade, para recolher e transmitir informações. Uma das primeiras mensagens foi para Irena, que estava a caminho da linha da frente, preparada para fazer o que fosse preciso. E, nessa manhã, Ala Goląb-Grynberg também fazia preparativos. Ala sobreviviera àqueles últimos meses desesperados graças ao seu trabalho de costureira na fábrica de Toebbens, mas não era essa a sua vocação.

Entre as duas da manhã e as horas antes do nascer do dia, o silêncio imperou. O gueto estava atento. Os alemães ficaram silenciosamente nos seus postos, à espera das horas mais escuras da noite, e depois, às quatro da madrugada, começaram a entrar pelos portões em pequenos grupos, confiantes de que iam surpreender os residentes adormecidos. Às seis da manhã, quando o Sol começava a erguer-se sobre o horizonte distante, 2000 soldados das SS estavam a postos nas esquinas e nos telhados. Uma hora depois, os motores começaram a trabalhar e os carros de combate e artilharia motorizada entraram no bairro. O sinal foi dado e as SS avançaram. Os combatentes judeus escondidos, contudo, estavam um passo à frente dos alemães. A resistência cortou a retirada das SS e abriu fogo de surpresa, num ataque furioso.

Os alemães foram apanhados completamente desprevenidos. Uma resistência judaica àquela escala simplesmente não coincidia com as suas ideias preconcebidas do que os *Untermenschen* eram capazes de planear. Os combatentes da resistência – armados apenas com revólveres, explosivos caseiros e um punhado de espingardas – atacaram rápida e

furiosamente e, nesse primeiro dia, o júbilo invadiu o bairro. Os combatentes judeus não se limitavam a dar luta. Venciam. O velho amigo de Ala, Marek Edelman – o rapaz magro de 20 anos que ajudara Ala e Nachum a salvar centenas de pessoas de Umschlagplatz no verão de 1942 e que era agora líder de um batalhão da resistência –, lembrou mais tarde como usaram garrafas incendiárias para atacar as colunas alemãs. «Rebentámos com os carros de combate alemães e com as tropas alemãs e às cinco da tarde, os alemães, surpreendidos e chocados com a resistência dos judeus, retiraram do gueto», vangloriou-se no seu diário nesse dia. Depois, mais uma vez, o silêncio abateu-se sobre as ruas.

Os mortos cobriam as ruas do gueto. Quase 200 combatentes da resistência tombaram nesse primeiro dia de batalha, mas tinham levado consigo muitos mais alemães, recordaram uns aos outros. Os velhos judeus saíram dos seus esconderijos para beijar as faces dos jovens heróis caídos nos passeios, e desconhecidos abraçavam-se nas ruas. Toda a gente sabia que era uma celebração de pouca dura, mas há anos que esperavam por aquele momento. No dia 20 de abril, os alemães adiaram a entrada no gueto até ao princípio da tarde e tentaram reorganizar-se. O combate foi tão feroz como o anterior. Gritos de alegria ergueram-se no bairro depois de os combatentes do gueto matarem cem alemães de uma só vez, quando uma mina estrategicamente colocada explodiu debaixo deles. Para choque dos alemães, raparigas adolescentes, destemidas e preparadas para morrer, levavam granadas escondidas «na roupa interior até ao último momento» para conseguirem aproximar-se o suficiente para matar mais inimigos. E, na segunda noite, o estado de espírito no gueto era animado. «Estávamos felizes, a rir», recordaram os combatentes. «Quando lançámos as nossas granadas e vimos sangue alemão nas ruas de Varsóvia, que tinham sido inundadas por tanto sangue e lágrimas dos judeus, invadiu-nos uma alegria descomunal.» Entre as ruínas do hospital judaico no número 4 da Rua Gęsia, onde Ala vivia, numa cave em escombros, ela e Nachum Remba uniram mais uma vez forças aos outros médicos e enfermeiras e montaram rapidamente um posto médico improvisado para ajudar os combatentes.

Também houve festejos no lado ariano, quando a notícia da revolta no gueto se espalhou. Mas estes tinham um lado sinistro. Os residentes do lado ariano correram para a feira e fizeram longas filas para comprar

bilhetes para a roda gigante, de modo a poderem ver o desenrolar da batalha fantástica. Com cestos de piquenique, em grupos festivos, os polacos encheram as pontes com vista para o gueto. E, a quem lutava pela vida dentro do gueto parecia que os que se reuniam para assistir não estavam tanto a torcer pelos combatentes judeus, mas sim a regozijar-se com o espetáculo dos alemães a serem derrotados. Nas festas nos terraços, as pessoas diziam que era «a primeira diversão a sério que os alemães proporcionavam em todo este tempo de tristeza», e o vento levava os seus comentários cruéis até ao gueto. Aviões alemães sobrevoaram a cidade a baixa altitude, largando bombas sobre o bairro judaico e rebentando com as casas. Enquanto os prédios explodiam, cá fora faziam-se apostas sobre quanto tempo o bairro demoraria a arder e se restaria algum judeu lá dentro depois.

Irena estava fora de si. Já não tinha o passe do gueto e os arianos eram agora proibidos de lá entrar. Todos os dias se dirigia ao muro e espremia o cérebro à procura de alguma forma de mostrar a Ala que ainda estava com ela. Entre os seus amigos judeus de antes da guerra, Ala era a única que continuava dentro do gueto, a lutar. Mas Irena não podia fazer nada para a ajudar, a ela ou aos outros combatentes.

No domingo, o sexto dia da insurreição, a maré dentro do gueto começava a virar. Os alemães, furiosos e determinados, começaram a incendiar os edifícios um a um. O fumo ergueu-se acima dos muros do gueto e grandes flocos de cinza pairaram no ar primaveril sobre o centro de Varsóvia. Julian Grobelny mandou uma mensagem a Irena a pedir-lhe que fosse rapidamente ao apartamento secreto na Rua Żurawia. Irena lembrou mais tarde que nessa manhã, quando bateu à porta, os sinos de Páscoa começaram a repicar nas igrejas da cidade. Na rua, passavam mulheres com chapéus festivos e vestidos floridos. Das janelas abertas ouviam-se os sons das famílias que se sentavam para o pequeno-almoço de Páscoa. Mas, no quatinho ao fundo do apartamento, Julian estava deprimido. Os seus contactos informavam-no de que, dentro do gueto, se desenrolava uma guerrilha urbana, e os ataques contra os resistentes vinham agora de todas as direções. Não se punha a questão de vencer os alemães; isso sempre fora uma impossibilidade. Agora era apenas uma questão de tentar ajudar os sobreviventes que conseguissem fazer o perigoso caminho de saída daquele inferno.

«Tens de os ajudar», disse Julian. A resposta de Irena foi instantânea: *O que precisas? Diz-me.* Julian pediu: «Dá-me algumas moradas para onde possamos levar as pessoas que conseguirem chegar ao lado ariano.» A partir daí, o Żegota podia ajudá-las. Irena refletiu um pouco. Que moradas podia usar? Havia o seu apartamento. Sabia que podia contar com Zofia e Stanislaw. Podia contar com Janka e com a irmã, Jaga. *Temos as nossas «salas de urgências»,* respondeu Irena. *Estão abertas a todas as pessoas que fujam do gueto. O Żegota consegue transmitir as moradas à organização de combatentes judeus?*

Irena pensou mais um pouco. Sabia que era um grande risco – ainda mais arrojado do que algumas das anteriores operações – mas, se os alemães estavam determinados a destruir o gueto rua a rua, havia aqui uma oportunidade. Talvez se distraíssem o suficiente para ela conseguir entrar novamente no gueto. E, se conseguisse entrar, com certeza que conseguiria retirar algumas pessoas. Nesse dia já entrara e saíra do gueto com uma criança. Era possível!

Mobilizou a sua equipa e, nos dias seguintes, as mulheres entraram e saíram novamente do gueto. Irka Schultz, destemidamente, entrou em prédios em chamas para salvar crianças em pranto. Irena esperou junto de tampas de esgoto e saídas de túneis para conduzir os refugiados a casas seguras. No apartamento de Janka, membros da resistência entravam e saíam, deixando documentos secretos que iam sendo retirados do gueto. Isolada da amiga, Irena estava terrivelmente preocupada com Ala. À medida que os incêndios se intensificaram, nos dias seguintes, Irena rezou para que, de alguma forma, Ala fosse uma das pessoas que conseguiam chegar aos abrigos. Julian partilhava essa preocupação. Ala trabalhava diretamente com ele e com outras pessoas na resistência judaica e Julian sabia que ela era uma mulher muito engenhosa e corajosa. Se alguém conseguiria sobreviver, era Ala.

Durante uma ou duas semanas, o ardil funcionou e as famílias rastejaram pelos esgotos até chegarem a locais seguros. Porém, rapidamente os alemães se aperceberam dos caminhos de fuga. Fecharam todos os serviços públicos e bombearam veneno para as condutas de água e gás, para matar os que tentavam escapar. No princípio de maio, quem ainda se encontrava dentro do gueto já não tinha maneiras fáceis de fugir. Ala estava entre os que continuavam a lutar. Em abrigos queimados de

ambos os lados da Rua Gęsia, Ala, Nachum e a mulher de Nachum, Henia, tentavam ajudar os combatentes feridos do gueto com os seus serviços médicos.

No dia 8 de maio de 1943, perto do fim, as patrulhas alemãs invadiram os abrigos subterrâneos na Rua Gęsia. À volta de Ala, todo o gueto ardia. «Não havia ar, apenas um fumo negro sufocante e um calor intenso que irradiava das paredes em brasa, de degraus de pedra incandescentes», escreveu o seu camarada ativista, Marek Edelman, no diário. «As chamas agarram-se às nossas roupas, que começam a fumegar. O pavimento derrete sob os nossos pés.» Mães saltavam para a morte com os filhos, dos andares mais altos dos prédios, entre saraivadas de balas alemãs. Havia corpos carbonizados nas ruas e edifícios reduzidos a escombros. Nas caves subterrâneas, a equipa do hospital escondia-se e empilhava pedras para ocultar as crianças. Mas os alemães andavam à caça com cães e um desses cães traiu Ala. Sentiu o sabor a terra e cinzas na boca e as pernas a tremer quando rastejou para fora dos esconderijos sob a mira das armas.

Nesse dia, foram conduzidos todos juntos até ao ponto de reunião na Rua Nalewki. O caminho levava a Umschlagplatz. Ala sabia o que os esperava no fim da linha. Durante dois dias esperaram pelo comboio. Soldados alemães e ucranianos revistavam todos os orifícios dos corpos dos homens, à procura de armas escondidas, e em volta de Ala havia jovens esventrados e moribundos. Ala tentou não olhar quando as raparigas mais bonitas foram violadas à vez por um grupo de soldados risonhos, ao que se seguiu o som inconfundível de disparos. Talvez Henia Remba fosse uma dessas mulheres. Era jovem, e não há registos de que tenha chegado a sair de Varsóvia. Os murmúrios de dor eram silenciados com cassetetes de ferro e, depois, Ala e Nachum foram fechados numa das carruagens de gado com destino a Treblinka.

Do lado ariano, os incêndios no gueto viam-se claramente da Rua Świętojerska e da Praça Krasiński, onde, apesar de tudo, a feira de diversões continuava.

*

Os guerrilheiros combateram até não haver mais gueto onde se esconderem. No dia 9 de maio, com os seus números cada vez mais

reduzidos, o principal líder da Organização de Combatentes Judeus – um dos vários grupos de resistência no gueto – era Marek Edelman. Porém, no dia 10 ou 11 de maio, já não havia nenhum drama a que os polacos curiosos pudessem assistir, apenas execuções implacáveis e morte pelo fogo. Os combatentes judeus ergueram, por cima do muro, uma súplica desesperada ao lado ariano, escrita num lençol: «Irmãos, por favor ajudem-nos! Lutamos pela nossa liberdade e pela vossa!» Mas não veio qualquer ajuda da população polaca. Marek e os seus guerrilheiros, homens e mulheres, retiraram-se para os abrigos subterrâneos e, numa mudança de tática desesperada, só saíam durante a noite para combates nas ruas escuras. Durante o dia, o gueto mergulhava num silêncio fantasmagórico e os únicos sons que se ouviam eram o sussurro sempre presente das chamas e o estrondo dos edifícios a caírem. Os combatentes ficaram sem água e sem munições. O único objetivo, naqueles últimos dias, era não ser apanhado vivo pelos alemães. Encurralados nos esconderijos que seriam os seus túmulos, as famílias e os líderes da resistência retiraram dos seus últimos e poucos bens os preciosos comprimidos de cianeto e suicidaram-se juntos.

*

Apenas um punhado dos combatentes do gueto de Varsóvia escapou à morte e aos transportes para os campos. Foram os que conseguiram escapulir-se sem serem vistos para o lado ariano nos últimos dias da revolta. Eram menos de 200. Marek Edelman foi um deles. Recordou mais tarde que, com o gueto a desmoronar-se à volta deles, alguns combatentes fortes e afortunados – homens e mulheres – «percorreram durante 20 horas, meio a andar, meio a rastejar» os esgotos armadilhados pelos alemães, espremendo-se por canos fétidos com pouco mais de meio metro de diâmetro, na escuridão total. Do outro lado, aguardavam-nos camiões e camaradas, prontos para os levar para as florestas ou para casas seguras. Numa dessas tampas de esgoto, era Irena que estava de sentinela.

Às oito e um quarto da noite de 16 de maio, quando o crepúsculo começava a cair sobre Varsóvia, uma colossal explosão de dinamite fez estremecer as janelas até do lado ariano. A grande sinagoga oscilou por um instante e depois desmoronou-se. Era o último gesto simbólico da

derrota dos judeus de Varsóvia. A batalha pelo gueto terminara. O governador-geral alemão da cidade informou os seus superiores em Berlim de que a missão estava concluída. «Judeus, bandidos e sub-humanos foram destruídos. O bairro judaico em Varsóvia já não existe.» Apenas a torre semidestruída da Igreja de Santo Agostinho se erguia, abandonada, no meio de um mar de escombros de betão e tijolo. O governador-geral informou orgulhosamente que o número total de judeus destruídos na *Aktion*, nos campos da morte ou pelo fogo, era de 56 065, de um total de talvez 60 000 pessoas.

E, para os judeus escondidos do lado ariano da cidade, a vida tornava-se agora – por mais difícil que fosse acreditar – infinitamente mais precária.

*

Muitos dos que estavam escondidos fora do gueto começavam a perder a esperança de sobreviver. O terror constante tinha um custo psicológico do qual muitos nunca recuperariam. Perante a oportunidade de fugir, alguns homens e mulheres judeus corriam agora riscos fantásticos. Um desses homens foi o advogado Józef Zysman, velho amigo de Irena.

Quando Józef e a família fugiram do gueto, em finais de 1942, o Hotel Polski era um edifício degradado de quatro pisos no número 29 da Rua Długa, a pouca distância da fronteira do gueto. No piso térreo havia um restaurante, e as escadas levavam a quartos com janelas retangulares estreitas, viradas para a avenida empedrada. Desde a fuga, Józef andava a saltar de uma casa segura para outra e a família separara-se por questões de segurança. Irena estava a cuidar do pequeno Piotr e Theodora vivia com documentos falsos.

Em finais da primavera de 1943, Józef sentia-se sozinho e cansado. Os *szmalcowniks* percorriam a cidade à caça de judeus escondidos, pelo dinheiro da extorsão e pelas recompensas oferecidas pelos alemães. Procuravam pequenas pistas indicadoras de que havia alguém escondido: jogos de sombras na janela de um sótão ao fim do dia, ou um pão a mais no cesto de uma dona de casa. Nessas alturas, os guardiões corriam para Józef, em pânico, e ele fugia para a rua de um momento para o outro, novamente sem abrigo. Józef vagueava sozinho, tentando pensar onde podia dormir algumas horas. Tinha saudades da família. Tinha saudades

da sua vida. Sabia que não podia continuar naquele estado de terror constante.

Foi por volta da segunda ou terceira semana de maio que Józef ouviu um rumor que circulava por Varsóvia. Os ocupantes, sussurrou alguém a Józef, estavam dispostos a trocar judeus por cidadãos alemães no estrangeiro, e os judeus seriam retirados da Polónia nos comboios de serviço normais. Pouco depois, os rumores ganharam uma dimensão ainda mais fantástica. Nos cafés clandestinos onde os judeus em fuga se reuniam em busca de notícias e café, as pessoas começaram a dizer que chegara a Varsóvia, vinda das embaixadas no estrangeiro, uma remessa há muito esperada de vistos e passaportes para os judeus nascidos no estrangeiro e para os judeus que quisessem emigrar para a América do Sul e para a Palestina. Os documentos chegavam tarde demais para salvar os seus destinatários. A Umschlagplatz reclamara quase todos. Porém, isso não queria dizer que esses vistos e passaportes não pudessem salvar alguém – embora a salvação saísse a preços do mercado negro.

Por trás de tudo isto estava um especulador judeu sem escrúpulos chamado Adam Żurawin, e um *gangster* do gueto chamado Leon (ou «Lolek») Skosowski. Ninguém sabia bem como mas, durante a insurreição do gueto, tinham ambos conseguido deitar a mão a uma quantidade inacreditável de correio não distribuído, que incluía centenas de documentos de emigração. Segundo os rumores no café clandestino, Adam geria um pequeno hotel no número 29 da Rua Długa, onde era possível comprar um passaporte. Os preços, naturalmente, eram escandalosos. Só os judeus ricos que tivessem poupado parte da sua fortuna conseguiriam pagar os preços de Adam Żurawin, embora isso não tenha impedido famílias pobres e desesperadas de tentar. Constava também que o hotel estava a ser preparado como uma espécie de terreno neutro – um sítio onde os judeus podiam registar-se para emigrar e esperar em segurança até os papéis serem processados e as deportações da Polónia começarem.

Józef observou e esperou. Mas era verdade! Os primeiros a chegar registaram-se para obter vistos e foram informados de que teriam de ser pacientes. Instalaram-se nos quartos soalheiros nos pisos de cima e os alemães não os vieram prender. Na verdade, parecia o paraíso. Dentro dos limites dos corredores e quartos do hotel, os residentes tinham uma

liberdade inimaginável. Ali, os judeus não tinham de usar a Estrela de David e a Gestapo ignorava o edifício – de forma muito suspeita, diziam alguns. Uma pequena zona da calçada em frente do hotel foi designada como esplanada do café-restaurant e, da esquina, Józef viu com os seus próprios olhos judeus bem vestidos a apreciarem um café, sossegados, sob o sol do final da primavera. As pessoas iam e vinham e, à noite, o bairro ecoava com o som das festas loucas no Hotel Polski. As mulheres foram buscar os casacos de peles escondidos e as pérolas das mães e desfilavam pelos corredores num restolhar de cetim. Casais apaixonados, que não desejavam mais do que viver com aquela liberdade, cambaleavam, embriagados, pelos corredores, indiferentes ao destino dos outros.

No Hotel Polski, era milagre após milagre. Mesmo assim, Józef desconfiava. Porém, também começava a desesperar. No dia 21 de maio, até os antagonistas e os mais céticos tiveram de dar a mão à palmatória. Nessa manhã, 64 judeus do hotel – sem guardas das SS e tratados com grande delicadeza pelos alemães – embarcaram num comboio bem equipado e confortável com destino ao campo de Vittel, na fronteira leste de França, onde se sabia que as condições eram civilizadas. No comboio, até as crianças tinham lugar sentado, e despediram-se alegremente de Varsóvia por trás das janelas reluzentes.

Quem seguiu a bordo do comboio foi, inevitavelmente, quem se dispôs a pagar os maiores subornos. Algumas famílias pagaram 750 000 *zlotych* – o equivalente a mais de 1 750 000 euros – por apenas um dos preciosos passaportes. Muitas famílias pagaram 20 000 e 30 000 *zlotych* por documentos que podiam ajudar no processo de candidatura. Quando começaram a chegar cartas de Vittel que os destinatários sabiam ser autênticas, a confirmar que os emissores tinham chegado em segurança e as boas condições do campo, foi a loucura. Mais de 2500 judeus saíram dos seus esconderijos no lado ariano. Alguns registos dizem que esse número pode ter estado mais perto dos 3500. Todos lutavam por um lugar na lista de emigrantes – arriscando naquela que todos reconheciam ser a lotaria mais espetacular e perigosa da guerra.

Józef Zysman, o amigo de Irena, estava entre eles. Não que Józef acreditasse nos alemães; mas perdera a fé nas suas hipóteses de sobreviver em fuga, pois era muito, muito mais difícil esconder homens judeus do que mães ou crianças. E, por algum motivo – talvez orgulho, talvez apenas

a sensação de que já lhe pedira demasiado quando lhe entregara Piotr –, Józef não contactou Irena. Não acreditava que pudesse durar muito mais tempo do lado ariano e, se havia aqui alguma hipótese, valia a pena arriscar.

O movimento clandestino polaco tentou avisar os judeus de que se tratava de uma armadilha. Circularam mensagens urgentes pelas redes secretas. Mas os judeus que estavam decididos a ir não se deixaram dissuadir. A esperança era demasiado forte. Durante meses, um mundo de fantasia ganhara vida no Hotel Polski, e a festa continuou até os *gangsters* terem a certeza de que tinham arrecadado as últimas fortunas escondidas. O Hotel Polski não foi mais do que uma oportunidade cruel – combinada entre a Gestapo e um punhado de colaboradores judeus – de extorquir o resto dos recursos aos judeus de Varsóvia. Entre esses colaboradores judeus e arquitetos dos rumores estava uma mulher que Irena e Józef conheciam bem do gueto: a sensual cantora de cabaré que entoava velhas canções de amor no Café Sztuka, a prima de Ala, Wiera Gran. Irena estava convencida de que Wiera era informadora da Gestapo.

E Irena não era a única. Muitos dos que lhe eram mais próximos viam provas da traição de Wiera. Documentos secretos do Exército Nacional preveniam os seus agentes de que Wiera Gran, «judia, dançarina de cabaré antes da guerra, lidera agora um grupo de confidentes da Gestapo cuja principal ocupação é caçar judeus». No Żegota, o Dr. Adolf Berman considerava-a uma colaboradora nazi. O mesmo achava o jovem amigo de Ala e agora famoso herói do gueto, Marek Edelman. Jonas Turkow, o ator judeu que Ala e Nachum tinham salvado em Umschlagplatz, afirmava ter assistido pessoalmente às traições de Wiera. Quando pediram mais tarde a Irena para descrever a cantora, que ela vira atuar no clube do gueto com Ala nos dias antes da grande *Aktion*, Irena avaliou a prima de Ala sem rodeios: «Wiera Gran, atriz de cabaré [...], trabalhava para a Gestapo ao lado de Leon Skosowski. [...] Magoou-me muito que na lista de grandes nomes da Nação Judaica se encontre o de Wiera Gran – uma criminosa que vendeu o seu próprio povo.»

Nesse ano, constava que uma das pessoas que Wiera vendera era precisamente Józef Zysman. Na primavera, ele apresentou-se, com milhares de outras pessoas, na receção do Hotel Polski. Entregou o dinheiro necessário para se registar. E, durante semanas, percorreu os

corredores gastos, com os seus últimos recursos a desaparecerem rapidamente, entre as cenas de caos jubilante. Por fim, numa manhã de julho, alguém passou entusiasticamente a informação. Iam partir! Os comboios estavam a chegar! Józef achou tudo muito civilizado, ao princípio. Os judeus embarcaram calmamente nos comboios, convencidos de que se dirigiam para oeste, onde os esperavam a vida e a liberdade. Quanto tempo terão demorado a perceber que a linha levava apenas ao campo de concentração de Bergen-Belsen? E, como não couberam todos nos comboios e a Gestapo estava ansiosa por despachar o assunto, os que restavam – algumas centenas – foram levados para a famosa prisão de Pawiak nas ruínas do gueto. Alguns foram alinhados contra o ulmeiro no pátio e fuzilados. Outros foram conduzidos à Rua Dzielna, em frente da prisão, onde uma plataforma de madeira improvisada se estendia ao longo do abismo de uma fundação destruída pelo fogo. Enquanto os tiros ecoavam, os corpos tombavam daquele parapeito para uma vala comum repleta de corpos cobertos de cal viva. Józef Zysman foi uma das vítimas do Hotel Polski. «Um homem maravilhoso teve uma morte de mártir, enganado por bárbaros sem honra», foi a acusação de Irena. Irena e os amigos nunca esqueceriam o papel de Wiera Gran no homicídio de Józef. Wiera afirmou sempre a sua inocência, mas Irena não se deixou persuadir. Depois da guerra, houve consequências e mais alegações. Houve julgamentos e recriminações, e Irena testemunhou pessoalmente contra Wiera.

*

Nesse verão, chegou a Varsóvia algo mais espantoso e dilacerante, através dos canais clandestinos do Żegota, e o seu líder, Julian Grobelny, partilhou a notícia com Irena. Um grupo de determinados combatentes judeus, apanhados nas deportações para Treblinka nos últimos dias da insurreição do gueto, tinham sido enviados para um campo de trabalho escravo num local chamado Poniatowa. Aí, os prisioneiros trabalhavam no fabrico de uniformes militares alemães para o magnata dos têxteis Walter Toebbens, e a maioria dos que tinham sido salvos das câmaras de gás eram judeus que já antes trabalhavam nas fábricas do gueto. Henia Koppel, a mãe da bebé Bieta, era uma delas. Agora chegava a informação de que

cerca de uma dúzia deles estava a organizar uma célula de resistência no campo e um caminho de fuga clandestino. Alguém conseguira fazer chegar a informação à organização de Marek Edelman. Precisavam de ajuda urgente para continuarem a lutar. Alguém na célula fez chegar também uma mensagem a Julian Grobelny no Żegota. Entre o grupo, ficou Julian a saber, havia uma mulher, enfermeira, que já tinha montado no campo uma clínica médica secreta e um círculo de jovens. A sua equipa precisava de documentos de identificação falsos, dinheiro e, mais uma vez, armas. Tinham começado operações para retirar crianças do campo, com o auxílio de operacionais locais do Żegota. Depois, planeavam uma fuga maciça da prisão e outra insurreição judaica. Essa enfermeira era Ala.

*

O ano de 1943 foi um ano de grande tragédia e trevas morais em Varsóvia, mas também há histórias espantosas de sobrevivência e luta – a de Ala e outras. Nesse outono, houve mais um salvamento dramático de uma criança cuja vida ficaria para sempre ligada à história de Irena. Chaja Estera Stein foi a primeira das duas filhas adotivas de Irena. Mais uma vez, foi Julian Grobelny que estabeleceu a ligação.

Estera era da aldeia de Ceglow, não muito longe de Varsóvia, e em 1940, ano em que fez 13 anos, foi colocada no gueto de Mrozy com os pais, Aron e Faiga, e a irmã mais nova, Jadzia. Em 1942 o gueto de Mrozy foi liquidado. Aron, Faiga e Estera fugiram às rusgas e, nessa primeira noite, esconderam-se num velho telheiro de jardim, numa quinta nos arredores da aldeia. Mas a pequena Jadzia ficara para trás no caos, sozinha, e a mãe estava desesperada. Aron pousou a mão no ombro da mulher e prometeu: voltaria ao gueto para a encontrar. Durante dias, mãe e filha esperaram, nas sombras. Depois, Faiga compreendeu que Aron e Jadzia nunca mais voltariam.

Faiga olhou para a filha, cansada e esfomeada. Não podiam ficar escondidas para sempre num barracão. Na escuridão, Faiga saiu para pedir ajuda à única pessoa da aldeia que achava que as poderia ajudar. Antes da guerra, Aron era proprietário de uma fábrica onde produziam água gasosa. Julian Grobelny era proprietário de uma das maiores quintas da aldeia – talvez até a quinta onde Estera e a mãe estavam escondidas. Julian e Aron

eram bons amigos, tanto um do outro, como do padre da igreja da paróquia local. Estera tinha a imagem do pai sempre a passear lado a lado com o padre: um judeu ortodoxo com barba comprida e casaco preto e um padre de batina. Quando Faiga bateu à porta da paróquia, o velho padre deu-lhe água e comida e prometeu ajudá-la. Mas Faiga não sobreviveu à viagem de regresso. Foi capturada e assassinada. O padre mandou uma mensagem urgente a Julian: tinham de se apressar se queriam salvar Estera.

Julian recorreu, como sempre, a Irena, a diretora da célula de cuidados a crianças do Żegota, que mandou um correio levar documentos de identificação novos ao padre. O novo nome ariano de Estera era «Teresa Tucholska» e ela teria de viajar sozinha, de comboio, até Varsóvia. Qualquer outra solução era demasiado perigosa. O padre acompanhou Estera à estação e mostrou-lhe para que compartimento devia entrar, e quando os alemães pediram para ver os seus documentos Estera lembrou-se perfeitamente do que devia dizer. A estação de Varsóvia estava cheia de gente e barulho, mas na plataforma uma pequena mulher loira esperava pacientemente por ela. Irena tocou no ombro da rapariga de forma tranquilizadora. *Anda, Teresa.* E nos dias seguintes Estera ficou com Irena e a mãe no pequeno apartamento em Wola, naquelas perigosas primeiras horas de transição. Estera era uma rapariga independente e inteligente, mas no espaço de semanas perdera a família toda e Irena deu por si a desejar pela primeira vez ter tido filhos.

Apesar dos desejos de Irena, Estera não podia ficar no apartamento dela. Havia sempre correios e elementos da resistência a entrar e a sair e era demasiado perigoso para uma criança. Por fim, Irena encontrou a solução perfeita. Mandaria Estera para casa de Zofia e Stanislaw, os seus velhos amigos da Universidade Livre da Polónia, ambos ativistas nas células das redes clandestinas da Dra. Radlińska. Zofia e Stanislaw tinham quatro filhos e já escondiam no seu apartamento, no número 9 da Rua Lekarska, no bairro de Ochota, mais três jovens judeus. Claro que esconderiam Estera, garantiram a Irena – e «Teresa» tornar-se-ia o oitavo filho da sua família de guerra. E foi mesmo a tempo. Em breve, Irena não estaria em posição de continuar a cuidar em segurança fosse de quem fosse. No outono de 1943, foi Irena que precisou desesperadamente de ser salva.

ALEJA SZUCHA

Varsóvia, outubro de 1943 – janeiro de 1944

A Rua Bracka partia de uma das avenidas principais, a leste de onde o gueto se erguera, e uma das suas lojas movimentadas era uma lavanderia onde as donas de casa podiam encontrar algum alívio das suas tarefas, se tivessem dinheiro para isso. Havia mulheres a entrar e a sair o dia inteiro, com embrulhos de papel pardo ou cestos de lençóis. Às vezes, porém, as mulheres que entravam e saíam traziam outras coisas, um bilhete ou uma mensagem escondida entre as dobras das roupas. Em outubro de 1943, a Gestapo prendeu a mulher que geria a lavanderia, acusando-a de auxiliar a resistência com a passagem de bens e mensagens. A pobre mulher foi levada para a Avenida Szucha, torturada, espancada em Pawiak e novamente interrogada com barras de ferro e cassetetes. Por fim, quebrou e disse o que sabia à Gestapo. Quase de certeza terá sido executada a seguir. Nessas circunstâncias, ninguém a podia censurar. Ninguém sabia se conseguiria aguentar a tortura enquanto não se visse nas mãos dos carrascos. Quando cedeu, a dona da lavanderia deu pelo menos os nomes de três mulheres que usavam a lavanderia como caixa de correio do movimento clandestino. Um dos nomes foi o de Irena Sendler.

*

Na noite do dia 19 de outubro, Irena e a família reuniram-se para uma pequena festa. Uma das suas tias viera passar a noite com a mãe, tal como fizera a amiga de Irena – e sua companheira na resistência – Janka Grabowska. Janka e o marido, Józef, eram um casal a quem muitas pessoas confiavam segredos. Ambos escondiam documentos e arquivos importantes da Organização de Combatentes Judeus e também uma amiga,

a mulher que era, talvez, algo mais para Adam e a sua família: Regina Mikelberg, e a irmã desta. Nem Janka nem Irena tinham esquecido a fuga dramática de Regina das carruagens que seguiam para Treblinka, nem a velha amizade dos tempos da universidade que as unia umas às outras e a Adam, por mais complicadas que fossem as emoções privadas de Irena.

Depois dos bolos e licores, a mãe e a tia retiraram-se para a cama, mas Janka e Irena ficaram a conversar até bem depois da hora do recolher obrigatório. Na verdade, eram quase duas da manhã quando as duas amigas se instalaram para dormir em camas improvisadas na sala. Antes de adormecer, Irena fez aquilo que fazia sempre, como precaução: colocou os papéis mais recentes com os nomes e moradas de dezenas de crianças judias em cima da mesa da cozinha, junto da janela. Ao lado da cama, pôs a sua velha sacola onde tinha alguns documentos de identificação em branco e uma grande quantia em dinheiro. Depois, adormeceu.

Pouco passava das três da manhã quando começaram os murros na porta. A mãe, Janina, cujos problemas cardíacos não a deixavam dormir profundamente, acordara momentos antes e os seus sussurros de alarme deram a Irena os poucos momentos preciosos de que precisou para despertar e entrar em ação. Os agentes gritavam do outro lado da porta: *Abram! Gestapo!* Um pé de cabra arranhou a porta e ouviu-se a madeira a estalar. Irena praticara a sua rotina muitas vezes. Estava preparada para aquela eventualidade. Pegou nas listas e dirigiu-se rapidamente à janela. Quando estava prestes a abri-la, o seu coração parou. Lá em baixo havia mais agentes da Gestapo, que olhavam para ela com ar perverso. *Céus, céus, céus.* O que havia de fazer agora? Irena olhou em volta, desesperada. Não havia nenhum sítio seguro para esconder as listas. À medida que as pancadas na porta se tornaram mais furiosas e a madeira começou a ceder, atirou-as desesperadamente para Janka: *É uma lista das nossas crianças; esconde-a em qualquer lado. Salva-a! Não pode cair nas mãos da Gestapo!* Teve tempo para ver Janka enfiar a lista no *soutien*, antes de a porta se abrir com estrondo.

Onze agentes da Gestapo irromperam pelo apartamento e, atrás deles, Irena viu o rosto aterrorizado do senhor Przeździecki, o porteiro do prédio. Os homens pareciam loucos. Inclinação sobre ela, a poucos centímetros, gritaram ordens e ameaças. No seu frenesim, destruíram o apartamento. Arrancaram o interior do forno à procura de coisas escondidas, levantaram

as tábuas do soalho, atiraram para o chão os pratos nos armários. Era tudo calculado para obter o máximo efeito e Irena tinha de admitir que resultava. Ficou assustada. A busca prolongou-se durante três horas angustiantes, e havia algo quase surreal no desenrolar dos acontecimentos. Irena não acreditava em milagres, mas, quando a Gestapo começou a desfazer o colchão da cama improvisada, viu, estupefacta, a estrutura partida cair em cima da sua mala, que nem sequer estava escondida e dentro da qual se encontravam os documentos de identificação e o dinheiro. Irena nem quis acreditar. Os alemães tinham acabado de esconder de si próprios a prova mais incriminatória de todas.

Enquanto isto, não paravam de massacrar Irena e as suas hóspedes com perguntas. Irena conseguiu por fim convencer os agentes de que Janka era uma hóspede inocente de fora da cidade, tal como a tia, embora, na verdade, Janka fosse praticamente sua vizinha. A mãe, como os agentes viam facilmente, estava demasiado doente para se envolver com o movimento clandestino. O que deixava apenas Irena.

Às seis da manhã, os agentes concluíram a busca e o homem no comando mandou Irena vestir-se rapidamente. Irena enfiou a saia à pressa e, enquanto tentava abotoar a camisola, sentiu o coração mais leve do que alguma vez poderia ter imaginado. Se a estavam a deixar vestir-se, era porque a busca acabara. E se a busca acabara, não tinham encontrado as listas. E, se não estavam ali por causa de Janka, não sabiam nada sobre o apartamento de Jaga nem sobre a colaboração das duas irmãs. Os seus olhos cruzaram-se com os de Janka, mas não arriscou sorrir. Tudo o que queria era sair do apartamento antes que a Gestapo tivesse tempo para mudar de ideias.

Os agentes conduziram-na para o corredor e, depois, os sons das suas botas ecoaram pelas escadas. Irena sabia que, atrás das portas, os vizinhos escutavam em silêncio. Dentro de momentos, seria um caos de mexericos.

Lá fora havia um carro prisional à sua espera, com o motor a trabalhar. Janka saiu de casa a correr no último instante – um impulso perigoso. Nas mãos dela, Irena viu os seus sapatos. *Ela vai precisar dos sapatos. Por favor.* Os homens assentiram, com ar entediado, e fizeram sinal a Irena para se despachar.

Irena sabia qual era o seu destino. O carro estava cheio e Irena ia comprimida entre os agentes, quase ao colo de um dos mais jovens. As

portas fecharam-se e o carro começou a andar. Irena sempre soubera que aquele momento chegaria, mas de súbito percebeu que não estava preparada para ele.

O Sol ainda não se erguera sobre Varsóvia e, na luz fraca da madrugada, os agentes mais próximos dela dormitavam. Irena tentou pensar de forma calma e racional. Janka sabia como eram importantes as listas e certamente que as esconderia. Compreendia a situação. Realisticamente, não havia hipóteses de Irena sobreviver.

Quando o carro virou para sul, para as avenidas largas, Irena pensou na Dra. Radlińska e nas dezenas de conspiradores que dormiam espalhados pela cidade. Pelo menos, desejava desesperadamente que estivessem a dormir. Pensou em Adam. Seria ela suficientemente forte para guardar o segredo dele? Não valia a pena fingir. O que se seguiria seria terrível. Sabia disso. Haveria dor suficiente neste mundo para a fazer revelar onde Adam estava escondido? Ou para a fazer trair Jaga ou Janka? Ou as crianças? E a mulher judia de Adam? Morreria para a proteger? Irena achava que conseguiria aguentar, mas a maioria das pessoas não resistia à tortura. Tinha de se acalmar. Morreria em silêncio. Desde que os amigos e as crianças sobrevivessem, disse a si própria, ela podia sofrer tudo. Mas era o que todos diziam, ao princípio.

Quando se aproximaram da última curva, Irena enfiou as mãos nos bolsos do casaco para as aquecer alguns últimos instantes. A pontada de medo foi como uma facada no coração. Uma lista. Moradas. Esquecera-se de a tirar do bolso do casaco na noite anterior. Num pequeno rolo de papel de cigarro estavam escrevinhados os detalhes de uma das casas seguras.

Irena entregou-se ao pânico por um instante. Não tinha tempo. Estavam a chegar a Szucha. O jovem em cujo colo ia sentada respirava ritmadamente; com certeza que isso significava que estava a dormir... Silenciosamente, muito devagar, desfez o papel fino no bolso e amachucou-o em pequenas bolas. A textura delicada não ofereceu resistência. Na pior das hipóteses, pelo menos as palavras estariam borradas. Observou os movimentos das cabeças dos agentes mais próximos dela e teve quase a certeza de que estavam a dormir. Que mais podia fazer, senão aquela última jogada? Levantou a mão suavemente até à janela aberta e libertou os pequenos pedacinhos de papel. O agente ao seu lado agitou-se e ressonou, mas nada mais.

Irena encostou a cabeça à janela e fechou também os olhos, mas as lágrimas deslizavam-lhe pelo rosto.

*

O matadouro. Era o que as pessoas nas ruas de Varsóvia chamavam ao complexo quadrado e cinzento na Avenida Szucha. Os portões de ferro que se erguiam perante Irena estavam reforçados com correntes e cadeados e os guardas tinham chicotes à cintura e botas pretas, altas e brilhantes. Um oficial entediado empurrou bruscamente Irena para a antecâmara. Do outro lado da porta, viu a sala grande onde eram conduzidos os interrogatórios. Foi rapidamente empurrada para uma pequena divisão onde se ouvia o matraquear de uma máquina de escrever e um rádio tocava música alemã.

Esperou. Pouco depois, foi levada para outra sala onde um alemão alto lhe fez perguntas num polaco perfeito. Os modos dele eram suaves e amistosos. Irena sabia que a intenção era mortífera. *Como se chama? Onde vive? Quem é a sua família?* Eram perguntas fáceis – perguntas para as quais a Gestapo já tinha as respostas. Mas rapidamente as perguntas avançaram para terreno mais perigoso. *Sabemos que está a ajudar a resistência e os judeus, Pani Sendler. Para que organização trabalha? Será melhor para si se falar.* Sabiam da existência de Julian Grobelny. Andavam à procura de um homem difícil de encontrar, esse tal de «Konrad Żegota». Sabiam da caixa de correio clandestina na lavandaria. A grossura da pasta à frente dele fez com que Irena começasse a ficar muito assustada. Rezou para que não soubessem nada sobre Adam.

Protestou e afirmou não saber nada. Isto não passava de um mal-entendido. Era assistente social e, portanto, contactava com muitas pessoas. Naturalmente. Mas se alguém no seu círculo andava a fazer alguma coisa errada, ela não tinha conhecimento. O agente sorriu friamente e ergueu uma sobrancelha. Já ouvira tudo isto antes. As pessoas afirmavam-se sempre inocentes, ao princípio. Mas a tortura fazia-as falar. Irena estava a escolher o caminho mais difícil. *Como queira, Pani Sendler. Voltaremos a falar, prometo-lhe.*

Outro guarda empurrou Irena pelo corredor. O rádio continuava a tocar. Era cedo e tudo o resto estava silencioso. Pouco depois, chegariam os

transferidos de Pawiak e os corredores ecoariam com passos e choros. Os tetos eram baixos e o corredor, estreito. Irena passou por quatro celas, todas com barras de ferro e uma fila de bancos de madeira estreitos, e o guarda abriu a porta de uma delas. Havia mais pessoas lá sentadas em silêncio, de ombros curvados, mas ninguém se virou quando ela entrou, aos tropeções. *Sente-se*, foi a ordem dada em tom severo. *Olhe apenas para a parte de trás da cabeça à sua frente. Não fale*. Irena sentiu o cheiro a medo e humidade. Todas aquelas pessoas tinham chegado recentemente e estavam ensonadas e preocupadas.

O banco estreito era duro e demasiado baixo para ser confortável. O chão por baixo dos seus sapatos estava peganhento. Sangue. Sentiu-se tonta. Durante algum tempo, Irena e os outros ficaram ali sentados, imóveis. Pouco depois das oito da manhã, os transportes chegaram e os bancos à sua volta encheram-se de desconhecidos. O rádio parou de tocar e começaram a ser chamados nomes. Pouco depois, o corredor enchia-se de gritos de terror, bem como de sons distantes de coisas a serem arremessadas, baques surdos e depois os gritos de corpos a serem massacrados. Às vezes, soavam tiros. Os interrogatórios tinham lugar nos pisos superiores ou na cave, mas as portas e janelas ficavam abertas de propósito, como incentivo para que os outros ponderassem cuidadosamente as suas opções enquanto esperavam. Um sobrevivente desses rituais matinais na Avenida Szucha disse: «Ouvíamos perguntas secas, o murmúrio de respostas e o constante som de pancadas, após o qual havia gritos, muitas vezes choro feminino, sons que nos apertavam o coração e nos impediam de respirar.»

Havia outra tradição da prisão. No primeiro dia de detenção, os prisioneiros eram severamente espancados. Muitas vezes, bastava essa primeira sessão cruel. Ao segundo ou terceiro dia, muitas pessoas já se mostravam mais cooperantes e flexíveis. Irena nunca falou dos maus-tratos que sofreu nesse dia e nos dias que se seguiram, mas outros recordaram com horror o que acontecia em Pawiak. Havia socos e pontapés no rosto que deixavam olhos pendurados das órbitas, e pancadas com cassetetes de borracha capazes de esmagar ossos. Ferros de soldar queimavam rostos e seios. Havia ombros deslocados. E, depois, os prisioneiros coxos e ensanguentados eram atirados para dentro das celas, onde lhes ordenavam que se sentassem, direitos, até os camiões de caixa

fechada que os transportariam a Pawiak chegarem. No dia 20 de outubro de 1943, Irena estava entre esses corpos magoados e feridos. Na escuridão da carrinha de transporte, nessa primeira tarde, tentou afastar a dor e o medo da mente enquanto o caminhão acelerava através da cidade, com a buzina a tocar um refrão desconsolado... mas cada movimento era agonizante.

*

Em Pawiak, um guarda prisional conduziu Irena por uns degraus de pedra largos que desciam. Quem não conseguia andar era puxado e meia dúzia de enfermeiras e médicos de expressão severa tiravam do caminhão os que tinham sofrido os espancamentos mais graves e colocavam-nos em macas de lona do exército. Oficialmente, Pawiak era a prisão para as figuras políticas, académicos, estudantes, médicos e membros da resistência e das universidades ilegais – a elite intelectual. Mas, na prática, era uma prisão quase clandestina onde não havia procedimentos legais. Um terço das pessoas que chegaram nessa tarde com Irena seria executado. A maioria das restantes acabaria por morrer depois de desaparecerem num dos transportes noturnos que mantinham os prisioneiros em Pawiak num estado constante de terror. Os prisioneiros destinados aos campos de concentração de Ravensbrück ou Auschwitz eram arrastados para o pátio da prisão depois de as luzes se apagarem e, na escuridão, espancados à coronhada pelos guardas furiosos e depois enfiados em carruagens, algemados uns aos outros. Irena sabia que tudo aquilo acabava em morte.

*

Em Pawiak, Irena ficou chocada ao encontrar entre os prisioneiros velhos amigos e conspiradores. Na sua cela, nessa primeira noite, Irena e a vizinha, Basia Dietrich, deram as mãos em silêncio, na escuridão. Numa conversa murmurada em tom urgente, muito depois de as luzes se apagarem, Basia disse a Irena que outra amiga, Helena Pęchcin, também fora detida. Helena era professora de História. Basia e Irena viviam perto uma da outra há anos, no mesmo complexo de apartamentos em Wola, onde Basia era líder dos escoteiros e ainda geria o jardim de infância

comunitário. Irena conhecia Basia desde os seus dias de recém-casada com Mietek. Contudo, não oficialmente, Basia era capitã de um movimento da resistência conhecido como Powstańcze Oddziały Specjalne «Jerzyki» – Forças Especiais Insurgentes «Gaiivotas» –, um grupo de homens e mulheres dedicados que geriam, em paralelo com a rede de Irena, uma operação que salvara várias centenas de crianças judias do gueto. Helena era a parceira operacional de Basia. Na primavera de 1943, quando as Forças Especiais Insurgentes se juntaram às operações do Exército Nacional e se tornaram parte do alargado e difuso movimento clandestino que incluía o Żegota, o grupo começou a colaborar regularmente com Irena.

Na manhã seguinte, Irena estabeleceu contacto com outra amiga dentro da prisão. Jadwiga estava viva! Irena nem queria acreditar. Jadwiga Jędrzejowska era outra das raparigas da Dra. Radlińska que conhecera antes da guerra, poucos anos mais velha do que Irena e as suas colaboradoras mais diretas, mas Irena reconheceu-a instantaneamente. Jadwiga e o seu namorado judeu, Horak, tinham-se juntado à resistência imediatamente após o início da ocupação, trabalhando no movimento de imprensa clandestino, e conseguiram escapar à Gestapo durante três anos. Porém, em 1942, foram os dois detidos. Horak foi morto e Jadwiga passara um ano a definhar na prisão, destacada, apesar da sua formação médica, para limpar os escritórios e latrinas. Porém, na prisão também havia um extraordinário movimento de resistência em formação e Jadwiga foi puxada para a rede. No centro dessa célula clandestina estavam dois casais: Anna Sipowicz, dentista, e o seu marido médico, Witold Sipowicz; e Zygmunt Śliwicki, também médico, com a mulher, a enfermeira-chefe da prisão, Anna Śliwicka. Os quatro pertenciam à resistência polaca e, tal como Irena, as mulheres tinham 30 e poucos anos e eram destemidas.

Às nove da manhã, no segundo dia da sua detenção, Irena aguardou de pé, em sentido, com os outros. O pequeno-almoço – um pedaço de pão bolorento e sucedâneo de café –, bem como a chamada das oito e meia para as execuções do dia, tinha terminado. Quando as mulheres chamadas, aterradas, foram conduzidas para o exterior da cela pela última vez, Irena baixou os olhos. Não conseguia assistir. Por cima dos sapatos coçados, sentiu os vergões vermelhos inchados nos tornozelos, onde os percevejos a tinham mordido durante a noite, e até o mais leve movimento de cabeça

lhe fazia latejar os pontos da cara onde fora atingida pelos socos dos alemães. A chamada das nove era para doentes que deviam dirigir-se às clínicas médicas. A mente de Irena começou a vagar, mas ergueu subitamente a cabeça quando ouviu a voz de Jadwiga Jędrzejowska chamá-la para se dirigir ao consultório da dentista. Dentista? Irena abriu a boca para dizer *Não preciso de dentista...*

De repente, apercebeu-se: *É uma mensagem.* Avançou sem dizer uma palavra e seguiu-a.

A janela do gabinete apertado para onde foi conduzida dava para as ruínas do gueto. Era difícil esquecer tudo o que tinha visto ali. Ewa. O Dr. Korczak. Rachela. Ala. Józef. Até onde os olhos alcançavam, via apenas um mar de escombros e pedras e as ruínas carbonizadas das fundações dos prédios.

Quando a dentista da prisão, a Dra. Anna Sipowicz, entrou na sala, Irena percebeu que também a conhecia dos círculos ativistas de antes da guerra. Que alívio, estar entre amigos! Irena abriu a boca para falar mas Anna levou rapidamente o dedo aos lábios e apontou para a cadeira de dentista. Irena assentiu em silêncio. Para não levantar suspeitas, Anna teria de abrir um buraco e tratar uma cárie que nunca existira. Mas Irena, na cadeira de dentista, compreendeu finalmente quando Anna lhe passou uma *gryps*, ou seja uma mensagem secreta. Era de Julian Grobelny – «Trojan» – e simples: «Estamos a fazer tudo o que podemos para te tirar desse inferno.» No papel fino que Anna lhe entregara, Irena escreveu a única mensagem de resposta que interessava: *As listas estão em segurança!* Desde que Irena não vergasse sob tortura, ninguém saberia o paradeiro das crianças escondidas. O que Irena não disse a Julian Grobelny, claro, foi que as listas estavam com Janka. Seria um risco demasiado grande, caso a mensagem fosse interceptada. E essa decisão acabaria por se revelar extremamente feliz.

*

Ao longo dos dias e semanas seguintes, houve mais viagens à Avenida Szucha, tal como o seu interrogador alemão prometera. Nalgumas manhãs, depois do pequeno-almoço, quando faziam as chamadas e anunciavam os nomes destinados a transporte e a tortura, Irena sentia um aperto no

coração ao ouvir o seu nome entre eles. Pouco tempo depois, tinha os ossos das pernas e dos pés partidos, e cicatrizes e feridas abertas espalhadas pelo corpo e que a deixariam marcada para sempre.

Irena só se salvou de ser espancada até à morte nesses dias por os alemães não fazerem ideia de quem tinham capturado. A Gestapo pensava que Irena era uma participante de pouca importância, uma jovem insensata envolvida na periferia da resistência polaca. Não imaginavam que tinham capturado uma das suas líderes mais importantes, a mulher responsável por ter escondido milhares de crianças judias pela cidade. Porém, esse facto não permaneceria secreto para sempre. No meio da dor, Irena debateu consigo própria. Havia dias em que a tortura parecia suportável e, com bastante concentração, quase conseguia escapar do seu pobre corpo massacrado. Noutras alturas, os espancamentos eram ferozes e a escuridão rondava no limiar da consciência. Estaria preparada para morrer para salvar os outros? Sabia que tinha o poder de causar a morte a milhares de pessoas. Repetiu uma e outra vez a sua história. Era apenas uma assistente social. Não sabia nada. Recusava-se a pensar em Adam. Pensar nele podia ser o suficiente para que o nome lhe escapasse, sem querer, quando caía por terra sob as pancadas.

Duas vezes por dia, ao meio-dia e à noite, as carrinhas levavam os corpos massacrados de volta para Pawiak. «Poder-se-ia dizer que era uma ambulância que transportava vítimas de desastre», recordou um dos médicos. «Tinham os rostos pálidos e cobertos de sangue, olhos negros, roupas amarrotadas e sujas, muitas vezes rasgadas.» Havia dias em que Irena estava entre eles. Noutros, trabalhava na lavandaria da prisão, longas horas de pé, em cima de membros fraturados e doridos que saravam de forma deficiente, a esfregar fezes da roupa interior dos alemães entre sessões de tortura. Coxeava pronunciadamente, estava sempre com dores e as caminhadas diárias pelo pátio da prisão eram pura agonia. Quando os alemães não ficavam satisfeitos com o trabalho na lavandaria, os castigos eram sádicos. Uma tarde, um guarda furioso alinhou as mulheres da lavandaria contra a parede, caminhou ao longo da fila e matou com um tiro na cabeça mulher sim, mulher não. Irena foi uma das sobreviventes.

Na manhã da detenção de Irena, instalou-se o pânico à medida que a notícia correu. Julian Grobelny e os restantes líderes do Żegota enfrentavam uma série de preocupações, a mais importante das quais eram as listas e as moradas das crianças. Se Irena fosse executada, a informação relativa às listas desapareceria com ela. Milhares de crianças, muitas das quais eram demasiado novas para se lembrarem das suas identidades, ficariam para sempre perdidas das famílias e da nação judaica. Mas Irena representava um risco ainda maior para essas crianças. Foi ela própria que o disse: «Não andavam preocupados só comigo. Não sabiam se eu conseguiria aguentar a tortura. Afinal de contas, eu sabia onde estavam todas as crianças.» Se Irena quebrasse, seria um desastre sem precedentes. Porém, salvá-la era um desafio extraordinário. Significaria subornar alguém nos níveis mais altos da Gestapo.

Em casa de Maria Kukulska, no bairro de Praga, os problemas eram outros. E os residentes faziam a si próprios as mesmas perguntas: conseguiria Irena aguentar a tortura? O que é que os alemães já saberiam? Janka Grabowska passou a notícia da detenção a Maria e Adam, mas só podia aconselhá-los a prepararem-se para tudo.

Jurek ainda namorava com Anna, a filha de Maria Kukulska, e, assim que entrou no apartamento naquele dia, percebeu que algo muito mau acontecera. Normalmente, a casa de Maria era um sítio alegre e acolhedor. Naquele dia, porém, Adam estava sentado numa cadeira, abatido, de olhar perdido no vazio. Jurek achou que ele nem o tinha visto. Adam não se virou. Não disse nada. Jurek percebeu instantaneamente que acontecera alguma coisa a Irena.

Anna fez-lhe sinal para a seguir. *A Irena?*, perguntou ele. Anna acenou afirmativamente. «Está em Szucha, talvez já em Pawiak», disse-lhe ela. «Estão a tentar tirá-la de lá.» Jurek sentiu as pernas fracas. Irena orientara tudo, mantivera-os a todos em segurança. E agora?

Quando Adam por fim saiu do seu estupor, foi para insistir contra toda a razão que *iam* salvar Irena: *Vamos tirá-la de lá. E ponto final.* Com o rosto escondido nas mãos, repetiu-o uma e outra vez. Maria não se atreveu a dizer-lhe que não deveria haver hipóteses. Ninguém saía de Pawiak, pelo menos como Adam queria.

Gentilmente, Maria abordou por fim um problema ainda mais penoso, uma questão mais urgente que Adam tinha de levar em conta. Seria Irena

capaz de os denunciar sob tortura? O que é que a Gestapo poderia saber já? O apartamento estava «queimado» –deixara de ser um esconderijo seguro. Adam teria de fugir para outro esconderijo. *Adam, temos de partir já.* Preocupada com Adam e incapaz de o deixar sozinho fosse onde fosse, Maria só via uma solução. Adam teria de viajar para a casa segura na Rua Akacjowa em Otwock, onde o líder do Żegota, Julian Grobelny, e a mulher, Halina, estavam escondidos. O rapaz, Jerzy, também ficaria com eles.

Era perigoso transferir um homem com uma aparência tão nitidamente judaica como Adam. Ele corria riscos até se se aproximasse demasiado da janela. Como é que podia deslocar-se pelas ruas de Varsóvia e apanhar um elétrico até aos subúrbios sem ser visto? Não havia alternativa. Nessa tarde de outono, pela primeira vez em mais de um ano, Adam Celnikier desceu as escadas do prédio com Maria Kukulska e saiu para as ruas de uma Varsóvia transformada. Maria insistiu em acompanhar Adam na viagem até Otwock. As ruas do bairro estavam sossegadas, mas, quando se aproximaram do terminal o número de pessoas aumentou, e Maria sentiu apenas raiva quando dois homens polacos lhes bloquearam o caminho. *Um judeu. Está aqui um judeu.* Um dos homens estendeu a mão, a pedir dinheiro. *Espero que seja rica, Pani. Caso contrário, chamamos a Gestapo.*

Maria virou-se para o homem, furiosa. *Deixem-nos em paz,* sussurrou entre dentes. *Caso contrário, mando o Exército Nacional executar-vos.* No outono de 1943, não era uma ameaça vã, embora também fosse terrivelmente perigoso admitir ter contactos na resistência. O Estado polaco clandestino tinha um sistema de justiça próprio que trabalhava então a todo o vapor, e as execuções de colaboradores e chantagistas eram comuns. Os chantagistas trocaram um olhar rápido e afastaram-se, em busca de alvos mais fáceis. Espantosamente, a ameaça de Maria resultara.

Na casa segura em Otwock, Julian e Halina Grobelny receberam Adam como se fosse um velho amigo. Havia sempre pessoas a entrar e a sair secretamente do esconderijo. Julian era como a calma no centro da tempestade, mas à sua volta o movimento e os murmúrios urgentes não paravam. Na altura, Julian estava já acamado e mal conseguia falar. Tinha as faces encovadas pela tuberculose. Halina cuidava dele com um sorriso animado, mas Julian estava a morrer.

*

Para lá de Pawiak, as coisas também mudavam rapidamente para os outros membros da rede de Irena no final de outubro, e não demoraria muito tempo para essas notícias chegarem a Julian Grobelny. A sudeste de Varsóvia, no campo de trabalho escravo de Poniatowa, onde 15 000 prisioneiros lutavam pela sobrevivência, o movimento de resistência da prisão crescia. A mãe da bebé Bieta, Henia Koppel, ainda estava viva, a trabalhar como costureira. A incansável Ala Gołab-Grynberg também estava viva. Ala já fazia parte de uma pequena célula no campo, que trabalhava em contacto direto com a organização de combatentes de Marek Edelman e com o Żegota. Os líderes andavam a planear cuidadosamente uma fuga arrojada. As insurreições nos campos começavam a ser um problema para os alemães. Em agosto, os recém-chegados a Treblinka revoltaram-se e até em Auschwitz houve incursões nesse outono. As revoltas eram esmagadas com uma força brutal mas, no outono de 1943, as coisas já não estavam a correr muito bem para os alemães na guerra e as autoridades em Berlim andavam nervosas.

No final do mês, a atenção alemã virou-se para Poniatowa. De repente, cerca de 200 trabalhadores foram retirados das fábricas têxteis e colocados a trabalhar nos campos, onde construíram trincheiras defensivas em ziguezague, com dois metros de profundidade, para fortificar o complexo. O trabalho prosseguiu durante dias e constava que se seguiria a construção de torres contra ataques aéreos. Ala e os membros da sua célula, contudo, estavam cada vez mais desconfiados e atentos.

Ala e a sua célula já tinham um pequeno arsenal de armas, introduzidas no campo com a ajuda do Żegota, e quando os alemães ordenaram uma chamada de todos os prisioneiros na madrugada do dia 4 de novembro, Ala soube, com um aperto no coração, que vinha aí algo terrível. Os líderes da célula – homens e mulheres que tinham combatido juntos na insurreição do gueto, e membros da resistência judaica – reuniram-se e tomaram rapidamente uma decisão ousada. Os combatentes não compareceriam à chamada. Em vez disso, juntaram-se num dos dormitórios e montaram barricadas, prontos para uma ação militar defensiva. Possuíam poucas armas, mas eram homens e mulheres que tinham visto em primeira mão aquilo de que eram capazes.

Junto às trincheiras, sob a temperatura gélida da manhã de novembro, os alemães começaram a mandar avançar os prisioneiros em grupos de 50. Sob a ameaça das armas, forçaram-nos a despir-se e a colocar os artigos de valor em pequenos cestos. Depois, quase 15 000 trabalhadores deitaram-se juntos dentro das trincheiras e, por entre fogo de metralhadora e latidos de cães, foram executados em valas comuns numa operação a que os alemães deram o nome de código «Erntfest» – o Festival das Colheitas. As execuções prolongaram-se durante vários dias. Henia Koppel tinha 24 anos quando morreu na «colheita». Bieta era agora órfã.

Ala, contudo, não morreu nas trincheiras. Tinha 39 anos e queria viver. Era feroz e destemida. Ela e os outros, que tinham combatido na insurreição judaica nessa primavera, uniram-se dentro do dormitório e, quando os alemães os vieram buscar com os cães, abriram fogo contra as SS. Os guardas caíram por terra. As baixas, primeiro, deixaram os oficiais alemães estupefactos e, depois, encheram-nos de uma fúria assassina. Não havia para onde fugir dentro do arame farpado de Poniatowa. De qualquer maneira, os combatentes judeus não estavam interessados em fugir. Os alemães incendiaram o edifício. Ala e os amigos morreram lá dentro, encurralados pelas chamas, mas ainda a resistir. Naqueles momentos finais infernais, enquanto o mundo explodia em chamas à sua volta, de certeza que Ala terá pensado no marido, Arek, talvez ainda a lutar algures, e na preciosa filha, escondida.

*

Para o círculo de amigos de Irena, o inverno de 1943-44 foi uma estação de morte. Foi impossível continuar a ver o lado positivo durante esses meses. Sofreram perdas atrás de perdas. O facto de as crianças estarem seguras era o único consolo possível.

Na segunda semana de novembro, enquanto os efeitos da denúncia e detenção de Irena se repercutiam pela rede, chegaram mais más notícias. Nas celas em Pawiak, Irena viu Helena Szeszko espancada e maltratada. O papel de Helena na rede, como enfermeira e correio, era crucial. Helena, como Irena costumava dizer, estava sempre «cheia de iniciativas», e trouxera para a rede dezenas de contactos em hospitais e «círculos clandestinos» espalhados por Varsóvia. Seria Helena também

suficientemente forte para não falar? Tal como Irena, Helena tinha nas mãos as vidas de Irka Schultz, Jadwiga Deneka e Wladyslawa Marynowska – e as vidas de centenas de crianças nos orfanatos. Em Pawiak, todos os dias as mulheres eram levadas para o pátio para caminhar e, às vezes, ela e Helena trocavam um olhar cauteloso, um olhar de solidariedade e determinação. Contudo, o marido de Helena e colaborador do movimento, Leon – o homem que tivera a ideia de retirar as crianças do gueto pelo elétrico de Muranów e assim salvara tantas delas –, já não podia ser ajudado. Foi morto numa execução pública por um pelotão de fuzilamento no dia 17 de novembro.

A próxima a cair foi Jadwiga Deneka. A rede estava a desmoronar-se. No dia 25 de novembro, Jadwiga visitava uns refugiados judeus escondidos numa cave, onde também funcionava um ponto de distribuição da imprensa clandestina, na Rua Świątojerska, no bairro de Żoliborz, quando a Gestapo apareceu. Jadwiga tinha 24 anos, e só por ela não ter ido abaixo durante os interrogatórios e tortura em Pawiak, onde se juntara às camaradas de armas, é que Katarzyna Meloch e dezenas de outras crianças não foram descobertas. Tal como Ala e Irena, Jadwiga não vergaria.

Na prisão, as mulheres fizeram os possíveis por manter o ânimo, apesar da fome constante e dos maus-tratos diários à mente e ao espírito, e apesar das execuções aleatórias e dos espancamentos. A morte podia chegar para cada uma delas, em qualquer manhã, na chamada das prisioneiras. Em Pawiak, viviam com essa consciência. Viviam também com o tédio e a tristeza. Na cela de Irena, algumas mulheres fizeram secretamente cartas de jogar com pedaços de pão e papel e à noite, depois de os guardas saírem e as deixarem mergulhadas na escuridão, muitas vezes erguia-se pelas celas o som de tristes músicas polacas. As vozes doces das mulheres ecoavam nas paredes de betão e cantavam canções de embalar infantis e velhas melodias populares. Irena e Basia, que estavam na mesma cela, dormiam encostadas uma à outra, com cerca de mais uma dúzia de mulheres, na pequena divisão húmida. Porém, quando Basia cantava, sentiam-se livres. Era uma das vozes mais belas na prisão.

Uma noite, no princípio de dezembro, Basia encostou-se à parede fria da cela e virou a cara a Irena. Irena tinha a certeza de que a amiga estava a chorar. *Basia, o que se passa? Queres cantar alguma coisa?*, sugeriu. Basia abanou lentamente a cabeça e disse: *Não, não consigo cantar*. Fez

uma pausa. *Irena, vou ser executada amanhã. Tenho um pressentimento.* Irena tentou tranquilizá-la mas Basia interrompeu-a. *Não. Hoje vimos o Zbigniew Łapiński a sair da capela. Tinha sido espancado.* Zbigniew tinha 18 anos e era apenas um rapaz que trabalhava como correio na rede clandestina. Basia e Helena Pęchcin viram os guardas arrastá-lo pelo corredor depois do interrogatório, inerte e maltratado, e Basia insultou o jovem tenente alemão. *Denunciei-me, mostrei que o conhecíamos, Irena.*

Nessa noite, Irena ficou acordada a noite toda, a percorrer os padrões do teto com os olhos, em silêncio. Sabia que Basia também estava acordada. De madrugada, quando saíram para a chamada, Basia pegou na mão de Irena e apertou-a com força. Irena tentou conter as lágrimas durante a chamada. Quando foram lidos os nomes das execuções dessa manhã, o nome de Basia era um deles, tal como ela previra. Basia e Zbigniew foram executados em público nesse dia, por um esquadrão de fuzilamento, na esquina das ruas Ordynacka e Foksal. Nessa noite, Irena inspecionou cuidadosamente os bens de Basia na cela e encontrou uma recordação. Era um pequeno retrato de Cristo pintado à mão, com as palavras «Confio em Jesus». Irena apertou-o contra o peito e dessa vez não tentou conter as lágrimas. Guardaria esse pequeno tesouro para o resto da vida.

Todas as manhãs havia chamadas mortíferas. No dia 6 de janeiro chamaram o nome de Jadwiga Deneka. Jadwiga foi executada nas ruínas do gueto, do outro lado dos portões da prisão, juntamente com as 11 mulheres judias que tinha sido apanhada a esconder. Contudo, nunca divulgou nada.

Irena sabia que a sua vez não tardaria.

Em janeiro, Irena foi mais uma vez chamada ao consultório da dentista na chamada da manhã e na cadeira, enquanto a broca perfurava, Anna Sipowicz entregou-lhe uma última mensagem do Żegota. Já não falava em fuga nem em liberdade. Dizia apenas: «Sê forte. Amamos-te.» Dentro de poucas semanas, seria tarde demais para fazer chegar mensagens a Irena. «Um dia, ouvi o meu nome», disse Irena. Foi a 20 de janeiro de 1944, o dia da sua execução.

A EXECUÇÃO DE IRENA

Varsóvia, janeiro de 1944

Levaram-na para Szucha. Os prisioneiros chamavam à carrinha da morte «o capuz», e a grossa cobertura de lona que os impedia de olhar para fora só intensificava a crescente sensação de terror. Nessa manhã os guardas prisionais polacos com bonés verdes e rostos compreensivos conduziram 20, talvez 30, mulheres até ao camião que aguardava para as levar ao destino final. Em Pawiak, muitos eram executados sumariamente assim que saíam dos portões da prisão, nas ruínas do gueto, talvez em cima de tábuas frágeis por cima dos buracos das fundações destruídas. Este carregamento estava destinado ao pelotão de fuzilamento em Szucha. E, embora estivessem às escuras, as mulheres não ignoravam o que as esperava. Irena sabia que era a sua última hora de vida.

As mulheres foram levadas para uma sala de espera com portas de ambos os lados e, na sua maioria, estavam a chorar. Uma a uma, foram chamadas e conduzidas a uma porta à esquerda, que dava para o pátio. Uma a uma, ouviram-se os tiros. Os soluços na sala intensificaram-se. Irena ouviu chamar o seu nome e, enquanto fazia a curta caminhada através da sala, sentiu-se como se caísse. O ponteiro dos segundos parecia extraordinariamente ruidoso e o mundo reduziu-se aos seus passos e a pensamentos sobre a mãe e Adam. Dirigiu-se à esquerda, mas o guarda fez-lhe sinal para a porta do lado direito. Mais interrogatórios. Irena sentiu o coração apertado. Queria que a tortura tivesse fim. Não tinha dúvidas de como aquilo ia acabar. Dentro da sala estava um agente da Gestapo, com as suas botas pretas altas, um alemão de rosto corado. *Venha*, disse-lhe. Irena seguiu-o para o sol fraco de inverno. Desejou ter cianeto para que o

fim fosse rápido. Tencionaria matá-la a tiro na esquina, como tantos outros? O alemão afastou-se de Pawiak, em direção aos edifícios do parlamento e, na esquina de Aleja Wyzwolenia e Aleja Szucha, virou-se para ela.

«Está livre. Salve-se, depressa.» A mente de Irena teve dificuldade em processar a informação. Livre? Ao princípio, nem conseguiu apreender o significado da palavra. A única coisa que lhe ocorreu foi que era impossível viver na Polónia ocupada sem documentos de identificação. «A minha *Kennkarte*. Dê-me os meus documentos!» Uma centelha de raiva chispou nos olhos do alemão. «Sua rufia miserável, desapareça», rosnou, e deu-lhe um soco na boca, furioso. Com a boca cheia de sangue, Irena afastou-se a cambalear, tonta. Quando olhou para trás, o alemão tinha desaparecido.

Tropeçou. Um desconhecido na rua virou-se para olhar para ela e acelerou o passo para se afastar. Irena encontrava-se demasiado ensanguentada e ferida para ir longe, e os ossos mal cicatrizados não estavam suficientemente fortes para conseguir correr. «Não consegui continuar», contou mais tarde, sobre esses primeiros momentos. «Entrei numa drogaria próxima. A dona levou-me para a sala dos fundos, onde me lavei, e deu-me umas moedas para o bilhete do elétrico.» Essa mulher chamava-se Helena, e lavou cuidadosamente o rosto ferido de Irena antes de lhe dar qualquer coisa para tapar o uniforme da prisão.

Irena admitiu mais tarde que foi uma atitude insensata – imprudente e até estúpida –, mas não conseguiu pensar em mais nada senão em ir para casa, para junto da mãe. Entrou no elétrico número cinco, em direção a Wola, aturdida e assustada. De súbito, um dos adolescentes no elétrico gritou e todos correram para as portas. *A Gestapo está na próxima paragem! Saiam depressa!* Os alemães estavam mais à frente, a verificar documentos. Mulheres com sacos de compras e homens de chapéu passaram por ela e desapareceram no meio da multidão, mas Irena estava meio incapacitada e não conseguia andar depressa. Um homem de idade, com olhos tristes, virou-se, parou e esperou por ela. Irena teve vontade de chorar de gratidão quando ele lhe ofereceu a mão para a ajudar a descer da plataforma. A intensidade no olhar pesaroso do homem indicou-lhe que sabia que ela pertencia à resistência. Irena desceu do elétrico e desapareceu silenciosamente entre a multidão, tentando não tropeçar. A

dor na perna partida era como um ferro em brasa, e Irena fez um esforço para afastar a escuridão que lhe rondava novamente a consciência. Como teria sido fácil desmaiar e deixar-se levar pelo esquecimento. Quando finalmente chegou a casa, mal se tinha em pé. Coxearia para o resto da vida.

«Fui tão ingénu», disse Irena mais tarde, «por passar várias noites em casa, no mesmo apartamento onde a Gestapo me prendera.» Nessa tarde, do outro lado da cidade, camiões com altifalantes anunciaram os nomes dos executados nesse dia, por crimes contra a Alemanha, e os cartazes colados em quadros de avisos anunciavam a sua morte em letras carregadas. *Obwieszczenie! Irena Sendlerowa. 20. j. 1944. Crime: Fornecer ajuda aos judeus.*

Mais cedo ou mais tarde alguém veria o cartaz e se aperceberia de que ela estava novamente a viver no seu apartamento e a Gestapo viria à procura dela. Aos poucos, Irena apercebeu-se disso. Era demasiado perigoso ficar. Mas também era impossível partir. A mãe, Janina, estava às portas da morte. Há anos que tinha problemas de coração. Uma filha em Pawiak e noites intermináveis de preocupação tinham surtido o seu efeito, e Irena debatia-se agora com o sentimento de culpa e os remorsos. A que outra conclusão podia chegar? Fora ela a responsável, embora sem intenção.

Nos primeiros dias depois da sua libertação, outro pensamento começou a incomodar Irena. Porque a tinham libertado? Seria alguma armadilha? A sua primeira preocupação foi o que aconteceria se um dos seus contactos – quase todos amigos – se aproximasse dela agora. Porém, em breve chegou um bilhete por um jovem correio que desapareceu rapidamente depois de o entregar. Quando viu o seu nome de código, «Jolanta», teve a resposta que procurava. O Żegota tratara da sua libertação e queria que ela deixasse imediatamente o apartamento. Sabia onde ficava a casa segura.

Mas Irena não podia ir. Não podia deixar a mãe. Pouco depois, chegou outra mensagem. Julian Grobelny tentou avisá-la. Janka veio em pessoa implorar-lhe que partisse. Irena foi adiando. Isso significava desaparecer. A prima que tratara de Janina durante os meses em que Irena estivera presa prometeu continuar com ela; todos pediram a Irena que fugisse. Ela, porém, não suportava a perspectiva de deixar a mãe. Na noite seguinte, mudou-se para o apartamento de uma vizinha no andar de cima, que

concordou em a deixar lá ficar algum tempo. Estar escondida tão perto de casa significava que, durante alguns minutos por dia, Irena podia descer as escadas para ver a mãe.

Mesmo isto era um risco insensato. Era atrair o desastre e Julian começava a ficar impaciente. Uma noite, na última semana de janeiro, o desastre chegou. Pouco depois do recolher obrigatório das oito da noite, quando as ruas se silenciavam e as rusgas da Gestapo começavam, o som de passos pesados encheu novamente as escadas do prédio e Irena ouviu vozes com sotaque alemão, aos gritos. O seu coração parou. Sabia o que significava. A Gestapo apercebera-se do seu desaparecimento e estava a revistar o prédio. Ouviu portas a bater no primeiro andar e olhou em volta, no pequeno apartamento, desesperada. Um armário? A cama? Não adiantava esconder-se. Era estúpido morrer assim. Estúpido. Nem acreditava como fora insensata. Sabia que, desta vez, a mãe não aguentaria. A expressão no rosto da vizinha abalada disse-lhe que a mulher compreendia pela primeira vez que aquilo significava também a sua sentença de morte. «Morremos por dentro, com o medo», contou Irena depois.

«Não sei quanto tempo demorou – os minutos pareceram uma eternidade – até ouvirmos o som de passos a correr» contou Irena mais tarde. Quando os corredores se silenciaram novamente, alguém bateu à porta e a prima de Irena passou-lhe uma mensagem e abraçou-a rapidamente. *Adeus. Tens de ir, Irena.* Depois, deu meia-volta e afastou-se.

Irena segurou com mão trémula o pedaço de papel e leu a mensagem comovente da mãe: «Estavam outra vez à tua procura, não podes vir cá nem sequer para dizer adeus. Sai daqui o mais depressa possível.» A Gestapo revistara os pisos inferiores do prédio, desistindo no piso abaixo de onde Irena estava escondida.

Por fim, Irena cedeu. Que opção lhe restava, se isso significava a morte da mãe? Abatida, apercebeu-se de que fora uma filha terrível. Julian Grobelny arranhou-lhe rapidamente novos documentos de identificação e a mulher que pusera em segurança milhares de pessoas teria agora de se esconder também. Durante algum tempo, enquanto recuperava, pôde ficar com Julian, Halina e Adam em Otwock. Mas ficar muito tempo no mesmo sítio não era opção para a mulher que disparara para o topo da lista de mais procurados da Gestapo e, tanto pela sua própria segurança como pela

de Adam, tinha de continuar em movimento assim que pudesse. Depois da fuga espantosa, tinham-se apercebido na Avenida Szucha de que, afinal, ela não era um peão de somenos importância na resistência. A Gestapo andava à caça de Irena.

Os seus documentos davam-lhe uma identidade nova e de súbito, tal como os milhares de crianças que ajudara a salvar, tinha de saber de cor uma série de novos pormenores. Chamava-se agora Klara Dąbrowska. Irena pintou o cabelo de ruivo e nos arquivos do Exército Nacional há uma descrição da sua aparência: cerca de 1,60 m de altura, esguia, com «um nariz ligeiramente aquilino», olhos azul-claros e cabelo curto. Depois das primeiras semanas, Irena andou sempre em movimento. Havia outras casas seguras em Otwock. Passou algum tempo com o tio, perto de Nowy Sącz. Quando a situação se complicou, esteve outra vez um tempo no bairro de Praga, escondida no jardim zoológico de Varsóvia, onde alguns líderes do Żegota, incluindo o Dr. Adolf Berman, se tinham refugiado no outono da detenção de Irena. A movimentação constante era um facto da vida, naquela evasão perigosa, mas Irena sentia a falta da mãe e de Adam.

*

Em Otwock, Irena soube por fim a história heroica por trás do seu salvamento. Depois de Janka levar a notícia da detenção de Irena a Adam e Maria Kukulska, no seu apartamento em Praga, os três encheram-se de uma determinação feroz para a salvar. Na casa segura em Otwock, com Julian, a dor e preocupação de Adam eram um lembrete constante. Julian prometeu que o Żegota arranjaria o dinheiro que fosse necessário para subornar a Gestapo, se tal fosse possível. Pagaram pela libertação de Irena o resgate mais elevado da sua história como organização. Ninguém sabe o valor exato, mas terá sido na ordem dos 35 000 *zlotych* – o equivalente, hoje, a cerca de 90 000 euros.

Mas seria possível salvá-la, independentemente do preço? Só um suborno ao nível mais elevado da Gestapo permitiria uma fuga tão arrojada, e quem, entre eles, tinha esse tipo de contactos? O problema era encontrar alguém com contactos suficientemente próximos da Gestapo. Nenhum deles – muito menos um judeu escondido – podia simplesmente dirigir-se aos alemães no meio da rua e falar no assunto. O que precisavam

era de um polaco com ligações dentro da Gestapo. Precisavam de alguém como a conspiradora de Irena, Maria Palester, com o seu jogo de *bridge* semanal. Nessa altura, vários anos depois do início da ocupação, Maria conversava amigavelmente com os informadores da Gestapo todas as semanas e, por mais de uma vez, usara os seus encantos para ajudar Irena. Tinha uma extensa rede de contactos no movimento clandestino, mas ninguém pode minimizar o risco que ela correu para tentar salvar Irena. Pôs tudo na mesa e arriscou a vida da própria família.

Afinal de contas, Henryk, o marido de Maria convertido ao judaísmo, não corria menos perigo agora do que no início da guerra. O seu filho adolescente, Krištof, pertencia a um esquadrão de elite da resistência e estava constantemente em perigo. E a família ainda escondia amigos judeus no seu apartamento. Maria, porém, não temia um jogo com apostas elevadas. Graças a Irena, a sua família estava viva. Se pudesse, salvaria a amiga. Maria contactou um amigo, que contactou outro amigo, e assim sucessivamente. A dada altura chegaram por fim a um acordo com o oficial alemão que deixou Irena no cruzamento, na manhã da sua execução. Seduzido pela quantia astronómica, acedeu a falsificar os registos oficiais, dizendo que Irena Sendler fora executada.

O pagamento foi um esquema digno de um romance de espionagem. Era extraordinariamente complicado encontrar alguém disposto a entregar um suborno à Gestapo. Foi Malgorzata Palester, a filha de 14 anos de Maria, que levou a cabo a operação. Levou calmamente os rolos de notas escondidos no fundo da mochila da escola até ao ponto de encontro, com a coragem de um experiente agente da resistência. Teria sido muito fácil matar a jovem e tirar-lhe o dinheiro. Os alemães não tinham de responder a muitas perguntas quando se tratava de cadáveres de polacos. Ele podia ter ficado com o dinheiro e conduzido Irena na mesma à sua execução. Por algum motivo, não o fez.

*

Adam explicou-lhe depois outro segredo. O Żegota dera-se a tanto esforço para libertar Irena – uma única agente numa rede vasta, com mais de cem células – em grande parte por causa das listas de crianças. Irena julgava que as listas serviriam para proteger as crianças, mas também

acabaram por lhe salvar a vida. «O Żegota enviou-me cartas em que garantiam estar a fazer os possíveis por me libertar», recordou Irena, «mas todos os prisioneiros recebiam essas cartas.» Sim, Julian Grobelny e Adolf Berman, os líderes da organização, tinham uma relação pessoal com Irena e Adam. «Mas o principal motivo para quererem manter-me viva ia para além dos sentimentos», apercebeu-se Irena. «Sabiam que, se eu morresse, todos os vestígios das crianças morreriam comigo. O índice era a única hipótese de encontrar as crianças e de as devolver à sociedade judaica. E o Żegota não sabia que a minha amiga escondera o índice. Pelas minhas cartas, sabiam apenas que os alemães não o tinham encontrado.»

O que fazer com as listas agora? Era outra questão premente, à medida que os membros da célula iam caindo nas mãos da Gestapo. Janka ainda tinha os rolos de papel fino que Irena lhe entregara na manhã da detenção, mas havia outras partes da lista escondidas. E se Irena voltasse a ser presa? E se acontecesse alguma coisa a Janka? O marido de Janka, Józef, era soldado da resistência no Exército Nacional, e a casa deles estava exposta e vulnerável. As listas tinham de ser reunidas e devidamente escondidas. No inverno de 1944, Irena e as duas irmãs, Jaga e Janka, concordaram numa nova localização. Enterraram os papéis debaixo da macieira do quintal de Jaga, na Rua Lekarska.

*

Irena vivia em fuga, e podia esperar mais algum tempo para estar com Adam, se fosse esse o preço a pagar para o manter em segurança. Porém, era impossível romper os laços com a mãe. Janina não tinha muito tempo de vida. Estava a morrer, e a Gestapo sabia-o. O antigo apartamento de Irena em Wola, onde Janina vivia, encontrava-se sob vigilância, e a armadilha estava montada para apanhar Irena. Esta debatia-se com a consciência de que arriscara a vida da mãe desde o princípio, mas só agora se apercebia da verdadeira dimensão do perigo. Manteve-se afastada, mas sentia que traía a mãe.

Com esforço, Irena afastou esses pensamentos. Parar para descansar agora era como um fracasso. Poucas semanas depois da sua libertação, apesar das fraturas nos ossos ainda mal saradas, voltou ao perigoso trabalho clandestino, agora como «Klara». Estava decidida a continuar a

entregar os fundos de apoio às famílias e a ver como estavam as suas crianças. Não há registos exatos das visitas que Irena fez no inverno de 1944. Embora ela e Adam mantivessem registos meticulosos de todos os «seus» meninos, esses livros não sobreviveram ao tumultuoso verão de 1944 em Varsóvia. Contudo, é quase certo que uma das suas primeiras viagens foi ao bairro de Ochota, para visitar os velhos amigos Zofia Wędrychowska e Stanislaw Papuziński e ver como estavam três das suas crianças judias – incluindo a sua preferida, Estera.

*

Ochota era mais uma aldeia do que uma parte da cidade, no inverno de 1944, e a casa de Zofia e Stanislaw, no número 3, era a última residência antes de a Rua Matwicka dar lugar a campos e terrenos agrícolas. Stanislaw trabalhava numa clínica médica e todos os dias viajava até à Cidade Velha em Varsóvia, mas Zofia era bibliotecária nas imediações. Havia um baloiço no salgueiro do quintal e flores coloridas de que Zofia tentava cuidar entre o frenesim de mais de meia dúzia de crianças. Quando Irena aparecia, era recebida com um coro de gritos alegres, porque *Pani Irena* era uma das visitas preferidas. Zofia e Stanislaw tinham cinco filhos biológicos: Marek, um rapaz que faria 13 anos em breve; Eve, de dez anos; Andrzej, de nove; Joanna, de quatro; e um bebé nascido esse ano, chamado Thomas. Muitas vezes, quando Irena chegava, Zofia estava fora, a trabalhar, e era a avó das crianças que a recebia calorosamente e lhe oferecia chá e bolos, o tradicional gesto de boas-vindas polaco. A avó das crianças e um homem mais velho da vizinhança, o senhor Siekiery, cuidavam das crianças da rua enquanto os pais delas trabalhavam, e era uma tribo delas, crianças com nomes como Slawek, Julia, Adam e Hania. Havia ainda as quatro ou cinco crianças judias que a família escondia, a pedido de Irena e da rede da Dra. Radlińska. A mais velha era «Teresa Tucholska» – Estera –, que era como uma jovem mãe para o pequeno Thomas.

Foi uma sorte que Irena não os tivesse visitado na tarde de 22 de fevereiro de 1944, uma terça-feira ventosa. Foi nesse dia que a tragédia se abateu sobre a família. Stanislaw não estava em casa – talvez trabalhasse na clínica ou assistisse, dizem alguns, a uma reunião clandestina da

resistência. Mas Zofia estava a trabalhar, e as crianças eram tantas que os mais velhos da rua, na sua maioria rapazes de 13 e 14 anos, ficavam por sua conta. Os rapazes costumavam ir para os terrenos baldios atrás da casa, onde fingiam ser combatentes da resistência. É possível até que tivessem uma arma. Tinham, sem qualquer dúvida, apanhado dos pais a convicção de que era um ato de coragem lutar contra os alemães. Tal como Irena, Zofia e Stanislaw trabalhavam no movimento clandestino com a antiga professora, e cunhada deles, Halina Kuczkowska, uma das mais importantes operacionais do movimento.

Enquanto os rapazes da vizinhança brincavam nos terrenos e fingiam matar os ocupantes, alguns alemães avistaram os jovens e os rapazes gritaram, deliciados, com a perspectiva de uma aventura. Porém, os alemães perseguiram-nos e ordenaram-lhes que se rendessem. Quando se viram perseguidos por soldados alemães, os rapazes ficaram demasiado assustados para parar e correram para casa. A primeira casa da rua era a dos pais de Marek, Stanislaw e Zofia. Os rapazes entraram a correr e os alemães invadiram a casa atrás deles. Lá dentro, travaram uma luta com os soldados. A pequena Eve escondeu-se debaixo da cama, a chorar. Os alemães perseguiram os rapazes sob uma chuva de balas. Uma das balas atingiu um dos rapazes mais velhos, ferindo-o gravemente, e ele caiu nas escadas com um grito. As outras crianças saltaram pela janela e fugiram para os campos, perseguidas pelos soldados. Contudo, era apenas uma questão de tempo até eles voltarem atrás, para deter o rapaz e os seus pais.

Quando um vizinho, em pânico, foi chamar Zofia à biblioteca, os alemães tinham partido e as crianças estavam aterrorizadas. De olhos esbugalhados, viram Zofia tentar estancar a hemorragia do rapaz e começar a queimar rapidamente vários papéis. O primeiro pensamento de Zofia foi esconder as crianças no sótão. Sabia que a polícia voltaria em breve, com reforços da Gestapo. Depois, pensou melhor. Virou-se para as crianças e pôs Estera no comando. *Tens de os levar para a casa dos meus amigos na Rua Krucza*, disse a Estera. Estera sabia de quem ela falava. *Vai depressa e não voltem enquanto eu não vos for buscar*.

Estera fugiu imediatamente com as crianças mais pequenas. Zofia ficou com o rapaz ferido e arranjou-lhe um esconderijo no sótão. Mas as escadas ficaram cobertas de sangue e teve de limpar o rasto que denunciaria o esconderijo. Enquanto uma vizinha tentava arrumar a sala

destruída, Zofia pôs-se de joelhos com um balde de água e começou a lavar o sangue.

Foi aí que os alemães a encontraram quando invadiram a casa: de joelhos, a esfregar e a chorar. Não conseguira terminar a tarefa antes de eles chegarem. Um soldado alemão parou junto dela, encostou-lhe uma arma à cabeça e disse-lhe para ir depressa buscar o rapaz. No caminho para Pawiak, na parte de trás da carrinha, Zofia embalou o rapaz enquanto a deixaram. Quando chegaram à Avenida Szucha, já estava morto. Zofia – que a Gestapo tinha já na lista de pessoas que queria interrogar, por outros motivos – foi levada para dentro, onde seria interrogada e torturada.

Quando Stanislaw soube, procurou Irena, a sua velha amiga e colaboradora. Não só as crianças judias que Zofia e Stanislaw escondiam precisariam de novas casas, e depressa, mas a Gestapo andava à procura de Stanislaw. Teria de se esconder também, mas não podia levar os filhos consigo. Precisava da ajuda de Irena. Esta acedeu, sem hesitar. Entrou em ação e transferiu Estera para um «campo de férias» onde havia várias crianças judias escondidas, perto da cidade de Garwolin, cerca de 65 quilómetros a sudeste de Varsóvia. Encontrou lugar para as outras crianças em orfanatos e, em vários casos, junto de amigos da sua rede dos serviços sociais. Recorreu especialmente a antigos contactos da Universidade Livre da Polónia, outros antigos alunos da Dra. Radlińska. Várias crianças foram para o campo, perto da aldeia de Anin. Alguns dos filhos de Zofia acabaram por ficar no campo em Garwolin e no orfanato em Okęcie, com Estera.

Stanislaw fez um esforço heroico para libertar Zofia do centro de interrogatórios da Gestapo e, mais tarde, da prisão de Pawiak. Recorreu a todos os contactos que tinha no Exército Nacional. Porém, com as vidas das crianças em risco e ele próprio escondido, era perigoso, e o trabalho de Halina com o movimento clandestino foi a sentença de morte de Zofia. Foi executada em Pawiak na primavera de 1944, tal como os alemães tinham tencionado fazer com Irena. Estava no final da casa dos 30. Também ela manteve o silêncio, até ao fim.

*

Nessa primavera, tornou-se hábito a rede subornar a Gestapo – ou tentar

fazê-lo. Julian e Halina Grobelny tinham uma pequena casa de campo com jardim em Ceglów, uma aldeia não muito longe de Mińsk Mazowiecki. Havia mais de um ano que ela era usada como casa segura para judeus, onde crianças em risco podiam ficar escondidas até Irena lhes arranjar documentos de identificação novos e as colocar noutra lugar mais permanente. Foi aí que, num dia de março, a Gestapo capturou Julian, que os alemães pensavam ser, não o líder do Żegota, mas um guerrilheiro esquerdista pouco importante. Agora era Julian Grobelny que estava em Pawiak, a precisar de salvamento. Julian já estava desesperadamente doente com tuberculose. Mesmo que escapasse à execução, as condições duras e húmidas da prisão eram uma sentença de morte garantida para ele. Irena recorreu a velhos amigos e, mais uma vez, aos círculos clandestinos da Dra. Radlińska. O Dr. Juliusz Majkowski, diretor dos serviços de saúde no número 15 da Rua Spokojnej, o homem que dera os primeiros passes do gueto a Irena, Irka, Jaga e Jadwiga, veio em seu auxílio. Majkowski, que trabalhava com o movimento médico clandestino em Pawiak, levou comida extra e medicamentos para dentro da prisão, numa tentativa de preservar a saúde frágil de Julian. Por fim, conseguiram uma licença médica especial e Julian foi transferido para o hospital de Varsóvia, onde ficaria prisioneiro. Contudo, o doente nunca chegou ao hospital. O Żegota – através de mais um suborno astronómico – conseguiu retirar Julian da ambulância durante o trajeto.

*

A fuga dramática de Julian deu uma ideia a Irena, que recorreu mais uma vez ao Dr. Majkowski. Em março, o estado de saúde da mãe de Irena era crítico. As forças de Janina estavam a esvair-se rapidamente e Irena não podia deixar a mãe morrer sozinha no velho apartamento. Pediu ao Dr. Majkowski que a ajudasse a retirar a mãe de Wola e este concordou. Formularam então um plano ousado.

O Dr. Majkowski iria buscar Janina numa ambulância, sob pretexto de uma falsa urgência, para a levar para um hospital local. Os vigilantes da Gestapo segui-los-iam, claro, mas num caos premeditado teriam alguns minutos preciosos depois da chegada de Janina, enquanto a Gestapo tentava localizá-la dentro do hospital. A idosa foi levada numa cadeira de

rodas para um quarto bem iluminado num dos pisos superiores, onde a esperavam enfermeiras pertencentes à resistência. Estas ajudaram a frágil senhora a sair por uma janela aberta e a descer as escadas de incêndio. Lá em baixo, no beco, outra ambulância aguardava, com o motor a trabalhar, para a transportar para uma casa segura do Żegota: no apartamento de Stefan Wichliński, viúvo de Stefania, colega assassinada de Irena.

Irena disse mais tarde, ao falar desta aventura desesperada: «Tive de raptar a minha mãe da nossa casa e de a levar para a casa de um estranho, onde acabou por morrer, semanas mais tarde.» Quando Janina morreu, no dia 30 de março de 1944, Irena estava ao seu lado. Nesses últimos dias, Janina pegou na mão da filha e arrancou-lhe uma promessa. *Não vás ao meu funeral, Irena. Eles estarão à tua espera. Promete.*

E Janina tinha razão. No funeral, os homens da Gestapo ficaram furiosos. Um agente, de sobrolho carregado, abordou amigos e família. «Onde está a filha da morta?», exigiu saber. Os presentes limitaram-se a encolher os ombros. «A filha está na prisão de Pawiak», responderam.

«Estava realmente em Pawiak», foi a resposta seca, «mas, inexplicavelmente, já lá não está.»

*

Na primavera de 1944, na verdade, Irena geria as suas operações a partir da casa segura no apartamento dos velhos amigos e conspiradores Maria e Henryk Palester. No seu esconderijo em Otwock, onde Irena o visitava sob risco de captura, Adam andava preocupado. Nessa primavera, Irena tentou pôr a tristeza de lado e atirar-se ao trabalho de alma e coração, mas Adam via que agora havia nela uma nova fragilidade. Não era de admirar. Irena – com apenas 30 e poucos anos – vivia no fio da navalha há quase cinco anos. Enterrara a mãe e mais de uma dúzia de amigos e sobrevivera à sua própria execução. Tinha nas mãos a vida de milhares de pessoas, e o fardo psicológico era insuportável. E, acamado no seu retiro em Otwock, o líder do Żegota, Julian Grobelny, dava a Irena cada vez mais responsabilidades. Ela era o general e ele o marechal de campo. Irena recusava-se a parar, mas Adam sabia que ela não podia continuar assim para sempre.

Nas reuniões semanais dos líderes do Żegota, já não eram os líderes que delegavam em Irena, mas ela que, cada vez mais, determinava a agenda do

movimento. Em julho, começaram a chegar notícias pelos canais clandestinos de que o exército soviético se aproximava a leste. Dentro da cidade ocupada de Varsóvia, as redes da Gestapo apertavam-se cada vez mais em torno da resistência – movimento que incluía inúmeros habitantes de Varsóvia. A cidade estava à beira da explosão. Nos últimos dias do mês, Irena soube de um grupo de refugiados judeus que lutavam pela sobrevivência na floresta. «Foi um SOS desesperado, trazido por uma pessoa que conseguira escapar de Treblinka», recordou Irena. «Coloquei o problema à direção» e a liderança do Żegota autorizou imediatamente Irena a montar a perigosa operação de entrega de fundos aos sobreviventes do campo. Como sempre, nos livros de contabilidade meticulosos de Adam, que este organizava sozinho no seu isolamento, ficaram registados pormenorizadamente todos os valores. «Soube que o amigo de Treblinka (não me recordo dos nomes) entregou o dinheiro», disse Irena, «porque no dia seguinte, antes de a insurreição começar, ele quis que eu informasse o Żegota.»

Irena guardava também os seus «índices» de crianças. Ela e Janka sabiam que se aproximava uma batalha por Varsóvia. Nesses últimos dias de paz, as mulheres desenterraram as listas escondidas no jardim de Jaga, transferiram todo o arquivo para duas garrafas de vidro de refrigerante e, debaixo da mesma macieira, voltaram a enterrar os nomes que a rede recolhera desde 1939. Quando a guerra rebentou nas ruas de Varsóvia, no dia 1 de agosto, havia nessas listas os nomes de 2500 crianças judias.

VARSÓVIA EM GUERRA

Varsóvia, julho-dezembro de 1944

O Exército Nacional clandestino planeava o início da insurreição geral de Varsóvia para as cinco da tarde do dia 1 de agosto de 1944, e esse plano baseou-se num erro de cálculo trágico. No verão de 1944, os alemães começavam a perder terreno e o Exército Nacional apostou na hipótese de, perante uma revolta militar sustentada, os ocupantes optarem por retirar e Varsóvia ser libertada. As tropas soviéticas reuniam-se no exterior da cidade, do outro lado do rio Vístula, na zona de Praga, e declaravam-se aliados. Os polacos presumiram que os soviéticos os apoiariam e os soviéticos foram dando a entender que sim. O que os residentes de Varsóvia não podiam saber era que os alemães, confrontados com o avanço do Exército Vermelho a leste, tinham decidido aguentar Varsóvia a qualquer custo, como um ponto de retirada estratégico. Os residentes também não sabiam que as ordens de Himmler, vindas de Berlim, eram para que as suas tropas matassem todos os habitantes da cidade e a arrasassem por completo. E não sabiam – embora talvez pudessem ter adivinhado – que os soviéticos tinham os seus próprios objetivos políticos, que não incluíam a independência da Polónia.

Nesse verão, em Varsóvia, havia várias organizações de resistência prontas para combater na cidade, incluindo o que restava da Organização de Combatentes Judeus de Marek Edelman e várias pequenas células da resistência. Mas o Exército Nacional, apoiado pelo governo polaco no exílio, era o maior e mais bem equipado desses movimentos de resistência, e em julho possuía um corpo militar de quase 40 000 voluntários, só em Varsóvia, de uma população de cerca de um milhão de pessoas. Entre os recrutas da milícia havia pelo menos 4000 jovens

polacas prontas a combater. Esse número cresceria rapidamente nas semanas seguintes, à medida que os civis se juntavam à batalha. Nos últimos anos, os alemães tinham decretado que era um crime capital para os polacos e judeus estarem na posse de uma arma. Consequentemente, o número de armas de fogo não ultrapassava as 3000. Mas os polacos compensavam aquilo que lhes faltava em armas com organização e coragem pura. O exército tinha hierarquia e uma cadeia de comando e os bairros da cidade estavam divididos em unidades de combate organizadas.

Com a batalha por Varsóvia iminente e a cidade à espera de um cerco e de combates nas ruas, Adam deixou o esconderijo em Otwock e juntou-se finalmente a Irena no apartamento dos Palester na Rua Łowicka, no bairro de Mokotów, durante o mês de julho, num reencontro que foi estranho e agriçoce. Ingenuamente, pensaram estar em segurança, admitiu Irena mais tarde, e aqueles dias foram como uma espécie de lua de mel para o jovem casal. No entanto, estavam cercados pelo perigo e só posteriormente Irena compreendeu que tinham tido uma sorte extraordinária. Os alemães, decididos a descobrir e esmagar toda a resistência, andavam no bairro, de casa em casa, a revistar apartamentos e a pedir documentos de identificação, mas por algum motivo não bateram à porta da família Palester.

No primeiro dia da insurreição, Adam e Irena partilharam a euforia que varreu a cidade. Ao princípio, para os residentes, pareceu uma vitória. Nesse dia e no dia seguinte, morreram vários milhares de polacos, e entre eles, vieram a saber mais tarde, estava o marido de Janka Grabowska, Józef. Houve sem dúvida pesadas baixas do lado dos polacos. No entanto, nesse primeiro dia, a milícia matou mais de 500 soldados alemães, um verdadeiro feito numa cidade ocupada.

O Exército Nacional procurou o auxílio dos soviéticos. Com a ajuda do Exército Vermelho, certamente que os alemães fugiriam de Varsóvia, fossem quais fossem as suas ordens. Os soviéticos, contudo, rapidamente tomaram uma decisão estratégica cínica. Embora em 1944 estivessem do lado dos Aliados e os polacos precisassem desesperadamente de apoio, os soviéticos recuaram e deixaram os polacos e os alemães lutar entre si até à exaustão mútua. Os soviéticos também acabaram por impedir que os outros Aliados – que, de qualquer forma, foram lentos a entrar em ação – usassem os aeródromos no exterior da cidade para ajudar o povo de

Varsóvia, nem que fosse para deixar comida e equipamento.

Foi um erro insensato e a liderança do Exército Nacional depressa se apercebeu disso. Nas palavras de um general, Wladislaw Anders: «Nunca se pode confiar nos soviéticos – são nossos inimigos eternos. Montar uma insurreição cujo sucesso depende do colapso do inimigo ou da ajuda de outro inimigo é terrivelmente insensato.» Porém, nessa altura, era tarde demais. Em poucos dias, aviões da Luftwaffe, com sinistras cruces negras pintadas no ventre, varreram a cidade em esquadrões de bombardeamento, e os polacos não tinham defesas aéreas. Os bombardeamentos continuariam sem interrupções e, para desespero dos residentes da cidade, no terreno a maré mudou com igual rapidez.

No dia 5 de agosto os alemães já estavam a levar a melhor e as suas tropas percorreram a cidade, assassinando civis em massa. Tinham ordens claras para matar todos os habitantes de Varsóvia, até as crianças mais pequenas. Nas duas semanas seguintes, foram executados nas ruas pelo menos 65 000 residentes. Os soldados entravam nas enfermarias dos hospitais e, fila a fila, abatiam os doentes acamados com um tiro na cabeça. Algumas das piores atrocidades tiveram lugar no bairro de Wola, perto do antigo apartamento de Irena, agora vazio, onde os combates nas ruas foram ferozes. Os edifícios explodiram sob as bombas e os tanques percorriam as ruas a disparar, esmagando sob o seu peso carros, cavalos e corpos. Rapidamente, as pessoas reuniram a água e a comida que conseguiram encontrar e esconderam-se em caves pela cidade.

O governador alemão de Varsóvia, Hans Frank, registou com satisfação que «quase toda a cidade de Varsóvia é um mar de chamas. Incendiar as casas é a forma mais garantida de fazer os insurgentes abandonarem os esconderijos. Quando esmagarmos a insurreição, Varsóvia terá aquilo que merece – a aniquilação total». Enquanto as casas ardiam à sua volta e traves pesadas lhes caíam em cima, os residentes forçados a abandonar as suas caves eram levados para as praças sob a ameaça das armas e dizimados com fogo de metralhadora. «Tiraram-nos das caves e levaram-nos para perto do Parque Sowiński em Ulrychów», disse um sobrevivente, destroçado. «Disparavam contra nós enquanto passávamos. A minha mulher foi morta ali mesmo; o nosso filho ficou ferido, a gritar pela mãe. Um ucraniano aproximou-se rapidamente e matou o meu filho de dois anos como se fosse um cão; depois, dirigiu-se a mim, com alguns alemães,

e pôs-se em cima do meu peito para ver se eu estava vivo. Fingi-me de morto, para não morrer também.» Algumas das crianças de Irena e dos seus corajosos pais de acolhimento simplesmente desapareceram, nesse verão, e há poucas dúvidas de que pereceram – depois de tantos terem arriscado tanto para os salvar – nesses massacres indiscriminados nas ruas. Para Irena e para os seus amigos, era um reviver terrível daqueles últimos dias no gueto, e os polacos compreenderam por fim o que significava ser, aos olhos dos ocupantes, *Untermenschen* – sub-humanos.

Rapidamente os alemães chegaram ao bairro de Mokotów, onde Adam e Irena estavam escondidos, com Maria e Henryk Palester, e começaram a revistar as casas. Tal como o gueto, Varsóvia estava a ser liquidada e queimada, rua a rua, em preparação para uma aniquilação cultural final. Adam e Irena fugiram juntos, com uma mulher de um apartamento vizinho, a Dra. Maria Skokowska, e uma jovem judia chamada Jadzia Pesa Rozenholc, que também estava escondida com a família Palester. Mas para onde haviam de ir? Sem abrigo, os amigos ponderaram ansiosamente no passo seguinte. Uma coisa era absolutamente certa: nenhum deles tencionava comparecer no posto de controlo alemão para deportações, como lhes fora ordenado. Ninguém queria entrar num comboio por indicação dos alemães.

Por fim, encontraram um esconderijo, juntos, nas ruínas de um prédio em construção nos números 51-53 da Rua Łowicka. Encolhidos na escuridão, conferenciaram rapidamente. Henryk Palester e Maria Skokowska eram ambos médicos. Irena e Maria Palester tinham formação de enfermagem e eram assistentes sociais. No dia seguinte, deitaram mãos ao trabalho e montaram um hospital de campanha para combatentes da resistência feridos e civis apanhados na batalha. O hospital rapidamente se tornou – como tudo aquilo em que Irena punha as mãos – uma operação disseminada. As necessidades eram imensas e, como seria de esperar, o hospital era bem organizado e eficiente apesar da quase total falta de equipamento e medicamentos.

Adam, por seu lado, era advogado e filósofo; não serviria de nada no hospital, disse a Irena. Nesse verão, fazia dois anos que estava fechado, escondido, e Irena compreendeu. Adam estava desesperado por travar aquela batalha na rua. Assim, juntou-se a Krištof, o corajoso filho de Maria e Henryk, e a dois outros jovens, e lutou contra os alemães,

primeiro, a partir de um cemitério próximo. Adam lutou novamente ao lado dos rapazes na batalha pela Cidade Velha, onde perderam dois dos três jovens durante a ação. Krištof Palester desapareceu, para voltar a juntar-se ao batalhão «Guarda-Sol» e morreu num tiroteio nas ruas pouco tempo depois. Adam ficou de coração partido com o desgosto dos pais e da irmã mais nova de Krištof.

Nas ruas do bairro de Mokotów, Irena ficou estupefacta mas jubilante com um encontro casual. Por trás de uma barricada de escombros, uma voz familiar gritou: *Aqui! Aqui!* Sobressaltada, Irena virou-se e viu à sua frente uma jovem coberta de poeira, com o cabelo loiro preso dentro de um boné, em cujo braço erguido num cumprimento caloroso Irena viu claramente o distintivo vermelho do Exército Nacional. *Rachela!*

Era Rachela Rosenthal, a amiga judia que Irena julgava ter morrido em Treblinka no verão de 1942. Irena correu para Rachela e, agachadas atrás das barricadas, abraçaram-se, entre risos. Irena contara Rachela entre os que se tinham perdido em Umschlagplatz, mas aqui estava ela, viva e tão bela como sempre. No entanto, toda a família de Rachela, incluindo a filha pequena, tinha perecido; ela era a última sobrevivente. Rachela olhou timidamente para Irena e, depois, virou-se para lhe apresentar um soldado polaco de cabelo claro. *O meu marido.* O homem sorriu e abraçou Irena como se fosse uma velha amiga. Por fim, Irena disse: *Tenho de ir. Estou no hospital de campanha.* O marido de Rachela riu-se e disse-lhe que era melhor ir andando. *Nós cobrimos-te, se te apressares!* Irena mal conseguia acreditar na transformação da velha amiga. «Era uma pessoa completamente diferente», recordou Irena depois. «Era agora um soldado, sagaz, determinada, a combater de arma em punho. Todos os membros do grupo lhe reconheciam uma coragem extraordinária.»

Em Mokotów, se os dias eram difíceis, as noites eram um terror. Oficiais das SS embriagados faziam incursões nos abrigos em caves e violavam em massa as mulheres e crianças polacas aí escondidas. Um soldado alemão trespassou a perna de Irena com a baioneta quando ela tropeçou nele e rapidamente a ferida infetou de tal maneira, que estar de pé era uma agonia. A comida e a água estavam a esgotar-se e a ordem civil desmoronava-se à volta deles. De noite, Irena deitava-se no abrigo ao lado de Adam, a ouvir a respiração de Henryk e Maria, preocupada com o destino das crianças judias que escondera. Muitas delas tinham sido

transferidas meses antes para orfanatos ou casas seguras em zonas rurais, à medida que as buscas a sótãos e caves, rua a rua, se intensificavam. Mas algumas continuavam escondidas por famílias de confiança em Varsóvia – famílias que, como todos eles na cidade, corriam agora um perigo contínuo. A perna de Irena latejava. Entre a dor do ferimento e os perigos das ruas, era impossível entregar apoio fosse a quem fosse, e muito difícil entrar em contacto com os guardiões e as crianças, que continuavam numa situação particularmente vulnerável. Mesmo no caos da insurreição, os chantagistas antisemitas continuavam a percorrer as ruas, ameaçando denunciar qualquer pessoa que pudesse ter uns trocos no bolso e «aparência» judaica. Irena temia por Adam e pelas raparigas que viviam escondidas com eles, e o perigo parecia surgir de todas as direções. E não era só em Mokotów. Do outro lado da cidade, velhos amigos de Irena contariam mais tarde as mesmas histórias terríveis. Stanislaw Papuziński combateu nas ruas, como um soldado. Jaga Piotrowska entrou em prédios em chamas, durante a destruição da sua rua, e arrastou sobreviventes inconscientes para locais seguros. A aniquilação de Varsóvia incluiu a destruição da casa de Jaga, onde as listas com os nomes das crianças ficaram enterradas sob os escombros no quintal.

No dia 9 de setembro, o destino da cidade estava selado. Os aviões da Luftwaffe sobrevoaram lentamente Varsóvia e os residentes, nos seus abrigos, ergueram os olhos e viram panfletos a esvoaçar. Os panfletos flutuaram até aos telhados e as pessoas apanhavam-nos no ar, das suas varandas. Nas folhas de papel fino havia um aviso final dos alemães. Todos os residentes tinham ordens para abandonarem a cidade e se apresentarem nos centros de processamento alemães, sob pena de serem executados.

Juntos, em Mokotów, os amigos foram adiando. Nessa altura havia 30 refugiados escondidos na clínica improvisada com Irena, Adam e a família Palester, entre os quais duas crianças judias. Os acontecimentos de Umschlagplatz assombravam os sonhos de Irena. Não queria ter nada a ver com os centros de processamento alemães. Porém, no dia 11 de setembro, os alemães chegaram à rua deles com lança-chamas e armas incendiárias, decididos a deixar em cinzas todas as estruturas ainda de pé, e as opções esgotaram-se. O ar estava carregado de fumo e poeira e, quando os descobriram escondidos no refúgio subterrâneo, os soldados

alemães mostraram-se zangados e impacientes. Teria a resistência lutado tanto tempo, com tanto esforço, para acabarem agora todos em campos de concentração? Foram forçados a juntar-se a um grupo de outros civis esfarrapados que estavam a ser conduzidos para o centro de deportação sob a ameaça das armas.

Nessa altura todos se encontravam em mau estado, mas Adam e Henryk preocupavam-se cada vez mais com Irena, que coxeava e mal os conseguia acompanhar. A ferida de baioneta na perna ainda não cicatrizara. Deitava pus e Henryk temia a possibilidade de infeção. Mas Irena não pensava na perna. Pensava no que havia de fazer com a criança judia que viajava com eles, uma menina chamada Anna, e em como havia de os livrar a todos daquela procissão para a morte.

Por fim, os amigos decidiram que a melhor solução era a mais prática. Esvaziaram os bolsos e ofereceram um suborno a um guarda alemão, para deixar que o seu grupo seguisse noutra direção. O alemão considerou a oferta. Havia barracões do exército vazios em Okęcie, junto do aeródromo abandonado, onde costumavam prender os prisioneiros de guerra soviéticos e judeus, sugeriu ele por fim, enquanto guardava o rolo de notas num bolso interior. *Será melhor se forem nessa direção, para fora da cidade.* Com um aceno de cabeça e um encolher de ombros, afastou-se no sentido oposto.

Maria, Malgorzata e Henryk Palester, juntamente com a Dra. Maria Rudolfowa, Irena, Adam e a pequena Anna, fizeram a perigosa viagem para sul, até à saída da cidade, enquanto Varsóvia ardia à sua volta. «Ela tratou-me como uma filha», diria Anna mais tarde, ao falar de Irena. Eram comidos vivos por piolhos e percevejos enquanto dormiam, e passavam as ruínas a pente fino à procura de água e qualquer coisa para comer. Depois, sem se deixarem desencorajar, começaram a montar novamente o hospital de campanha.

*

Mokotów foi um dos últimos bairros de Varsóvia a cair, e Adam e Irena deixaram atrás de si um combate que se prolongou ainda durante várias semanas. No entanto, no dia 4 de outubro de 1944, estava tudo acabado em Varsóvia. A insurreição fora derrotada. O número final de baixas era

catastrófico: morreram 200 000 residentes, na sua maioria civis. A ocupação alemã continuou ao longo do inverno e outros 150 000 seriam transportados para campos de trabalho escravo na Alemanha, onde morreriam mais 55 000. Alguns historiadores dizem que o número total de judeus sobreviventes à guerra em Varsóvia foi inferior a 11 000. Adam e Anna estavam entre eles. Henryk Palester, atropelado por um camião alemão em dezembro, não sobreviveu. E, quando o inverno chegou, Varsóvia estava em ruínas, como Hitler pretendia.

Os exércitos soviético e britânico entraram por fim na cidade arrasada no dia 17 de janeiro de 1945. Nessa altura, 80 por cento de Varsóvia eram pedras e escombros. Nesse inverno, Irena e Adam – ainda a viver com as suas identidades falsas de Klara Dąbrowska e Stefan Zgrembski – ficaram no hospital de campanha em Okęcie, e desse posto avançado a sul Irena continuou a trabalhar para o Żegota até ao último momento. A perna de Irena sarou finalmente. Uma das feridas foi tratada no hospital de campanha, embora Irena ainda coxeasse devido às lesões infligidas pela tortura dos alemães.

Apesar da «libertação» de Varsóvia pelos soviéticos, a guerra, claro, continuaria ainda durante meses na Europa. Mas em Varsóvia tudo o que havia para fazer era contar os mortos e temer o que se seguiria. Havia centenas de milhares de pessoas em campos de concentração e complexos de prisioneiros de guerra, longe de casa. Uns assombrosos 15 por cento da população da Polónia antes da guerra – seis milhões de pessoas – morreram, como morreram 90 por cento da população judaica do país. Em finais de 1944, a mulher do Dr. Adolf Berman, Basia, escreveu no seu diário o que significava compreender por fim a escala dessa destruição: «Mesmo depois da liquidação final [do gueto], agarrámo-nos a contos de fadas sobre *bunkers* subterrâneos e abrigos sofisticados onde haveria supostamente milhares de pessoas. Depois, iludimo-nos com a ideia de que estavam nas zonas rurais e que, quando o pesadelo acabasse, regressariam às ruínas com uma fanfarra vitoriosa.» Houve muito poucos sobreviventes. Muitas das vítimas foram crianças. No início da guerra, calculava-se que houvesse 3,4 milhões de judeus na Polónia, um milhão dos quais eram crianças. Segundo o Yad Vashem, apenas 5000 crianças desse milhão sobreviveram à guerra na Polónia e aos últimos massacres na insurreição. Há historiadores que afirmam que o número é demasiado

baixo. Muito bem, dupliquem-no. Tripliquem-no, até. Continua a ser um número assustadoramente baixo.

Na verdade, havia um «abrigo sofisticado» no qual milhares de rapazes e raparigas judeus ainda viviam: um abrigo gerido por dezenas de voluntários, muitos dos quais apenas pessoas normais, decentes e imensamente corajosas, um abrigo espalhado pela cidade, onde se encontravam os meninos de Irena. Das crianças que sobreviveram em Varsóvia, foram Irena e a sua rede que salvaram a maior parte, em proporção.

*

Nas primeiras semanas depois da libertação soviética, Irena encontrou mais uma vez Rachela, por acaso, nas ruas de Varsóvia. Foi um momento que, mais tarde, definiu algo essencial para Irena sobre o significado de tentar retomar a vida nas décadas seguintes, quando se era testemunha e sobrevivente. Quando se encontraram no meio das ruínas de Varsóvia, as duas mulheres abraçaram-se longamente. *Sobrevivemos àquele inferno*, disseram uma à outra, entre risos. Depois, Irena viu que Rachela estava a chorar. «Nunca tinha visto a Rachela a chorar», recordou Irena mais tarde. Pegou na mão da amiga e Rachela fitou-a tristemente. *Agora, chamo-me Karolina*, explicou ela a Irena. *Só Karolina. A Rachela morreu no gueto, Irena. O Stanislaw não sabe nada da vida dela*. Irena assentiu, com ar sério. Compreendia. Parte dela também morrera no gueto, como morrera parte de todos os combatentes que tinham sobrevivido.

Agora, disse-lhe Rachela, ela e Stanislaw tinham uma bebé e a única coisa que podiam fazer era tentar construir um futuro. Viver no passado era reviver constantemente a dor imensa. Rachela era uma mulher jovem e vibrante e as dificuldades e privações não lhe tinham destruído o espírito. Era, por natureza, alegre e resiliente. Mas, tal como tantos outros em Varsóvia, Rachela enterrou completamente essa outra vida. «Nunca mais falou daquelas coisas», disse Irena mais tarde. Contudo, quando as duas mulheres se separaram na rua, a amiga pegou-lhe levemente na mão e virou-se para ela. *De vez em quando, Irena, lembra-te da Rachela, está bem?* Irena prometeu que o faria.

COMO AS HISTÓRIAS ACABARAM

Varsóvia, 1945-47

Adam e Irena ficaram em Okęcie com Maria Palester e a Dra. Rudolfowa até à primavera de 1945. Faltavam ainda meses para a guerra na Europa terminar, mas em março a missão nos blocos prisionais abandonados onde se encontravam mudou. O que era preciso, agora, não era um hospital de campanha mas sim um lar para os milhares de órfãos de guerra. Maria e a Dra. Rudolfowa abriram as portas das instalações às crianças sem casa e lá ficaram, como diretoras.

Em março, Adam e Irena voltaram para casa, para Varsóvia, juntos. Para eles, o fim da guerra era – depois de tantos falsos começos e interrupções – o verdadeiro princípio da sua vida juntos e da história de amor há tanto tempo adiada. Essa história de amor fora confusa e caótica. O coração humano não é simples nem simétrico, dobra-se sobre si próprio em pregas e nós. E os laços que uniam Adam e Irena e a paixão que ainda ardia entre eles eram mais fortes do que nunca. Havia desafios pela frente. A guerra deixara as suas cicatrizes e traumas, alguns na mente e outros no corpo. E havia a questão do que diria Irena a Mietek se ele regressasse a Varsóvia. Mas Irena amava Adam e era ele que ela queria. Assim, a vida de ambos começou de novo quando, finalmente, construíram um lar juntos. Adam – que abandonaria para sempre esse nome, passando a chamar-se Stefan, o nome dos documentos de identificação falsos que Irena arranjara para o salvar – voltou a trabalhar na sua tese de doutoramento e mergulhou nos livros e no estudo da História antiga. Irena, em contraste, dirigiu as suas energias para o exterior. Voltou ao emprego no gabinete de serviços sociais da cidade e dedicou-se a reconstruir Varsóvia a partir das ruínas. Rapidamente foi nomeada diretora dos serviços sociais municipais. Um

dos seus primeiros atos como diretora foi estabelecer um vínculo formal de cooperação com o orfanato em Okęcie e com Maria Palester.

Depois de uma época longa e sombria, havia finalmente boas notícias. As perdas estavam para trás e Adam e Irena podiam agora festejar juntos as histórias de sobrevivência. Helena Szeszko estava viva quando o campo de Ravensbrück foi finalmente libertado, e conseguiu voltar para Varsóvia. O Dr. Hirszfeld e a Dra. Radlińska tinham sobrevivido. Isabela Kuczkowska, Irka Schultz, Wladislawa Marynowska, Janka Grabowska, Stanislaw Papuziński – todos viveram para ver a libertação da Polónia. Stanislaw foi buscar os filhos, agora órfãos de mãe, aos lares de acolhimento e orfanatos onde se tinham refugiado, e reconstituiu a família. Marek Edelman – o jovem que trabalhara ao lado de Ala e Nachum na clínica médica em Umschlagplatz, e que liderara a heroica insurreição no gueto – foi aclamado como herói. Estudou e tornou-se médico. É bom imaginar que, ao fazê-lo, recordava Ala e Nachum.

Irena e Adam juntaram à sua nova família duas filhas adotivas judias, incluindo a preferida de Irena, Estera. Tinham uma casa cheia e um apartamento pequeno, mas Irena queria desesperadamente ser mãe. Estera ficou com eles vários anos e lembra-se de, na sua adolescência, Irena e Adam serem afetuosos e protetores. Adam passava horas com Estera, a ajudá-la nos trabalhos de casa e a dar-lhe explicações. Sempre adorara ensinar.

*

E os outros meninos de Irena? Theodora, a mulher de Józef Zysman do velho amigo de Irena, foi buscar o pequeno Piotr ao orfanato onde estivera escondido em segurança. Irena nunca esqueceu as palavras de Józef quando lhe entregou Piotr: «Assegura-te de que ele é educado para ser um bom homem e um bom polaco.» Theodora honrou essa promessa de Irena.

O primo de Piotr, Michal Glowinski, foi outro dos pequenos sobreviventes, e a mãe também o encontrou no orfanato onde Irena o colocara para o proteger.

Stanislawa Bussold e o marido tinham-se apaixonado pela bebé Bieta – que já não era uma bebé – e adotaram-na. «A minha certidão de nascimento é uma pequena colher de prata onde estão gravados o meu

nome e data de nascimento, um acessório salvo de uma criança salva», diz ela. Hoje em dia, também ela presta homenagem à infância maravilhosa que os pais adotivos lhe proporcionaram. Bieta procurou, sem nunca encontrar, a conta bancária na Suíça onde a fortuna da família Koppel ainda pode estar à sua espera.

Katarzyna Meloch, a menina de dez anos que Julian Grobelny e o velho padre entregaram aos cuidados de Irena, perdera a mãe e o pai muito antes do fim da guerra, mas depois da guerra uma tia encontrou-a. «Se a minha tia não tivesse visto a morada numa encomenda que me foi enviada para o centro de distribuição», diz Katarzyna, «não me teria encontrado tão facilmente.» Muitas décadas depois, Katarzyna ainda é assombrada pelas memórias do gueto. Depois da guerra, fez carreira como jornalista. «Mas ainda não consigo escrever sobre a minha estada no gueto de Varsóvia», diz. «Vi cadáveres tapados com folhas de papel. Eram uma parte permanente da paisagem.» E recordará sempre o heroísmo e a morte trágica da sua «guardiã» durante a guerra, Jadwiga Deneka.

Depois da guerra, a filha pequena de Ala, Rami Goląb-Grynberg, ficou com o tio, Sam Goląb (Golomb) e a mulher deste, Ana, e acabou por se tornar também enfermeira e mãe. Hoje em dia, é avó. Continua amiga de Elżbieta, a filha dos seus protetores durante a guerra, Jadwiga e Janusz Strzalecka, que ajudaram Irena na sua rede de crianças.

*

Estas pessoas foram apenas algumas entre milhares. E embora muitas, como Rachela, tenham enterrado o passado para continuar a viver, Irena sabia que tinha de desenterrar uma coisa. Na primavera de 1945, pouco depois de Adam e Irena voltarem para Varsóvia, Irena e Janka encontraram-se numa tarde soalheira nas ruínas da antiga casa de Jaga, para procurar os registos enterrados com os nomes, moradas e verdadeiras identidades de 2500 crianças judias. Tinham uma pá grande e pesada. Era meio-dia e as mulheres, calçadas com botas grossas, abriram caminho entre os tijolos e escombros. A casa fora destruída na insurreição e depois saqueada, e o jardim era um emaranhado de metal retorcido e ervas daninhas. Em 1945, Varsóvia era uma cidade árida, sem árvores. Nesse dia, procuraram durante horas, mas em vão. As listas, tal como os diários e

livros de contabilidade de Irena, tal como tanta outra coisa na cidade, perderam-se para sempre, destruídas no inferno e destruição da insurreição de Varsóvia.

Contudo, Irena e a sua equipa não se deixaram desencorajar. As mulheres começaram a recriar partes grandes da lista a partir das suas memórias partilhadas. Contudo, nunca as conseguiram completar. Irena admitiu francamente que quase de certeza houve crianças cujos nomes não conseguiram recordar. As listas que conseguiram reconstruir foram cuidadosamente datilografadas na velha máquina de escrever de Jaga, salva das ruínas. Depois de os nomes estarem devidamente catalogados, Irena entregou a lista ao Dr. Adolf Berman, seu colega no Żegota e entretanto diretor do Comité Central de Judeus na Polónia. Em 1945, Adolf Berman levou a lista para o que era ainda, na altura, a Palestina. A lista encontra-se hoje num arquivo em Israel, para respeitar a privacidade desses milhares de famílias.

«Deixem-me reforçar enfaticamente que nós, os que salvámos as crianças, não somos nenhuns heróis», insistia Irena sempre que alguém queria louvar as suas ações. «Na verdade, essa palavra irrita-me solenemente. O contrário é que é verdade – continuo a ter um peso na consciência por ter feito tão pouco.» Depois da guerra, Irena trabalhou durante décadas para ajudar a reunir os seus meninos com as verdadeiras famílias.

Jaga Piotrowska e Jan Dobraczyński também fizeram listas das crianças judias que passaram pelos orfanatos católicos durante a guerra e lá receberam novas identidades, mas aqui a sua história diverge da de Irena. Jaga disse mais tarde que guardava «a consciência de que me comportei de forma decente e com dignidade». Mais de 50 judeus passaram por sua casa durante os anos da ocupação e ela agiu com verdadeira e grande coragem. Mas Jaga também disse ter «uma ferida profunda no coração. [...] Quando a Polónia foi libertada, em 1945, a comunidade judaica foi restabelecida», explicou Jaga, «e o Janek Dobraczyński e eu fomos ter com eles para entregar as listas das crianças salvas». Os líderes da comunidade ainda se lembravam das primeiras conversas com Jan Dobraczyński. O Dr. Adolf Berman repetiu a Jan as palavras que Jan lhe dissera quando os pais judeus eram impotentes: as crianças judias teriam de decidir a sua própria fé quando fossem mais velhas. *Batizaram-nas e*

tornaram-nas cristãs, dissera-lhes. «Durante a conversa», disse Jaga, «acusaram-nos de ter cometido o crime de roubar centenas de crianças à comunidade judaica, batizando-as e arrancando-as à cultura judaica. [...] Saímos de lá completamente destroçados.» Quarenta anos depois, Jaga ainda se debatia com este peso na sua consciência.

*

O fim da guerra também suscitou a Adam e Irena outras questões prementes. O que fazer em relação ao casamento dela com Mietek? O que fazer, na verdade, em relação à mulher de Adam?

No final de 1946 a questão assumiu uma urgência especial. Quando Mietek foi libertado do campo de prisioneiros de guerra na Alemanha e regressou à Polónia, Irena estava grávida de cinco meses com a filha de Adam. O que podia Mietek fazer? Trataram rapidamente do divórcio. Adam também tinha algumas questões complicadas a resolver antes de poderem concentrar-se num novo princípio. A única coisa que se sabe ao certo, hoje, sobre esses assuntos privados, é que ele e Irena ficaram bons amigos da mulher de Adam depois do divórcio e que, por motivos que só podemos imaginar estarem relacionados com a vida amorosa pouco ortodoxa do filho, a mãe judia de Adam, Leokadia, ficou furiosa.

Em 1947, depois de se amarem por vezes apaixonadamente, por vezes desesperadamente, há mais de uma década, Adam e Irena casaram finalmente, numa pequena cerimónia polaca. No dia 31 de março de 1947 Irena deu à luz a sua primeira filha, uma menina a quem deu o nome de Janina, como a sua mãe. Em 1949 tiveram outro filho, um rapaz, Andrzej, que morreu ainda bebé, e alguns anos depois outro menino, Adam.

Irena manteve a dedicação inabalável ao trabalho. Dedicou-se com a mesma paixão e zelo ao departamento de serviços sociais. Nos anos seguintes, trabalhou de perto com Maria Palester e o orfanato de Okęcie, e até ao fim da sua longa vida teve sempre a porta aberta para qualquer um dos seus 2500 meninos. Irena foi, como disse uma testemunha, «a estrela mais brilhante nas trevas da ocupação», e o brilho dessa estrela nunca diminuiu.

CODA

A HISTÓRIA DESAPARECIDA DE IRENA SENDLER, 1946-2008

Num conto de fadas ou num filme, este seria o fim da extraordinária biografia de Irena Sendler. Leríamos que os traumas da guerra só a afetaram ligeiramente. Leríamos que o seu heroísmo discreto foi celebrado em toda a Polónia e eu dir-vos-ia que só não ouviram falar desta história porque se passou num país distante.

Porém, a vida na Varsóvia comunista não foi fácil, em especial para quem lutara pela liberdade polaca na resistência: ao longo dos anos 40 e 50, o Estado soviético perseguiu os que tinham participado na insurreição de Varsóvia e aqueles que, como os membros do Żegota, tinham recorrido aos Aliados ocidentais para obter os recursos necessários. Muitas das pessoas com quem Irena trabalhara mais de perto passaram a ser alvos, e a própria Irena vivia sob uma suspeita constante e perigosa. O antissemitismo não acabou e muitos dos sobreviventes judeus tinham razões para manterem silêncio. Mudaram-se nomes. Reescreveu-se a História.

Assim, esta história foi enterrada, exceto entre o círculo mais próximo de colaboradores. Era demasiado perigoso falar sobre o que tinham feito juntos. Irena ficou arrasada quando – depois de décadas como ativista de esquerda e de uma vida inteira de defesa do socialismo – o partido comunista no governo a castigou através dos filhos, a quem foi negada a oportunidade de estudar na Polónia do pós-guerra. Irena só falava à vontade sobre o passado com os amigos mais antigos. Às vezes, procurava Rachela – a única dos seus amigos judeus do tempo da escola, além de Adam e Regina, a sobreviver à revolta do gueto. «Há alturas em que ela me evita», escreveu Irena, sobre essa longa amizade no pós-guerra. «Por vezes, passamos dois ou três anos sem nos vermos. Durante esses períodos ela consegue esquecer o passado, pelo menos um bocadinho, e apreciar a

realidade do presente. Mas, às vezes, abate-se sobre ela a saudade dos sítios onde cresceu e dos entes queridos que perdeu – os pais, os irmãos e irmãs. É então que me visita.» Nesses dias, Irena era invadida pelas suas próprias memórias de Ewa e Józef e Ala e do Dr. Korczak e de todas as crianças perdidas. E durante o sono, mesmo décadas depois da guerra, Irena foi assombrada por pesadelos sobre os mortos e sobre as crianças. «Nos meus sonhos», disse, «ainda oiço os gritos delas, quando deixavam os pais.»

Quando Adam Celnikier morreu de problemas cardíacos em 1961, com menos de 50 anos de idade, a história de amor tumultuosa – que já terminara em divórcio e passara pela morte de um dos três filhos – passou a ser uma parte do que Irena enterrara. Devastada por uma série de perdas depois da guerra, Irena virou-se apaixonadamente para a religião pela primeira vez desde a adolescência, e o seu regresso ao catolicismo foi, quase de certeza, um dos fatores que a motivaram a voltar a casar com Mietek Sendler nessa década. Foi também um dos motivos pelos quais, já com 80 e 90 anos, idosa e devota, Irena passou um pano sobre certas partes mais complexas dos seus romances boémios durante a guerra.

Durante o comunismo, era impossível falar sobre as histórias de Irena na Polónia. Contudo, depois da guerra, muitas das crianças que Irena e a sua rede de amigos ajudaram a salvar do gueto foram viver para Israel, para os Estados Unidos ou para o Canadá, e em meados dos anos 60 as mais novas já iam na casa dos 20. No Ocidente, as histórias dos meninos de Irena começaram a ser faladas e a crescer. Em 1965, com base nesses testemunhos crescentes – e, em particular, no testemunho de Jonas Turkow –, o Yad Vashem, organização responsável pelas memórias do Holocausto em Israel, concedeu a Irena Sendler a sua maior honra. O nome dela juntou-se à lista dos «Justos entre as Nações» e foi plantada uma oliveira em seu nome no Jardim dos Justos. De acordo com a tradição judaica, em cada geração há um reduzido número de pessoas cuja bondade renova o mundo inteiro perante o mal, e Irena foi considerada uma delas. A seu tempo, o mesmo aconteceu a Jaga Piotrowska, Maria Kukulska, Irka [Irena] Schultz, Maria Palester, Jadwiga Deneka, Wladislawa Marynowska, Janka Grabowska, Julian e Halina Grobelny, e até Jan Dobraczyński. Os soviéticos, contudo, recusaram-se a autorizar o passaporte de Irena para ela ir a Jerusalém aceitar a homenagem. Irena

tinha sido declarada uma dissidente ocidental decadente e uma ameaça pública.

Assim, esta história polaca dissipou-se novamente da memória. Em finais dos anos 70, muitos dos que tinham sobrevivido à guerra estavam a desaparecer. Um dia, em 1979, Irena, Iza e Jaga, bem como outra mulher da sua antiga rede, encontraram-se e, em conjunto, elaboraram uma declaração que registou para a posteridade a história extraordinária da sua colaboração em jovens. Essa declaração diz: «Calculamos (hoje, 40 anos depois, é difícil dizer com exatidão) que o Żegota terá ajudado, de diversas formas, cerca de 2500 crianças.» Irena sempre fez questão de sublinhar que não as salvara sozinha. «Sempre que alguém dizia que ela tinha salvado a vida de 2500 crianças judias», recorda Yoram Gross, o rapaz conhecido como Jerzy no tempo da guerra, «ela corrigia dizendo que não sabia o número exato e que salvava as crianças em conjunto com os amigos que a ajudavam.» E, como Irena disse mais tarde: «Quero que toda a gente saiba que, embora eu coordenasse os nossos esforços, éramos entre 20 e 25 pessoas. Não o fiz sozinha.» Depois da guerra, quando Irena fez uma lista das pessoas em Varsóvia que participaram na sua rede para ajudar as famílias judias e salvar as crianças, o documento chegou às 14 páginas, e os nomes eram na realidade dezenas e dezenas. O que Irena nunca esqueceu foi que ela foi apenas um membro de um vasto esforço coletivo de decência. E também não quis que o mundo se esquecesse disso.

Nesse mesmo ano, em 1979, numa conferência internacional sobre os salvadores do Holocausto e as suas histórias, quando a pesquisa sobre a história enterrada dos «Justos» estava a ser debatida novamente, um professor de apelido Friedman levantou-se perante uma sala cheia de ouvintes e disse estar convencido de que, com o tempo, viriam à luz do dia centenas de histórias inspiradoras na Polónia. «Se soubéssemos», disse ao público nesse dia, «os nomes de todas as pessoas nobres que arriscaram a vida para salvar judeus, a área em torno do Yad Vashem estaria coberta de árvores e transformar-se-ia numa floresta.» Mas foi só com o início da *glasnost* em finais dos anos 80, quando Irena estava já na casa dos 70, que ela conseguiu encontrar-se novamente, cara a cara, em Israel, com muitas das crianças cujas vidas salvara. Esses reencontros foram inspiradores e comoventes. As crianças só a conheciam – se a conheciam sequer, pois

muitas eram bebês ou demasiado pequenas – como «Jolanta». Mas ela foi o último rosto da sua infância.

Só nos anos 90, depois do fim da Guerra Fria, é que a história pôde finalmente ser contada na Polónia. Foi trazida para a imprensa por um grupo de crianças americanas e pelo seu professor de História no Kansas, cuja história é contada nas memórias *Life in a Jar* [*A Vida num Frasco*]. Na viragem do milénio, quando a verdade estava finalmente a ser contada, celebrada e recordada coletivamente, Irena era uma das últimas sobreviventes da rede e tinha mais de 90 anos. Partes da verdade estavam já perdidas para a História. «Só posso recorrer às memórias que os acontecimentos daqueles tempos deixaram gravadas na minha mente», disse Irena quando, décadas depois da guerra, resolveu escrever a sua história.

Em 2003, algumas das crianças que ela ajudou a salvar escreveram uma carta conjunta, nomeando Irena Sendler para o Prémio Nobel da Paz. Voltaram a nomeá-la em 2007, e o movimento ganhou força. A imprensa mundial começou a reparar. Nesse ano, o comité concedeu o prémio a Al Gore, pelo seu trabalho sobre o aquecimento global, mas poucos tinham dúvidas de que, a seu tempo, Irena Sendler seria uma das reconhecidas. Contudo, a própria Irena afastou bruscamente essa conversa sobre prémios e honrarias. «Os heróis», disse, «são pessoas que fazem coisas extraordinárias. O que eu fiz não foi nada de extraordinário. Foi normal.» Ainda era acompanhada pelos espíritos daqueles que não conseguira salvar, ainda tinha pesadelos com os rostos dos mortos.

E o tempo era agora escasso e precioso. Em 2008, 98 anos, depois de ter testemunhado os acontecimentos de quase um século, mas também as vidas das milhares de pessoas que sobreviveram graças à sua bússola moral inabalável, Irena Sendler morreu tranquilamente em Varsóvia, rodeada por vários dos seus meninos. Está enterrada num cemitério em Varsóvia, entre um pequeno maciço de árvores onde as folhas caem suavemente no outono. Talvez diga muito sobre a sua fama, hoje, que no dia 1 de novembro a lápide simples da campa esteja sempre coberta de velas e ramos de flores. E não é só em novembro que podemos encontrar pequenas velas a arder na campa de Irena. No silêncio de uma floresta polaca, onde os pássaros ainda cantam boas-vindas a quem os quiser ouvir, a chama da memória dela arde tranquilamente nas sombras,

recordada. Na lápide veem-se apenas as datas de nascimento e morte de Irena e os nomes dos pais. Porém, se pudéssemos escolher um epitáfio mais elaborado, talvez devêssemos gravar as palavras de Mahatma Ghandi, que disse um dia: «Um corpo pequeno, com espírito determinado, movido por uma fé insaciável na sua missão, pode alterar o rumo da História.» Assim eram Irena e os amigos, e esta é a sua história.

POSFÁCIO

NOTA DA AUTORA SOBRE A HISTÓRIA DE OS MENINOS DE IRENA

O que aconteceu em Varsóvia durante a ocupação alemã e o que este grupo de pessoas – conduzido por Irena Sendler – alcançou é, em todos os aspetos, uma história espantosa, com todos os elementos da grande ficção. Este livro, contudo, é uma obra de não-ficção no seu essencial. As minhas fontes foram os extensos registos existentes, que incluem as memórias manuscritas de Irena Sendler e as suas entrevistas gravadas, o testemunho das crianças que salvou e das pessoas com quem trabalhou (e dos filhos delas), memórias e biografias de pessoas cujas histórias se cruzam com a dela, entrevistas publicadas, conversas privadas, descrições académicas sobre a Varsóvia ocupada, visitas pessoais a muitos dos locais descritos e uma pesquisa alargada nos arquivos em Varsóvia, Berlim, Londres, Nova Iorque e Jerusalém.

Contudo, muitas vezes, como acontece com qualquer «célula» secreta, os registos históricos são contraditórios ou faltam fios de ligação da história. Alguns aspetos desta história eram demasiado perigosos para serem registados nos anos depois da guerra, especialmente durante o período comunista na Polónia, e há casos em que os testemunhos foram necessariamente seletivos. A própria Irena escreveu por vezes – em particular sobre Adam – com recurso a nomes de código que têm de ser decifrados, e há ainda a questão de como equilibrar a verdade das indiscrições da juventude com casos de conversão religiosa numa fase posterior da vida. Há histórias que queremos contar acerca dos mortos gloriosos para os nossos próprios objetivos emocionais. Acima de tudo, há memórias contraditórias, contadas décadas depois, de múltiplas testemunhas dos mesmos acontecimentos que, por necessidade, eram apenas vagamente compreendidos mesmo no momento em que eram vividos; e em reportagens noticiosas e transcrições de entrevistas

publicadas, há ainda os vestígios de tudo o que se perdeu na tradução.

Nem toda a gente quis que a sua história fosse contada – por mais heroica que fosse – nos anos complicados que se seguiram à libertação de Varsóvia, e neste relato não pretendo ser enciclopédica. Menciono algumas das histórias por contar e dos nomes perdidos na História (embora nem sempre noutras histórias) nas notas que concluem o livro. Alguns dos colaboradores mais importantes de Irena – homens e mulheres como Wanda Drozdowska-Rogowicz, Izabela Kuczkowska, Zofia Patecka, Róża Zawadzka, Wincenty Ferster, Jadwiga Bilwin e Helena Merenholtz, entre outros – são aqui mencionados apenas de passagem, quando são mencionados sequer. Muitas vezes pela simples razão de que não consegui encontrar informação suficiente sobre as suas vidas e atividades durante a guerra para contar as suas histórias. E também porque é impossível contar num só livro a história de 20 ou 30 heróis e fazer justiça a todos. Mas Irena considerava esses homens e mulheres como os seus colaboradores mais destemidos.

Devo mencionar também que esta biografia conta apenas a parte inicial da vida de Irena Sendler. Não tento documentar aqui as assaz complexas experiências familiares, românticas e políticas que moldaram a sua vida depois de 1945, exceto numa coda muito breve. A história do estalinismo e do pós-estalinismo na Polónia foi outra espécie de Holocausto e Irena enfrentou, durante essa época, outro tipo de perigos e repressões.

Em todos estes casos, tive de avaliar a veracidade de uma série de detalhes contra outros, e fazer inferências razoáveis com base no senso comum, na minha avaliação das várias motivações particulares e em todo o conjunto de evidências. Quando me pareceu claro, apesar das lacunas, que só havia uma forma de os factos díspares e a relação entre eles fazer sentido, com base naquilo que se sabe sobre o contexto e o carácter da pessoa em questão, contei a história, sem mais qualificações, como acredito que ela aconteceu. Isto incluiu, em alguns casos, fazer extrapolações a partir do contexto histórico para determinar a ordem dos acontecimentos e os detalhes de ligações e encontros entre indivíduos dentro da célula cuja identidade não é especificada. Os pormenores são, em todos os casos, baseados na estrutura de factos conhecidos, mas onde havia brechas nessa estrutura – e algumas são significativas – fiz inferências com base na minha avaliação e no conhecimento disponível

sobre o período e as pessoas sobre quem escrevi. Outro escritor talvez tivesse contado uma história diferente com base nesta mesma estrutura. Os leitores interessados em seguir os meus passos e em retirar as suas próprias conclusões, talvez diferentes, podem seguir a minha pesquisa nas notas das últimas páginas; ou escrever para o meu endereço de *e-mail* na minha instituição académica.

Para contar esta história, tomei apenas mais uma liberdade significativa com os arquivos e fontes históricas. Em vários casos, revelei os pensamentos ou sentimentos de uma personagem, ou reformulei os diálogos. O material em itálico representa discurso que não consta, ou que não consta exatamente assim, dos registos históricos. Estas passagens são, antes, baseadas em registos históricos de uma conversa ou experiência, em extrapolações a partir de uma base factual como mencionei acima, ou na minha noção do carácter e personalidade dos indivíduos, após extensa pesquisa e recolha de informação sobre eles. Muitas vezes, esse trabalho de extrapolação e reconstrução histórica é, necessariamente, fragmentário. Quando descrevo, por exemplo, a noite de Ano Novo em 1942, os materiais usados para estabelecer a cena vão desde um velho retrato dos amigos tirado nessa noite e das recordações de uma das testemunhas do apartamento de Kukulska, às informações históricas sobre as tradições polacas de Ano Novo, outras memórias da era da Segunda Guerra Mundial e uma noção geral do que sabemos sobre as personalidades dos indivíduos presentes e das relações entre eles. Noutros casos, Irena registou nas suas memórias as palavras exatas do que outras pessoas lhe disseram numa conversa (palavras aqui transcritas entre aspas), mas só resumiu o conteúdo e não a linguagem exata da sua resposta a essas palavras. Quando o conteúdo resumido é apresentado neste livro como discurso direto, o diálogo (ou pensamento) extrapolado está em itálico. Nalguns casos, também alterei o testemunho contado por algumas testemunhas oculares do passado para o tempo presente, de modo a poder contar a história tal como essas pessoas a viveram. E, para escrever da perspectiva de uma personagem em especial, para descrever aquilo que ele ou ela terá visto ou vivido, principalmente nas cenas que narram acontecimentos e locais em Varsóvia, baseei-me fortemente em fotografias históricas, relatos de outras testemunhas, mapas e entrevistas orais registadas. As minhas principais fontes estão mencionadas ao longo do

livro e as restantes na Bibliografia.

Isto é História, vista através de um espelho embaciado, com os perigos inerentes da grande escuridão que foi o Holocausto na Polónia, tanto na Segunda Guerra Mundial como nas décadas de domínio comunista que se seguiram. Em todos os casos, usei o meu bom senso de historiadora e académica para continuar a contar a história de um grupo extraordinário de homens e mulheres que salvaram milhares de crianças das trevas.

AGRADECIMENTOS

Talvez mais do que com qualquer outro livro que escrevi, esta é uma história que contei consciente da dívida imensa que tenho para com outras pessoas. Gostaria de começar por agradecer às crianças – que já não são crianças –, por revisitarem este passado comigo e por partilharem as suas experiências. Quero agradecer, na Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, a Elżbieta Ficowska, Marian Kalwary, Katarzyna Meloch e Joanna Sobolewska, por terem falado comigo. O falecido Yoram Gross, que morreu quando este livro estava a entrar em produção, partilhou comigo, por *e-mail*, as recordações que tinha de Irena e da sua própria juventude, e Janina Goldhar partilhou comigo as suas memórias da família Palester e da juventude na Polónia. Em Varsóvia, tive a sorte de poder falar com Andrzej Marynowski e Janina Zgrzemska. Os meus agradecimentos à família de Ala Gołąb-Grynberg, que partilhou generosamente comigo informação e fotografias. Quero também agradecer, pelas informações, conversas, contactos ou críticas que contribuíram para este livro, a todos os membros dessa muito amada tribo, os «Cockneys» (vocês sabem quem são), bem como a Mirosława Palaszewska, à família Nalven, a Aviva Fattai-Valevski, Avi Valevski, Warren Perley, Les Train, David Suchoff, Anna Mieszkowska, Aleksander Kopiński, Emmanuel Gradoux-Matt, Erica Mazzeo, Charlene Mazzeo, Mark Lee, Halina Grubowska, Mary Skinner, Stacy Perman, Axel Witte, Mark Anderson e Klara Jackl, do Museu da História dos Judeus Polacos. Pela ajuda na pesquisa e pelo trabalho de tradução, os meus agradecimentos a Marta Kessler, Zofia Nierodzinska, Olek Lato e Philip Goss, e tenho de deixar aqui o meu reconhecimento e um imenso obrigada à minha principal parceira de pesquisa e tradutora em Varsóvia, Maria Piąkowska, aluna de doutoramento da Universidade de Varsóvia, sem a qual este livro pura e simplesmente nunca poderia ter sido escrito.

Mais uma vez, um caloroso agradecimento à minha agente literária, Stacey Glick, que torna tudo possível; ao meu fabuloso agente

cinematográfico, Lou Pitt; e à minha editora na Gallery Books, Karen Kosztołnyik, cuja visão tornou possível este livro. Na Gallery Books, quero também agradecer a Louise Burke, Jennifer Bergstrom, Wendy Sheanin, Jennifer Long, Jennifer Robinson, Liz Psaltis, John Vairo e Becky Prager, pelo seu extraordinário apoio.

E em último lugar mas não menos importante, a minha profunda gratidão ao meu marido, Robert Miles, a quem este livro é principalmente dedicado. A citação que abre o livro é de *Rei Lear*, de Shakespeare, um drama – tal como a história de Irena Sendler – sobre aquilo que ganhamos e aquilo que perdemos e como é difícil estarmos preparados para viver no meio de moribundos. Poucos homens conseguiriam equilibrar a escuridão dos longos dias que passei a ler e a escrever sobre morte e sobre a perseguição de crianças, com a luz radiante do amor e da família, e eu tenho a grande sorte de partilhar a vida com um marido que é o melhor de todos eles.

Este livro é apoiado pela generosidade do Colby College e da cátedra Clara C. Piper, que tenho o privilégio de deter como membro do corpo docente, e fui auxiliada na pesquisa para este projeto pelos funcionários de várias instituições, incluindo, em Varsóvia, o Instituto Histórico Judaico, o Museu da História dos Judeus Polacos e o Instituto de Memória Nacional; em Jerusalém, o Yad Vashem; no Canadá, as bibliotecas da Universidade da Colúmbia Britânica; e nos Estados Unidos, a Biblioteca Pública de Nova Iorque.

PERSONAGENS

A REDE DE IRENA

O círculo de Radlińska

Estas pessoas foram alunas da Dra. Helena Radlińska, estudantes no departamento da professora na Universidade Livre da Polónia nos anos 30, ou docentes em departamentos dos serviços sociais em Varsóvia. Todas fizeram parte da rede de colaboradores de Irena.

A **Dra. Helena Radlińska**, a famosa professora de origem judaica da Universidade Livre da Polónia, foi uma inovadora na área do trabalho social e da assistência social na Polónia. Inspirava uma lealdade intensa nos alunos, muitos dos quais eram mulheres. Quando a guerra começou, mobilizou células de resistência para o movimento clandestino – talvez até a célula de Irena.

Ala Goląb-Grynberg, judia, foi a enfermeira-chefe do gueto de Varsóvia e uma extraordinária heroína de guerra. O marido, Arek Grynberg, era operacional na resistência judaica. Correram rumores de que a prima de Ala pelo casamento, **Wiera Gran**, traiu o povo judeu. Ala e **Nachum Remba** evitaram que centenas de pessoas fossem deportadas para Treblinka no verão de 1942, o que lhe valeu o título de «Fada Madrinha de Umschlagplatz» entre as famílias gratas. Ala também trabalhou de perto com **Jan Dobraczyński**, **Helena Szeszko** e **Wladislawa Marynowska** no Lar para Crianças do Padre Boduen, e colaborou diretamente com Irena e Adam na retirada de crianças judias para locais seguros. Foi enviada para o campo de trabalho de Poniatowa depois da insurreição do gueto, onde

continuou a lutar. Ela fez parte do grupo, auxiliado pelo Żegota, que ali planeou uma fuga em massa e uma insurreição.

Ewa Rechtman, uma das melhores amigas de Irena da Universidade Livre da Polónia, trabalhava com órfãos no gueto e geria o círculo de jovens da Rua Sienna. Durante as deportações de 1942, Irena e a sua rede organizaram um esforço desesperado para salvar Ewa.

O **Dr. Janusz Korczak**, professor na Universidade Livre da Polónia e líder cívico dos serviços sociais e educação infantil na Varsóvia do pré-guerra, geria um orfanato no gueto, onde Irena era uma visita bem-vinda e frequente. O «velho médico» morreu em Treblinka, com perto de 200 crianças judias – incluindo a maioria das 32 crianças que **Jan Dobraczyński** devolvera ao gueto, contra a vontade de Irena.

Zofia Wędrychowska, bibliotecária pública, radical de esquerda, mãe solteira de quatro filhos, fora aluna da **Dra. Radlińska** e, com o companheiro e pai dos seus filhos, **Stanisław Papuziński**, teve um papel crucial numa das células da professora, na resistência. Escondeu em sua casa vários dos «meninos de Irena», colocando a própria família em perigo constante.

Irena («Irka») Schultz, colega e superior de Irena nos serviços sociais, e uma das melhores ex-alunas da **Dra. Radlińska**, foi das conspiradoras originais da rede de Irena e ajudou a salvar a vida de dezenas de crianças judias. Diz-se que ninguém era melhor a retirar crianças do gueto às escondidas do que Irena Schultz.

Józef Zysman, advogado judeu *pro bono* da **Dra. Radlińska** e velho amigo de Irena. Józef ficou preso no gueto com a mulher, Theodora, e o filho pequeno, **Piotr Zysman**. Do interior do gueto, Józef e Irena conspiraram, juntos, em reuniões secretas da resistência.

Izabela Kuczkowska, uma das velhas amigas de Irena da Universidade

Livre da Polónia, e membro de uma célula gerida pela **Dra. Helena Radlińska** durante a ocupação, trabalhou diretamente com **Zofia Wędrychowska**, **Stanislaw Papuziński** e, mais tarde, Irena, para salvar as vidas de dezenas de crianças judias e apoiar a resistência polaca.

Rachela Rosenthal, judia e formada como professora na Universidade Livre da Polónia, ficou presa no gueto com o marido e uma filha pequena. No Verão de 1942, só ela estava viva e Rachela transformou-se em «Karolina» – uma das maiores guerreiras da insurreição de Varsóvia e amante de um combatente da resistência polaca.

Maria Kukulska foi uma professora e ativista ligada aos serviços sociais em Varsóvia e à Universidade Livre da Polónia. Foi um membro de confiança da rede de Irena e era especialista em «transformar» a aparência das crianças judias. Escondeu **Adam Celnikier** e um médico judeu no seu apartamento, depois de estes escaparem do gueto.

Jaga Piotrowska, assistente social, colega de Irena e antiga aluna da Universidade Livre da Polónia, arriscou a própria vida e a vida da família para esconder mais de 50 judeus ao longo da ocupação. Jaga foi uma das conspiradoras originais da rede de Irena e uma das suas camaradas mais corajosas; porém, era uma católica devota, como **Jan Dobraczyński**, e a sua fé acabou por causar conflitos com a comunidade judaica, apesar do valor inquestionável do contributo de Jaga.

O **Dr. Witwicki** era psicólogo e foi um dos professores próximos do círculo da **Dra. Helena Radlińska**. Teve o bom senso de se esconder mal a ocupação começou. Irena levava-lhe fundos de apoio secretos fornecidos pelos seus amigos e, em troca, ele dava-lhe presentes para as crianças do gueto: bonecas judias, que passava os dias a esculpir.

O **Dr. Ludwik Hirszfeld**, especialista em doenças infecciosas e primo da **Dra. Helena Radlińska**, trabalhou de perto com **Ala Gołab-Grynberg** no gueto, onde dava aulas clandestinas de medicina para travar as epidemias.

Jadwiga Deneka, formada como professora na Universidade Livre da Polónia, foi um dos membros originais da rede de Irena, responsável, com o irmão, Tadeusz, por salvar a vida de inúmeras famílias judias e dos seus filhos. Capturada pela Gestapo em 1943, foi executada nas ruínas do gueto.

Jadwiga Jędrzejowska foi outra das amigas de Irena do tempo da Universidade Livre da Polónia. Irena reencontrou Jadwiga na prisão de Pawiak, onde esta fazia parte da resistência que ajudou a salvar Irena.

***Colegas nos serviços sociais e a equipa
do Lar do Padre Boduen***

Estas pessoas foram colegas, colaboradoras e co-conspiradoras de Irena nos serviços sociais municipais de Varsóvia.

Janka Grabowska, assistente social, colega de Irena e contacto clandestino da rede de Irena. Encontrava-se com ela na manhã em que Irena foi presa pela Gestapo. Em cima da mesa estavam as listas com os nomes e moradas de dezenas de crianças judias. O raciocínio rápido de Janka e o seu *soutien* de tamanho generoso foram providenciais.

Jan Dobraczyński, administrador nos serviços sociais de Varsóvia, era membro de um partido político de extrema-direita e católico fervoroso; apesar do seu antissemitismo antes da guerra, Jan acabou por se juntar à rede de Irena para salvar as crianças judias. Contudo, a sua determinação zelosa em batizar as crianças judias acabou por gerar conflitos entre ele, a sua conspiradora mais próxima, **Jaga**

Piotrowska, e a comunidade judaica.

Wladislawa Marynowska, diretora e assistente social no Lar para Crianças do Padre Boduen, em Varsóvia, juntou-se à rede de Irena quando o ritmo das deportações se intensificou e escondeu corajosamente várias crianças no seu apartamento. Trabalhava de perto com **Helena Szeszko**, **Jan Dobraczyński** e **Ala Gołąb-Grynberg**.

Dr. Henryk Palester (católico por nascimento mas convertido ao judaísmo) e **Maria Palester**. Quando o médico foi banido do seu cargo no Ministério da Saúde, Irena apoiou a decisão da família de ficar no lado ariano, escondidos à vista de todos, e arranhou um emprego a Maria nos serviços sociais, para ela poder sustentar a família. A filha, **Malgorzata Palester**, teve um papel heroico no salvamento de Irena da prisão de Pawiak e sobreviveu à guerra. O filho adolescente da família, **Kryštof Palester**, pertencia a uma célula clandestina de assassinos da resistência, chamada «Guarda-Sol», que teve um reconhecido papel na insurreição de Varsóvia. Irena e Adam ficaram com a família Palester e lutaram juntos naquela última batalha pela sobrevivência em Varsóvia.

Żegota, a resistência e o movimento médico clandestino

Estas pessoas juntaram-se a Irena e à sua rede a partir de outros ramos da resistência em Varsóvia.

A **Dra. Anna Sipowicz**, dentista do movimento clandestino dentro da prisão de Pawiak, ajudou Irena a trocar mensagens com o Żegota.

O **Dr. Adolf Berman** foi um psicólogo judeu e um dos líderes do Żegota. Depois da guerra, tornou-se líder da comunidade judaica e Irena entregou-lhe as listas de crianças judias salvas.

Stanislawa Bussold foi a parteira e enfermeira de meia-idade cujo

apartamento serviu como um dos abrigos de urgência de Irena para as crianças retiradas do gueto, incluindo a bebé **Elżbieta Koppel**.

Stefania Wichlińska, uma das colegas de Irena nos serviços sociais, foi a ligação clandestina com o cofundador do Żegota e a agente responsável por levar Irena para o Żegota. Foi assassinada pela Gestapo antes do fim da guerra. Quando Irena fugiu de Pawiak, o viúvo de Stefania ajudou-a a esconder-se da Gestapo nas primeiras semanas depois de ela escapar ao esquadrão de fuzilamento.

Julian Grobelny foi um dos líderes do Żegota. Apesar de Julian sofrer de tuberculose em estado avançado, ele e a mulher, **Halina Grobelny**, retiraram juntos inúmeras crianças judias do gueto, muito antes de juntarem forças com a indómita Irena.

Marek Edelman foi um jovem judeu que se tornou um dos líderes do ŻOB, a organização de combatentes judeus que liderou a insurreição do gueto. Marek trabalhou com **Ala Gołąb-Grynberg** e **Nachum Remba** em Umschlagplatz, na sua frenética missão de salvamento junto aos comboios.

O **Dr. Juliusz Majkowski**, membro do movimento médico clandestino em Varsóvia e conspirador aliado à **Dra. Radlińska**, foi quem deu a Irena e às suas primeiras colaboradoras os passes de controlo epidémico que lhes permitiam entrar e sair do gueto.

Basia Dietrich, uma das vizinhas de Irena no complexo de apartamentos no bairro de Wola, também geria uma operação de salvamento de crianças judias. Foi detida com Irena e enviada para Pawiak, onde as mulheres partilharam uma cela até àquela última manhã.

O **Dr. Leon Feiner**, um dos líderes judeus do Żegota, recrutou Irena para uma missão secreta no gueto durante a famosa visita de Jan Karski.

Jan Karski, agente secreto do movimento clandestino polaco, visitou o gueto no verão de 1942 e tentou contar ao mundo o genocídio que estava a acontecer na Polónia. Irena foi uma das guias na sua viagem pelo gueto.

Helena Szeszko, enfermeira polaca no movimento médico clandestino, ajudou a salvar crianças do gueto de Varsóvia enquanto membro da rede de Irena. Ela e o marido, Leon, eram ambos operacionais de relevo na resistência polaca, responsáveis por forjar documentos de identificação.

Jerzy Korczak, conhecido durante a guerra por «Jurek», foi um dos dois adolescentes judeus que viviam no lado ariano e se tornaram hóspedes regulares no apartamento de Maria Kukulska, onde testemunharam a intimidade e o trabalho de Irena e Adam.

Yoram Gross, conhecido durante a guerra por «Jerzy», foi um dos dois adolescentes judeus que viviam no lado ariano e se tornaram hóspedes regulares no apartamento de Maria Kukulska, onde testemunharam a intimidade e o trabalho de Irena e Adam.

A família de Irena

Irena Sendler, «a Schindler feminina», organizou em Varsóvia uma rede espantosa de antigos colegas de escola e de trabalho, salvou a vida de milhares de crianças judias e criou uma das células clandestinas mais importantes da Europa ocupada.

Adam Celnikier era o namorado judeu de Irena. Conheceram-se na Universidade de Varsóvia. Foi, mais tarde, o segundo marido de Irena. Fugiu do gueto com novos documentos de identificação em nome de Stefan Zgrembski e sobreviveu à guerra escondido no apartamento da amiga de Irena **Maria Kukulska**. Do esconderijo, Adam ajudou Irena nas suas atividades para o Żegota.

Dr. Stanislaw Krzyżanowski e Janina Krzyżanowska: a morte prematura do pai de Irena, um ativista dedicado, determinou a consciência moral de Irena. O destino da mãe doente, durante a ocupação, foi uma das grandes preocupações de Irena no tempo da guerra.

Mieczyslaw Sandler, ou «Mietek», foi o primeiro marido de Irena, de quem ela se divorciou depois da guerra para se casar com **Adam Celnikier**.

Encontros no gueto

Estas foram pessoas que Irena e os membros da sua rede conheceram dentro do gueto – uma delas era colaboradora da Gestapo, mas na sua maioria tratou-se de adultos ou crianças judeus salvos.

Chaja Estera Stein, uma jovem judia salva pela colaboração entre **Julian Grobelny**, um padre de paróquia bondoso mas anónimo e Irena. Depois da guerra, sob o novo nome polaco «Teresa», viveu com Irena e **Adam Celnikier** enquanto sua filha adotiva.

Wiera Gran era o nome artístico da sensual cantora de cabaré judia Weronika Grynberg, prima de Arek, o marido de **Ala Gołab-Grynberg**. A alegada colaboração de Wiera com a Gestapo e a sua traição do povo judeu valeram-lhe uma sentença de morte secreta decretada pela resistência e a inimizade eterna de Irena e da liderança do Żegota.

Jonas Turkow foi um ator judeu amigo de **Ala Gołab-Grynberg** e de Irena. Ala salvou Jonas da deportação para Treblinka no último instante.

Nachum Remba era funcionário do Judenrat e, com **Ala Gołab-Grynberg**, tornou-se um dos heróis de Umschlagplatz, onde, ao se fazer passar destemidamente por médico judeu, salvou centenas de

pessoas da morte em Treblinka.

Henia e Josel Koppel foram os pais judeus que deram a Irena a sua filha bebé, **Elżbieta Koppel** – a bebé «Bieta» –, nos últimos dias antes das deportações para Treblinka.

Regina Mikelberg foi colega de universidade de **Irena Sendler**, **Adam Celnikier** e **Janka Grabowska**. Janka e Irena salvaram Regina e a sua irmã do gueto, onde a família Mikelberg vivia com membros do clã Celnikier.

Katarzyna Meloch foi uma rapariga judia salva do gueto e dos campos da morte pela rede de Irena. **Ala Gołab- -Grynberg** retirou-a para lugar seguro e **Jadwiga Deneka** cuidou dela depois.

Michał Glowinski foi uma das crianças judias salvas pela rede de Irena, que também salvou a sua mãe.

Halina Zlotnicka foi uma das crianças judias salvas pela rede de Irena. Halina viveu grande parte da ocupação em casa de **Jaga Piotrowska**, que a tratava como uma segunda filha.

Notas

PRÓLOGO

Duas vezes por dia, antes do meio-dia e ao final da tarde: Museu de Pawiak, exposição pública, 2014; ver também Leon Wanat, *Za murami Pawiaka*. Varsóvia: Książka i Wiedza, 1985.

Arrancaram as tábuas do soalho e partiram as mobílias: testemunho de Irena Sendlerowa, Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, www.dzieciholocaustu.org.pl/szab58.php?s=en_sendlerowa.php.

CAPÍTULO 1: O NASCIMENTO DE IRENA SENDLER

Na orla do céu, a floresta escurece: imagem inspirada em contos populares iídiches; ver, por exemplo, Hayah Bar-Yitshak, *Jewish Poland: Legends of Origin: Ethnopoetics and Legendary Chronicles*. Detroit: Wayne State University Press, 1999, 44.

Otwock, lar de uma grande comunidade de judeus empobrecidos: Miriam Weiner, «Otwock», Routes to Roots Foundation, www.rtrfoundation.org/webart/poltownentry.pdf; ver também Chris Webb, «Otwock & the Zofiówka Sanatorium: A Refuge from Hell», Holocaust Education & Archive Research Team, www.holocaustresearchproject.org/ghettos/otwock.html.

Irena Stanisława Krzyżanowska – era esse o seu nome de solteira: «Irena Sendlerowa», base de dados Geni, www.geni.com/people/IrenaSendlerowa/6000000019948138463.

«Se alguém se está a afogar, damos-lhe a mão»: Magdalena Grochowska, «Lista Sendlerowej: Reportaż z 2001 Roku», *Gazeta Wyborcza*, 12 de maio de 2008, s.l.; também David Barré e Agata Mozolewska, *Elle, elle a sauvé les autres...* Paris: Éditions du Cosmogone, 2009.

O Dr. Krzyżanowski, com a ajuda do cunhado: Aleksander Kopiński, correspondência pessoal.

Recebia toda a gente com simpatia: Grochowska, «Lista Sendlerowej».

Uma vez que os judeus eram quase 50 por cento da população local: Yoram Gross, correspondência pessoal.

Estava acostumada a ver as mães judias: Grochowska, «Lista Sendlerowej.» Geralmente, a relutância em deixar que crianças católicas e judias brincassem juntas vinha dos judeus; ver Mark Paul, «Traditional Jewish Attitudes Toward Poles», janeiro de 2015, www.kpk-toronto.org/archives/jewish_attitudes.pdf.

«Cresci com aquelas pessoas»: «Irena Sendlerowa: O Pomocy Żydom», *Lewicowo*, 6 de outubro de 2011, [lewicowo.pl/o-po mocy-zydom](http://lewicowo.pl/o-po-mocy-zydom). O artigo é uma republicação de material originalmente publicado como *This Is My Homeland: Poles Helping Jews, 1939-1945*, eds. Władysław Bartoszewski e Zofia Lewinówna, 2.^a ed. Cracóvia: Znak, 1969. Esse texto baseia-se em duas declarações anteriores, um artigo de Joseph Goldkorn, «He Who Saves One Life», *Law and Life*, n.º 9 (1967), e no testemunho escrito de Irena Sendler, publicado originalmente como «Those Who Helped Jews», *Bulletin of the Jewish Historical Institute* 45/46, 1963.

«Não a estragues com mimos, Stasiu»: *Ibid.*

...grande casa quadrada, no número 21 da Rua Kościuszki: Anna Legierska, «A Guide to the Wooden Villas of Otwock», 10 de agosto de 2015, *Culture.pl*, <http://culture.pl/en/article/a-guide-to-the-wooden-villas-of-otwock>.

Irena conhecia a cultura judaica: Grochowska, «Lista Sendlerowej».

Irena estava mais à vontade com as mães judias: Marjorie Wall Bingham, «Women and the Warsaw Ghetto: A Moment to Decide», *World History Connected*, worldhistoryconnected.press.illinois.edu/6.2/bingham.html.

O tio Jan e a tia Maria eram ricos: Grochowska, «Lista Sendlerowej.»

«Era constantemente atraída para essas zonas»: Legierska, «A Guide to the Wooden Villas of Otwock».

...o juramento dos escoteiros: «Ser pura de pensamentos»: «Rediscover Polish Scouting», Associação de Guias e Escoteiros Polacos, http://issuu.com/zhp_pl/docs/rediscoverpolishscouting.

O rapaz chamava-se Mieczysław «Mietek» Sendler: «Piotrków: Pamiątkowa tablica ku czci Sendlerowej», *ePiotrkow.pl*, www.epiotrkow.pl/news/Piotrkow-Pamiatkowa-tablica-ku-czci-Sendlerowej-,2801. Ver também Paweł Brojek, «Piąta rocznica śmierci Ireny Sendlerowej, Sprawiedliwej wśród Narodów Świata», *Prawy*, 12 de maio de 2013, www.prawy.pl/wiara/3049-piata-rocznica-smierci-ireny-sendlerowej-sprawiedliwej-wsod-narodow-swiata.

Adam casara-se com uma jovem judia: Anna Mieszkowska, *Prawdziwa Historia Ireny Sendlerowej*. Varsóvia: Marginesy, 2014, 21-22.

«O meu pai», explicava, «era médico»: «Fundacja Taubego na rzecz Życia i Kultury Żydowskiej przedstawia Ceremonię Wręczenia Nagrody im. Ireny Sendlerowej», programa de 23 de outubro de 2013, Museu da História dos Judeus Polacos, http://nagrodairenysendlerowej.pl/dir_upload/download/thumb/9b515fb73c99cb31408f589b0b27.pdf.

A Dra. Radlińska rapidamente ofereceu à sua nova ajudante não só um estágio: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Irena Sendler», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/biography-83/.

Outra vizinha, Basia Dietrich: testemunho de Barbara Jankowska-Tobijasiewicz, «Irenę Sendlerową i Barbarę Ditrich: niezwykle sąsiadki z ul. Ludwiki wspomina», *Urząd Dzielnicy Wola*, 28 de janeiro de 2010, www.wola.waw.pl/page/341,internetowe-wydanie-kuriera-wolskiego-wszystkie-numery.html?date=2010-01-00&artykul_id=394.

«Lá, todos eram dedicados e fiéis aos seus objetivos.»: Grochowska, «Lista Sendlerowej».

CAPÍTULO 2: AS RAPARIGAS DA DRA. RADLIŃSKA

A ponta da bengala erguida reluziu sob a luz: Joanna B. Michlic, *Poland's Threatening Other: The Image of the Jew from 1880 to the Present*, Lincoln: University of Nebraska, 2006, 113.

«Porque sou polaca», ripostou: Robert Blobaum, ed., *Antisemitism and Its Opponents in Modern Poland*. Ithaca: Cornell University Press, 2005; também Grochowska, «Lista Sendlerowej».

...uma zona de lugares nas salas de aula para estudantes judeus, separada: Mary V. Seeman, «Szymon Rudnicki: Equal, but Not Completely», *Scholars for Peace in the Middle East*, crítica literária, 7 de junho de 2010, <http://spme.org/book-reviews/mary-v-seeman-szymon-rudnicki-equal-but-not-completely>. Note-se que, ao longo deste livro, utilizo a expressão «arianos». Tanto judeus como gentios usavam livremente essa palavra durante a ocupação da Polónia e é considerada historicamente correta.

Outros apoiavam-nos e davam as aulas também de pé: *Ibid.*

«Os anos na universidade foram, para mim, muito duros»: Yoram Gross, correspondência pessoal.

O terceiro membro do círculo era Ewa Rechtman: aqui e sempre que se fala sobre os amigos do círculo da juventude de Irena, ver Irena Sendler, «The Valor of the Young», *Dimensions: A Journal of Holocaust Studies* 7, n.º 2 (1993), 20-25.

«Conheci alguns membros clandestinos do Partido Comunista Polaco»: Grochowska, «Lista Sendlerowej».

Planeava, disse à mãe com ousadia, dar tudo a obras de caridade: Anna Mieszkowska, *Irena Sendler: Mother of the Children of the Holocaust*, trad. Witold Zbirohowski-Koscia. Westport, CT: Praeger, 2010.

«...integrei-me imediatamente com o meu passado político»: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Irena Sendler», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/biography-83/.

Adam já se formara em Direito: Sendler, «The Valor of the Young».

Adam começou a trabalhar no doutoramento em História Política: Andrzej Biernacki, *Zatajony artysta. O Waclawie Borowym 1890-1950*, Lublin: Norbertinum, 2005.

Em julho, Varsóvia fervilhava com rumores: John Radzilowski, «The Invasion of Poland», *World War II Database*, ww2db.com/battle_spec.php?battle_id=28.

Do céu não veio nada – nem bombas, nem sons: British Broadcasting Corporation, «On This Day: 1939: Germany Invades Poland», http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/september/1/newsid_3506000/3506335.stm.

O ataque de Hitler à Polónia tinha começado: «Directive N.º 1 for the Conduct of the War», Avalon Project: Yale Law School, www.yale.edu/lawweb/avalon/imt/document/wardir1.htm.

...em direção à Cidade Velha e ao seu escritório na Rua Złota: Barré e Mozolewska, *Elle, elle a sauvé les autres*.

«...ondas à distância, não ondas calmas, mas como as ondas que rebentam na praia»: Diane Ackerman, *The Zookeeper's Wife: A War Story*. Nova Iorque: W. W. Norton, 2008, 32.

Médicos e enfermeiras ajudavam a levar os residentes feridos para postos de socorro: Irena Sendler, «O Pomocy Żydom».

...um advogado judeu *pro bono* chamado Józef Zysman: Sendler, «The Valor of the Young».

Ele também estava num regimento, algures: Sendler, «The Valor of the Young». Ver também Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto: A Tribute to Jewish Rescuers», arquivos ZIH (Materialy Zabrane w Latach, 1995-2003, sygn. S/353), trad. Stanisław Barańczak e Michael Barańczak.

Irka Schultz, a chefe do escritório, reuniu-os a todos: o nome de Irena Schultz foi encurtado ao longo do livro para o diminutivo polaco de Irena, Irka, para evitar confusão entre Schultz e Sendler na narrativa.

...administradora de uma filial do gabinete dos serviços sociais: Louis Bülow, «Irena Sendler: An Unsung Heroine», www.auschwitz.dk/sendler.htm.

«Os «cadáveres de homens e animais estavam empilhados nas ruas»: os detalhes parafraseiam material do Ministério da Informação Polaco, *The German Invasion of Poland*. Londres: Hutchinson & Co. Ltd., 1940, extraído de felsztyn.tripod.com/germaninvasion/id1.html.

Exaustas, Irena e a chefe, Irka, estavam sentadas num gabinete: Barré e Mozolewska, *Elle, elle a sauvé les autres*.

Morreram cerca de 40 000 pessoas no bombardeamento de Varsóvia: para um relato contemporâneo do cerco de Varsóvia, feito por um sobrevivente do Żegota, ver Władysław Bartoszewski, *1859 Dni Warszawy*. Cracóvia: Wydawnictwo Znak, 1974.

Enquanto os alemães pensavam na melhor forma de organizar uma migração em massa forçada: Ellen Land-Weber, «Conditions for the Jews in Poland», *To Save a Life: Stories of Holocaust Rescue*. Humboldt State University, www2.humboldt.edu/rescuers/book/Makuch/conditionsp.html.

Claro que tinha de ajudar!: «Irena Sendler Award for Repairing the World», descrição do programa, Centrum Edukacji Obywatelskiej, www.ceo.org.pl/pl/sendler/news/program-description.

«O único objetivo da educação é ensinar-lhes aritmética simples»: «Poles: Victims of the Nazi Era: Terror Against the Intelligentsia and Clergy», Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, www.ushmm.org/learn/students/learning-materials-and-resources/poles-victims-of-the-nazi-era/terror-against-the-intelligentsia-and-clergy.

O Dr. Borowy juntou-se imediatamente à universidade clandestina: Mieszkowska, *Irena Sendler: Mother of the Children of the Holocaust*, 26.

A Dra. Radlińska, incapacitada mas resoluta: «Life and Activity of Helena Twóćzoś Radlińskie», http://sciaga.pl/tekst/69744-70-zycie_twoczosc_i_dzialalnosc_heleny_radlinskiej. Ver também Zofia Waleria Stelmaszuk, «Residential Care in Poland: Past, Present, and Future», *International Journal of Family and Child Welfare*, 2002/3, 101.

O mesmo fez o mentor e colega de investigação médica de Ala, o Dr. Hirszfild: Thomas Hammarberg, «2007 Janusz Korczak Lecture: Children Participation», Bruxelas: Comissão de Direitos Humanos/Conselho Europeu, 2007, rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?document_id=090000168046c47b. Ver também Bogusław Filipowicz, «Nadzieja spełniona: dzieło Ireny Sendlerowej w ratowaniu dzieci żydowskich», *Quarterly Research* 1, n.º 1 (2010), www.stowarzyszeniefidesetratio.pl/Presentations0/09Flipowicz.pdf.

Aleksander Rajchman, um eminente professor de Matemática: Antoni Zygmund, «Aleksander Rajchman», *Wiadomości Matematyczne* 27 (1987), 219-231, extraído de www.impan.pl/Great/Rajchman.

Cerca de 50 000 outros membros da elite intelectual: sobre esta história, ver Richard Hugman, ed., *Understanding International Social Work: A Critical Analysis*. Nova Iorque: Palgrave, 2010.

Mais tarde, centenas de padres católicos foram capturados: Ewa Kurek, *Your Life Is Worth Mine: How Polish Nuns Saved Hundreds of Jewish Children in German-Occupied Poland, 1939-1944*. Nova Iorque: Hippocrene Books, 1997, 17, 45.

O marido, Arek, deixara Varsóvia: correspondência pessoal.

As restrições exigiam que todas as propriedades detidas por judeus fossem registadas: Kurek, *Your Life Is Worth Mine*, 18.

Centenas de milhares de judeus – quase um em cada dez na Polónia: Laura Jockusch e Tamar Lewinsky, «Paradise Lost? Postwar Memory of Polish Jewish Survival in the Soviet Union», *Holocaust and Genocide Studies* 24, n.º 3 (inverno de 2010): 373-99.

57. ..foram assassinados em Varsóvia dez polacos por cada residente judeu: Kurek, *Your Life Is Worth Mine*, 17.

«Relativamente à conferência de hoje em Berlim»: *Ibid.*, 18.

CAPÍTULO 3: OS MUROS DA VERGONHA

Rudnicki era o nome falso sob o qual Helena Radlińska trabalhava: Internetowy Polski Słownik Biograficzny, «Helena Radlińska», www.ipsb.nina.gov.pl/index.php/a/helena-radlinska.

«Havia famílias em que um arenque era partilhado por seis crianças»: Grochowska, «Lista Sandlerowej».

«...tem muitos contactos polacos, especialmente à esquerda»: Delegação Governamental para a Polónia, Departamento do Interior, pasta 202/II-43, reimpresso em Krzysztof Komorowski, *Polityka i walka: Konspiracja zbrojna ruchu narodowego, 1939-1945*. Varsóvia: Oficyna Wydawnicza «Rytm», 2000.

Viria também a desenvolver o seu próprio programa independente e clandestino de assistência social aos judeus: Stelmaszuk, «Residential Care in Poland».

...Jadwiga Piotrowska, amiga e colega de Irena: diário pessoal de Jan Dobraczyński, 1945; courtesia de Mirosława Pałaszewska, comunicação pessoal.

O pai, Marian Ponikiewski: Tadeusz Cegielski, «Liberum Conspiro, or the Polish Masonry between the Dictatorship and Totalitarianism, 1926-1989», *Le Communisme et les Elites en Europe Centrale*, 31 de março de 2004, École Normale Supérieure, apresentação em colóquio, www1.ens.fr/europecentrale/colloque_elites2004/4Documents/Resumes/Cegielski_resum.htm.

Ela e Janusz Piotrowski tinham uma filha pequena: «Jadwiga Maria Józefa Piotrowska», base de dados Geni, www.geni.com/people/Jadwiga-Piotrowska/6000000015472386167.

Vivia na Rua Karolkowa no bairro de Żoliborz, em Varsóvia: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «A família Stolarski», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/123,the-stolarski-family/; ver também «Józef Dubniak», Museu da Insurreição Polaca, www.1944.pl/historia/powstancze-biogramy/Józef_Dubniak.

...a pequena equipa oferecia assistência pública a milhares de judeus: Irena Sendler, «O Pomocy Żydom».

Tinha por base nada mais do que falsificar papéis: *Ibid.* Ver também Barré e Mozolewska, *Elle, elle a sauvé les autres*.

«A base para receber assistência social era recolher dados»: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010 «Irena Sendler», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/biography-83/.

Em janeiro, jovens rufias polacos: Yisrael Gutman, Ina Friedman, *The Jews of Warsaw, 1939-1943: Ghetto, Underground, Revolt*, Bloomington: Indiana University Press, 1989, 28.

...os alemães planeavam criar uma zona judaica: Leni Yahil, *The Holocaust: The Fate of European Jewry, 1932-1945*. Oxford: Oxford University Press, 1991, 169.

Quem vivia do lado errado da fronteira teria de se mudar: Yad Vashem, *This Month in*

Holocaust History, «Warsaw Jews During World War II», www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/this_month/resources/warsaw.asp.

...os registos do tempo da guerra mostram que alguns membros das famílias Celnikier e Mikelberg: Kawczyński e Kieszkowski, Dekret Bieruta, base de dados, www.kodekret.pl/Dekret-Bieruta.pdf. O Decreto de Bierut, aprovado em 1945, foi uma tentativa de devolver as propriedades confiscadas durante a ocupação alemã, o que faz dele um importante registo de propriedade do pós-guerra.

Regina Mikelberg, contudo, não se encontrava entre eles: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «The Stolarski Family», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/123,the-stolarski-family/.

Mas em outubro começaram as obras de construção de um muro de tijolo de três metros de altura: Harrie Teunissen, «Topography of Terror: Maps of the Warsaw Ghetto», julho de 2011, www.siger.org/warsawghettomaps.

«...em Varsóvia havia alguns milhares de judeus cujas profissões»: Kurek, *Your Life is Worth Mine*, 15.

Era uma colega dos serviços sociais chamada Maria: Janina Goldhar, correspondência pessoal; ver também Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Maria Palester», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/434,palester-maria/; e «Irena Sendlerowa», Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, www.dzieciholocaustu.org.pl/szab58.php?s=en_sendlerowa.php.

Era o facto de Henryk: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Maria Palester», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/434,palester-maria/.

As famílias judias, que se dirigiam lentamente para cerimónias de *sabbat* clandestinas: «Spiritual Resistance in the Ghettos», *Holocaust Encyclopedia*, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005416.

Foi um choque inexplicável, disseram os residentes mais tarde: Emanuel Ringelblum, citado em Monica Whitlock, «Warsaw Ghetto: The Story of Its Secret Archive», 27 de janeiro de 2013, British Broadcasting Corporation, www.bbc.com/news/magazine-21178079.

...os residentes polacos – tanto amigos como desconhecidos – apareceram em grande número: Władysław Bartoszewski, *The Warsaw Ghetto: A Christian's Testimony*, trad. Stephen J. Cappellari. Boston: Beacon Press, 1987.

Em breve as fronteiras do gueto começaram a ser vigiadas com uma determinação implacável: Ringelblum, *Notes from the Warsaw Ghetto*, 228-29. Ver também Stanislaw Adler, *In the Warsaw Ghetto: 1940-1943, An Account of a Witness*, trad. Sara Philip. Jerusalém: Yad Vashem, 1982.

...as rações oficiais atribuídas aos seus amigos equivaliam a apenas 184 calorias diárias: «Warsaw», *Holocaust Encyclopedia*, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005069. As descrições históricas de

Varsóvia ao longo deste livro beneficiaram também das seguintes fontes: Karol Móravski, *Warszawa Dzieje Miasta*, Varsóvia: Wydawnictwo Książka i Wiedza, 1976; Robert Marcinkowski, *Warsaw, Then and Now*. Varsóvia: Wydawnictwo Mazowsze, 2011; Olgierd Budrewicz, *Warszawa w Starej Fotografii*, Olszanica: Wydawnictwo Bosz, 2012.

Os alemães responderam com arame farpado: Ringelblum, *Notes from the Warsaw Ghetto*, 228-29.

Agora, os residentes caminhavam encolhidos, encostados aos prédios: «Nożyk Synagogue, Twarda Street 6», Virtual Shtetl, www.sztetl.org.pl/en/article/warszawa/11,synagogues-prayerhouses-and-others/5,nozyk-synagogue-twarda-street-6/.

Um em cada cinco sucumbiria à doença: Naomi Baumslag, *Murderous Medicine: Nazi Doctors, Human Experimentation, and Typhus*. Santa Barbara: Praeger, 2005, 107.

Enquanto os residentes polacos a caminho do trabalho olhavam, espantados: Michael A. Grodin, ed., *Jewish Medical Resistance in the Holocaust*. Nova Iorque: Berghahn, 2014, 70.

Em dezembro, o hospital judaico foi fechado: Comissão de História da Associação Polaca de Enfermeiros, «The Nursing School at the Orthodox Jew Hospital at Czyste District in Warsaw», Museu Virtual da Enfermagem Polaca, www.wmpp.org.pl/en/nursing-schools/the-nursing-school-at-the-orthodox-jew-hospital-at-czyste-district-in-warsaw.html.

. . .«o primeiro pré-requisito para o objetivo final é a concentração dos judeus»: *The Einsatzgruppen Reports*, eds. Yitzhak Arad, Shmuel Krakowski, Shmuel Spector. Jerusalém: Yad Vashem, 1989.

...«cidades que sejam entroncamentos ferroviários devem ser selecionadas»: *Ibid*.

CAPÍTULO 4: O CÍRCULO DE JOVENS

A filha, Rami, tinha cinco anos: «Mlawa Societies in Israel and in the Diaspora», *Jewish Mlawa: Its History, Development, Destruction*, ed. e trad. David Shtokfish, Telavive, 1984, 2 vols., www.jewishgen.org/yizkor/mlawa/mla449.html, ver especialmente o capítulo 14, «Modern Times». Ver também Jonas Turkow, *Ala Gółomb Grynberg: La Heroica Enfermera del Ghetto de Varsovia*, trad. Elena Pertzovsky de Bronfman, Buenos Aires: Ejecutivo Sudamericano del Congreso Judío Mundial, 1970.

Estava também à frente do círculo de jovens no número 9 da Rua Smocza: Sandler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

«Será que ainda não perceberam?»: *Ibid*.

«Eu era uma visita frequente do bairro fechado»: *Ibid*.

Os preços da comida contrabandeada eram astronômicos: Samuel Kassow, traduzido e coeditado por David Suchoff, *In Those Nightmarish Days: The Ghetto Reportage of Peretz Opoczynski and Josef Zelkowicz*. New Haven: Yale University Press, 2015.

«Os abusos – ‘divertimentos’ selvagens e cruéis – são ocorrência diária»: Bartoszewski, *The*

Warsaw Ghetto.

Acima de tudo, os amigos de Irena viam crianças pequenas, esfomeadas, morrerem todos os dias de tifo: «Irena Sendler», Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia.

...«a densidade populacional [no bairro judaico] é inimaginável»: Bartoszewski, *The Warsaw Ghetto*, 9.

«Os judeus morrerão de fome e privação»: Universidade do Estado de Nova Iorque em Buffalo/Universidade Jaguelónica, «Slow Extermination: Life and Death in the Warsaw Ghetto», *Info Poland*, <http://infopoland.buffalo.edu/web/history/WWII/ghetto/slow.html>.

«Quero roubar, quero comer, quero ser alemão!»: Ringelblum, *Notes from the Warsaw Ghetto*, 39.

Ewa Rechtman, a colega e amiga de Irena, era uma figura de importância crescente no CENTOS: Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

Ewa geria o centro de jovens no número 16 da Rua Sienna: Ringelblum, *Notes from the Warsaw Ghetto*. Ver também Virtual Shtetl, «Janusz Korczak's Orphanage in Warsaw», trad. Ewelina Gadowska, www.sztetl.org.pl/en/article/warszawa/39,heritagesites/3518,janusz-korczak-s-orphanage-in-warsaw-92-krchmalna-street-until-1940-/.

«orgia de festas»: Ringelblum, *Notes from the Warsaw Ghetto*, 249. Sobre os arquivos mantidos por Ringelblum e os seus colaboradores dentro do gueto, ver *The Warsaw Ghetto: Oyneg Shabes – Ringelblum Archives: Catalogy and Guide*, eds. Robert Moses Shapiro e Tadeusz Epsztein. Bloomington: Indiana University Press, 2009.

O complexo da Rua Sienna onde Ewa trabalhava também albergava um desses cafés: Ringelblum, *Notes from the Warsaw Ghetto*, 119.

...o café ficava muito perto da ala principal do Hospital Czyste: Grodin, *Jewish Medical Resistance*. Ver também Barbara Góra, «Anna Braude Hellerowa», Warsaw: Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, 2011, 38-9.

...o ator judeu Jonas Turkow: Norman Ravvin, «Singing at the Café: Vera Gran's Postwar Trials», *Canadian Jewish News*, 13 de janeiro de 2015, www.cjnews.com/books-and-authors/singing-caf%C3%A9-sztuka-vera-gran%E2%80%99s-postwar-trials.

Está toda a gente a chorar: Agata Tuszynska, *Vera Gran: The Accused*. Nova Iorque: Knopf, 2013, 68, 71.

Constava que Wiera fazia parte de um grupo de judeus que colaboravam ativamente com os alemães: Dan Kurzman, *The Bravest Battle: The 28 Days of the Warsaw Ghetto Uprising*. Boston: Da Capo Press, 1993, 5.

Quem deve ser vacinado?: Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

A família dela vivia num dos grandes prédios da zona: *Ibid*. Ver também Marian Apfelbaum, *Two Flags: Return to the Warsaw Ghetto*. Jerusalém: Gefen Publishing House, 2007, 49.

Józef falava-lhe sobre os melhores clubes noturnos em Varsóvia: Aniela Uziembło, «Józef Zysman», *Gazeta Stołeczna*, n.º 141, 20 de junho de 2005, 9; Grochowska, «Lista Sandlerowej».

Muitos membros da polícia do gueto eram antigos advogados e até juizes: Katarzyna Person, «A Forgotten Voice from the Holocaust», *Warsaw Voice*, 31 de março de 2011, www.warsawvoice.pl/WVpage/pages/article.php/23365/article.

Com Adam e Arek, dedicou as suas energias ao movimento de resistência judaico: Yad Vashem, *This Month in Holocaust History*, «Judischer Ordnungsdienst», www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/this_month/resources/jewish_police.asp.

Józef juntou-se a uma imprensa socialista clandestina: Anna Poray, 2004, «Waclaw and Irena Szyszkowski», *Polish Righteous*, www.savingjews.org/righteous/sv.htm. Ver também August Grabski e Piotr Grudka, «Polish Socialists in Warsaw Ghetto», Emanuel Ringelblum Instituto Histórico Judaico, Varsóvia, www.jhi.pl/en/publications/52.

A célula secreta de Józef reunia-se semanalmente: Grabski e Grudka, «Polish Socialists in the Warsaw Ghetto»; ver também «A Forgotten Voice from the Holocaust» e Sandler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

CAPÍTULO 5: UMA CHAMADA PARA O DR. KORCZAK

Mas a verdade era que não tinha problemas em dizer: Jan Engelgard, «To Dobraczyński był bohaterem tamtego czasu», *Konserwatyzm*, 19 de junho de 2013, <http://www.konserwatyzm.pl/artykul/10342/to-dobraczynski-byl-bohaterem-tamtego-czasu>.

Recensão de Ewa Kurek, *Dzieci żydowskie w klasztorach. Udział żeńskich zgromadzeń zakonnych w akcji ratowania dzieci żydowskich w Polsce w latach 1939-1945* [*Crianças Judias nos Mosteiros: o papel das congregações religiosas femininas no salvamento das crianças judias na Polónia de 1939-1945*], Zakrzewo: Replika, 2012.

Depois das primeiras purgas, Jan foi promovido a diretor: Mirosława Pałaszewska, correspondência pessoal. Tenho uma grande dívida de gratidão para com a Sra. Pałaszewska por ter disponibilizado todo o seu arquivo pessoal para este projeto. Muitos dos artigos são recortes de jornal e materiais privados das famílias, na sua maioria em polaco, que de outra forma teria sido impossível reconstruir.

Apercebeu-se de que a química era óbvia: *Ibid.*

... «uma agnóstica com uma vida amorosa turbulenta»: Louette Harding, «Irena Sandler: A Holocaust Heroine».

...a tarefa concreta de localizar e cuidar das crianças de Varsóvia: Marek Haltof, *Polish Film and the Holocaust: Politics and Memory*. Nova Iorque: Berghahn Books, 2012, 149; Nahum Bogner, «The Convent Children: The Rescue of Jewish Children in Polish Convents During the Holocaust», Yad Vashem, www.yadvashem.org/yv/en/righteous/pdf/resources/nachum_bogner.pdf. Ver também Cynthia Haven, «Life in Wartime Warsaw... Not Quite What You Thought» (entrevista com Hana Rechowicz), 21 de maio de 2011, bookhaven.stanford.edu/2011/05/life-in-wartime-warsaw-

not-quite-what-you-thought.

«Querem que fique enfiado num escritório dez horas por dia, por um salário ridículo»: Mirosława Pałaszewska, correspondência pessoal.

Enquanto, antes, costumavam mandar 600 crianças por ano para o Lar do Padre Boduen: Klara Jackl, «Father Boduen Children's Home: A Gateway to Life», Museu da História dos Judeus Polacos, 11 de junho de 2012, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/your-stories/794/ e correspondência pessoal.

As duas crianças assustadas: Cynthia Haven, «Life in Wartime Warsaw... Not Quite What You Thought».

Mas a punição para qualquer gentio que as ajudasse também era a execução: Ellen Land-Weber, *To Save a Life: Stories of Holocaust Rescue*. Champaign-Urbana: University of Illinois Press, 2002, 195.

O pai de Jan era amigo do «velho médico»: Jan Dobraczyński, *Tylko w jednym życiu [Uma Vez na Vida]*, Varsóvia: Pax, 1977; também Mirosława Pałaszewska, correspondência pessoal. Ver também Andras Liv, «1912-1942: Korczak Orphanage Fate in Warsaw: Krochmalna 92 – Chłodna 33 – Sienna 16», 2 de janeiro de 2012, http://jimbaotoday.blogspot.ca/2012/01/korczak-orphanage-in-warsaw_02.html, excelente seleção de fotografias históricas dos locais dos orfanatos.

«O meu pai telefonou-lhe, a meu pedido», disse Jan. Jan Engelgard, «To Dobraczyński był bohaterem tamtego czasu».

«Poucos minutos antes do recolher obrigatório»: *Ibid.*

CAPÍTULO 6: A FORÇA IMPARÁVEL DO GUETO

A palavra flutuava-lhe na mente e não desaparecia: Irena Sendler, «O Pomocy Żydom».

As mulheres tinham estabelecido contacto com um padre, na cidade distante de Lwów: Yad Vashem, «Irena Schultz: Rescue Story», *The Righteous Among the Nations*, db.yadvashem.org/righteous/family.html?language=en&itemId=4017410; e Anna Poray, 2004, «Waclaw and Irena Szyszkowski», *Polish Righteous*, www.savingjews.org/righteous/sv.htm.

...as bonecas que o professor fazia para as crianças: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto»; também «Władysław Witwicki: Rescue Story», base de dados do Yad Vashem.

«Por favor, não me peças mais»: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

«Por cima da entrada do esgoto, despedi-me do meu pai»: *The Last Eyewitnesses: Children of the Holocaust Speak*, eds. Jakub Gutembaum e Agnieszka Lalała, Vol. 2, Evanston: Northwestern University Press, 2005.

Ela via essas crianças todos os dias no círculo de jovens de Adam: Irena Sendler, «Youth

Associations of the Warsaw Ghetto».

«Podes ficar descansada em relação à criança»: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Irena Schultz», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/644/.

«Não perguntei pormenores», disse Władka: Andrzej Marynowski, comunicação pessoal.

«Bastava-me saber que a Irka tinha de tirar as crianças judias do gueto e colocá-las em local seguro»: *Ibid.*

«A minha mãe levava-me», diz ela. «Não me lembro como.»: Rami Gołąb-Grynberg, comunicação pessoal.

Lembra-se desses dias com a mãe: Andrzej Marynowski, comunicação pessoal.

...o desastre era iminente. Como podia fazer chegar uma mensagem a Irena?: Irena Sendler, «O Pomocy Żydom».

...um judeu de 30 anos chamado Szlama Ber Winer: «Grojanowski Report», Yad Vashem, www.yadvashem.org/odot_pdf/microsoft%20word%20-%206317.pdf.

CAPÍTULO 7: RUMO A TREBLINKA

Em abril de 1942, os prisioneiros foram postos a trabalhar num novo projeto: Yitzhak Arad, *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camps*, Bloomington: Indiana University Press, 1999. Ver também Chil Rajchman, *The Last Jew of Treblinka: A Memoir*, Nova Iorque: Pegasus, 2012.

...«disseram que seriam uns balneários»: Chris Webb, *The Treblinka Death Camp: History, Biographies, Remembrance*. Estugarda: Ibidem Press, 2014, 14, 21, *passim*.

Seriam precisos bilhetes para entrar nos banhos: Chil Rajchman, *Treblinka: A Survivor's Memory, 1942-1943*, trad. Solon Beinfeld. Londres: Maclehose Press, 2009.

«Judeus de Varsóvia, a vossa atenção!»: Yitzhak Arad, «The Nazi Concentration Camps: Jewish Prisoner Uprisings in the Treblinka and Sobibor Extermination Camps», Atas da Quarta Conferência Internacional do Yad Vashem, Jerusalém, janeiro de 1980, Biblioteca Virtual Judaica, www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/resistyad.html.

Mais para a frente, haveria também uma orquestra a tocar canções ídiches: Toby Axelrod, «Treblinka Survivor Attends Berlin Ceremony», Agência Telegráfica Judaica, 1 de agosto de 2005, www.jta.org/2005/08/01/life-religion/features/treblinka-survivor-attends-berlin-ceremony. Ver também Mark Smith, *Treblinka Survivor: The Life and Death of Hershl Sperling*. Mt. Pleasant, SC: The History Press, 2010, 112.

Custavam mais ou menos o mesmo que outro bem cada vez mais procurado: Axis History Forum, discussão *online* (ver: Adam Fisher, 31 de agosto de 2002, <http://forum.axishistory.com/viewtopic.php?t=6901>). Medir valores históricos é bastante complexo, mas um dólar americano nos anos 40 equivalia a cerca de 5,3 *zlotych* polacos. Para

uma discussão sobre valores e calculadores históricos, ver o excelente recurso académico Measuring Worth: www.measuringworth.com/uscompare/relativevalue.php.

«pontos de distribuição de prontidão»: Michał Głowiński, *The Black Seasons*, trad. Marci Shore. Evanston: Northwestern University Press, 2005.

«Tornou-se cada vez mais necessário levar as crianças para o lado ariano»: «Fundacja Taubego na rzecz Życia i Kultury Żydowskiej przedstawia Ceremonię Wręczenia Nagrody im. Ireny Sendlerowej», programa de 2013.

Leon trabalhava no gabinete de transportes públicos: Jewish Rescuers of the Holocaust, 1933-1945, «Jewish Organizations Involved in Rescue and Relief of Jews», 25 de agosto de 2012, <http://jewishholocaustrescuers.com/Organizations.html>.

O padre mais velho, Marcell Godlewski: Chana Kroll, «Irena Sendler: Rescuer of the Children of Warsaw», Chadab, www.chabad.org/theJewishWoman/article_cdo/aid/939081/jewish/Irena-Sendler.htm; ver também Joachim Wieler, «The Long Path to Irena Sendler: Mother of the Holocaust Children» (entrevista com Irena Sendler), *Social Work and Society*: 4, n.º 1 (2006), www.socwork.net/sws/article/view/185/591.

Como enfermeira-chefe dos hospitais do gueto: Joachim Wieler, «The Long Path to Irena Sendler».

...uma assistente social chamada Róża Zawadzka: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto»; também Jonas Turkow, *Ala Gółomb Grynberg*; também Marcin Mierzejewski, «Sendler's Children», *Warsaw Voice*, 25 de setembro de 2003, www.warsawvoice.pl/WVpage/pages/article.php/3568/article.

«Um dia, ela deixou-me com a Róża»: correspondência pessoal.

Irena convocou uma reunião das mulheres na divisão de Jan: segundo Jan Dobraczyński, as funcionárias que o abordaram foram Irena Sendlerowa, Jadwiga Piotrowska, Nonnę Jastrzębie, Halina Kozłowska, Janina Barczakowa, Halina Szablakównę; Mirosława Pałaszewska, arquivos privados; também Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Jan Dobraczyński», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/436,dobraczynski-jan/.

«Todo aquele grupo»: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Jan Dobraczyński», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/436,dobraczynski-jan/.

«Mas não cuidava das crianças»: *Ibid.*

«Normalmente», explicou Jaga, «não seria o diretor de secção a assinar esses papéis.» *Ibid.*

Daí para a frente, Ala esteve quase constantemente em contacto com Jan Dobraczyński: Nahum Bogner, *At the Mercy of Strangers: The Rescue of Jewish Children with Assumed Identities in Poland*. Jerusalém: Yad Vashem, 2009, 22.

Era cada vez mais Ala quem coordenava a logística avançada: *Ibid.*

Para já, a menina ficaria escondida em casa de Stanisława Bussold: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Stanisława Bussold», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/pl/family/331,bussoldstanislawa/.

«O que tínhamos naquelas listas»: «Fundacja Taubego na rzecz Życia i Kultury Żydowskiej przedstawia Ceremonię Wręczenia Nagrody im. Ireny Sendlerowej», programa de 2013.

O médico tinha 60 e poucos anos: Betty Jean Lifton, *The King of Children: A Biography of Janusz Korczak*. Nova Iorque: Schocken, 1989; e Janusz Korczak, *Ghetto Diary*. New Haven: Yale University Press, 2003.

«É difícil», escreveu, «nascer e aprender a viver»: Janusz Korczak, *Ghetto Diary*. New Haven: Yale University Press, 2003.

«Disseram-nos que todos os judeus serão deportados para leste»: Adam Czerniakow, *Warsaw Diary of Adam Czerniakow: Prelude to Doom*, ed. Raul Hilberg *et al.* Chicago: Ivan R. Dee, 1999.

«Quarta-feira, 22 de julho de 1942. Então é este o fim do gueto»: Władysław Bartoszewski, *The Warsaw Ghetto*.

CAPÍTULO 8: A FADA MADRINHA DE UMSCHLAGPLATZ

Marek coordenava as transferências entre o refúgio: Michael T. Kaufman, «Marek Edelman, Commander in Warsaw Ghetto Uprising, Dies at 90», *New York Times*, 3 de outubro de 2009, www.nytimes.com/2009/10/03/world/europe/03edelman.html.

E salvaram um velho amigo, Jonas Turkow: «Edwin Weiss», base de dados do gueto de Varsóvia, Centro Polaco de Pesquisa do Holocausto, http://warszawa.getto.pl/index.php?mod=view_record&rid=09121996103042000001&tid=osoby&lang=en; e «Nachum Remba», base de dados do gueto de Varsóvia, Centro Polaco de Pesquisa do Holocausto, http://warszawa.getto.pl/index.php?mod=view_record&rid=05011904155335000002&tid=osoby&lang=en.

Valia tudo para convencer os alemães de que determinada pessoa não podia viajar: Eli Valley, *The Great Jewish Cities of Central and Eastern Europe: A Travel Guide*. Nova Iorque: Jason Aronson Publishers, 1999, 230.

Crianças agitadas e assustadas, incapazes de se fingirem doentes: Jonas Turkow, *Ala Gólb Grynberg*.

Ela e Remba tinham desviado uma ambulância: Nachum Remba, base de dados do gueto de Varsóvia, Centro Polaco de Pesquisa do Holocausto, http://warszawa.getto.pl/index.php?mod=view_record&rid=05011904155335000002&tid=osoby&lang=en.

...as SS foram buscar as crianças ao orfanato do Dr. Korczak: Agnieszka Witkowska, «Ostatnia droga mieszkańców i pracowników warszawskiego Domu Sierot», *Zagłada Żydów, Studia i Materiały*, vol. 6, 2010, <http://korczakowska.pl/wp->

<content/uploads/2011/12/Agnieszka-Witkowska.-Ostania-droga-mieszkancow-i-pracownikow-warszawskiego-Domu-Sierot.pdf>, 22 e *passim*.

Nesse dia, por acaso, chegou mais cedo, antes do meio-dia: *Ibid*.

Quando ouviu dizer que todas estavam destinadas à deportação: David Cesarani e Sarah Kavanaugh, *Holocaust: Jewish Confrontations with Persecution and Mass Murder*, vol. 4 de *The Holocaust: Critical Concepts in Historical Study*. Londres: Routledge, 2004, 56.

«As crianças seriam levadas sozinhas»: Jürgen Oelkers, «Korczak's *Memoirs*: An Educational Interpretation», Universität Zürich, Institut für Erziehungswissenschaft, Lehrstühle und Forschungsstellen [aula publicada], 95-96. Ver também Wladyslaw Szpilman, *The Pianist: The Extraordinary True Story of One Man's Survival in Warsaw, 1939-1945*, trad. A. Bell, com excertos do diário de Wilm Hosenfeld. Nova Iorque: Picador, 1999.

«Não se deixa uma criança doente sozinha de noite»: Diane Ackerman, *The Zookeeper's Wife*.

As crianças saíram do orfanato a cantar: Jürgen Oelkers, «Korczak's *Memoirs*».

Com crianças, a marcha através do gueto, de sul para norte: Agnieszka Witkowska, «Ostatnia droga mieszkalców».

O dia já estava quente: *Ibid*.

...assistiram à caminhada de cinco quilómetros: I. M. Sidroni, «Rabbi Zalman Hasid», trad. Alex Weingarten, *The Community of Sierpc: Memorial Book*, Efraim Talmi, ed., Telavive, 1959, www.jewishgen.org/Yizkor/Sierpc/sie377.html.

mas nessa manhã o médico manteve as costas direitas: Vladka Meed, *On Both Sides of the Wall: Memoirs from the Warsaw Ghetto*, trad. Steven Meed. Jerusalém: Ghetto Fighters' House, 1972, recensão de Rivka Chaya Schiller, *Women in Judaism* 9, n.º 1 (2012), <http://wjudaism.library.utoronto.ca/index.php/wjudaism/article/view/19161/15895>.

Que culpa têm estas crianças?: Janusz Korczak, *The Child's Right to Respect*. Estrasburgo: Publicações do Conselho Europeu, 2009, www.coe.int/t/commissioner/source/prems/PublicationKorczak_en.pdf.

...o Dr. Witwicki, o seu antigo professor de Psicologia na Universidade de Varsóvia: *Ibid*.

«Com as bonecas apertadas nas mãozinhas»: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

Que iam embarcar com destino à sua execução: «Irena Sendler Tells the Story of Janusz Korczak», Gariwo/Gardens of the Righteous World-Wide Committee (documentário/entrevista em vídeo com Irena Sendler), <http://en.gariwo.net/pagina.php?id=9114>.

Ali, sob o sol quente, depois do caos e da brutalidade, as crianças e o médico esperaram: Marek Edelman, «The Ghetto Fights», em *The Warsaw Ghetto: The 45th Anniversary of the Uprising*, Interpress Publishers, 1987, 17-39; arquivado em www.writing.upenn.edu/~afilreis/Holocaust/warsaw-uprising.html.

Não posso deixar as crianças, nem por um momento: Stanislaw Adler, In the Warsaw Ghetto.

«Nunca esquecerei aquela imagem», disse Nachum: «Janusz Korczak», Adam Mickiewicz Institute, Varsóvia, www.diapozytyw.pl/en/site/ludzie/; «Janusz Korczak: A Polish Hero at the Jewish Museum», *Culture 24*, 7 de dezembro de 2006, www.culture24.org.uk/history-and-heritage/art41997. Ver também Władysław Bartoszewski, *The Warsaw Ghetto*.

«Quando me lembro daquela trágica procissão de crianças inocentes a marcharem para a morte»: «Irena Sendler Tells the Story of Janusz Korczak», Gariwo.

«De todas as minhas experiências dramáticas durante a guerra, incluindo a “estada” e tortura na prisão de Pawiak»: Janusz Korczak, «A Child’s Right to Respect».

«Ela própria travava uma batalha silenciosa mas intensa consigo mesma»: Irena, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

Havia dezenas de refugiados escondidos em jaulas vazias: Ludwik Hirsztfeld, *The Story of One Life* (memórias), trad. Marta A. Balińska. Rochester: University of Rochester Press, 2014, Kindle location 8897.

«orfanato do lado ariano que estava a cuidar de Rami. As palavras eram a despedida de uma mãe à filha pequena e muito amada: «Entrego a minha filha aos teus cuidados, cria-a como se fosse tua»: «Ala Gołąb [Golomb] Grynberg», base de dados do gueto de Varsóvia, Centro Polaco de Pesquisa do Holocausto, http://warszawa.getto.pl/index.php?mod=view_record&rid=07051998094230000004&tid=osoby&lang=en.

«Ela debatia-se entre o instinto de mãe e o instinto de enfermeira»: Ludwik Hirsztfeld, *The Story of One Life*, location 8897.

Quando uma tia de Adam, Dora, foi fuzilada em Varsóvia no fim de julho: base de dados Dekret Bieruta, www.kodekret.pl/Dekret-Bieruta.pdf.94

Quando soube que uma prima de 18 anos, Józefina: Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, «Sąd Grodzki w Warszawie, Akta Zg. 1946 (Sygn. 655)», 1946-56, RG N.º RG-15.270M, número de acesso 2013.241, Archiwum Państwowe w Warszawie, http://collections.ushmm.org/findingaids/RG-15.270_01_fnd_pl.pdf.

...«quase ninguém se preocupava com as crianças»: Vladka Meed, *On Both Sides of the Wall*, trad. Steven Meed. Washington, DC: Museu Memorial do Holocausto, 1999.

...«mãe, pai, irmã e amiga deles»: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

«Estava um dia bonito e quente»: *Ibid.*

«tranquila, reconfortante e carregada de bondade»: *Ibid.*

«Muito rapidamente percebemos que a única forma de salvar as crianças era tirá-las de lá»: *Ibid.*

CAPÍTULO 9: A RETA FINAL

«Não conseguiam imaginar a vida uma sem a outra»: Yisrael Gutman, Ina Friedman, *The Jews of Warsaw, 1939-1943: Ghetto, Underground, Revolt*. Bloomington: Indiana University Press, 1989, 218.

«Os comboios, que já estavam a partir duas vezes por dia com 12 000 pessoas de cada vez»: Władysław Bartoszewski, *The Warsaw Ghetto*. Ver também Abraham Lewin, *A Cup of Tears: A Diary of the Warsaw Ghetto*, ed. Antony Polonsky. Waukegan, IL: Fontana Press, 1990; ver entradas de julho de 1942.

«Nunca antes», recordaram os sobreviventes, «alguém fora tão inflexível»: Marek Edelman, «The Ghetto Fights».

«Comunista», disse o homem da Gestapo: *The Last Eyewitnesses*, 111.

«Assistimos a cenas terríveis»: Marilyn Turkovich, «Irena Sendler», 29 de setembro de 2009, *Charter for Compassion*, <http://voiceseducation.org/category/tag/irena-sendler>. Inclui excertos de entrevistas com Irena Sendler e alguns vídeos.

Do que Katarzyna se lembra hoje: Marcin Mierzejewski, «Sendler's Children», *Warsaw Voice*, 25 de setembro de 2003, www.warsawvoice.pl/WVpage/pages/article.php/3568/article; também material retirado de entrevistas pessoais.

...«num verão muito quente [1942]»: Marcin Mierzejewski, «Sendler's Children», *Warsaw Voice*, 25 de setembro de 2003, www.warsawvoice.pl/WVpage/pages/article.php/3568/article.

Estas «salas de urgências» – os «pontos de distribuição de prontidão» de Irena: «The 72nd Anniversary of the Creation of the Council to Aid Jews», Instituto Histórico Judaico, Varsóvia, 3 de dezembro de 2014, www.jhi.pl/en/blog/2014-12-03-the72nd-anniversary-of-the-creation-of-the-council-to-aid-jews.

No apartamento de Jadwiga: Michelina Taglicht viveu com a família Piotrowski, acompanhada pela filha de cinco anos, Bronia, em 1943. Bronia esteve mais tarde escondida em casa dos pais de Jadwiga, a cerca de cem quilômetros de Varsóvia, na cidade de Pionki, e Michelina ficou escondida numa casa segura em Varsóvia. Jan e a mulher, Zofia Szelubski, então no final da gravidez, também estiveram refugiados nessa casa.

O inspetor local sabia que havia lá crianças judias: Michał Głowiński, *The Black Seasons*.

Quando os documentos falsos de Katarzyna chegaram: Alexandra Sližová, «Osudy zachráněných dětí Ireny Sendlerové», dissertação de mestrado, 2014, Masarykova University, http://is.muni.cz/th/383074/ff_b/BP_Alexandra_Slizova.pdf.

Não podemos aceitar a destruição espiritual dos nossos filhos: Nahum Bogner, «The Convent Children», 7.

...o enviado judeu foi quase de certeza o Dr. Adolf Berman: «Adolf Abraham Berman», Yad Vashem, www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%205996.pdf.

«São condições duras», retorquiu o médico: Nahum Bogner, «The Convent Children», 7.

Uma ou duas vezes, correu riscos tremendos: Alexandra Sližová, «Osudy zachráněných dětí

Ireny Sendlerová».

CAPÍTULO 10: AGENTES DA RESISTÊNCIA

«Silêncio», disse o homem desconhecido: IPN TV, «Relacja Piotra Zettingera o Ucieczce z Warszawskiego Getta» (entrevista em vídeo com Piotr Zettinger), www.youtube.com/watch?v=tY3WxXUiYzo.

«Ainda guardo a imagem do olhar bondoso e sábio dele»: Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

...Piotr foi para casa de Irena: Anna Poray, 2004, «Wacław and Irena Szyszkowski», *Polish Righteous*, www.savingjews.org/righteous/sv.htm.

«Trataram-me», conta Piotr, «como um filho»: «The Woman Who Smuggled Children from the Ghetto», *Jewniverse*, 15 de fevereiro de 2013, <http://thejewniverse.com/2013/the-woman-who-smuggled-children-from-the-ghetto>.

Piotr desapareceu num dos orfanatos católicos da rede de Irena: «Poles Saving Jews: Irena Sendlerowa, Zofia Kossak, Sister Matylda Getter», Mint of Poland, https://www.nbp.pl/en/banknoty/kolekcjonerskie/2009/2009_13_polacy_ratujacy_zydow_en.pdf

«Escondi o medo no bolso», disse depois: recortes de jornal, sem data, «Jaga Piotrowska» e «Stowarzyszenie Dzieci Holocaustu w Polsce», cortesia da Associação de «Crianças do Holocausto» na Polónia e de Mirosława Pałaszewska. Ver também «50 Razy Kara Śmierci: Z Jadwigą Piotrowską», 11 de maio de 1986, arquivos ZIH, Materiały Zabrane w Latach, 1995-2003, sygn. S/353.

«Onde quer que a deixe?»: Anna Mieszkowska, *Irena Sendler*, 82.

«O que se passava não podia ser mais horrível»: Janusz Korczak, «A Child's Right to Respect».

Estaria Irena disposta a orientar Jan Karski durante uma visita ao gueto?: «Address by Irena Sendler [*sic*]», Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia (entrevistas com Irena Sendler), www.dzieciholocaustu.org.pl/szab58.php?s=en_sendlerowa001_02.php.

Sob as fundações do edifício no número 6 da Rua Muranowska: E. Thomas Wood e Stanisław M. Jankowski, *Karski: How One Man Tried to Stop the Holocaust*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, Inc., 1994; Stanisław Wygodzki, «Epitaph for Krysia Liebman», *Jewish Quarterly* 16, vol. 1 (1968): 33.

Médicos e enfermeiras tinham tentado salvar os seus próprios pais idosos: Sharman Apt Russell, *Hunger: An Unnatural History*, Nova Iorque: Basic Books, 2006.

«Oferecer a alguém o nosso cianeto é um sacrifício verdadeiramente heroico»: Marek Edelman, «The Ghetto Fights».

Oitenta e cinco por cento da população original do gueto, um total de 450 979 pessoas: Jonas

Turkow, *Ala Gółomb Grynberg*.

Outros 30 000: «Deportations to and from the Warsaw Ghetto», *Holocaust Encyclopedia*, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005413.

Porém, em 1941, o movimento clandestino de resistência infiltrou-se no RGO: «Central Welfare Council, Poland», Yad Vashem, www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%205913.pdf.

Escondia crianças judias nos orfanatos da cidade: «K. Dargielowa», base de dados do gueto de Varsóvia, Centro Polaco de Pesquisa do Holocausto, http://warszawa.getto.pl/index.php?mod=view_record&rid=20051997191448000001&tid=osoby&lang=en.

Algumas eram as crianças que...: Jonas Turkow, *Ala Gółomb Grynberg*.

«Os nossos sentimentos em relação aos judeus não mudaram»: Joanna B. Michlic, *Poland's Threatening Other: The Image of the Jew from 1880 to the Present*. Lincoln: Universidade de Nebraska, 2008, 170. O «Protesto» circulou originalmente em Varsóvia em 1942 num panfleto clandestino, com uma tiragem de 5000 exemplares. As passagens antissemitas foram quase imediatamente eliminadas nesse ano, quando o texto foi reimpresso. Sobre a história desses cortes, ver também David Cesarani e Sarah Kavanaugh, *Holocaust: Responses to the Persecution*, 63. Devido a essas passagens, o texto completo e integral é difícil de obter; o material integral está reimpresso em alguns livros sobre o Holocausto, por exemplo, Sebastian Rejak e Elżbieta Frister, eds., *Inferno of Choices: Poles and the Holocaust*. Varsóvia: Oficyna Wydawnicza «Rytm», 2012, 34.

Em 1944 seriam pelo menos 300 000: Teresa Prekerowa, *Żegota: Commission d'aide aux Juifs*, trad. Maria Apfelbaum. Múnaco: Éditions du Rocher, 1999, 24.

Aleksander Kamiński e Izabela foram colaboradores próximos durante a guerra: Krzysztof Komorowski, *Polityka i walka: Konspiracja zbrojna ruchu narodowego*.

CAPÍTULO 11: ŻEGOTA

Os alemães tinham cortado os fundos dos serviços sociais: Marek Halter, *Stories of Deliverance: Speaking with Men and Women Who Rescued Jews from the Holocaust*. Chicago e La Salle, IL: Open Court, 1997, 9-11; citado em Mark Paul, «Wartime Rescue of Jews», 61-62.

O nome na porta dizia *Eugenia Wasowska*: «Życie Juliana Grobelnego», 3 de outubro de 2007, <http://grju93brpo.blogspot.ca/2007/10/ycie-juliana-grobelnego.html>; ver também Jerzy Korcza, *Oswajanie Strachu*, *Źródło: Tygodnik Powszechny*, 2007, excertos em <http://www.projectinposterum.org/docs/zegota.htm>.

...um homem fez-lhe sinal para entrar: Teresa Prekerowa, *Żegota: Commission d'aide aux Juifs*, *Polacy Ratujący Żydów w Latach II Wojny Światowej*, IPN (Instytut Pamięci Narodowej), Varsóvia, 2005, http://ipn.gov.pl/data/assets/pdf_file/0004/55426/1-21712.pdf.

«No decurso daquela reunião invulgar»: Marcin Mierzejewski, «Sendler's Children», *Warsaw*

Voice, 25 de setembro de 2003, www.warsawvoice.pl/WVpage/pages/article.php/3568/article.

Mais meio quilo de manteiga no mercado negro: Teresa Prekerowa, *Konspiracyjna Rada Pomocy Żydom w Warszawie, 1942-1945*. Varsóvia: PIW, 1982. Alguns capítulos foram traduzidos para inglês pela Fundação de Património Polaco Judaico do Canadá, www.polish-jewish-heritage.org/eng/teresa_preker_chapters1-2.htm.

«No outono de 1942, assumi o controlo da Divisão de Cuidados a Crianças»: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

Havia cerca de 60 000 judeus escondidos do lado ariano da cidade: Teresa Prekerowa, *Konspiracyjna Rada Pomocy Żydom w Warszawie*.

Nos dez meses seguintes – de dezembro de 1942 a outubro de 1943: *Ibid.*

O apartamento de Irena era sempre um último recurso para a rede: *Ibid.*

«Passavam-me pelas mãos vastas somas»: *Ibid.*

Entretanto, o filho adolescente do casal, Kryštof, juntara-se a um esquadrão de batedores de elite da resistência: Bohdan Hryniewicz, *My Boyhood War: Warsaw: 1944*. Stroud, UK: The History Press, 2015.

Passaram pela «sala de urgências» do seu apartamento mais de 20 judeus: Magdalena Grochowska, «Sendler's List».

Fora a própria Irena que o trouxera para este esconderijo em Świder: Irena Sendler, «O Pomocy Żydom», *Lewicowo*.

Como se atrevem a incomodar uma cristã polaca?!: *Ibid.*

Com a subtileza da juventude, começou a olhar fixamente para ela: Jerzy Korczak, *Oswajanie Strachu*. Varsóvia: Wydawnictwo Muza, 2007.

«Esquece que tens alguma coisa a ver com a tribo judaica»: Jerzy Korczak, *Oswajanie Strachu*.

...bem como Roman Bazechesa: «Otwoccy Sprawiedliwi», *Gazeta Otwocka*, julho de 2012, www.otwock.pl/gazeta/2012/sprawiedliwi.pdf.

Assim, o apartamento de Maria Kukulska tornou-se um ponto de encontro regular: *Ibid.*

Na antiga Casa da Moeda estatal, no número 18 da Rua Markowska: Guia de Praga, «Building of the Mint», www.warszawskapraga.pl/en/object_route.php?object_id=332.

Mais frequentemente, quando pensava que podia estar a ser seguida: Alanna Gomez, «Jan and Antonia Zabinski: The Zookeepers», Centro Canadano para Reforma Bioética, www.unmaskingchoice.ca/blog/2013/01/18/jan-and-antonia-zabinski-zookeepers.

As portas da casa de estuque branco do casal estavam sempre abertas: Vanessa Gera, «New Exhibition at Warsaw Zoo Honors Polish Couple Who Saved Jews During World War II».

Haaretz, 11 de abril de 2015, www.haaretz.com/jewish-world/jewish-world-features/1.651285.

Adam era um homem enérgico incapaz de estar parado: Otwocky Sprawiedliwi», *Gazeta Otwocka*, julho de 2012, www.otwock.pl/gazeta/2012/sprawiedliwi.pdf.

CAPÍTULO 12: À BEIRA DO PRECIPÍCIO

...por isso o som suave que despertou Irena do seu sono: os relatos desta história variam de fonte para fonte. Irena Sendler sugere numa entrevista de finais dos anos 60 que, embora ela estivesse presente, o sucedido podia ter tido lugar na casa de uma das suas conspiradoras mais próximas. Contudo, é mais provável que reduzisse o peso do seu papel nos acontecimentos, por modéstia e para proteger os vizinhos, numa época em que ela própria era sujeita a forte perseguição. Ver Irena Sendler, «O Pomocy Żydom».

«Por uma questão de segurança, eu era a única pessoa que lidava com os registos»: *Ibid.*

«É evidente que não consegue dormir de noite»: *Ibid.*

«A Jaga cuidou de mim como se fosse filha dela»: Halina Złotnicka [Goldsmith], «Czesc Tereska VI», Calendário Judaico, Almanaque 1990-1991, 138-146; recorte de imprensa, cortesia dos arquivos privados de Mirosława Pałaszewska; correspondência pessoal.

Precisavam de Irena na floresta nos arredores de Otwock: «Życie Juliana Grobelnego».

No final do outono, muitos no gueto estavam decididos a resistir pelas armas: *Journal of Emanuel Ringelblum*, 28.

Agora, toda a gente no gueto andava à procura de esconderijos engenhosos: Robert Rozett, «The Little-Known Uprising: Warsaw Ghetto, January», *Jerusalem Post*, 16 de janeiro de 2013, www.jpost.com/Opinion/Op-Ed-Contributors/The-little-known-uprising-Warsaw-Ghetto-January-1943.

Janka tratou de Józef o melhor que podia: «Odznaczenie za bohaterską postawę i niezwykłą odwagę», Gabinete do Presidente da Polónia, 16 de março de 2009, www.prezydent.pl/archiwum-lecha-kaczynskiego/aktualnosci/rok-2009/art,48,61,odznaczenie-za-bohaterska-postawe-i-niezwykla-odwage.html.

...os livros de contas de Adolf Bergman mostravam que o mesmo correio secreto: «A List (N.º VII) of Welfare Cases According to Caseload 'Cell' Heads», número de registo 240927, catálogo 6210, base de dados do Arquivo dos Combatentes do Gueto, www.infocenters.co.il/gfh/multimedia/FilesIdea/%D7%90%D7%95%D7%A1%20006210.pdf.

«Que é isto?» perguntou, indignado: Irena Sendler, «O Pomocy Żydom».

«Não quero estar aqui», murmurou: *Ibid.*

«Não me lembro exatamente do que andava a fazer»: citada em Michał Głowiński, *The Black Seasons*, 115.

«Minha querida, esse cartaz estava no gueto»: *The Last Eyewitnesses*.

«Sei disso porque passei um dia no gueto com os meus pais»: *Ibid*.

Stefania acabou por ser fuzilada nas ruas do gueto: «Zamordowani w różnych rejonach Warszawy», *Więźniowie Pawiaka [Vítimas de Pawiak em Varsóvia]*, 1939-1944, www.stankiewicz.com/pawiak/warszawa4.htm.

Era uma bonita manhã de maio, ainda cedo: cortesia dos arquivos privados de Mirosława Pałaszewska e ainda dos arquivos da Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia.

«Nessa manhã, em nossa casa», explicou: cortesia dos arquivos privados de Mirosława Pałaszewska e ainda dos arquivos da Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia.

«Fi-lo eu própria», recordou depois: cortesia dos arquivos privados de Mirosława Pałaszewska; correspondência pessoal.

Os vizinhos e os seus hóspedes foram fuzilados no cruzamento: Teresa Prekerowa, *Żegota: Commission d'aide aux Juifs*; Israel Gutman, *The Encyclopedia of the Righteous Among the Nations*. Jerusalém: Yad Vashem, 2007, vol. 5 (Polónia), pt. 2, 611-12.

...eram pais de um menino judeu chamado Michal Glowński: Alexandra Sližová, «Osudy zachráněných dětí Ireny Sendlerové».

«Penso constantemente que deparei com um verdadeiro milagre»: Michał Głowiński, *Black Seasons*.

...«uma experiência lancinante para os pequenos heróis»: *Ibid*.

CAPÍTULO 13: A INSURREIÇÃO DE ALA

A roda gigante elevava os jovens casais de namorados polacos: Estas imagens foram inspiradas no poema «Campo dei Fiori», de Czesław Miłosz.

Já ninguém duvidava desses rumores: «The Warsaw Ghetto Uprising», Yad Vashem, www.yadvashem.org/yv/en/education/newsletter/30/warsaw_ghetto_uprising.asp.

Adolf e Leon levaram granadas e armas: Władysław Bartoszewski, *The Warsaw Ghetto*.

...usaram garrafas incendiárias para atacar as colunas alemãs: Marek Edelman, «The Ghetto Fights».

«Rebentámos com os tanques alemães e com as tropas alemãs»: *Ibid*.

...levavam granadas escondidas «na roupa interior até ao último momento»: «The Warsaw Ghetto: Stroop's Report on the Battles in the Warsaw Ghetto Revolt [16 de maio de 1943]», Biblioteca Virtual Judaica, www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/sswarsaw.html.

«Quando lançámos as nossas granadas e vimos sangue alemão»: transcrições do julgamento de Eichmann, Projeto Nizkor, www.nizkor.org/hweb/people/e/eichmann-adolf/transcripts/Sessions/Session-025-04.html.

...«a primeira diversão a sério que os alemães proporcionavam»: David Danow, *The Spirit of Carnival: Magical Realism and the Grotesque*. Lexington: University of Kentucky Press, 2005.

Enquanto os prédios explodiam, cá fora, faziam-se apostas: *Ibid.*

«Dá-me algumas moradas para onde possamos levar as pessoas que conseguirem chegar ao lado ariano»: Teresa Prekerowa, *Żegota: Commission d'aide aux Juifs*.

O Żegota consegue transmitir as moradas à organização de combatentes judeus?: Ibid.

Irena esperou junto de tampas de esgoto: Anna Mieszkowska, *Prawdziwa Historia Ireny Sendlerowej*, 127.

Ala trabalhava diretamente com ele e com outras pessoas na resistência judaica: Jonas Turkow, *Ala Gólbomb Grynberg*.

No dia 8 de maio de 1943, perto do fim: algumas fontes referem a data de 9 de maio.

«Não havia ar, apenas um fumo negro sufocante e um calor intenso»: Marek Edelman, «The Ghetto Fights».

«As chamas agarram-se às nossas roupas»: *Ibid.*

«Irmãos, por favor ajudem-nos!»: *Ibid.*

...«percorreram durante 20 horas, meio a andar, meio a rastejar»: «Marek Edelman: Last Surviving Leader of the 1943 Warsaw Ghetto Uprising Against the Nazis», *Independent*, 7 de outubro de 2009, www.independent.co.uk/news/obituaries/marek-edelman-last-surviving-leader-of-the-1943-warsaw-ghetto-uprising-against-the-nazis-1798644.html.

«Judeus, bandidos e sub-humanos foram destruídos»: Marian Apfelbaum, *Two Flags: Return to the Warsaw Ghetto*. Nova Iorque: Gefen Publishing, 2007, 317.

O governador-geral informou orgulhosamente: *Ibid.*

...o Hotel Polski era um edifício degradado de quatro pisos no número 29 da Rua Długa: para um relato mais completo sobre o Hotel Polski, ver Abraham Shulman, *The Case of Hotel Polski: An Account of One of the Most Enigmatic Episodes of World War II*. Nova Iorque: Holocaust Library, 1982.

Constava também que o hotel estava a ser preparado como uma espécie de terreno neutro: «Adam Żurawin», base de dados do gueto de Varsóvia, Centro Polaco de Pesquisa do Holocausto, http://warszawa.getto.pl/index.php?mod=view_record&rid=27032003204554000076&tid=osoby&lang=en.

Irena estava convencida de que Wiera era informadora da Gestapo: Andrew Nagorski, «‘Vera Gran: The Accused’ by Agata Tuszynska», crítica, *Washington Post*, 22 de março de 2013, www.washingtonpost.com/opinion/vera-gran-the-accused-by-agata-tuszynskatranslated-from-the-french-of-isabelle-jannes-kalinowski-by-charles-ruas/2013/03/22/6dce6116-75f2-11e2-8f84-3e4b513b1a13_story.html.

«judia, dançarina de cabaré antes da guerra»: Wiera Gran afirmou depois da guerra nunca ter sido colaboradora, e o tema tem sido alvo de alguma controvérsia, como analisa o artigo de Andrew Nagorski, entre outros. Nas suas recordações, na velhice, Wiera Gran acusou o pianista Władysław Szpilman de ter sido ele próprio um colaborador. De forma geral, os estudiosos julgam que se trata apenas de uma tática de diversão e possivelmente reflexo da idade avançada de Wiera Gran e de décadas de animosidade. A publicação da biografia levou o filho de Szpilman a protestar contra esta acusação ao pai. Em 1983, Irena Sendler também acusou Wiera Gran num testemunho por escrito ao Professor Dr. Horn Maurycy, diretor do Instituto Histórico Judaico em Varsóvia (ficheiro A.051/488/80): www.veragran.com/sendler1pdf.pdf e www.veragran.com/sendler2pdf.pdf. Jonas Turkow, salvo por Ala Gołąb-Gryberg e autor da sua única biografia, também acusou Wiera Gran depois da guerra de atividades colaboracionistas.

«Wiera Gran, atriz de cabaré [...], trabalhava para a Gestapo ao lado de Leon Skosowski»: «New Book Full of ‘Lies and Libel’ Says Son of Wladyslaw Szpilman», *Polskie Radio*, transmissão e transcrição, 5 de novembro de 2011, www2.polskieradio.pl/eo/dokument.aspx?iid=142897.

«Um homem maravilhoso teve uma morte de mártir»: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

Aí, os prisioneiros trabalhavam no fabrico de uniformes militares alemães: Lawrence N. Powell, *Troubled Memory: Anne Levy, the Holocaust, and David Duke’s Louisiana*. Charlotte: University of North Carolina Press, 2002, 249; Deborah Charniewitch-Lubel, «Kolno Girls in Auschwitz», em *Kolno Memorial Book*, eds. Aizik Remba e Benjamin Halevy. Telavive: Kolner Organization and Sifirat Poalim, 1971, www.jewishgen.org/Yizkor/kolno/kole056.html.

Chaja Estera Stein foi a primeira das duas filhas adotivas de Irena: Jadwiga Rytłowa, «Chaja Estera Stein [Teresa Tucholska-Körner]: ‘The First Child of Irena Sendler’», Museu da História dos Judeus Polacos, 14 de setembro de 2010, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/your-stories/360,chaja-estera-stein-teresa-tucholska-k-rner-the-first-child-of-irena-sendler-/.

Zofia e Stanisław tinham quatro filhos: Irena Sendler, «O Pomocy Żydom».

CAPÍTULO 14: ALEJA SZUCHA

Regina Mikelberg, e a irmã desta: *Ibid.* Ver também Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «The Stolarski Family», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/123,the-stolarski-family/.

É uma lista das nossas crianças; esconde-a em qualquer lado: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Irena Sendler», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/pl/cms/biografia-83/.

Irena conseguiu por fim convencer os agentes de que Janka era uma hóspede inocente de fora da cidade: Irena Sendler, «O Pomocy Żydom».

Era o que as pessoas nas ruas de Varsóvia chamavam ao complexo quadrado e cinzento:

Wanda D. Lerek, *Hold on to Life, Dear: Memoirs of a Holocaust Survivor*. S.l.: W. D. Lereck, 1996.

Pouco depois, o corredor enchia-se de gritos de terror: Holocaust Education & Archive Research Team, «Gestapo Headquarters: Szucha Avenue and Pawiak Prison – Warsaw», 2007, www.holocaustresearchproject.org/nazioccupation/poland/pawaiak.html; embora não seja um *site* acadêmico, este recurso inclui uma boa coleção de fotografias históricas de Pawiak e um excelente sumário.

«Ouvíamos perguntas secas, o murmúrio de respostas»: *Ibid.*

No primeiro dia de detenção, os prisioneiros eram severamente espancados: Anna Czuperska-Śliwicka, *Cztery Lata Ostrego Dyżuru: Wspomnienia z Pawiaka, 1930-1944*. Varsóvia: Czytelnik, 1965; ver também Museu de Pawiak, Varsóvia, materiais em exposição, 2013.

Os prisioneiros destinados aos campos de concentração de Ravensbrück ou Auschwitz: Regina Domańska, *Pawiak, Więzienie Gestapo: Kronika 1939-1944*. Varsóvia: Książka i Wiedza, 1978; ver também Anna Czuperska-Śliwicka, *Cztery Lata Ostrego Dyżuru*, e Museu de Pawiak, Varsóvia, materiais em exposição, 2013.

Na sua cela, nessa primeira noite, Irena e a vizinha, Basia Dietrich: «Barbara Dietrych-Wachowska», biografia *online*, http://pl.cyclopaedia.net/wiki/Barbara_Dietrych-Wachowska. Algumas fontes dizem que Helena Pęchcin e Barbara Dietrych-Wachowska foram detidas em agosto. Segundo outras fontes, as duas mulheres foram presas poucos dias antes de Irena. No entanto, pessoas que conheciam Irena pessoalmente dizem que as três mulheres foram detidas no mesmo dia, na rusga resultante da exposição da lavanderia como correio. Seja como for, o certo é que Irena Sendler e Basia Dietrich partilharam uma cela em Pawiak nessa altura. Obrigada também ao falecido Yoram Gross por esta pesquisa, comunicação pessoal.

Na primavera de 1943, quando as Forças Especiais Insurgentes se juntaram às operações do Exército Nacional: Mirosław Roguszewski, *Powstańcze Oddziały Specjalne «Jerzyki» w latach 1939-1945*. Bydgoszcz: s.e., 1994.

A janela do gabinete apertado para onde foi conduzida dava para as ruínas do gueto: Anna Czuperska-Śliwicka, *Cztery Lata Ostrego Dyżuru*.

«Estamos a fazer tudo o que podemos para te tirar desse inferno»: Irene Tomaszewski e Teci Werbowski, *Code Name: Żegota*.

Pouco tempo depois, tinha os ossos das pernas e dos pés partidos: «Gestapo Torture of Jews in Warsaw Prisons Reported, List of Guilty Nazis», 19 de outubro de 1942, Agência Telegráfica Judaica, www.jta.org/1942/10/19/archive/gestapo-torture-of-jews-in-warsaw-prisons-reported-list-of-guilty-nazis-published.

«Poder-se-ia dizer que era uma ambulância»: Museu de Pawiak, materiais em exposição, 2013.

«Não andavam preocupados só comigo»: Irene Tomaszewski e Teci Werbowski, *Code Name: Żegota*, 58.

«Está em Szucha, talvez já em Pawiak»: Jerzy Korczak, *Oswajanie Strachu*.

A incansável Ala Gołąb-Grynberg também estava viva: Jonas Turkow, *Ala Gółomb Grynberg*.

Depois, quase 15 000 trabalhadores deitaram-se juntos dentro das trincheiras: «Aktion Erntefest» [Operação «Festival das Colheitas»], *Holocaust Encyclopedia*, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005222.

Helena, como Irena costumava dizer, estava sempre «cheia de iniciativas»: Teresa Prekerowa, *Żegota: Commission d'aide aux Juifs*.

No dia 25 de novembro, Jadwiga visitava uns refugiados judeus: Władysław Bartoszewski e Zofia Lewinówna, *Ten jest z ojczyzny mojej: Polacy z pomocą Żydom, 1939-1945*. Varsóvia: Świat Książki, 2007, 370.

Basia e Zbigniew foram executados em público nesse dia: «Irenę Sendlerową i Barbarę Ditrich: niezwykle sąsiadki z ul. Ludwiki wspomina Barbara Jankowska-Tobijasiewicz», *Urząd Dzielnicy Wola*, 28 de janeiro de 2010, 46/347, www.wola.waw.pl/page/341,internetowe-wydanie-kuriera-wolskiego-wszystkie-numery.html?date=2010-01-00&artykul_id=394; contém o testemunho de Barbara Jankowska-Tobijasiewicz, que em criança viveu no prédio de Irena Sendler e Basia Dietrich.

Jadwiga foi executada nas ruínas do gueto: Marcin Mierzejewski, «Sendler's Children», *Warsaw Voice*, 25 de setembro de 2003, www.warsawvoice.pl/WVpage/pages/article.php/3568/article. Ver também Yad Vashem, «Deneko Family: Rescue Story», *The Righteous Among the Nations*, <http://db.yadvashem.org/righteous/family.html?language=en&itemId=4014550>.

«Um dia, ouvi o meu nome»: Teresa Prekerowa, *Żegota: Commission d'aide aux Juifs*.

CAPÍTULO 15: A EXECUÇÃO DE IRENA

«Está livre. Salve-se, depressa»: *Ibid.*

«Sua rufia miserável, desapareça», rosou, e deu-lhe um soco na boca: Irena Sendler, notas autobiográficas, arquivos ZIH, Materialy Zabrane w Latach, 1995-2003, sygn. S/353, ficheiro IS-04-85-R.

«Não consegui continuar»: *Ibid.*

«Fui tão ingénu», disse Irena mais tarde: Irena Sendler, «O Pomocy Żydom».

«Morremos por dentro, com o medo», contou Irena depois: *Ibid.*

«Não sei quanto tempo demorou – os minutos pareciam uma eternidade – até ouvirmos o som de passos a correr»: *Ibid.*

«Estavam outra vez à tua procura»: *Ibid.*

...nos arquivos do Exército Nacional há uma descrição da sua aparência: Delegação

Governamental da Polónia, ficheiros de arquivo, assinatura 202 / II-43, Departamento do Interior, rpt. Krzysztofa Komorowskiego, *Polityka i Walka: Konspiracja Zbrojna Ruchu Narodowego, 1939-1945*. Varsóvia: Oficyna Wydawnicza «Rytm», 2000; ver *Żołnierze Przekleci Nacjonalizm zabija*, 20 de dezembro de 2013, <https://zolnierzeprzekleci.wordpress.com/listy-nienawisci>.

Passou algum tempo com o tio, perto de Nowy Sącz: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Irena Sendler», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/biography-83/.

...esteve outra vez um tempo no bairro de Praga: Diane Ackerman, *The Zookeeper's Wife*, 196.

...Maria Palester, com o seu jogo de *bridge* semanal: Halina Grubowska, correspondência pessoal/entrevista.

Foi Malgorzata Palester, a filha de 14 anos de Maria: Janina Goldhar, correspondência pessoal.

«O Żegota enviou-me cartas em que garantiam estar a fazer os possíveis por me libertar»: «Fundacja Taubego na rzecz Życia i Kultury Żydowskiej przedstawia Ceremonię Wręczenia Nagrody im. Ireny Sendlerowej», programa de 2013.

«Pelas minhas cartas, sabiam apenas que os alemães não o tinham encontrado»: *Ibid.* Ver também Anna Mieszkowska, *Prawdziwa Historia Ireny Sendlerowej*.

A casa de Zofia e Stanisław: Joanna Papuzińska-Beksiak, Muzeum Powstania Warszawskiego, arquivos de história oral, 13 de janeiro de 2012, http://ahm.1944.pl/Joanna_Papuzinska-Beksiak/1. Os detalhes são em grande medida retirados desta entrevista de história oral.

Entrou em ação e transferiu Estera: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Chaja Estera Stein», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/your-stories/360,chaja-estera-stein-teresa-tucholska-k-rner-the-firstchild-of-irena-sendler-/.

Julian e Halina Grobelny tinham uma pequena casa de campo: Yad Vashem, «Grobelny Family: Rescue Story», *The Righteous Among the Nations*, db.yadvashem.org/righteous/family.html?language=en&itemId=4034600.

Majkowski [...] levou comida extra e medicamentos para dentro da prisão: «Życie Juliana Grobelnego», RelatioNet, 3 de outubro de 2007, <http://grju93brpo.blogspot.ca/2007/10/ycie-juliana-grobelnego.html>.

O Żegota – através de mais um suborno astronómico – conseguiu retirar Julian: Teresa Prekerowa, *Żegota: Commission d'aide aux Juifs*.

...no apartamento de Stefan Wichliński: Anna Mieszkowska, *Prawdziwa Historia Ireny Sendlerowej*.

«Tive de raptar a minha mãe da nossa casa»: «Irena Sendlerowa», Associação das «Crianças

do Holocausto» na Polónia.

«Onde está a filha da morta?»: *Ibid.*

«Foi um SOS desesperado»: *Ibid.*

. ..as mulheres desenterraram as listas escondidas no jardim de Jaga: «Irena Sendlerowa», Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia.

CAPÍTULO 16: VARSÓVIA EM GUERRA

...o marido de Janka Grabowska, Józef: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «The Stolarski Family», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/123,the-stolarski-family/.

Os soviéticos também acabaram por impedir que os outros Aliados: Alexandra Richie, *Warsaw 1944: Hitler, Himmler, and the Warsaw Uprising*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, Nova Iorque, 2013, recensão de Irene Tomaszewski, *Cosmopolitan Review* 6, n.º 1 (2014), <http://cosmopolitanreview.com/warsaw-1944>.

Nas palavras de um general, Władysław Anders: *Ibid.*

...aviões da Luftwaffe, com sinistras cruces negras pintadas no ventre: Zygmunt Skarbek-Kruszewski, *Bellum Vobiscum: War Memoirs*, ed. Jurek Zygmunt Skarbek, s.l.: Skarbek Consulting Pty Ltd, 2001.

...«quase toda a cidade de Varsóvia é um mar de chamas»: Diário de Hans Frank, Arquivos Nacionais dos Estados Unidos, Washington, DC, publicação T992, microfilme, www.archives.gov/research/captured-german-records/microfilm/t992.pdf.

«Disparavam contra nós enquanto passávamos»: Comissão Central de Investigação de Crimes Alemães na Polónia, *German Crimes in Poland*. Nova Iorque: Howard Fertig, 1982.

...a Dra. Maria Skokowska, e uma jovem judia chamada Jadzia Pesa Rozenholc: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Irena Sendler», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/biography-83/.

No dia seguinte, deitaram mãos ao trabalho e montaram um hospital de campanha: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Maria Palester», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/434,palester-maria/.

Krištof Palester desapareceu, para voltar a juntar-se ao batalhão «Guarda-Sol»: memórias de Andrzej Rafał Ulankiewicz, «‘Warski II’: Battalion ‘Parasol’ [Guarda-Sol]», citado em *Warsaw Uprising 1944*, www.warsawuprising.com/witness/parasol.htm. Uma dessas jovens era Maria Stypułkowska, nome de código «Kama». Juntara-se ao Exército Nacional aos 17 anos, como mensageira, e já era uma assassina e sabotadora lendária. A execução de Franz Kutschera, alemão das SS e chefe da polícia do Reich em Varsóvia, a 1 de fevereiro de 1944, foi obra de Maria. Maria sobreviveu à guerra para contar as suas histórias; ver, por exemplo, o seu testemunho em vídeo, «Maria ‘Kama’ Stypułkowska-Chojecka Popiera Komorowskiego – a Ty?», gravado por Bronisław Komorowski, 27 de maio de 2010,

www.youtube.com/watch?v=LOQaeuv9b6Y.

«Era uma pessoa completamente diferente», recordou Irena: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

Oficiais das SS embriagados faziam incursões nos abrigos em caves: Zygmunt Skarbek-Kruszewski, *Bellum Vobiscum*.

Um soldado alemão trespassou a perna de Irena com a baioneta: Anna Mieszkowska, *Prawdziwa Historia Ireny Sendlerowej*.

Jaga Piotrowska entrou em prédios em chamas, durante a destruição da sua rua: arquivos de Mirosława Pałaszewska e correspondência pessoal.

A aniquilação de Varsóvia incluiu a destruição da casa de Jaga: arquivos de Mirosława Pałaszewska.

...havia 30 refugiados escondidos na clínica improvisada com Irena e Adam e a família Palester: Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Irena Sendler», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/biography-83/.

Deitava pus: Anna Mieszkowska, *Prawdziwa Historia Ireny Sendlerowej*.

«Ela tratou-me como uma filha», diria Anna mais tarde, ao falar de Irena: Magdalena Grochowska, «Lista Sendlerowej».

«Mesmo depois da liquidação final [do gueto], agarrámo-nos a contos de fadas sobre *bunkers* subterrâneos»: Ada Pagis, «A Rare Gem», *Haaretz*, 9 de maio de 2008, www.haaretz.com/arare-gem-1.245497; artigo de *Ir betoch ir [A Cidade dentro da Cidade]*, diário de Batia Temkin-Berman, trad. Uri Orlev. Jerusalém: Yad Vashem, 2008.

Segundo o Yad Vashem, apenas 5000 crianças desse milhão sobreviveram à guerra na Polónia: *The Last Eyewitnesses: Children of the Holocaust Speak*, ed. Wiktoria Śliwowska, trad. Julian e Fay Bussgang. Evanston: Northwestern University Press, 1999.

«Nunca mais falou daquelas coisas», disse Irena mais tarde: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

CAPÍTULO 17: COMO AS HISTÓRIAS ACABARAM

O coração humano não é simples nem simétrico: Arash Kheradvar e Gianni Pedrizzetti, *Vortex Formation in the Cardiovascular System*. Nova Iorque: Springer, 2012.

Irena nunca esqueceu as palavras de Józef quando lhe entregou Piotr: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

«A minha certidão de nascimento é uma pequena colher de prata onde estão gravados o meu nome e data de nascimento»: «Elżbieta Ficowska», testemunho, Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, www.dzieciholocaustu.org.pl/szab58.php?s=en_myionas_11.php.

«Se a minha tia não tivesse visto a morada numa encomenda»: Michał Głowiński, *The Black*

Seasons.

«Mas ainda não consigo escrever sobre a minha estada no gueto de Varsóvia»: *Ibid*.

Depois da guerra, a filha pequena de Ala, Rami Goląb-Grynberg, ficou com o tio: correspondência pessoal.

Em 1945, Varsóvia era uma cidade árida, sem árvores: A. M. Rosenthal, «The Trees of Warsaw», *New York Times*, www.nytimes.com/1983/08/07/magazine/the-trees-of-warsaw.html.

As listas, tal como os diários e livros de contabilidade de Irena, tal como tanta outra coisa na cidade, perderam-se para sempre: «Fundacja Taubego na rzecz Życia i Kultury Żydowskiej przedstawia Ceremonię Wręczenia Nagrody im. Ireny Sendlerowej», programa de 2013. Também arquivos de Mirosława Pałaszewska e correspondência pessoal.

Irena entregou a lista ao Dr. Adolf Berman: *Ibid*. Ver também obituário, «Irena Sendler, Saviour of Children in the Warsaw Ghetto, Died on May 12th, Aged 98», *Economist*, 24 de maio de 2008, www.economist.com/node/11402658.

«Deixem-me reforçar enfaticamente que nós, os que salvámos as crianças, não somos nenhuns heróis»: «Irena Sendlerowa», Associação de «Crianças do Holocausto» na Polónia.

Jaga Piotrowska e Jan Dobraczyński também fizeram listas das crianças judias: Arquivos de Mirosława Pałaszewska e correspondência pessoal; também Michał Głowiński, *The Black Seasons*, 87.

«Quando a Polónia foi libertada, em 1945, a comunidade judaica foi restabelecida»: Arquivos de Mirosława Pałaszewska; também Michał Głowiński, *The Black Seasons*, 86.

«Durante a conversa», disse Jaga, «acusaram-nos»: *Ibid*.

Quando Mietek foi libertado, do campo de prisioneiros de guerra na Alemanha e regressou à Polónia, Irena estava grávida de cinco meses: Iwona Rojek, «To była matka całego świata – córka Ireny Sendler opowiedziała nam o swojej mamie», *Echo Dnia Ślętokrzyskie*, 9 de dezembro de 2012, www.echodnia.eu/swietokrzyskie/wiadomosci/kielce/art/8561374,to-byla-matkacalego-swiata-corka-ireny-sendler-opowiedziala-nam-o-swojej-mamie,id,t.html.

...a mãe judia de Adam, Leokadia, ficou furiosa: Anna Mieszkowska, *Prawdziwa Historia Ireny Sendlerowej*.

...«a estrela mais brilhante nas trevas da ocupação»: Michał Głowiński, *The Black Seasons*.

CODA: A HISTÓRIA DESAPARECIDA DE IRENA SENDLER, 1946-2008

«Há alturas em que ela me evita», escreveu Irena, sobre essa longa amizade no pós-guerra: Irena Sendler, «Youth Associations of the Warsaw Ghetto».

«Nos meus sonhos», disse, «ainda oiço os gritos delas»: Joseph Bottum, «Good People, Evil

Times: The Women of Żegota», *First Things*, 17 de abril de 2009, www.firstthings.com/blogs/firstthoughts/2009/04/good-people-evil-times-the-women-of-zegota.

Quando Adam Celnikier morreu de problemas cardíacos em 1961: Anna Mieszkowska, *Prawdziwa Historia Ireny Sendlerowej*, 20.

...o Yad Vashem, organização responsável pelas memórias do Holocausto em Israel, concedeu a Irena Sendler: Alexandra Sližová, «Osudy zachráněných dětí Ireny Sendlerové».

A seu tempo, o mesmo aconteceu a Jaga Piotrowska, Maria Kukulska: «Fundacja Taubego na rzecz Życia i Kultury Żydowskiej przedstawia Ceremonię Wręczenia Nagrody im. Ireny Sendlerowej», programa de 2013.

«Calculamos (hoje, 40 anos depois, é difícil dizer com exatidão) que o Żegota terá ajudado»: Magdalena Grochowska, «Lista Sendlerowej».

«Sempre que alguém dizia que ela tinha salvado a vida de 2500 crianças judias»: Yoram Gross, correspondência pessoal.

«Quero que toda a gente saiba que, embora eu coordenasse os nossos esforços, éramos entre 20 e 25 pessoas»: Joachim Wieler, «The Long Path to Irena Sendler».

Depois da guerra, quando Irena fez uma lista das pessoas em Varsóvia: Magdalena Grochowska, «Lista Sendlerowej».

«Se soubéssemos», disse ao público nesse dia, «os nomes de todas as pessoas nobres que arriscaram a vida para salvar judeus»: Hans G. Furth, «One Million Polish Rescuers of Hunted Jews?», *Journal of Genocide Research* 1, n.º 2 (1999): 227-32.

«Só posso recorrer às memórias que os acontecimentos daqueles tempos deixaram gravadas na minha mente»: Irena Sendler, notas autobiográficas, arquivos ZIH, Materiały Zabrane w Łatach, 1995-2003, sygn. S/353, ficheiro IS-04-85-R.

Em 2003, algumas das crianças que ela ajudou a salvar escreveram uma carta conjunta: Aleksandra Zawłocka, «The Children of Ms. Sendler», Fundação do Património Polaco-Judaico do Canadá, www.polish-jewish-heritage.org/eng/The_Children_of_Ms_Sendler.htm; também Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Irena Sendler», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/biography-83/.

«Os heróis», disse, «são pessoas que fazem coisas extraordinárias»: Scott T. Allison, George R. Goethals, *Heroes: What They Do and Why We Need Them*. Oxford: Oxford University Press, 2010, 24.

«Um corpo pequeno, com espírito determinado, movido por uma fé insaciável na sua missão, pode alterar o rumo da História»: Anil Dutta Mishra, *Inspiring Thoughts of Mahatma Gandhi*. Deli: Concept Publishing, 2008, 36.

Fontes adicionais consultadas para este livro: Halina Grubowska, *Ta, Która Ratowała Żydów: rzecz o Irenie Sendlerowej*, Varsóvia: Żydowski Instytut Historyczny im. Emanuela Ringelbluma,

2014; Władysław Bartoszewski, «Powstanie Ligi do Walki z Rasizmem w 1946 r.», *Więź* (1998): 238-45; Tomasz Szarota, «Ostatnia Droga Doktora: Rozmowa z Ireną Sendlerową», *Historia*, vol. 21, 24 de maio de 1997, 94; Janina Sacharewicz, «Irena Sendlerowa: Działanie z Potrzeby Serca», *Słowo Żydowskie*, 20 de abril de 2007; Mary Skinner, *Irena Sendler: In the Name of Their Mothers* (documentário), 2011; «Bo Ratowała Życie», *Gość Warszawski*, n.º 6, 11 de fevereiro de 2007; e Abhijit Thite, *The Other Schindler... Irena Sendler: Savior of the Holocaust Children*, trad. Priya Gokhale, Pune, Índia: Ameya Prakashan, 2010.

Bibliografia

- [Anón.] Associação de Varsóvia do Instituto Histórico Judaico, Projeto Virtual Shtetl, «Janusz Korczak's Orphanage in Warsaw», trad. Ewelina Gadomska, <http://www.sztetl.org.pl/en/article/warszawa/39,heritage-sites/3518,janusz-korczak-s-orphanage-in-warsaw-92-krochmalna-street-until-1940/>.
- [Anón.] «Barbara Dietrych Wachowska», http://pl.cyclopaedia.net/wiki/Barbara_Dietrych-Wachowska.
- [Anón.] «Bo Ratowała Życie», *Gość Warszawski*, n.º 6, 11 de fevereiro de 2007.
- [Anón.] «Central Welfare Council», Polónia, Yad Vashem, www.yadvashem.org/odot_pdf/Microsoft%20Word%20-%205913.pdf.
- [Anón.] «Deportations to and from the Warsaw Ghetto», Holocaust Encyclopedia, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005413.
- [Anón.] «Directive N.º 1 for the Conduct of the War», Projeto Avalon: Yale Law School, <http://www.yale.edu/lawweb/avalon/imt/document/wardir1.htm>.
- [Anón.] «Edwin Weiss», base de dados do gueto de Varsóvia, Centro Polaco de Pesquisa do Holocausto, http://warszawa.getto.pl/index.php?mod=view_record&rid=09121996103042000001&tid=osoby.
- [Anón.] «Fundacja Taubego na rzecz Życia i Kultury Żydowskiej przedstawia Ceremonię Wręczenia Nagrody im. Ireny Sendlerowej», programa de 2013, Museu da História dos Judeus Polacos, http://nagrodairesendlerowej.pl/dir_upload/download/thumb/9b515fb73c99cb31408f589b0b27.pdf.
- [Anón.] «Gestapo Headquarters: Szucha Avenue and Pawiak Prison-Warsaw», 2007, Holocaust Education & Archive Research Team, www.holocaustresearchproject.org/nazioccupation/poland/pawaiak.html.
- [Anón.] «Gestapo Torture of Jews in Warsaw Prisons Reported, List of Guilty Nazis», 19 de outubro de 1942, Agência Telegráfica Judaica, www.jta.org/1942/10/19/archive/gestapo-torture-of-jews-in-warsaw-prisons-reported-

[list-of-guilty-nazis-published.](#)

- [Anón.] «Grojanowski Report», Yad Vashem, www.yadvashem.org/odot_pdf/microsoft%20word%20-%206317.pdf.
- [Anón.] IPN TV, «Relacja Piotra Zettingera o Ucieczce z Warszawskiego Getta» (entrevista em vídeo com Piotr Zettinger), www.youtube.com/watch?v=tY3WxXUiYzo.
- [Anón.] «Irena Sendler Award for Repairing the World», descrição do programa, Centrum Edukacji Obywatelskiej, www.ceo.org.pl/pl/sendler/news/program-description.
- [Anón.] «Irena Sendler, Saviour of Children in the Warsaw Ghetto, Died on May 12th, Aged 98», *Economist*, 24 de maio de 2008, www.economist.com/node/11402658.
- [Anón.] «Irena Sendlerowa», Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, www.dzieciholocaustu.org.pl/szab58.php?s=en_sendlerowa.php.
- [Anón.] «Jadwiga Maria Józefa Piotrowska», base de dados Geni, <http://www.geni.com/people/Jadwiga-Piotrowska/6000000015472386167>.
- [Anón.] «Janusz Korczak: A Polish Hero at the Jewish Museum», *Culture 24*, 7 de dezembro de 2006, www.culture24.org.uk/history-and-heritage/art41997.
- [Anón.] «Janusz Korczak», Adam Mickiewicz Institute, Varsóvia, www.diapozytyw.pl/en/site/ludzie/.
- [Anón.] «Judischer Ordnungsdienst», *This Month in Holocaust History*, Yad Vashem, www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/this_month/resources/jewish_police.asp.
- [Anón.] «K. Dargielowa», base de dados do gueto de Varsóvia, Centro Polaco de Pesquisa do Holocausto, http://warszawa.getto.pl/index.php?mod=view_record&rid=20051997191448000001&tid=osoby&lang=en.
- [Anón.] «Life and Activity of Helena Twóczość Radlińskie», http://sciaga.pl/tekst/69744-70-zycie_twoczosc_i_dzialalnosc_heleny_radlinskiej.
- [Anón.] «Marek Edelman: Last Surviving Leader of the 1943 Warsaw Ghetto Uprising Against the Nazis», *Independent*, 7 de outubro de 2009, www.independent.co.uk/news/obituaries/marek-edelman-last-surviving-leader-of-the-1943-warsaw-ghetto-uprising-against-the-nazis-1798644.html.
- [Anón.] «Maria Palester», Museu da História dos Judeus Polacos, <http://www.sprawiedliwi.org.pl/en/family/434,palester-maria/>.
- [Anón.] «Nachum Remba», base de dados do gueto de Varsóvia, Centro Polaco de Pesquisa do Holocausto, <http://warszawa.getto.pl/index.php?>

[mod=view_record&rid=0501190415533500002&tid=osoby&lang=en.](http://www.polskieradio.pl/eo/dokument.aspx?iid=142897)

- [Anón.] «New Book Full of ‘Lies and Libel’ Says Son of Wladyslaw Szpilman», *Polskie Radio*, transmissão e transcrição, 5 de novembro de 2011, www2.polskieradio.pl/eo/dokument.aspx?iid=142897.
- [Anón.] «Otwoccy Sprawiedliwi», *Gazeta Otwocka*, julho de 2012, www.otwock.pl/gazeta/2012/sprawiedliwi.pdf.
- [Anón.] «Piotrków: Pamiątkowa tablica ku czci Sendlerowej», *ePiotrkow.pl*, www.epiotrkow.pl/news/Piotrkow-Pamiatkowa-tablica-ku-czci-Sendlerowej-,2801.
- [Anón.] «Rediscover Polish Scouting», Associação de Escoteiros e Guias Polacos, http://issuu.com/zhp_pl/docs/rediscoverpolishscouting.
- [Anón.] «Stanisława Bussold», Museu da História dos Judeus Polacos, www.sprawiedliwi.org.pl/pl/family/331,bussold-stanislaw/.
- [Anón.] «Terror Against the Intelligentsia and Clergy», Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, www.ushmm.org/learn/students/learning-materials-and-resources/poles-victims-of-the-nazi-era/terror-against-the-intelligentsia-and-clergy.
- [Anón.] «The 72nd Anniversary of the Creation of the Council to Aid Jews», Instituto Histórico Judaico, Varsóvia, 3 de dezembro de 2014, www.jhi.pl/en/blog/2014-12-03-the-72nd-anniversary-of-the-creation-of-the-council-to-aid-jews.
- [Anón.] «The Warsaw Ghetto: Stroop’s Report on the Battles in the Warsaw Ghetto Revolt [16 de maio de 1943]», Biblioteca Virtual Judaica, <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/sswarsaw.html>.
- [Anón.] «The Woman Who Smuggled Children from the Ghetto», *Jewniverse*, 15 de fevereiro de 2013, <http://thejewniverse.com/2013/the-woman-who-smuggled-children-from-the-ghetto/>.
- [Anón.] Transcrições do julgamento de Eichmann, Projeto Nizkor, www.nizkor.org/hweb/people/e/eichmann-adolf/transcripts/Sessions/Session-025-04.html.
- [Anón.] Universidade do Estado de Nova Iorque em Buffalo/Universidade Jaguelónica, «Slow Extermination: Life and Death in the Warsaw Ghetto», *Info Poland*, <http://info-poland.buffalo.edu/web/history/WWII/ghetto/slow.html>.
- [Anón.] «Warsaw», Holocaust Encyclopedia, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, <http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005069>.
- [Anón.] «Zamordowani w różnych rejonach Warszawy», *Więźniowie Pawiaka [Vítimas de Pawiak em Varsóvia]*, 1939-1944, www.stankiewicz.com/pawiak/warszawa4.htm.

- [Anón.] «Życie Juliana Grobelnego», 3 de outubro de 2007, <http://grju93brpo.blogspot.ca/2007/10/ycie-juliana-grobelnego.html>.
- [Frank, Hans.] Diário de Hans Frank, Arquivos Nacionais dos Estados Unidos, Washington, DC, publicação T992, microfilme, www.archives.gov/research/captured-german-records/microfilm/t992.pdf.
- [Jankowska-Tobijasiewicz, Barbara.] «Irenę Sendlerową i Barbarę Ditrich: niezwykle sąsiadki z ul. Ludwiki wspomina Barbara Jankowska-Tobijasiewicz», *Urząd Dzielnicy Wola*, 28 de janeiro de 2010, 46/347, www.wola.waw.pl/page/341,internetowe-wydanie-kuriera-wolskiego-wszystkie-numery.html?date=2010-01-00&artykul_id=394.
- [Papuzińska-Beksiak, Joanna.] «Interview with Joanna Papuzińska-Beksiak», Muzeum Powstania Warszawskiego, arquivos de história oral, 13 de janeiro de 2012, ahm.1944.pl/Joanna_Papuzinska-Beksiak/1.
- [Sendler, Irena.] «Address by Irena Sendler [sic]», Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, entrevistas com Irena Sendler, www.dzieciholocaustu.org.pl/szab58.php?s=en_sendlerowa001_02.php.
- [Sendler, Irena.] «Irena Sendler Tells the Story of Janusz Korczak», Gariwo/Comité Mundial do Jardim dos Justos, documentário/ entrevista em vídeo com Irena Sendler, <http://en.gariwo.net/pagina.php?id=9114>.
- [Sendler, Irena.] «Irena Sendlerowa», base de dados Geni, www.geni.com/people/Irena-Sendlerowa/6000000019948138463.
- [Zgrzemska, Janina.] «An Interview with Irena Sendler's Daughter, Janina Zgrzemska», Museu da História dos Judeus Polacos, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/news-archive/858,an-interview-with-irena-sendler-s-daughter-janina-zgrzemska/.
- Ackerman, Diane. *The Zookeeper's Wife: A War Story*. Nova Iorque: W. W. Norton, 2008.
- Adler, Stanislaw. *In the Warsaw Ghetto: 1940-1943, An Account of a Witness*, trad. Sara Philip. Jerusalém: Yad Vashem, 1982.
- Apfelbaum, Marian. *Two Flags: Return to the Warsaw Ghetto*. Jerusalém: Gefen Publishing House, 2007.
- Arad, Yitzhak. «The Nazi Concentration Camps: Jewish Prisoner Uprisings in the Treblinka and Sobibor Extermination Camps», Atas da Quarta Conferência Internacional do Yad Vashem, Jerusalém, janeiro de 1980, Biblioteca Virtual Judaica, <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Holocaust/resistyad.html>.

- Arad, Yitzhak. *Belzec, Sobibor, Treblinka: The Operation Reinhard Death Camps*. Bloomington: Indiana University Press, 1999.
- Axelrod, Toby. «Treblinka Survivor Attends Berlin Ceremony», *Agência Telegráfica Judaica*, 1 de agosto de 2005, www.jta.org/2005/08/01/life-religion/features/treblinka-survivor-attends-berlin-ceremony.
- Barré, David e Agata Mozolewska. *Elle, elle a sauvé les autres...* Paris: Éditions du Cosmogone, 2009.
- Bartoszewski, Władysław e Zofia Lewinówna. *Ten jest z ojczyzny mojej: Polacy z pomocą Żydom, 1939-1945*. Varsóvia: Świat Książki, 2007.
- Bartoszewski, Władysław. «Powstanie Ligi do Walki z Rasizmem w 1946 r.», *Więź* (1998): 238-45.
- Bartoszewski, Władysław. *1859 Dni Warszawy*. Cracóvia: Znak, 1974.
- Bartoszewski, Władysław. *The Warsaw Ghetto: A Christian's Testimony*, trad. Stephen J. Cappellari. Boston: Beacon Press, 1987.
- Biernacki, Andrzej. *Zatajony artysta. O Waławie Borowym, 1890-1950*. Lublin: Norbertinum, 2005.
- Bingham, Marjorie Wall. «Women and the Warsaw Ghetto: A Moment to Decide», *World History Connected*, <http://worldhistoryconnected.press.illinois.edu/6.2/bingham.html>.
- Blobaum, Robert, ed. *Antisemitism and Its Opponents in Modern Poland*. Ithaca: Cornell University Press, 2005.
- Bogner, Nahum. *At the Mercy of Strangers: The Rescue of Jewish Children with Assumed Identities in Poland*. Jerusalém: Yad Vashem, 2009.
- Bogner, Nahum. «The Convent Children: The Rescue of Jewish Children in Polish Convents During the Holocaust», Yad Vashem, www.yadvashem.org/yv/en/righteous/pdf/resources/nachum_bogner.pdf.
- British Broadcasting Corporation, «On This Day: 1939: Germany Invades Poland», http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/september/1/newsid_3506000/3506335.stm.
- Brojek, Paweł. «Piąta rocznica śmierci Ireny Sendlerowej: Sprawiedliwej wśród Narodów Świata», *Prawy*, 12 de maio de 2013, www.prawy.pl/wiara/3049-piata-rocznica-smierci-ireny-sendlerowej-sprawiedliwej-wsrod-narodow-swiata.
- Budrewicz, Olgierd. *Warszawa w Starej Fotografii*. Olszanica: Wydawnictwo BoSZ, 2012.

- Bülow, Louis. «Irena Sendler: An Unsung Heroine», www.auschwitz.dk/sendler.htm.
- Cegielski, Tadeusz. «Liberum Conspiro, or the Polish Masonry between the Dictatorship and Totalitarianism, 1926-1989», *Le Communisme et les Elites en Europe Centrale*, 31 de março de 2004, École Normale Supérieure, apresentação em colóquio, www1.ens.fr/europecentrale/colloque_elites2004/4Documents/Resumes/Cegielski_resume.htm.
- Comissão Central de Investigação de Crimes Alemães na Polónia, *German Crimes in Poland*. Nova Iorque: Howard Fertig, 1982.
- Cesarani, David e Sarah Kavanaugh. *Holocaust: Jewish Confrontations with Persecution and Mass Murder*, vol. 4 de *The Holocaust: Critical Concepts in Historical Study*. Londres: Routledge, 2004.
- Charniewitch-Lubel, Deborah, «Kolno Girls in Auschwitz», em *Kolno Memorial Book*, ed. Aizik Remba e Benjamin Halevy. Telavive: Kolner Organization e Sifirat Poalim, 1971, www.jewishgen.org/Yizkor/kolno/kole056.html.
- Comissão de História da Associação Polaca de Enfermeiros, «The Nursing School at the Orthodox Jew Hospital at Czyste District in Warsaw», Museu Virtual da Enfermagem Polaca, www.wmpp.org.pl/en/nursing-schools/the-nursing-school-at-the-orthodox-jew-hospital-at-czyste-district-in-warsaw.html.
- Czerniakow, Adam. *Warsaw Diary of Adam Czerniakow: Prelude to Doom*, ed. Raul Hilberg et al. Chicago: Ivan R. Dee, 1999.
- Czuperska-Śliwicka, Anna. *Cztery Lata Ostrego Dyżuru: Wspomnienia z Pawiaka, 1930-1944*. Varsóvia: Czytelnik, 1965.
- Danow, David. *The Spirit of Carnival: Magical Realism and the Grotesque*. Lexington: University of Kentucky Press, 2005.
- Delegação Governamental para a Polónia, Departamento do Interior, pasta 202/II-43, reimpresso em Krzysztof Komorowski, *Polityka i walka: Konspiracja zbrojna ruchu narodowego, 1939-1945*. Varsóvia: Oficyna Wydawnicza «Rytm», 2000.
- Dobraczyński, Jan. *Tylko w jednym życiu*. Varsóvia: Pax, 1977.
- Domańska, Regina. *Pawiak, Więzienie Gestapo: Kronika, 1939-1944*. Varsóvia: Książka i Wiedza, 1978.
- Edelman, Marek. «The Ghetto Fights», em *The Warsaw Ghetto: The 45th Anniversary of the Uprising*, Interpress Publishers, 1987, 17-39; arquivado em www.writing.upenn.edu/~afilreis/Holocaust/warsaw-uprising.html.
- Einsatzgruppen Reports*, eds. Yitzhak Arad, Shmuel Krakowski, Shmuel Spector.

Jerusalém: Yad Vashem, 1989.

Engelgard, Jan. «To Dobraczyński był bohaterem tamtego czasu», *Konserwatyzm*, 19 de junho de 2013, <http://www.konserwatyzm.pl/artykul/10342/to-dobraczynskibyl-bohaterem-tamtego-cza-su>, artigo de Ewa Kurek, *Dzieci żydowskie w klasztorach. Udział żeńskich zgromadzeń zakonnych w akcji ratowania dzieci żydowskich w Polsce w latach, 1939-1945*. Zakrzewo: Replika, 2012.

Ficowska, Elżbieta. «Testimony of Elżbieta Ficowska», Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, www.dzieciholocaustu.org.pl/szab58.php?s=en_myionas_11.php.

Filipowicz, Bogusław. «Nadzieja spełniona: dzieło Ireny Sendlerowej», *Quarterly Research* 1, n.º 1 (2010), www.stowarzyszeniefidesetratio.pl/Presentations0/09Flipipowicz.pdf.

Fox, Frank. «Endangered Species: Jews and Buffaloes», *The Scrolls*, www.zwoje-scrolls.com/zwoje30/text17.htm.

Furth, Hans G. «One Million Polish Rescuers of Hunted Jews?», *Journal of Genocide Research* 1, n.º 2 (1999): 227-32.

Głowiński, Michał. *The Black Seasons*, trad. Marci Shore. Evanston: Northwestern University Press, 2005.

Góra, Barbara. «Anna Braude Hellerowa». Varsóvia: Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, 2011, 38-39.

Grabski, August, e Piotr Grudka. «Polish Socialists in the Warsaw Ghetto», Instituto Histórico Judaico Emanuel Ringelblum, Varsóvia, <http://www.jhi.pl/en/publications/52>.

Grochowska, Magdalena. «Lista Sendlerowej: Reportaż z 2001 Roku», *Gazeta Wyborcza*, 12 de maio de 2008.

Grodin, Michael A., ed. *Jewish Medical Resistance in the Holocaust*. Nova Iorque: Berghahn, 2014.

Grubowska, Halina. *Ta, Która Ratowała Żydów: Rzecz o Irenie Sendlerowej*. Varsóvia: Żydowski Instytut Historyczny im. Emanuela Ringelbluma, 2014.

Gutembaum, Jakub, e Agnieszka Lałala, eds. *The Last Eyewitnesses: Children of the Holocaust Speak*, vol. 2. Evanston: Northwestern University Press, 2005.

Gutman, Israel. *The Encyclopedia of the Righteous Among the Nations*. Jerusalém: Yad Vashem, 2007, vol. 5 (Polónia).

- Halter, Marek. *Stories of Deliverance: Speaking with Men and Women Who Rescued Jews from the Holocaust*. Chicago and La Salle, IL: Open Court, 1997.
- Haltof, Marek. *Polish Film and the Holocaust: Politics and Memory*. Nova Iorque: Berghahn Books, 2012.
- Hammarberg, Thomas. «2007 Janusz Korczak Lecture: Children Participation», Bruxelas: Comissão de Direitos Humanos/Conselho Europeu, 2007, rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=090000168046c47b
- Haven, Cynthia. «Life in Wartime Warsaw... Not Quite What You Thought» (entrevista com Rechowicz), 21 de maio de 2011, bookhaven.stanford.edu/2011/05/life-in-wartime-war-saw-not-quite-what-you-thought.
- Hirszfeld, Ludwik. *The Story of One Life*, trad. Marta A. Balińska. Rochester: University of Rochester Press, 2014.
- Hryniewicz, Bohdan. *My Boyhood War: Warsaw: 1944*. Stroud, UK: History Press, 2015.
- Hugman, Richard, ed. *Understanding International Social Work: A Critical Analysis*. Nova Iorque: Palgrave, 2010.
- Jackl, Klara. «Father Boduen Children's Home: A Gateway to Life», Museu da História dos Judeus Polacos, 11 de junho de 2012, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/your-stories/794/.
- Jankowska-Tobijasiewicz, Barbara. «Irenę Sendlerową i Barbarę Ditrich: Niezwykłe sąsiadki z ul: Ludwiki wspomina», *Urząd Dzielnicy Wola*, 28 de janeiro de 2010, www.wola.waw.pl/page/341,internetowe-wydanie-kuriera-wolskiego-wszystkie-numery.html?date=2010-01-00&artykul_id=394.
- Jockusch, Laura, e Tamar Lewinsky. «Paradise Lost? Postwar Memory of Polish Jewish Survival in the Soviet Union», *Holocaust and Genocide Studies* 24, n.º 3 (inverno de 2010): 373-99.
- Kaufman, Michael T. «Marek Edelman, Commander in Warsaw Ghetto Uprising, Dies at 90», *New York Times*, 3 de outubro de 2009, www.nytimes.com/2009/10/03/world/europe/03edelman.html.
- Komorowski, Bronisław. «Maria 'Kama' Stypułkowska-Chojecka popiera Komorowskiego – a Ty?», registado por Bronisław Komorowski, 27 de maio de 2010, www.youtube.com/watch?v=LOQaeuv9b6Y.
- Komorowskiego, Krzysztofa. *Polityka i Walka: Konspiracja Zbrojna Ruchu Narodowego, 1939-1945*. Varsóvia: Oficyna Wydawnicza «Rytm», 2000.

- Korczak, Janusz. *A Child's Right to Respect*. Estrasburgo: Publicações do Conselho Europeu, 2009, www.coe.int/t/commissioner/source/prems/PublicationKorczak_en.pdf.
- Korczak, Janusz. *Ghetto Diary*. New Haven: Yale University Press, 2003.
- Korczak, Jerzy. *Oswajanie Strachu*. Varsóvia: Wydawnictwo Muza, 2007.
- Kroll, Chana. «Irena Sendler: Rescuer of the Children of Warsaw», *Chabad*, www.chabad.org/theJewishWoman/article_cdo/aid/939081/jewish/Irena-Sendler.htm.
- Kurek, Ewa. *Your Life Is Worth Mine: How Polish Nuns Saved Hundreds of Jewish Children in German-Occupied Poland, 1939-1944*. Nova Iorque: Hippocrene Books, 1997.
- Kurzman, Dan. *The Bravest Battle: The 28 Days of the Warsaw Ghetto Uprising*. Boston: Da Capo Press, 1993.
- Land-Weber, Ellen. «Conditions for the Jews in Poland», *To Save a Life: Stories of Holocaust Rescue*, Humboldt State University, www2.humboldt.edu/rescuers/book/Makuch/conditions.html.
- Land-Weber, Ellen. *To Save a Life: Stories of Holocaust Rescue*. Champaign-Urbana: University of Illinois Press, 2002.
- Lerek, Wanda D. *Hold on to Life, Dear: Memoirs of a Holocaust Survivor*. S.l.: W. D. Lereck, 1996.
- Lewin, Abraham. *A Cup of Tears: A Diary of the Warsaw Ghetto*, ed. Antony Polonsky. Waukegan, IL: Fontana Press, 1990.
- Lifton, Betty Jean. *The King of Children: A Biography of Janusz Korczak*. Nova Iorque: Schocken, 1989.
- Liv, Andras. «1912-1942: Korczak Orphanage Fate in Warsaw: Krochmalna 92 – Chłodna 33 – Sienna 16», 2 de janeiro de 2012, jimbaotoday.blogspot.ca/2012/01/korczak-orphanage-in-warsaw_02.html.
- Marcinkowski, Robert. *Warsaw, Then and Now*. Varsóvia: Wydawnictwo Mazowsze, 2011.
- Meed, Vladka. *On Both Sides of the Wall: Memoirs from the Warsaw Ghetto*, trad. Steven Meed. Jerusalém: Ghetto Fighters' House, 1972, artigo de Rivka Chaya Schiller, *Women in Judaism* 9, n.º 1 (2012), wjudaism.library.utoronto.ca/index.php/wjudaism/article/view/19161/15895.
- Meed, Vladka. *On Both Sides of the Wall*, trad. Steven Meed. Washington, DC: Museu

- Memorial do Holocausto, 1999.
- Michlic, Joanna B. *Poland's Threatening Other: The Image of the Jew from 1880 to the Present*. Lincoln: Universidade de Nebraska, 2006, 2008.
- Mierzejewski, Marcin. «Sendler's Children», *Warsaw Voice*, 25 de setembro de 2003, www.warsawvoice.pl/WVpage/pages/article.php/3568/article.
- Mieszkowska, Anna. *Irena Sendler: Mother of the Children of the Holocaust*, trad. Witold Zbirohowski-Koscia. Westport, CT: Praeger, 2010.
- Mieszkowska, Anna. *Prawdziwa Historia Ireny Sendlerowej*. Varsóvia: Marginesy, 2014.
- Ministério da Informação Polaco, *The German Invasion of Poland*. Londres: Hutchinson & Co. Ltd., 1940, <http://felsztyn.tripod.com/germaninvasion/id1.html>.
- Mint of Poland. «Poles Saving Jews: Irena Sendlerowa, Zofia Kossak, Sister Matylda Getter», www.mennica.com.pl/en/products-and-services/mint-products/nbp-coins/collector-coins/product/zobacz/oles-saving-jews-irena-sendlerowa-zofia-kossak-sister-matylda-getter-pln-2.html.
- Mórawski, Karol. *Warszawa Dzieje Miasta*. Varsóvia: Wydawnictwo Książka i Wiedza, 1976.
- Museu da História dos Judeus Polacos, 2010, «Irena Sendler», *Polscy Sprawiedliwi [Justos Polacos]*, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/biography-83/.
- Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, «Sąd Grodzki w Warszawie, Akta Zg.1946 (Sygn. 655)», 1946-56, RG Number RG-15.270M, número de acesso 2013.241, Arquivo Państwowe w Warszawie, http://collections.ushmm.org/findingaids/RG-15.270_01_fnd_pl.pdf.
- Nagorski, Andrew. «'Vera Gran: The Accused' by Agata Tuszynska», *Washington Post*, 22 de março de 2013, www.washingtonpost.com/opinion/vera-gran-the-accused-by-agata-tuszynskatranslated-from-the-french-of-isabelle-jannes-kalinowski-by-charles-ruas/2013/03/22/6dce6116-75f2-11e2-8f84-3e4b513b1a13_story.html.
- Oelkers, Jürgen. «Korczak's Memoirs: An Educational Interpretation», Universität Zürich, Institut für Erziehungswissenschaft, Lehrstühle und Forschungsstellen, www.ife.uzh.ch/research/emeriti/oelkersjuergen/vortraegeprofoelkers/englishlectures/Oelkers.ER.Korczaks_Tagebuch-def.10.5.12.pdf.
- Pagis, Ada. «A Rare Gem», *Haaretz*, 9 de maio de 2008, www.haaretz.com/a-rare-gem-1.245497; artigo de Ir Betoch Ir, diário de Batia Temkin-Berman, trad. Uri Orlev. Jerusalém: Yad Vashem, 2008.
- Paul, Mark. «Traditional Jewish Attitudes Toward Poles», janeiro de 2015, www.kpk-

toronto.org/archives/jewish_attitudes.pdf.

Pawiak, Museu da Prisão de, materiais em exposição pública.

Person, Katarzyna. «A Forgotten Voice from the Holocaust», *Warsaw Voice*, 31 de março de 2011, <http://www.warsawvoice.pl/WVpage/pages/article.php/23365/article>.

Polacy Ratujący Żydów w Latach II Wojny Światowej, IPN (Instytut Pamięci Narodowej), Varsóvia, 2005, ipn.gov.pl/data/assets/pdf_file/0004/55426/121712.pdf.

Poray, Anna, ed. «The Polish Righteous», 2004, www.savingjews.org.

Powell, Lawrence N. *Troubled Memory: Anne Levy, the Holocaust, and David Duke's Louisiana*. Charlotte: University of North Carolina Press, 2002.

Prekerowa, Teresa. *Żegota: Commission d'aide aux Juifs*, trad. Maria Apfelbaum. Mônaco: Éditions du Rocher, 1999.

Rajchman, Chil. *The Last Jew of Treblinka: A Memoir*. Nova Iorque: Pegasus, 2012.

Rajchman, Chil. *Treblinka: A Survivor's Memory, 1942-1943*, trad. Solon Beinfeld. Londres: Maclehose Press, 2009.

Rejak, Sebastian, e Elżbieta Frister, eds. *Inferno of Choices: Poles and the Holocaust*. Varsóvia: Oficyna Wydawnicza «Rytm», 2012.

Richie, Alexandra. *Warsaw 1944: Hitler, Himmler, and the Warsaw Uprising*. Nova Iorque: Farrar, Strauss and Giroux, Nova Iorque, 2013, *recensão de Irene Tomaszewski, Cosmopolitan Review* 6, n.º 1 (2014), cosmopolitanreview.com/warsaw-1944/.

Ringelblum, Emanuel. *Notes from the Warsaw Ghetto*. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1958.

Ringelblum, Emanuel. *The Journal of Emanuel Ringelblum*, trad. Jacob Sloan. Nova Iorque: Schocken Books, 1974.

Roguszewski, Mirosław. *Powstańcze Oddziały Specjalne «Jerzyki» w latach, 1939-1945*. Bydgoszcz: s.e., 1994.

Rozett, Robert. «The Little-Known Uprising: Warsaw Ghetto, January», *Jerusalem Post*, 16 de janeiro de 2013, www.jpost.com/Opinion/Op-Ed-Contributors/The-little-known-uprising-Warsaw-Ghetto-January-1943.

Russell, Sharman Apt. *Hunger: An Unnatural History*. Nova Iorque: Basic Books, 2006.

Rytłowa, Jadwiga. «Chaja Estera Stein (Teresa Tucholska-Körner): 'The First Child of Irena Sendler'», Museu da História dos Judeus Polacos, 14 de setembro de 2010, www.sprawiedliwi.org.pl/en/cms/your-stories/360,chaja-estera-stein-teresa-tucholska-

[k-rner-the-first-child-of-irena-sendler-/.](#)

Sacharewicz, Janina. «Irena Sendlerowa: Działanie Z Potrzeby Serca», *Słowo Żydowskie*, 20 de abril de 2007.

Seeman, Mary V. «Szymon Rudnicki: Equal, but Not Completely», *Scholars for Peace in the Middle East*, recensão, 7 de junho de 2010, <http://spme.org/book-reviews/mary-v-seeman-szymon-rudnicki-equal-but-not-completely>.

Sendler, Irena, «O Pomocy Żydom», excerto de Władysław Bartoszewski e Zofia Lewinówna, eds., *Ten jest z ojczyzny mojej. Polacy z pomocą Żydom [Esta É a Minha Pátria: Polacos Que Ajudaram Judeus]*, 1939-1945, 2.^a ed. Cracóvia: Znak, 1969, arquivado em Lewicowo, lewicowo.pl/o-pomocy-zydom.

Sendler, Irena. «Testimony of Irena Sendlerowa», Associação das «Crianças do Holocausto» na Polónia, www.dzieciholocaustu.org.pl/szab58.php?s=en_sendlerowa.php.

Sendler, Irena. «The Valor of the Young», *Dimensions: A Journal of Holocaust Studies* 7, n.º 2 (1993), 20-25.

Sendler, Irena. «Youth Associations of the Warsaw Ghetto: A Tribute to Jewish Rescuers», arquivos ZIH (Materialy Zabrane w Latach, 1995-2003, szyn. S/353), trad. Stanisław Barańczak e Michael Barańczak.

Shtokfish, David, ed. e trad. *Jewish Mława: Its History, Development, Destruction*. Telavive: Mława Societies in Israel and in the Diaspora, 1984, 2 vols., <http://www.jewishgen.org/yizkor/mlawa/mla449.html>.

Shulman, Abraham. *The Case of Hotel Polski: An Account of One of the Most Enigmatic Episodes of World War II*. Nova Iorque: Biblioteca do Holocausto, 1982.

Skarbek-Kruszewski, Zygmunt. *Bellum Vobiscum: War Memoirs*, ed. Jurek Zygmunt Skarbek. S.l.: Skarbek Consulting Pty Ltd, 2001, www.skarbek.com.au/bv/warsaw_uprising.htm.

Skinner, Mary. *Irena Sendler: In the Name of Their Mothers* (documentário), 2011.

Śliwowska, Wiktoria, ed. *The Last Eyewitnesses: Children of the Holocaust Speak*, trad. Julian e Fay Bussgang. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1999.

Smith, Mark. *Treblinka Survivor: The Life and Death of Hershl Sperling*. Mt. Pleasant, SC: The History Press, 2010.

Stelmaszuk, Maleria Zofia. «Residential Care in Poland: Past, Present, and Future», *International Journal of Family and Child Welfare*, 2002/3, 101.

- Szarota, Tomasz. «Ostatnia Droga Doktora: Rozmowa Z Ireną Sendlerową», *Historia* 21, 24 de maio de 1997, 94.
- Szpilman, Wladyslaw. *The Pianist: The Extraordinary True Story of One Man's Survival in Warsaw, 1939-1945*, trad. A. Bell, com excertos do diário de Wilm Hosenfeld. Nova Iorque: Picador, 1999.
- Thite, Abhijit. *The Other Schindler... Irena Sendler: Savior of the Holocaust Children*, trad. Priya Gokhale. Pune, Índia: Ameya Prakashan, 2010.
- Tomaszewski, Irene e Tecia Werbowski. *Code Name: Żegota: Rescuing Jews in Occupied Poland, 1942-1945: The Most Dangerous Conspiracy in Wartime Europe*. Nova Iorque: Praeger, 2010.
- Tomaszewska, Irene, e Tecia Werbowski. *Żegota, The Council for Aid to Jews in Occupied Poland, 1942-1945*. Montreal: Price-Patterson, 1999.
- Turkovich, Marilyn. «Irena Sendler», 29 de setembro de 2009, *Charter for Compassion*, <http://voiceseducation.org/category/tag/irena-sendler>.
- Turkow, Jonas. *Ala Gólb Grynberg: La Heroica Enfermera del Ghetto de Varsovia*, trad. do iídiche por Elena Pertzovsky de Bronfman. Buenos Aires: Ejecutivo Sudamericano del Congreso Judío Mundial, 1970.
- Tuszynska, Agata. *Vera Gran: The Accused*. Nova Iorque: Knopf, 2013.
- Ułankiewicz, Andrzej Rafał. «'Warski II': Battalion 'Parasol'.» Memórias publicadas online em Warsaw Uprising 1944, www.warsawuprising.com/witness/parasol.htm.
- Uziembło, Aniela. «Józef Zysman», *Gazeta Stołeczna*, n.º 141, 20 de junho de 2005.
- Valley, Eli. *The Great Jewish Cities of Central and Eastern Europe: A Travel Guide*. Nova Iorque: Jason Aronson Publishers, 1999.
- Wanat, Leon. *Za murami Pawiaka*. Varsóvia: Książka i Wiedza, 1985.
- Warsaw Ghetto: Oyneg Shabes-Ringelblum Archives: Catalogy and Guide*, eds. Robert Moses Shapiro e Tadeusz Epsztein. Bloomington: Indiana University Press, 2009.
- Webb, Chris. «Otwock & the Zofiowka Sanatorium: A Refuge from Hell», Holocaust Education & Archive Research Team, www.holocaustresearchproject.org/ghettos/otwock.html.
- Webb, Chris. *The Treblinka Death Camp: History, Biographies, Remembrance*. Estugarda: Ibidem Press, 2014.
- Weiner, Miriam. «Otwock», Routes to Roots Foundation,

www.rtrfoundation.org/webart/poltownentry.pdf.

Whitlock, Monica. «Warsaw Ghetto: The Story of Its Secret Archive», 27 de janeiro de 2013, British Broadcasting Corporation, www.bbc.com/news/magazine21178079.

Wieler, Joachim. «The Long Path to Irena Sendler: Mother of the Holocaust Children», entrevista com Irena Sendler, *Social Work and Society* 4, n.º 1 (2006), <http://www.socwork.net/sws/article/view/185/591>.

Witkowska, Agnieszka. «Ostatnia droga mieszkańców i pracowników warszawskiego Domu Sierot», *Zagłada Żydów, Studia i Materiały* 6 (2010), <http://korczakowska.pl/wp-content/uploads/2011/12/Agnieszka-Witkowska.-Ostatnia-droga-mieszkancow-i-pracownikow-warszawskiego-Domu-Sierot.pdf>.

Wood, E. Thomas, e Stanisław M. Jankowski. *Karski: How One Man Tried to Stop the Holocaust*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1994.

Wygodzki, Stanisław. «Epitaph for Kryzia Liebman», *Jewish Quarterly* 16, n.º 1 (1968): 33.

Zajdman, Renata. «A Tribute to Irena Sendler», material extra do filme televisivo da Hallmark *The Courageous Heart of Irena Sendler*, www.hallmark.com/online/hall-of-fame/images/TCHISBonusMaterial.pdf.

Zygmund, Antoni. «Aleksander Rajchman», *Wiadomości Matematyczne* 27 (1987), 219-31, <http://www.impan.pl/Great/Rajchman>.

EXTRATEXTO



Irena Sendler em jovem. *Yad Vashem*



1940-1943, mercado do gueto. *Yad Vashem*



1941, crianças de rua no gueto de Varsóvia.
Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, cortesia de Günther Schwarberg



Dra. Helena Radlińska.
Mateusz Opasiński, CC ASA 3.0



Dr. Ludwik Hirszfeld.
Yad Vashem



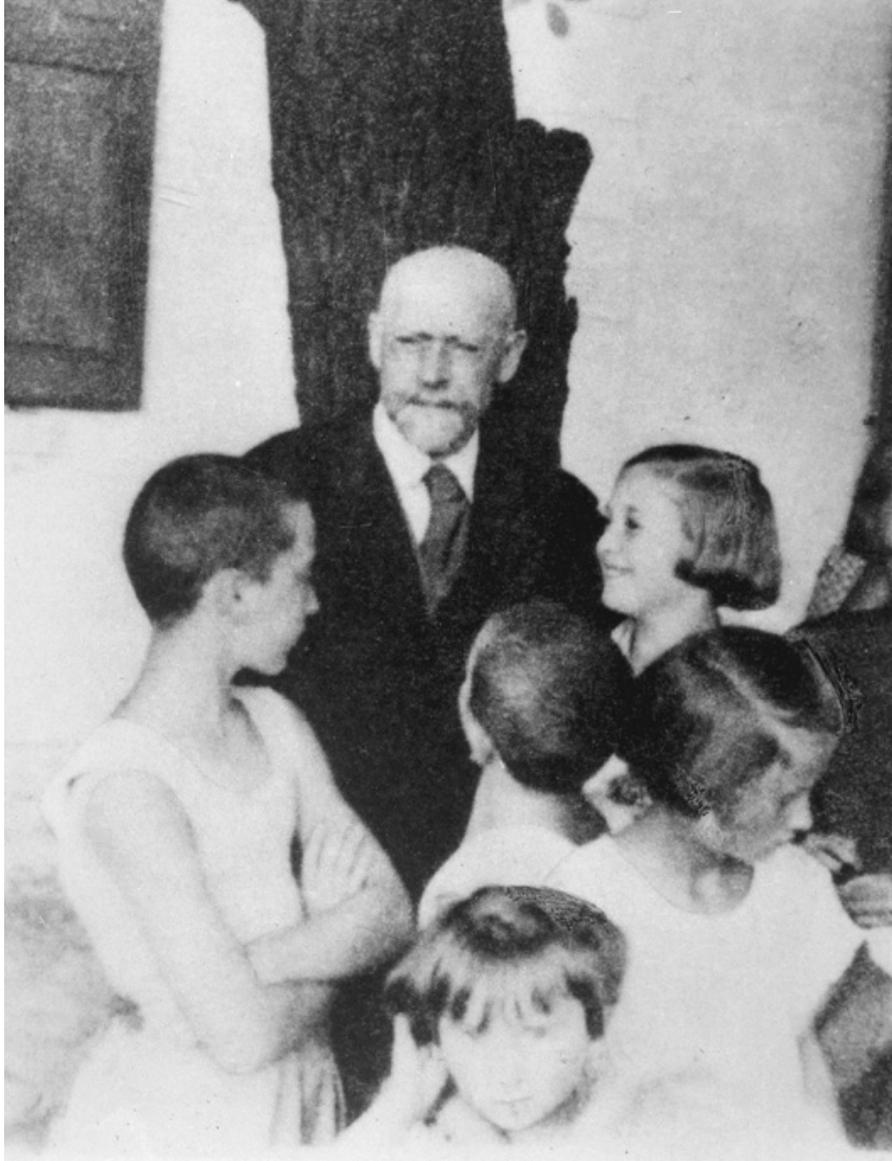
1941, um polícia judeu fala com uma mulher numa rua do gueto de Varsóvia.
Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, cortesia de Günther Schwarberg



Irena no seu gabinete no departamento dos serviços sociais. *East News Poland*



1940, as crianças do orfanato do Dr. Korczak no gueto.
Museu dos Combatentes do Gueto



O Dr. Janusz Korczak com vários órfãos na sua instituição.
Yad Vashem



1942, judeus do gueto de Varsóvia a embarcar nos comboios em Umschlagplatz durante as deportações. *Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, cortesia de Jerzy Tomaszewski*

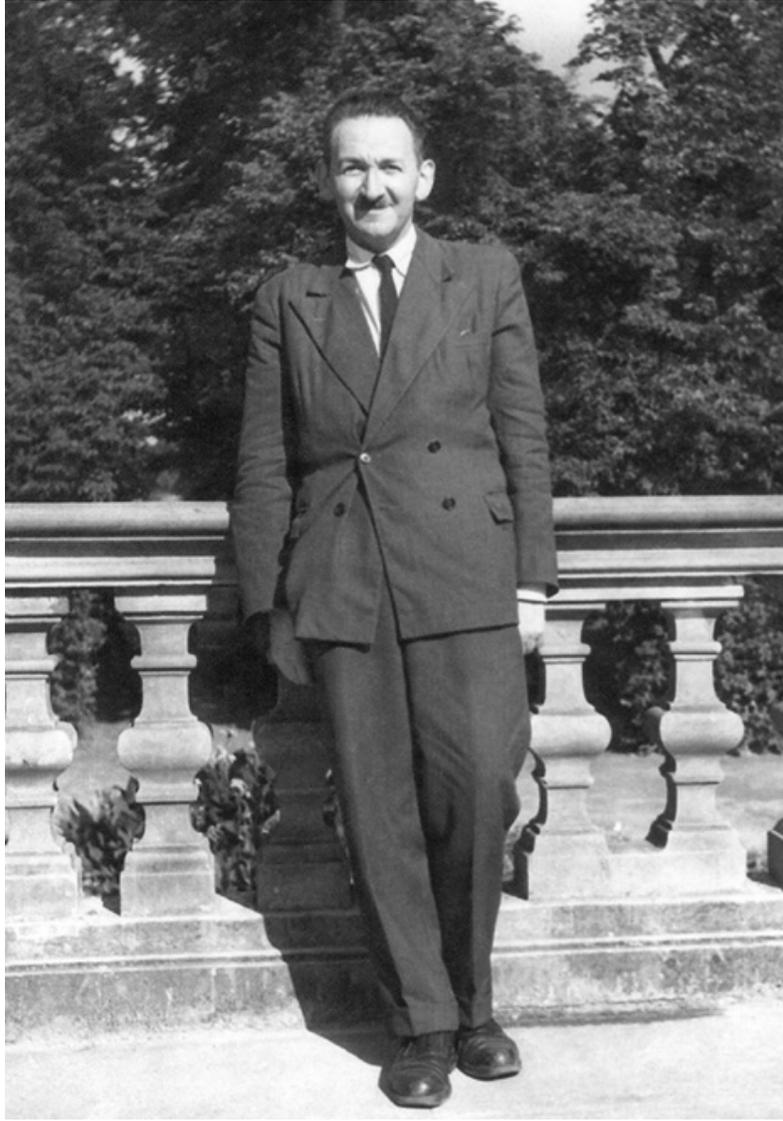


Os pais de Irena, Stanislaw e Janina Krzyżanowski.
East News Poland



Ala Gołab-Grynberg, amiga e colaboradora de Irena e enfermeira-chefe do gueto de
Varsóvia.

Cortesia da família Gołab-Grynberg



Adam Celnikier.
East News Poland



Primavera de 1943, judeus forçados a dirigirem-se a Umschlagplatz depois da insurreição judaica no gueto. *Administração Nacional de Arquivos e Registos*



Primavera de 1943, judeus conduzidos pelas SS para os comboios para deportação, depois da insurreição judaica no gueto. *Administração Nacional de Arquivos e Registos*



Primavera de 1943, judeus forçados a dirigirem-se a Umschlagplatz para deportação depois da insurreição judaica no gueto. *Administração Nacional de Arquivos e Registos*



Soldados das SS a arrastarem um judeu pela rua durante uma *Aktion* no gueto. *Yad Vashem*



A filha de Ala, Rami Gołab-Grynberg, e Elżbieta Strzalecka, a filha da família que a escondeu. *Cortesia da família Gołab-Grynberg*



1943, criança judia escondida posa num jardim com o seu vestido da Primeira Comunhão.
*Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, cortesia de Alicia Fajnsztein
Weinsberg*



Julian Grobelny, amigo e colaborador de Irena no Żegota. *Yad Vashem*



Prisão de Pawiak, onde Irena e muitos dos seus amigos foram encarcerados pela Gestapo.
Yad Vashem



Krzyštof Palester (à direita), o filho adolescente de Maria e Henryk Palester, amigos de Irena, com duas médicas durante a insurreição de Varsóvia. *Fotografia de Joachim Joachimczyk*



1944, combatentes do Exército Nacional entre os escombros durante a insurreição de Varsóvia. *Yad Vashem*



Verão de 1944, membros do movimento clandestino polaco num tanque roubado durante a insurreição. *Yad Vashem*



1 de maio de 1945, vista das ruínas do gueto de Varsóvia. Ao centro, veem-se os muros da prisão de Pawiak. *Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, cortesia de Juliusz Bogdan Deczkowski*



1 de julho de 1945, sobreviventes do movimento clandestino judaico posam, depois da guerra, nas ruínas do *bunker* no número 18 da Rua Mila, pertencente ao gueto. *Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos*, cortesia de Leah Hammerstein Silverstein



1945, Jadwiga Strzalecka com a filha e três meninas judias, incluindo Rami Goląb-Grynberg, a filha de Ala. *Cortesia da família Goląb-Grynberg*



Adam e Irena, com o seu primeiro filho, depois da guerra. *East News Poland*



Irena Sendler já idosa, quando o mundo estava a redescobrir a sua história. *East News Poland*